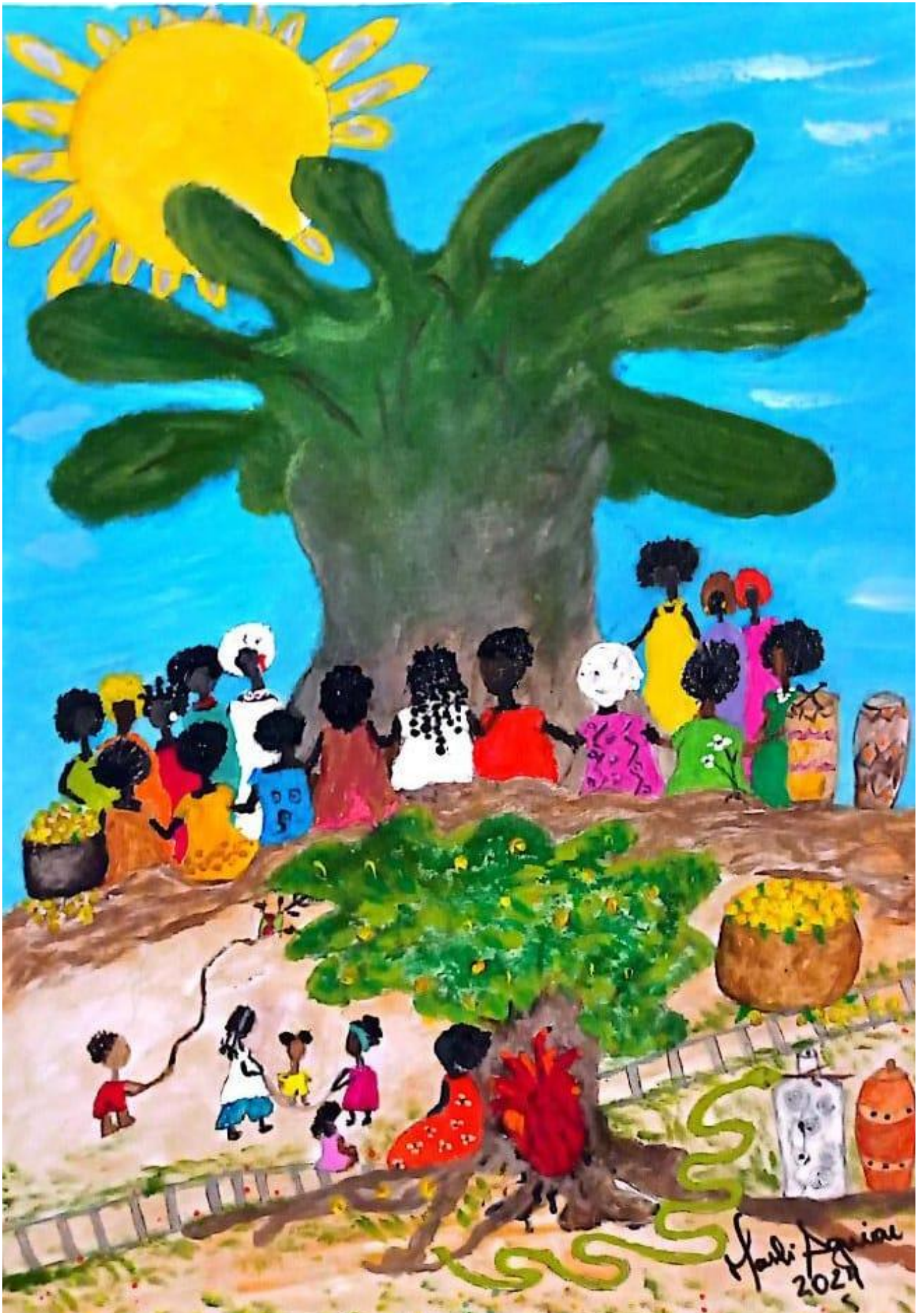

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP

Instituto de Artes – São Paulo

JULIANA IGNÁCIO BALDUINO
(KAMBANDÔ)

EU, ELAS, NÓS E A ANCESTRALIDADE

Escrevivências em arte-educação do Instituto Esperança Garcia no Quilombo da Parada

São Paulo
2024

JULIANA IGNÁCIO BALDUINO
(KAMBANDÔ)

EU, ELAS, NÓS E A ANCESTRALIDADE: Escrevivências em arte-educação do Instituto Esperança Garcia no Quilombo da Parada

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo, para obtenção do título de doutora em Artes.

Área de Concentração: Arte-Educação

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho

São Paulo
2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

B1798e Balduino, Juliana Ignácio (Kambandô), 1976-

Eu, elas, nós e a ancestralidade : escrevivências em arte educação do Instituto Esperança Garcia no Quilombo da Parada / Juliana Ignácio Balduino. -- São Paulo, 2024.

398 f. : il. color.

Orientador: Prof.ª Dr.ª Rejane Galvão Coutinho.

Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes.

1. Arte e sociedade. 2. Arte na educação. 3. Arte afro-brasileira. 4. Negras. 5. Mulheres. 6. Escrevivências. I. Coutinho, Rejane Galvão, 1953-. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

JULIANA IGNÁCIO BALDUINO

(KAMBANDÔ)

EU, ELAS, NÓS E A ANCESTRALIDADE:
Escrevivências em arte-educação do Instituto Esperança Garcia no Quilombo da Parada

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo, para obtenção do título de doutora em Artes.

Área de Concentração: Arte-Educação

Data da defesa: 12 /10 /2024

Banca Examinadora:

_____
Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho
UNESP – Instituto de Artes – São Paulo

_____
Prof. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
UNESP – Instituto de Artes – São Paulo

_____
Profa. Dra. Jaqueline Lima Santos
UNICAMP - Campinas

_____
Prof. Dr. Luis Miguel Coelho Riordan Gonçalves
Princeton University – Nova Jérsei - EUA

_____
Profa. Dra. Sarah Soanirina Ohmer
City University of New York - Lehman College

Para Ayana Luz, Yakini, Sarah, Miguel Akin, Jussara, Janaina, Clara, Alicia, Olívia, Sara, Gabi, Ayô e todas as crianças, adolescentes e mulheres do Quilombo da Parada.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À Universidade Estadual Paulista – UNESP.

À minha orientadora, Prof. Dra. Rejane Galvão Coutinho, pela orientação, incentivo, respeito e paciência.

À professora Rita Luciana Bredariolli, por todos os encontros, desde o processo seletivo, as aulas e as duas qualificações, e pelo incentivo para cuidar da minha história, que se tornou nossa história.

A todos os professores do Instituto de Artes da Unesp, por todo o conhecimento compartilhado. Dentre eles, destaco as professoras Carminda, Luiza e Simone Carleto.

Ao Grupo de Estudos GPIHMAE e ORI, por me conectar com saberes e pares tão necessários para o caminhar acadêmico.

Ao Setor técnico da Pós-graduação, pelos encaminhamentos administrativos necessários.

Aos membros da banca de defesa, profa. Dra. Jaqueline Lima Santos e prof. Dr. Luis Miguel Coelho Riordan Gonçalves, que desde 2008 não me permitiram desistir. À Dra. Sarah Soanirina Ohmer, que do outro lado do continente se dedica em pesquisar e conectar mulheres negras do mundo todo. Obrigada pelo abrigo, cuidado e pela organização de um evento em que conheci pessoas com trabalhos incríveis e em que também pude falar do meu.

Aos demais membros da banca, que aceitaram estar disponíveis para qualquer necessidade e também fizeram a leitura desta tese, profa. Dra. Daniela Vieira dos Santos, profa. Dra. Simone Carleto Fontes e prof. Dr. Paulo César Ramos, muito obrigada.

À minha filha Ayana Luz de Paula Silva Ignácio Balduino, estas escrevivências são para você se referenciar para onde vai e honrar a sua história. Te amo e minha mais valiosa herança para você é de que estarei/estaremos aqui, por você sempre!

Ao companheiro de afeto e travessia, Vado Pimenta, que bom poder te encontrar e reencontrar nessa vida. Obrigada pela paciência, dedicação e amor nessa realização.

Celebro e honro as memórias do meu pai, Antonio José Balduino, meus irmãos Susana de Paula Balduino, Renato de Paula Balduino e Rene Wilson de Paula. A vida não foi fácil e justa para vocês, mas sempre serão lembrados e celebrados por mim.

À mãe Dinora Pereira, pelo fortalecimento espiritual que me fez encontrar as minhas raízes.

Ao meu pai Tata Mona Guiamazy, Vó Kafumucongo, Kwaniama e todos os irmãos e irmãs do Templo de Cultura Banto Redandá.

À minha irmã Giselda Pereira e à cabaça Agbalá que encanta e encantou meu caminho.

Às minhas irmãs de cura e amor, Madevi Murti e Sil Oliveira, e à minha psicóloga, Lidiane Oliveira, pelo trabalho necessário e cuidadoso com meu físico e mental. Sem vocês teria sido mais difícil ainda, gratidão!

À minha mais velha Sandra Heraclia, amiga, parceira e incentivadora, e ao Babalorixa Raimundo Orogbali, que sempre traz boas palavras e energia nos meus afazeres.

Ao Coletivo Cultural Esperança Garcia e ao Instituto Esperança Garcia que me conectaram com as irmãs de sonho e trabalho e que fizeram de tudo para que eu tivesse condições de registrar nossas escrevivências, Luana Rabetti, Gabriela Ribeiro, Maria de Lourdes Leite (dona Preta), Eliene de Jesus, Madevi e Sil. Não peçam pra sair! Que bonito esse encontro com vocês, respeito, dedicação e braços dados na caminhada.

À Comunidade Estância Jaraguá, às mulheres, crianças e adolescentes.

Ao Quilombo da Parada, lugar de acolhimento e fortalecimento, onde posso existir e resistir com crianças, adolescentes e mulheres que me ensinam sobre afeto, criatividade, economia e, principalmente, amor e conforto, sendo eu ou outra pessoa. Obrigada, dona Preta e Eliene, por serem referência de tanto e tantos conhecimentos e serem generosas no compartilhar comigo, com a Ayana, com todas nós! Família!

À família Balduino, ao avô de quem carrego o sobrenome, Júlio Ignácio Balduino, à avó Benedicta Venância Balduino, em especial à tia Lala (Clara Antonia

Balduino), tia Terê (Teresinha de Jesus Balduino), tia Dinha (in memoriam), à prima Rosã (Rosangela Balduino), à Tina (Angela Cristina da Silva) e a todas e todos que fortaleceram minha jornada.

À Família de Paula, avó Neide Saraiva de Paula, avô Durvalino de Paula, avô Clovis Dias, mãe Dalva Maria de Paula Balduino, tios Pelé, Tuca, Baltazar, aos primos Clayton, Ana Paula, Gisele, Kátia, Alessandra, à amiga Raquel Linhares, aos sobrinhos Theu Linhares e Sofia Linhares, à Claudete, Ione, Cristiane, tio Adilson, Zete, Bó, Juninho.

À família Pimenta, pelo respeito e alimento, Bia, Dani, Simone, Reginaldo, dona Raquel, tia Ivens, Felipe e Bruna.

À amiga, leitora e revisora incansável, desde as primeiras linhas da qualificação até aqui, e que conhece cada letra e vírgula desse trabalho, Ana Paula Martins. E a toda sua família, que acolheu a mim e a Ayana no Rio de Janeiro, em especial, à dona Ana Martins.

À Sarah de Paula e Helder Graça, pelas mãos, pelo cuidado e pelo esforço no ensino de uma nova língua. O inglês será uma etapa conquistada em breve.

Ao revisor Alex Criado, por todos os ajustes finais, trocas e organização dessas escrevivências na forma adequada para sua apresentação, e a sua família, que vibrou junto com cada etapa finalizada. Agradeço demais esse trabalho que nos conectou.

Ao especialista em dados Marcelo Perilo por todas as aulas e orientações acerca dos dados estatísticos sobre o território dessa pesquisa.

Ao Coletivo Literário Elo da Corrente, por ter sido uma escola inspiradora e de importantes aprendizados para essa trajetória.

À minha amiga e irmã, Raquel Almeida, pela força das palavras, pelo exemplo firmado, pela coragem e pela vida que incomoda, tira do lugar, chama e inspira. Amor, carinho e respeito para sempre!

À minhas amigas, Raquel Rizzi e Marisa Csordas, pelo abrigo, alimento e afeto que me nutriram e deixaram a luta mais amena.

Ao Quilombo Cafundó, griôs Marcos e Juvenil e ao grupo Turivimba, em especial, à matriarca Regina Pereira. À Cinthia, Junior e família, que incansavelmente fizeram e fazem o que é necessário para o despertar e a valorização das nossas tradições.

A Família Silva, Luanda da Silva e o nosso mestre João Cândido, pelo ensinamento e exemplo precioso de uma família de artistas.

Às minhas irmãs e irmãos da luta, Alessandra Leite, Ingrid Soares, Fernanda Amaru, Bergman de Paula, Katiara Oliveira, Andrea Frazão, Sandra Camposs, Mari Pereira, Diana Mendes, Jardélio Santos e Etinho e Guiné Silva, que bonita toda nossa caminhada de fortalecimento.

À UnescoSostTranscriativa, pelo chamado, cuidado e conexões importantes para o meu caminhar individual e coletivo, em especial, a Noah Biel, Tokie Esaka e Natália Montibeller.

À Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop, pela partilha e aprendizado com tantas mulheres históricas e que venho conhecendo, em especial à Sharylaine, Brisa Flow, Potira e todas do Brasil e do mundo.

Aos colegas e amigas Roberta Stein, Fernanda Stein, Marcia Marci, Líduina Lins, Fernando, Maíra Brandão, Marcos, Elisangela, Barata e Ingrid.

Ao Camarote da Lú, às mulheres Udemezue e família, Priscila Presciliano Pereira, Luciana Amaral, Fatima Aboud, Aline Mareá e Luciana Pena Morgado, pelas voltas, pelas trocas e tudo mais que precisei e preciso.

Ao reino do Bailundo, e toda sua corte, que se tornou a referência viva que Angola vive e temos histórias a conhecer, vossa majestade, rei Tchongolola Tchongonga Ekuikui VI, sobas Castelo e Celestino

Ao amigo e griô Sanjambela e à comunidade rastafari de Benguela em Angola do CRB.

À irmã Namibia, ao Ismael, Jovita e Luciana.

Ao artista, escritor e articulador cultural Isidro Sanene e família

À Veronica Maisha e ao pequeno Miguel.

Às escritoras e escritores dos Cadernos Negros, em especial, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves.

Ao Fundo Agbara, em especial à Aline Odara e equipe.

Ao Ilú Oba de Min, em especial, Elisabeth Belisário, Baby Amorim e Girlei Miranda.

Ao Instituto Camará Calunga, a todas as crianças e adolescentes e a todas as pessoas que seguem semeando para que o jardim floresça na cidade portuária de Santos, à Vanessa Salgado, pela conexão e dedicação.

À Comunidade Cultural Quilombaque, em especial, à Jaqueline Albuquerque.

Ao Coletivo Vozes Carolinas, Thaís Fernanda e todas mulheres.

À Cia de Arte Negra Capulanas.

À Priscila Obaci, à Flávia Rosa e à Carolzinha Itzá.

Ao Samba do Bow, Fabio Lol, Karine e meninas Sol, Lua e Lorena.

Aos amigos que me ensinaram do outro lado do mundo, Ana Belique, professor Tau Battice, aos anfitriões mais que especiais, Bernardo Gasparini e Priscila Santana, que rede!

Às escolas parceiras do território Jaraguá, nas pessoas das coordenadoras Osmarina, Ana e Alessandra Lima, pelo respeito e cuidado com o nosso trabalho.

Não foi possível elencar o tanto de gente boa que chegou por aqui e que me fortaleceu para que tivesse boas lembranças e pudesse registrar as minhas, nossas escrevivências. Saibam, então, que esse trabalho só foi possível graças ao amor e cuidado com a minha/nossa história. Todas e todos estão em meu coração!

Aos meus ancestrais, que me mostram todos os dias o que não pode ser visto nem falado, mas deve ser lembrando.

Aweto!

Um rio de água mansa também gera correnteza
(ditado popular)

RESUMO

Esta tese tem por objetivo compartilhar as escrevivências em arte-educação de mulheres negras que se conectaram por suas raízes e ancestralidade e vivem na diáspora brasileira. Nela, vamos encontrar a história do fortalecimento da autoestima, da identidade e do pertencimento, laços estes estabelecidos pela arte e pela organização de um espaço cultural independente, autodenominado Quilombo da Parada, gestionado pelo Instituto Esperança Garcia, fundado como um coletivo de mulheres negras por Raquel Almeida e Juliana Balduino, do sarau Elo da Corrente. Pretende-se com estas escrevivências contribuir para preencher uma lacuna histórica: o silenciamento das nossas vozes e histórias. Ao longo desse processo, foram muitas as vozes de mulheres que atravessaram e contribuíram para o registro das memórias aqui inscritas. Nessas escrevivências, as relações familiares, na educação, no trabalho e no fazer artístico se entrelaçam como um grande espelho, ora refletindo dores, ora amor e cuidado entre nós. A constituição de um espaço seguro de acolhimento e de trocas, e acesso a uma prática emancipadora têm como referência o movimento negro, os movimentos culturais e sociais, que visibilizam as vivências e experiências artísticas produzidas por mulheres negras.

Palavras-chave: escrevivências; Instituto Esperança Garcia; Quilombo da Parada; mulheres negras; arte-educação.

ABSTRACT

This thesis aims to share the *escrevivências* in art education of black women who live in the Brazilian diaspora and are connected by their roots and ancestry. In it, we will find the story of the strengthening of self-esteem, identity and belonging, bonds established by art and by the organization of an independent cultural space, self-named Quilombo da Parada, managed by Instituto Esperança Garcia, founded as a collective of black women by Raquel Almeida and Juliana Balduino, from the soiree Elo da Corrente. These *escrevivências* intend to help fill a historical gap: the silencing of our voices and stories. Throughout this process, many women's voices have traversed this historical journey and contributed to recording the memories inscribed here. In these writings, relationships in families, work and artistic creation intertwine like a large mirror, sometimes reflecting pain, sometimes love and care between us. The constitution of a safe space for welcoming and exchange and access to an emancipatory practice are based on the black, cultural and social movements, which make visible the artistic experiences produced by black women.

Keywords: writings; Instituto Esperança Garcia; Quilombo da Parada; black women; art education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

2 DAS ESCREVIVÊNCIAS EM PALAVRAS, GESTOS E ANCESTRALIDADE 19

2.1 Avós, tios e primos 23

2.2 Bailes e Hip Hop 32

2.3 Faculdade 36

2.4 Aquilombar 39

2.5 Novos horizontes 42

3 COLETIVOS E ANCESTRALIDADE 49

3.1 Elo da Corrente 49

3.2 Nova vida 59

3.3 Esperança Garcia 67

3.4 Dança, turbante e empoderamento 81

3.5 Novo lar e natureza 86

3.6 Raiz no hip hop 105

3.7 Gravidez e novos horizontes 118

4 UBUNTU 129

4.1 Os Quilombos 129

4.2 O Quilombo da Parada: lugar de existir e resistir 132

4.3 A comunidade Estância Jaraguá e o Quilombo da Parada 133

4.4 Quilombo da Parada: um quintal para a comunidade 137

4.5 Quilombo da Parada além da Parada de Taipas 226

4.6 Visita do rei de Angola ao Quilombo da Parada 238

4.7 Um balanço necessário 248

5 IMAGENS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES – RETRATOS DE ESPERANÇA 252

5.1 Olhares sobre o Brasil, São Paulo e nossos territórios negros 252

5.2 O Instituto Esperança Garcia – Educação, arte, cultura, educação ambiental e autocuidado 257

5.3 Saberes do Instituto Esperança Garcia no Quilombo da Parada 266

5.3.1 Fomento e acesso ao livro e leitura – Biblioteca Comunitária Susana de Paula e mediação em Leitura 266

5.3.2 Hip Hop 270

5.3.3 Educação ambiental e agroecologia 280

5.3.4 Autocuidado - Quem cuida de quem cuida? 288

5.4 Imagens, memórias e histórias - E é tudo sobre o amor! 295

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS "DE UMA MULHER" 333

REFERÊNCIAS.....337
ANEXO A – HISTÓRICO DE IMAGENS.....355
ANEXO B – AUTORIZAÇÕES PARA USO DE IMAGENS.....392

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho me fundamento, diretamente e indiretamente, nas vozes negras de mulheres negras acadêmicas e não acadêmicas. Elas desenvolveram e desenvolvem estratégias de sobrevivência e bem viver em suas práticas e teorias que pavimentaram o caminho que hoje avanço, ainda que com dificuldades. Esse caminho também abre espaços para novas formas e possibilidades de trabalhos acadêmicos, que não se esgotam no processo escrito, mas continuam sendo desenvolvidos e apreendidos ao longo da pesquisa e posterior a ela.

As vozes das minhas avós, meus avôs, meus pais, meus irmãos, minhas tias e tios, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Raquel Almeida, Luana Rabetti, Gabriela Ribeiro Arakaki, Madevi Murti, Silvana Oliveira, Maria de Lourdes, Eliene Dias, Sirlene de Jesus Santos, Giselda Pereira, Lélia Gonzalez, Neusa Santos Borges, Nilma Lino Gomes, Maria Beatriz Nascimento, Patricia Hill Collins, Grada Kilomba, Eliete Edwiges Barbosa, Jaqueline Lima Santos, Audre Lorde, Oyère Oiewùmí, Rita Luciana Berti Bredariolli, Tanya Saunders, bell hooks e tantas outras assumem forma e ganham espaço no pensamento e ações que inspiram e transbordam nesta escrita.

Em todas as seções, recorro aos depoimentos das mulheres que fazem ou fizeram parte do coletivo que se tornou o Instituto Esperança Garcia, trazendo nossas vozes como forma de valorizar a narrativa em primeira pessoa. Além disso, utilizo as imagens como construção de uma memória pessoal e coletiva que materializa os nossos rostos, corpos e fazeres para além da elaboração que as palavras podem trazer, criando o que poderíamos nomear como um inventário afetivo de todo o trabalho realizado e das relações que foram sendo construídas ao longo desses anos. Essas imagens compõem o acervo pessoal da pesquisadora, acervo pessoal da escritora e produtora cultural Raquel Almeida, fundadora do Coletivo Literário Elo da Corrente, e registros da escritora e fotógrafa Sonia Regina Bischain, estão disponibilizadas em plataformas digitais, como “www.blogospot.com”, e são de livre acesso ao público. Essa ferramenta virtual foi muito utilizada pelos grupos e coletivos culturais ligados às nossas redes, por ser um espaço de comunicação possível para divulgar, promover e acompanhar ações do mundo todo.

A tese, que aqui nomeio como um documento, dado o seu teor e comprovações da situação histórica vivenciada por nós, mulheres negras, no Brasil, se organiza da seguinte maneira:

Na primeira parte do desenvolvimento do texto (segunda seção), a inspiração e autorização de Conceição Evaristo para utilizar minhas escrevivências e meu contato com as artes no ambiente familiar, no movimento hip hop, o adoecimento no serviço público, o espaço de educação que não contempla a diversidade – e quando trata dela, é desumanizada e não valida as subjetividades e vulnerabilidades dos corpos negros –, o encontro e a identificação com o movimento negro e a literatura negra que, dentre tantas artes, situa a autora e fortalece sua identidade negra.

Na terceira seção, o encontro com a palavra e as ações artivistas negras e negros, a prática da literatura, que não fala dos personagens negros, mas de nós, negros. O letramento racial e o conhecimento de várias possibilidades de se fazer e ensinar arte dentro de um contexto de ausências e resistências. O papel e o trabalho de mulheres negras que são invisibilizadas dentro de diversas experiências, a organização de mulheres para pontuar e validar essa presença, o nascimento do Coletivo de Mulheres Negras Esperança Garcia e sua ressignificação para abarcar outras mulheres. Nesta parte, ainda é possível ver o sonho de um quilombo sendo gestado e materializando-se a partir do apreendido, além da necessidade do Tempo de espera para a sua ação, respeitando as mudanças, os ventos e todas as estações presentes na natureza.

Na quarta seção, o aprendizado sobre o sagrado para a realização, construindo um espaço de acolhimento, afeto e fortalecimento para mulheres, crianças e adolescentes. O Coletivo ampliando suas redes e campo de atuação para além da comunidade Estância Jaraguá, que se tornou sua sede. Os encontros com outras mulheres e desafios para se formalizar enquanto uma instituição que realiza e mantém sua atuação no território. Nele também vamos encontrar os saberes e práticas produzidos e articulados por mulheres que chegaram e não estão nas grandes mídias, mas que impactam as tomadas de decisão. Elas decidiram definir frentes de atuação independentes, a fim de atender as demandas trazidas pelo território. Por fim, a conexão com as raízes africanas e a ancestralidade.

Na quinta seção, a descoberta do amor que cura, fortalece e está presente nos diversos saberes, a potencialidade dos encontros entre mulheres, o autocuidado

como prática do amor individual e coletivo e tudo sobre o amor às pessoas, lugares e à arte.

Nas Considerações finais, vamos encontrar uma reflexão sobre o celebrar como ato de existência e resistência para nós, mulheres negras.

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo)

2 DAS ESCREVIVÊNCIAS EM PALAVRAS, GESTOS E ANCESTRALIDADE

O poema que abre essa seção foi escrito por uma mulher negra que criou em seu fazer a oportunidade de trazer vozes muitas vezes silenciadas dentro de um contexto indiferente e opressor. Conceição Evaristo[1], ao criar o conceito de escrevivência não ergue apenas a sua voz, mas a de todas as mulheres negras que estiverem de alguma forma presentes em sua trajetória e, não fosse sua coragem, também permaneceriam desconhecidas. São as múltiplas vozes de mulheres negras que vão se compondo como um grito de resistência e luta para que se chegue aonde é preciso chegar. Vozes que denunciam a desumanização e invisibilidade das que foram subjugadas e se levantam na construção de uma narrativa que não esquece as violências do navio negreiro, nem da obediência exigida pelo colonizador, que vai se materializando feito a brisa forte de palavras miúdas de revolta e desejo de reparação.

Conceição Evaristo, mulher negra, nascida em Belo Horizonte, é considerada uma importante referência na literatura contemporânea. É romancista, poeta e contista. Em suas obras, quem assume o protagonismo são as mulheres negras, misturando realidade e ficção. Os escritos são importantes retratos do cotidiano e podem servir de base para denunciar as opressões de raça e gênero vivenciadas principalmente por mulheres negras. Essa escrita também serve como fio condutor para a aproximação com uma ancestralidade perdida sob a violência da escravização.

Em 1995, a escritora cunhou o conceito de *Escrevivência,* que nasceu a partir de:

> *uma escrita compromissada com a vida, com as vivências, tanto nas vivências em termos individuais, como a vivência do outro. E nesse desejo de mesmo de captar a dinâmica da vida, esse fluir que está o tempo todo do meu lado. Tá fluindo em mim, tá fluindo na minha frente, tá fluindo nas*

[1] É mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, em 1996, com a dissertação Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Em 2011, doutorou-se em Literatura Comparada na UFF, defendendo a tese Poemas Malungos, Cânticos Irmãos, em que analisou a poesia dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira e a do angolano Agostinho Neto (Brasil Escola, c2025). Em 2019, foi homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti 2019, e, em 2015, foi a vencedora do Prêmio Jabuti 2015. Agora, em 2024, tornou-se a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira na Academia Mineira de Letras (AML). Para saber mais, ver: Literafro (2024a).

> *notícias, nos contatos... Essa perseguição da vida para se transformar em escrita* (Evaristo, 2021)*.*

O conceito surgido dentro de seu processo de pesquisa, a partir de um "jogo" entre as palavras escrever e vivência, sintetizam o esforço de trazer para a narrativa escrita além das histórias contadas por mulheres negras, acessadas nas memórias de sua infância, que remetem a um cotidiano. E, assim, superar a narratividade da escravização, que obrigava as mulheres negras a servir também histórias à casa-grande:

> É uma longa história. Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra "escrever" e "viver", "se ver" e culmina com a palavra "escrevivência". Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande. (Santana; Zapparoli, 2020)[2]

Os textos de Evaristo despertam minhas memórias para um lugar de infância muito conhecido, apesar de termos nascido em cidades diferentes. Nossos quintais se assemelham e as relações também. Quando ela se refere às histórias que sua mãe contava, isso me puxa fios de lembranças da minha infância, em casa, com a família, assistindo televisão ou em conversas que, muitas vezes, eu "assuntava" sem ter maturidade suficiente para opinar. Essas lembranças, que se aproximam mesmo em lugares diferentes, são o que Evaristo chama de *elos*, que dialogam entre si e que se assemelham em nossa condição diaspórica. Os escritos de Evaristo materializam as subjetividades, as vivências, as relações familiares, as tomadas de decisões, as escolhas, os caminhos, o sagrado e, também, o amor.

Escreviver ratifica um direito essencial, que é o de contribuir com o acesso às memórias e histórias vivenciadas por nós, mulheres negras, dentro do contexto e das realidades em que vivemos. Todas nós temos algo para dizer, compartir,

---

[2] Em novembro de 2020, a escritora participou do seminário virtual *A Escrevivência de Conceição Evaristo*, iniciativa do Itaú Social em parceria com a MINA Comunicação e Arte. Este seminário procurou aprofundar as questões desenvolvidas no Projeto Oficina de Autores – Memórias e Escrevivências de Conceição Evaristo, lançado em 2018.

aprender. São nossas experiências que aparecem dentro desse fazer literário, a partir da visão de mundo que, individualmente, cada uma tem. Angela Dannemann, superintendente da Fundação Itaú Cultural, no artigo de opinião *Escrevivência: um movimento necessário*, reforça a importância desse fazer e da sua finalidade:

> Escrevivência surge entre nós como um ato literário, de formação prática e que promove e assegura a leitura e, principalmente, a escrita como um direito essencial. Afinal, todos nós temos algo para compartilhar, assim como para contribuir, narrar, registrar, proferir e superar (Dannemann, 2021).

Se na literatura canônica nossos corpos são silenciados, apagados e desrespeitados, na escrevivência eles ressurgem como protagonistas dessas histórias. E rebatem essas narrativas, e as reconstroem de outro ponto de vista, de um outro lugar:

> É incomodar. É jogar no rosto da casa-grande o que é que nos foi feito e, inclusive, marcar esse presente que ainda tem essa marca do passado, se você pensa na condição em que se encontra a grande maioria da coletividade negra brasileira, e não só a brasileira como a diaspórica. Basta a gente olhar o que acontece com o negro nos Estados Unidos para ter certeza que não é só no Brasil. Tem aí uma escrita ou uma proposta de escrita – e eu torno a afirmar que não é só no campo literário –, uma proposta em que tanto a memória como o cotidiano, como o que acontece aqui e agora, se transformam em escrita. Essa história silenciada, aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são aquelas histórias que incomodam, desde o nível da questão pessoal, quanto da questão coletiva. A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível. Você brinca com as palavras para dar um soco no estômago ou no rosto de quem não gostaria de ver determinadas temáticas ou de ver determinadas realidades transformadas em ficções (Evaristo, 2021).

No livro *Escrevivências – Identidade, Gênero e Violência, na obra de Conceição Evaristo*, Maria Nazareth Soares Fonseca, em seu artigo *Escrevivência: sentidos em construção*, reforça a importância e a necessidade desse ato que é escreviver. Ela destaca que a escrevivência “seria um processo de escrita literária de autoria negra feminina voltado à apreensão das demandas da mulher negra” (Fonseca, 2020, p. 63-64). Além disso, Fonseca esclarece que o uso do conceito Escrevivência veio a público pela primeira vez no Seminário Mulher e Literatura, no ano de 1995, e ganhou visibilidade como uma “...estratégia que rasura a ordem legitimada pela figura da ‘Mãe Preta’ que conta ‘histórias para adormecer a prole da

casa-grande'" (Fonseca, 2020, p. 60). Seria o que chamamos de um ato literário que desmascara a falta de condições, o trabalho forçado, a negação do direito ao descanso e, principalmente, o impedimento do cuidado com os próprios filhos. Estes eram relegados à própria sorte, enquanto os filhos dos senhores eram cuidados e embalados para "ninar". Isso além de outras inúmeras violências às quais as mulheres negras foram submetidas.

Fonseca (2020) também afirma que o conceito de Escrevivência, formulado por Evaristo em seus escritos, busca revisitar essa história e "os cenários da escravidão e os que nos leva às comunidades formadas por descendentes escravizados, procurando recuperar a tradição africana de contar e cantar" (2020, p. 60). Ainda segundo Fonseca, é possível identificar nos textos produzidos por Evaristo as marcas de uma oralidade, "em falas e gestos que preparam o escreviver" (2020, p. 61), uma literatura viva, vivida e que, muitas vezes, revela na palavra escrita um universo que silencia as nossas vozes.

Em entrevista dada ao Jornal Nexo, Evaristo reafirma esse fazer literário e o conceito de *Escrevivência,* que "acolhe os relatos de vidas marcadas pela escravidão ou pelas agruras dela decorrentes", e acrescenta: "Essas experiências são recuperadas por estratégias que instalam, no ato de escrever, as emoções do experienciar e do viver" (Evaristo, 2017). A escritora[3] afirma ainda:

> Minha escre-vivência vem do cotidiano dessa cidade que me acolhe, há mais de 20 anos e das lembranças que ainda guardo de Minas Gerais. Vem dessa pele-memória-História passada, presente e futura que existe em mim. Vem da teimosia, quase insana, de uma insistência que nos marca e que não nos deixa perecer, apesar de. Pois entre a dor, a dor e a dor, é ali que reside a esperança [...] (Evaristo, c2016).

Essa relação realidade-ficção tem viabilizado dados que servem para questionar estruturas sociais e instituições, no sentido de rever suas posturas e as condições nas quais nós, negros e negras, estamos inseridos na sociedade brasileira. Afinal de contas, temos narrativas canônicas que tratam de um tempo, povo e cultura que não condizem com a nossa história. E mais: se relacionam de maneira violenta com ela.

[3] O Itaú Cultural organizou em 2017, em São Paulo a "Ocupação Conceição Evaristo". Além das suas obras, a mostra apresentou um vasto acervo de fotos e escritos à mão que compõem o seu cotidiano de mãe, professora e escritora. A citação é retirada de um manuscrito.

Devidamente autorizada por essa “mais velha”, que é Evaristo, me desafio daqui em diante a compartilhar, nesta seção, os registros da minha trajetória, de pessoas, lugares e escolhas que foram me compondo. E apresentar também o compromisso na luta e o trabalho que desenvolvo.

2.1 Avós, tios e primos

“...Curar começa quando dizemos nossas verdades...”

(Leão, 2019, p. 18)

Minha trajetória foi permeada de mulheres, em especial mulheres negras que foram, com suas experiências de vida, me apontando caminhos possíveis de sobrevivência. Sou a segunda filha de um casamento com três filhos, Renato, eu e Susana. Minha mãe teve ainda mais um filho, Renê, e meu pai, mais três filhos, Marcos Antonio, Sara e Emily.

Meu pai foi motorista de ambulância e se aposentou como porteiro de um hospital público. Soube que, em sua trajetória profissional, trabalhou na ferrovia, local em que anos mais tarde também fui trabalhar, de 1996 a 2013. Meus pais se separaram quando eu tinha quase 2 anos de idade. Eu e meu irmão mais velho, Renato, ficamos sob os cuidados da família paterna, enquanto minha mãe, grávida, retornou para casa da sua mãe. Foram os cuidados das minhas avós, tias, primas e, hoje, de amigas, que contribuíram para que eu chegasse nesses 47 anos viva e vivida.

Imagem 1- Fotografia de álbum família[4]



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Antonio José Balduino, Dalva Maria de Paula e Renato de Paula Balduino no final dos anos 1970.

Até os meus 9 anos, morei na casa da minha avó paterna, no bairro da Freguesia do Ó. Dessa época tenho poucas lembranças de relações com os vizinhos da rua Caraputinga. Exceto por uma saída ou outra com a minha vó e pelo encontro com alguma vizinha. Mas nunca vi minha vó visitando qualquer delas em suas casas ou elas nos visitando. Nossas saídas eram sempre para as casas de parentes que moravam na mesma região, ou para comércios e bancos locais. De mês em mês, também íamos para o bairro da Lapa, que é um grande centro comercial para quem vive nos municípios e bairros mais afastados da região oeste.

[4] As fotografías apresentadas na tese têm origem no acervo pessoal da pesquisadora, no acervo compartilhado do Coletivo (Instituto) Esperança Garcia, e nos acervos de Raquel Almeida e Sônia Bischain. Além desses acervos, há fotos retiradas de diferentes postagens do blog do Sarau Elo da Corrente e do blog do Coletivo Esperança Garcia. Destaca-se que muitas fotos dos acervos pessoais mencionados também estão presentes nesses blogs. As fotos correspondentes à visita do Rei, entre as imagens 178-196 e as imagens 208, 209, 210, 213, 214 e 215 são registros feitos por Água Benta Foto e Vídeo, e cedidas ao Instituto Esperança Garcia e à pesquisadora. Autorizações para uso de imagens estão em Anexo da tese. Para as fotos que não temos autorização dos responsáveis legais pelas crianças, optamos por borrar seus rostos, tornando-as não identificáveis.

Imagem 2 – Fotografia da avó



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora
Legenda: Benedicta Venâncio Balduino e Renato de Paula Balduino – final dos anos 1970 – quintal da Rua Caraputinga – Freguesia do Ó – São Paulo.

Eu, pequena e curiosa para andar pela cidade, adorava essas saídas e me fartava ainda mais quando, após as questões que minha vó ia resolver, parávamos nas lanchonetes que existiam no bairro, para comer pastel e tomar caldo de cana. Em outras vezes, ela mudava os planos e era no carrinho de cachorro-quente do senhor Ângelo que comíamos o melhor hot dog e refrigerante. Atualmente, a venda do sanduíche é realizada em um pequeno espaço na mesma rua e é tocado pelo filho e pelo neto do fundador, que já faleceu.

Às vezes, as saídas eram para a casa da família materna. Acompanhada pelas tias que tinham disponibilidade para me levar, saíamos pela manhã cedinho e

seguíamos para Perus[5]. Esse era um dos passeios mais esperados, mas para chegar até lá era necessária uma longa caminhada da Rua Caraputinga, onde nós morávamos, até a Avenida Paula Ferreira, onde embarcávamos no ônibus que nos levava até lá. Andar grandes distâncias para economizar o pagamento do transporte sempre foi a opção para quem vive nessa cidade com passagens caras e de difícil acesso.

Na minha primeira infância, era minha avó Benedicta quem cuidava da casa, da alimentação, das roupas e de todos os assuntos que diziam respeito à família. Além das responsabilidades com a casa e com os netos, minha vó também era empregada doméstica, costureira e voluntária na Igreja Católica. Eu gostava mesmo era de vê-la costurando: na casa existia um quarto com muitos sacos, cheios de retalhos que se transformavam em lindas colchas, cobertores, roupas, feitos por minha vó. Hoje sei de apenas uma delas, que minha prima guarda e que, em uma visita, me deixou usar. Ainda tenho um vestido de quando era pequena e que foi costurado por ela, e também alguns registros fotográficos vestida com sua arte. Até os dias de hoje, quando uma pessoa me diz que é costureira ou alguém me fala sobre máquina de costura me vem a imagem da minha vó sentada na sala em sua máquina, a televisão ligada nos programas da tarde. Lembro também de quando caía a noite, após um longo dia de trabalho, e ela descansava vendo suas novelas na companhia das minhas tias, primos, meu irmão, e eu, que acompanhávamos tudo com muita curiosidade. Dona Benedicta adorava as plantas, cultivava em vasos e nos fundos do quintal, que também abrigava árvores de frutas, como goiaba, manga, abacate… mas eu gostava mesmo era do pé de pitanga, me recordo de vários momentos da minha infância debaixo desse pé de fruta, comendo terra, olhando as formigas e me fartando com as deliciosas pitangas.

Nossa casa era sempre muito cheia de familiares, tios, primos e sobrinhos, trazendo notícias das suas casas, ouvindo as novidades que minha vó compartilhava, ou parando para descansar as pernas, enfim, tudo era motivo para estarmos próximos. Estávamos sempre circulando nesse ambiente familiar e, nele, alegrias e tristezas eram resolvidas da porta para dentro. Foi com minha vó Benedicta que aprendi as primeiras tarefas domésticas, cozinhar meu primeiro arroz e, também, a dividi-lo. Foi naquela casa coletiva que também aprendi o significado

[5] O distrito de Perus está vinculado ao município São Paulo, capital do estado São Paulo.

de dividir o que temos de melhor, e dona Benedicta fazia isso desde a comida deliciosa, até os cuidados com as roupas, os cabelos e tudo mais que precisássemos para crescer em segurança. Ela também se dedicava ao trabalho voluntário na Igreja Católica.

Dentro desse círculo familiar, eu aproveitava as visitas, principalmente as na casa da minha tia Lala, que me proporcionaram o primeiro contato com os livros. Em sua casa sempre tinha um livro, revista ou quadrinhos pelo ambiente, e eles me enchiam os olhos de curiosidade. Meu lugar especial em sua casa era a garagem, que abrigava muitas prateleiras e livros. Mesmo não sabendo ler, me chamavam muito a atenção: as imagens das capas, as revistas coloridas exibindo mulheres negras com penteados e roupas, posters de cantores e cantoras negras, a maioria em inglês. Tudo ali me deixava fascinada.

Essa tia tem uma importante responsabilidade na minha decisão sobre com o que trabalhar nos dias de hoje. Ela contrariou muitas estatísticas: sendo a terceira de onze irmãos, trabalhou desde muito cedo para ajudar a família e somente com 32 anos, já casada e com duas filhas, minhas primas Rose e Rosã, foi que conseguiu concluir o magistério e se tornou professora de educação artística na educação básica. Além disso, tia Lala sempre se dedicou ao canto em corais da igreja e também em grupos profissionais. Lembro dela cantando nas festas em nossa casa, dias bonitos de serem recordados. A tia Lala não perdia nenhum evento que eu tivesse na escola. Na formatura da oitava série, ela estava lá, na formatura da universidade, também. E espero que na finalização desse processo ela também esteja.

Outro lugar que eu visitava bastante era a casa da minha tia Maria de Lourdes, a tia Dinha. Era sempre uma delícia chegar por lá, não me lembro de um dia em que estivesse na sua casa e não comesse algo gostoso. Era doce de leite, um arroz com feijão… e o inesquecível doce de abóbora com coco, nunca mais comi um igual depois de sua partida. Minha tia Dinha tinha um olhar bonito e generoso, sabia de cabeça o aniversário de todos da família e um dom inegável era seu conhecimento culinário. Tudo preparado por ela, por mais simples que fosse, era de um sabor impossível de não lembrar. Via muito amor e carinho em cada gesto dela, desde pegar algo dentro na panela até o servir com cuidado.

Meu tio Baita, irmão mais velho de meu pai, estabeleceu relações muito próximas com o Partido dos Trabalhadores (PT). Era filiado e sempre estava

presente nas discussões e momentos políticos do nosso bairro. Em todas as eleições, fazia seu trabalho de base na Freguesia do Ó, onde também era professor de violão e maestro do Coral Madrigal Du Baitae. No ambiente familiar, ele ensinou para vários primos a tocarem violão, assim como o tio Paulo, seu irmão mais novo, que também passou a dominar as cordas. Do nascimento até meus 8 anos de idade, fui crescendo, observando e acompanhando minha vó aonde quer que ela fosse e, assim, vendo meus tios e tias em suas lutas.

A música que eu escolheria para essa fase da minha vida é Andanças[6], interpretada por Beth Carvalho e que embalou muitos encontros familiares em nosso quintal. E a felicidade da minha tia Lúcia era destacável na letra minuciosamente cantada, dava para ver e sentir. Minha tia Lala no apoio de voz, o tio Paulo no violão, vó Benedicta ficava recolhida no sofá da sala, rosto sério, calada, mas parecia gostar de ver todos ali reunidos dentro de casa. Desses tempos, ficaram também as lembranças de todo carinho e cuidado que minha prima mais velha, Tina, transbordava em nós. Eu, pequena, tinha uma questão respiratória para tratar e, das lembranças desses primeiros anos de infância, sempre me vem seu olhar acolhedor e cuidadoso. Ela sempre me acompanhava nos atendimentos médicos e em passeios e visitas em sua casa e da tia Terê.

[6] "*Já me fiz a guerra por não saber (me leva, amor)/ Que esta terra encerra meu bem-querer (amor)/ E jamais termina meu caminhar (me leva, amor)/ Só o amor me ensina onde vou chegar/ (Por onde for, quero ser seu par)*." (Andança, 1988). A música "Andança", interpretada pela icônica sambista Beth Carvalho, é uma verdadeira celebração da jornada da vida e do amor. Com uma melodia que embala o ouvinte nas cadências do samba, a letra fala sobre a caminhada de uma pessoa que, mesmo tendo vivido intensas experiências, ainda tem muito a descobrir e a sentir. Letra completa e interpretação podem ser consultadas em Andança (1988).

Imagem 3 – Fotografia de parentes no quintal



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.
Legenda: Tina Angela Cristina da Silva, Antonio José Balduino, Dalva Maria de Paula, Renato de Paula Balduino e Leninha – quintal da Rua Caraputinga – Freguesia do Ó – São Paulo – final dos anos 1980.

Com quase 9 anos, decidi morar com a minha mãe e irmã mais nova, a Susana. Achava que as regras estabelecidas pela minha vó eram rígidas demais e, naquela época, mal sabia eu que tudo o que aprendi ainda pequena com sua convivência me fariam caminhar para um futuro menos doloroso.

Essa mudança da Freguesia do Ó veio no ano de 1984. Em Perus, a organização familiar era outra. Minha avó materna, dona Neide, trabalhava como assistente de saúde no Hospital Psiquiátrico do Juquery. Sua jornada de 12 horas no hospital, dia sim, dia não, ainda era dividida com o trabalho doméstico em casa e

também em uma casa de família do bairro, para complementar a renda e garantir o alimento e cuidado de todos nós. Enquanto isso, minha mãe trabalhava no mesmo hospital, mas nos cuidados e acompanhamento das crianças filhos de funcionários. Elas ficavam determinado período do contraturno escolar no que chamavam de “Parque”.

Na casa da minha avó Neide, moravam ela, meu avô Clovis, minha mãe, minha irmã Susana e eu, que estava chegando. Ainda no quintal, vivia o irmão da minha mãe, meu tio Pelé, seus filhos e a tia Leia. Nos fundos, em outra casa, o outro irmão da minha mãe, meu tio Tuca, e sua mulher, Luzia. Era uma grande comunidade, embora menor que a da minha família paterna, no número de tios, tias e primos.

Imagem 4 – Fotografia da avó Neide



Fonte: Acervo da pesquisadora.
Legenda: Vó Neide Saraiva Dias, segurando bebê, junto a duas pessoas não identificadas – final dos anos 1980 – Perus – São Paulo.

Nessa minha chegada à casa da minha avó materna, pude me aproximar da minha irmã Susana, que havia nascido e crescido ali, enquanto eu, junto com a família de nosso pai. Foi um momento de conexão e reconhecimento de nossos laços de irmandade. A gente foi se tornando parceiras nas traquinagens, cuidados e da vida mesmo. Eu me tornei a irmã mais velha protegida pela mais nova, que ia me mostrando um pouco de tudo na nova morada. Foi uma grande parceira, mesmo sendo um ano mais jovem, tinha uma maturidade que me fazia admirá-la. Gostava de estar perto dela, ver como se posicionava e enfrentava quem se atravesse a "zoar" com seus irmãos e primos. Era diferente e muito à frente do tempo que vivíamos, a forma como se relacionava com o mundo... as pessoas gostavam de estar com ela, na escola todos conheciam minha irmã.

Assim, fui reconhecendo o território, estreitando laços com meus primos, que também passavam a maior parte do tempo sozinhos, porque os pais também trabalhavam fora. A gente foi crescendo, aprendendo a fazer tudo juntos, comendo muito abacate com açúcar e carne de sol, e cuidando uns dos outros.

Após um tempo já morando por lá, chegou uma vizinha nova, a Catarina, mas que chamávamos de Ina. Mudou com suas três filhas, Patrícia, Paula e Priscila, uma família composta apenas por mulheres. Vi Ina, viúva, criar sozinha suas três filhas, com muito trabalho e cuidados. As meninas, assim como nós, ficavam muito tempo sozinhas e dividíamos a cerca que separava nossos quintais com a conversa jogada fora no final da tarde. Nossos dias também iam se desenrolando com a escola, as tarefas domésticas e as brincadeiras na ladeira em que morávamos, a bola que insistia em rolar rua abaixo e deixar nossas pernas cansadas de tanto subir e descer. Nosso vizinho, de apelido Telei, sempre atento às nossas brincadeiras, nos incentivava com os treinos de vôlei organizados na rua de casa ou em escolas próximas.

A Igreja Católica também se fez presente nessa época, não como uma obrigação, mas por querer estar em um grupo, junto com outros adolescentes que também frequentavam esse espaço. Era uma forma de se encontrar, pensar as músicas que cantávamos nas missas, os passeios e almoços organizados... era um espaço de possibilidades e trocas. A gente se juntava nos domingos de manhã, descíamos o morro e seguíamos para a Paróquia Santa Rosa de Lima. Nessa época, decidi fazer a primeira comunhão. Naquele momento, era a possibilidade mais importante que acreditava estar tendo junto com os outros amigos e amigas

com quem andava. E acabou sendo, pois, olhando para aquele contexto, em que não havia quase opções de se relacionar, estar dentro desse grupo me possibilitava outras formas de interação.

Junho era um mês de grandes alegrias, pois aconteciam as festas juninas, organizadas nas vilas. Os ensaios aconteciam na rua, que ficava lotada de crianças negras, como nós. E outras não negras que, diferente do ambiente escolar, se aproximavam e brincavam com a gente em pé de igualdade. Ali, a gente sempre tinha um "par" para dançar. Éramos iguais, tinha lá, sim, uma ou outra questão, mas foram de tão menor relevância que não conseguiam tirar o brilho desses dias. Vital, homem negro, jovem e com uma família muito especial mesmo, no sentido de educação, cuidado comunitário e parceria, era quem organizava, junto com outras pessoas da rua, todas as nossas festas juninas, pelo menos as daquela parte do bairro. Eu, apesar de não morar na rua em que aconteciam as festas, sempre estava por lá com a minha mãe e irmã, pois íamos na casa da prima dela, de onde sempre saíamos muito tarde da noite, já que a reunião entre os adultos corria noite adentro.

2.2 Bailes e Hip Hop

Na década de 1990, eu e minha irmã, adolescentes e cheias de energia, já driblávamos os acordos com minha mãe e começamos a participar dos bailes blacks que havia em nosso bairro e em outros próximos dali. Mas tudo começou mesmo quando conhecemos a estação São Bento[7] e as inúmeras pessoas que nela se aglomeravam para dançar, trocar ideias e escutar um som. Foi meu primeiro contato com o hip hop. Tháyde, Nelson Triunfo e toda essa galera que, hoje, de alguma maneira, é renomada no hip hop, eu conheci lá. Nós saíamos de Perus em um grupo grande de primos e amigos e seguíamos para esse lugar histórico, que acolhia o movimento: todo sábado à tarde, a aula era lá.

Eu gostava daquele ambiente, me sentia bem, forte, porque todo mundo se conhecia e se cuidava. Ríamos muito juntos e eu gostava ainda mais de ver todo mundo dançando nas grandes rodas dentro do baile. Só de olhar já me sentia dançando, porque meus olhos buscavam acompanhar todos os movimentos e, junto

[7] A estação São Bento do Metrô, no centro, era um importante ponto de encontro da juventude negra da cidade de São Paulo. Muitos atores e artistas que estavam presentes na Cultura Hip Hop seguiam para esse espaço aos finais de semana, para se encontrar com outros artistas e compartilhar sua arte.

com a galera, aplaudir ao final de cada apresentação. Aqueles momentos na grande roda da pista de dança faziam todo mundo vibrar junto! Era também o momento de esquecermos as dificuldades, a violência que muitas vezes nos esperava lá fora, depois dos bailes

Nesse período, também frequentávamos os shows que aconteciam nos ginásios esportivos que existiam nas periferias, saíamos sempre em grandes grupos. Um dos artistas que mais acompanhávamos era o grupo Racionais MC's. Em Franco da Rocha, Caieiras, Francisco Morato, entre outros municípios e bairros da cidade, lá estávamos. Eu adorava os shows do Racionais MC's, eles realmente fizeram a nossa geração parar e ver que estávamos, ainda, vivendo em situações idênticas à escravidão. A falta de políticas públicas, a má qualidade da educação para nós, pretos e pobres, a falta de moradia e condições dignas, precisavam ser combatidas.

Aos 16 anos, consegui meu primeiro emprego, a partir da indicação de uma vizinha, Paula, que trabalhava como auxiliar de escritório em uma loja de calçados na Avenida Cásper Líbero, ao lado da estação da Luz. Passei, então, a conciliar o trabalho com a escola, no período noturno. A função era de empacotadeira e o reconhecimento pelo meu trabalho chegou poucos meses depois: a promoção para exercer o cargo de atendente de caixa. Fiquei pouco mais de um ano nessa loja e logo migrei para outro trabalho, em um escritório de finanças de um cliente da loja.

A realidade de um emprego mudou completamente minhas perspectivas. Via um cenário de dificuldades para minha vó manter o básico em casa e acreditava que seria um peso a menos nessa bagagem, isso tranquilizava o meu coração e me animava. A independência, a esperança, naquele momento, era de poder me manter e ajudar com o que eu pudesse nas despesas da casa. Além disso, comecei a ocupar a cidade, a região central que, segundo o que se ouvia, era grande e cheia de oportunidades.

O deslocamento até o trabalho acontecia de trem, mas antes existia uma boa caminhada de casa até a estação, onde já podia encontrar com outras conhecidas e seguíamos sempre para o mesmo vagão, no final da plataforma. Ali, encontrávamos o restante das amigas e amigos que já haviam embarcado em outros municípios.

Nessa época foi que conheci uma das minhas melhores amigas até hoje, a Raquel[8], que trabalhava em um escritório de advocacia na mesma avenida que eu. Essa amizade foi muito importante em minha trajetória e andanças, tanto em nosso bairro quanto em outros espaços. Através dela, pude conhecer pessoas, praias e lugares que eu jamais poderia imaginar. E, por meio dessa amizade, conquistei outras que me são caras até os dias de hoje.

Era uma alegria quando entrávamos no trem e nos juntávamos ao grupo que, cotidianamente, estava lá, dando um jeito de se distrair, com a troca de ideias, na superlotação que só aumentava em cada parada. Na estação, o trem ia parando devagarzinho e nós nos ajeitando até a faixa permitida, para aguardar o embarque. Assim que parava, as cabeças se ajeitavam entre as portas e janelas para espiar quem já estava do lado de dentro. O contrário também acontecia com quem já estava embarcado. O dia mais esperado por todas era a sexta-feira, pois marcávamos para depois do trabalho um ponto de encontro geral e, de lá, seguíamos para o samba do Pão de Queijo, um barzinho pequeno, localizado no Bom Retiro, região central de São Paulo. Às sextas, os donos do estabelecimento fechavam a rua, que era sem saída, e colocavam cadeiras e mesas próximas da porta do comércio, em volta de uma roda de samba na entrada.

Os bailes aos finais de semana também eram destino certo, em Perus: o The Point e o Alternativa, além dos ginásios esportivos, que abrigavam muitos shows de hip hop. Foi nesse período, junto com minhas primas, primos e amigos, que conheci a estação São Bento, que foi uma grande escola pública do movimento. Impossível não lembrar do Projeto Radial, Santana Samba, Clube da Cidade, Diamante Cor de Rosa.

No livro *Bailes, soul, samba-rock, hip hop e identidade em São Paulo*, organizado pelo Grupo Quilombhoje, João Batista de Jesus Félix, no artigo Questões de Identidade, destaca o quanto esses espaços foram importantes para a junção da juventude negra e o fortalecimento das nossas identidades. Félix reforça essa reflexão, ao afirmar:

> Os bailes são uma forma de aglutinação. Percebi no meu mestrado que o baile não é só um local de lazer puro e simples, a pessoa quando vai ao baile está indo porque está querendo, além do lazer, se identificar com as

[8] A amiga Raquel Linhares é cuidadora de idosos. Agora, é casada com meu primo, Clayton Augusto, da parte da família materna. Eles têm dois filhos, o Mateus e a Sofia.

> pessoas, ter um lugar onde se sinta bem; é um lugar onde sua autoestima cresce bastante (Félix, 2007, p. 33).

Era o momento da nossa confraternização, não existia final de semana sem esse compromisso. Recordo quando entrava no baile The Point: havia uma rampa que nos dava uma visão da pista e, lá embaixo, muitos jovens negros, como eu, dançando e trocando ideias sobre a vida, a família, as paixões e os assuntos que diziam respeito ao nosso bairro. Vivíamos momentos de muitas urgências e questionamentos e, através das músicas, aliviávamos as demandas e planejávamos novos passos.

Contava com pouco mais de 17 anos, quando tive a aprovação em um concurso público. Essa nova realidade me foi apresentada como o início de uma grande oportunidade de vida. Estava seguindo o caminho de grande parte da minha família, a maioria, servidores públicos. Eu ouvia que o serviço público era a minha única forma de estabilidade financeira e de conseguir uma aposentadoria. Aos 18 anos, quando assumi meu cargo público na área operacional de atendimento ao público, passei a realizar, também, algumas tarefas administrativas. Isso chamou a atenção da minha chefia e, após oito meses, fui transferida para o setor administrativo.

Estava saindo de uma função organizada por turnos de revezamento e plantões aos finais de semana e feriados para um horário comercial de segunda a sexta-feira e isso me deixou bem motivada. O ambiente dessa empresa era composto majoritariamente por homens e logo também fui percebendo situações que não diziam respeito à minha função, mas que se relacionavam com meu corpo e origem. Foi um momento de cuidado e atenção, mesmo não sabendo direito o que aquela situação significava. Depois, descobrir que o nome era assédio e aquilo era um crime.

Esse novo emprego, com um melhor salário e a tão sonhada “estabilidade”, se mostrava como a oportunidade que precisava para mudar as condições e dificuldades dentro de casa e na vida. Queria melhorar a estrutura da casa em que vivia. Além de pequena, ela já mostrava grandes rachaduras. Eu queria fazer mais um quarto para ter conforto e privacidade, organizar minhas coisas. Precisava de ajuda nessa mudança, o que não veio. Fui percebendo que pouca coisa mudaria e que sozinha não teria como colocar em prática essa vontade. Precisava decidir se ficava em casa ou se saía e tentava uma outra sorte. Morar sozinha era uma ideia

antiga que me ocorreu desde os 15 anos, na época em que consegui o primeiro emprego. Esse desejo só foi adormecido pelas ameaças de minha mãe, de que denunciaria quem dividisse aluguel comigo, por ser menor de idade. Mas agora, com quase dezenove anos, era outra situação.

Com um ano no serviço público e sem sinais de mudança e ajuda dentro de casa, após diversas tentativas, sem sucesso, para melhorar as nossas condições, realizei a promessa de sair de casa. Minha irmã Susana quis vir junto, já que o trabalho que realizava exigia circular por toda a cidade e ela precisava ter um melhor acesso às linhas de transporte público para resolver tudo rapidamente. Essa mudança mexeu completamente com a minha vida. Agora, com 19 anos, eu era responsável pelas minhas escolhas e pela casa, dividia com minha irmã o trabalho doméstico e as contas. Nessa época, ela já estava bem envolvida com a cultura hip hop, trabalhando como produtora junto com o então Dj Natanael Valêncio, uma grande referência no movimento. Ele foi responsável por inaugurar o primeiro programa de rap/hip-hop na Rádio Imprensa FM. Eu, por diversas vezes, tive a possibilidade de acompanhar minha irmã em seus trabalhos, quando não estava ocupada com o meu ou com outras tarefas.

Dentro desse contexto, fomos construindo nossas vidas, trabalhando, estudando e estabelecendo novos laços de amizade. O serviço público me colocou em um lugar de estabilidade e, ao mesmo tempo, de prisão, o que só mais tarde viria a entender. A mudança me fez refletir e querer planejar meus próximos passos e o primeiro era voltar a estudar. Então, conversando com uma amiga, fui gestando a ideia de prestar o vestibular para o curso de letras. A escolha foi feita a partir da minha afinidade com a leitura e com os livros, que comprava e queria sempre ter mais. Além disso, ter a mesma profissão que a minha tia Lala era um sonho infantil que, conversando com outras pessoas, me tomou na juventude. Agora, este sonho estava prestes a ser realizado.

2.3 Faculdade

A faculdade de letras da PUC-SP foi um ambiente muito hostil. Vi na escolha do curso a possibilidade de me inserir em outro universo profissional e de deixar o serviço público, onde eu já havia vivenciado diversas situações de assédio que me adoeceram por um longo período. Vivi no silêncio da vergonha e exposta a situações de humilhações que jamais foram acolhidas e tratadas.

Ao mesmo tempo em que vislumbrava na faculdade a possibilidade que me levaria para outro ambiente com novas pessoas, e para um futuro trabalho naquilo que acreditava ser importante para vencer, a educação, percebia a diferença entre mim e os colegas de sala. Eu era aluna oriunda de escola pública e tinha muita dificuldade de entender o que estava sendo dito. Não reconhecia estruturas linguísticas que eram muito familiares aos meus colegas, ouvia histórias de autores que nem sonhava existirem e eram reconhecidos nomes da literatura, a maioria já morta.

Logo em minhas primeiras aulas, desejei não estar ali. Eram muitas informações e exigências e eu não tinha tido a oportunidade de estar preparada, mas não desisti. Foram vários dias e noites buscando entendimento nas leituras e nos trabalhos solicitados pelos professores. Confesso que em alguns momentos, diante de meus questionamentos em sala de aula, tive a sensação de olhares que preteriam minha presença negra, pobre e bolsista. Esse recomeço me fez ficar ainda mais reclusa. Os encontros com amigas e amigos do meu antigo bairro deram lugar aos trabalhos que precisava fazer nos finais de semanas e às responsabilidades que dividia após um dia de trabalho e estudos durante a semana.

No meu primeiro ano de faculdade recebi a notícia que iria mudar completamente o rumo de minha vida e da minha família: o assassinato da minha irmã. Foi um momento de muita dor e de poucas respostas, que não fazem sentido até hoje. Esse momento de perda me adoeceu, e também toda a família. Cada um de nós – meus irmãos, mãe, avó e primos – foi buscar uma forma de vivenciar calado esse luto opressor. Foi necessário criar forças e reforçar os cuidados médicos, a depressão ficou ainda mais pesada e se tornou um longo e significativo momento de isolamento. Cada dia um novo desafio. O trabalho, já sabia que não era o que eu queria fazer, mas seguia todos os dias em meio às lágrimas.

Recém-chegada na faculdade, sem conhecer muitas pessoas, sentava no fundo da sala e chorava. Em um desses dias, uma professora me chamou e perguntou por que estava chorando. Quando contei que era pela morte da minha irmã, ela disse que se eu não tivesse condições de parar de chorar deveria “trancar” a faculdade e voltar em outro momento. Eu não podia fazer o que ela estava propondo, pois essa suspensão no curso me faria perder a bolsa de estudos que havia acabado de conseguir, graças à informação dada por uma colega de classe, filha de um professor da faculdade. Aquelas palavras me marcaram, assim, como

alguns comportamentos ríspidos de outros professores com outros alunos negros e bolsistas que fui conhecendo no caminho.

Nesse período, me matriculava em poucas matérias, para ter um melhor aproveitamento nos estudos depois de nove horas de trabalho. Assim, cheguei em 2006 e descobri que já havia cursado mais da metade das disciplinas para a conclusão do curso. Isso me mostrava uma linha de chegada, uma referência de final: faltava pouco mais de um ano para concluir a graduação. Nesse período, também começaram a circular os comentários sobre a necessidade de um estágio para a conclusão do curso. Naquele momento, essa informação me preocupou, porque o serviço público me garantia estabilidade financeira, mesmo eu já tendo certeza da toxidade na qual estava inserida e de como isso afetava minha saúde. Então, precisaria estagiar em um lugar onde pudesse conciliar as duas atividades. Passei a procurar essa vaga através dos amigos e, pesquisando na internet, cheguei no anúncio feito pelo grupo Quilombhoje, com uma vaga para auxiliar nos processos internos que precedem a publicação dos Cadernos Negros.

No prefácio do livro *Cadernos Negros Três Décadas Ensaios, poemas e contos*, organizado pelo grupo Quilombhoje, Aline Costa traz um panorama geral de quem eram os jovens negros que foram se articulando e que tiveram a ideia de criar o grupo e organizar as publicações. Além disso, contextualiza o momento político e cultural no qual esses jovens negros estavam inseridos:

> A primeira edição dos Cadernos Negros foi lançada no ano de 1978, nosso país passava por grandes transformações naquele momento, como a revogação do Ato Institucional nº 5 (AI5), dando fim aos anos de chumbo, que se instalaram com a ditadura militar em 1964, no Brasil. O ano de 1978 foi, também, ano de eleição, e os sindicatos e movimentos estudantis viviam um período de reconstrução da luta política e de suas ideologias, além de marcar apenas noventa anos de assinatura da Lei Áurea. [...] independência de Angola e Moçambique, 1978 a ONU elege o Ano Internacional Antiapartheid, nos EUA se discutiam ações afirmativas e movimentos como os dos 'Black Panthers' e o 'Black Arts Movement', este último preconizando uma estética negra na arte. Enquanto essas diferentes questões ocorriam no mundo, no Brasil, nasciam movimentos como o MNU - Movimento Negro Unificado, formado no CECAN (Centro de Cultura e Arte Negra), lugar que acolhia a juventude negra da época para discutir e pensar ações políticas (Costa, 2008, p. 19-21).

Assim que vi o anúncio, entrei em contato e foi quando falei pela primeira vez com a escritora e coordenadora do Quilombhoje, Esmeralda Ribeiro[9]. Falamos rapidamente por telefone e marcamos um encontro presencial no escritório que ficava no bairro de Santana, zona norte da cidade.

2.4 Aquilombar

Esse primeiro contato com uma mulher negra escritora me fez sentir um grande vazio e decepção com a graduação que estava prestes a concluir. Quando Esmeralda foi me contando a história do Quilombhoje, que existia há mais de 28 anos com publicações anuais e que era uma autoria de pessoas pretas, senti o desejo de estagiar naquele lugar, mas o compromisso com o trabalho em horário comercial não me permitia essa dedicação. E tive que permanecer na função pública, que era o que me mantinha financeiramente. Então, passei a me aproximar em situações pontuais e a participar das atividades que o grupo organizava. Recebia convites para as rodas de leitura e discussões de obras com a presença dos escritores. A primeira roda de que participei foi com o livro *Graduado em marginalidade,* do escritor Sacolinha[10]. Naquele ano de 2006, me senti uma pessoa

[9] Jornalista nascida em São Paulo, em 1958, Esmeralda Ribeiro faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma 'Literatura Negra', a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de seminários e de congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação da mulher negra na literatura. Nos anos 1980, foi uma das poucas mulheres a integrar as discussões do I e do II Encontros de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros: "quero falar de 'nós' porque o tempo sempre nos deixou atrás das cortinas, camuflando-nos geralmente em serviços domésticos. Agora, o tempo é outro. É desse tempo que vou falar". (*Criação crioula*, nu elefante branco, p. 59). Em texto de 1982, Esmeralda Ribeiro já demonstrava preocupação com o "papel da escola como instrumento de transmissão e de reforço às ideias e práticas racistas", e defendia a inclusão no ensino fundamental e médio de estudos sobre a cultura e a história afro-brasileiras como forma de combater o branqueamento e os estereótipos racistas. A autora citava como exemplo as experiências bem-sucedidas realizadas pelo Centro de Cultura Negra, do Maranhão, e pelo Núcleo Cultural Afro-brasileiro, da Bahia. Por ocasião do centenário da Abolição, Esmeralda Ribeiro publicou o volume de contos *Malungos e Milongas*, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante que denuncia a discriminação dos irmãos de cor no contexto da sociedade "cordial" instalada nos trópicos. No momento, é responsável pela direção do Quilombhoje e pela coordenação editorial da série Cadernos Negros, atualmente no quadragésimo ano de existência. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior (Literafro, 2024b).

[10] Ademiro Alves de Sousa nasceu na cidade de São Paulo no dia 9 de agosto de 1983. Antes de iniciar sua trajetória literária, Sacolinha – pseudônimo do escritor – distribuiu panfletos nos faróis das avenidas em Itaquera e trabalhou como cobrador de ônibus urbano. Em 2002, após concluir o ensino médio, muda-se com sua mãe e seus dois irmãos para a cidade de Suzano-SP. Ali inicia sua atuação em movimentos sociais, passa a coordenar um programa de Rap numa rádio comunitária e cria o Projeto Cultural Literatura no Brasil. Ainda vivendo em Suzano, recebe prêmios e participa de

importante com o convite para comprar o livro e participar da roda de leitura. Em outros momentos, ajudava em algo que precisassem eventualmente, como organizar a mesa expositora dos livros que são vendidos, até hoje, em eventos do Movimento Negro. Essa participação foi acontecendo devagarzinho, fui observado o ambiente, as pessoas e tudo que girava em torno da literatura preta brasileira, que o Quilombhoje organizava e publicava.

Outro evento que me deixou bastante surpresa e emocionada foi um Seminário organizado pelo Quilombhoje sobre literatura preta. Na mesa de debates, composta por escritoras e escritores negros, me chamou a atenção a apresentação da escritora Miriam Alves, que também fazia parte do grupo desde sua formação. Antes de iniciar sua fala, Miriam se levantou, foi para a frente da mesa e puxou o canto ritmado com palmas: “Canta pra assentar o axé. Iou! Iou! Canta pra assentar o axé!...”[11]. O corpo da escritora seguia o ritmo do canto e as palmas. Eu, na plateia, só me fiz admirar e sentir dentro do peito que ali naquele lugar havia muitas imagens, sons e pessoas que me conectavam com questões, até então, nunca refletidas durante todos aqueles anos da graduação.

O convite para ser avaliadora dos Cadernos Negros chegou pouco tempo depois e me rendeu grandes aprendizados. Tive acesso a uma literatura brasileira que não foi ensinada na escola e, surpreendentemente, nem na universidade. E quanto mais eu lia e me aproximava, mais ia me encontrando nas histórias, memórias, lutas, sentimentos e informações sobre o meu povo. Esse contato com escritoras e escritores também foi me trazendo sugestões de lugares onde a palavra era celebrada: os saraus. Nessas interações, o escritor e poeta Akins Kintê me apresentou o Sarau da Cooperifa[12].

---

coletâneas, além de antologias e periódicos. Termina a produção do seu primeiro livro e assume a presidência do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Sociocultural Negro Sim. Em agosto de 2005 lança seu primeiro livro, o romance Graduado em marginalidade, pela Editora Scortecci, e passa a vendê-lo nas noites de São Paulo. Nesse romance, o personagem enfrenta várias perdas: do pai, da mãe e de amigos para o crime e a corrupção policial. Na trama, o personagem se recusa a viver com o rancor dessas perdas, despertado a partir de sua revolta ao passar pelo sistema carcerário. O livro foi indicado ao Prêmio Jabuti na categoria de melhor romance de 2005. Sacolinha faz um trabalho incrível com a literatura em escolas e outros espaços públicos da nossa cidade e em outros estados. Tive a oportunidade de levar seu trabalho para as escolas em que era professora e suas apresentações sempre fizeram toda diferença, pois os alunos se reconhecem nas falas do escritor. Para saber mais, ver: Literafro (2018).

[11]No candomblé, “assentar” é “plantar o axé”, ou tornar o chão do terreiro um território sagrado, vivo, extensão direta de todos os membros da comunidade, de onde o axé vem em forma de força e para onde o axé vai em forma de sacrifício.

[12] O Sarau da Cooperifa nasceu no final de 2000, por iniciativa dos poetas periféricos Sérgio Vaz e Marcos Pezão no bairro do Campo Limpo, Zona Sul de São Paulo. Rapidamente o Sarau da

Logo na chegada, fiquei impressionada com o número de pessoas na rua, próximas de um bar muito grande, que tomava uma esquina, com mesas e cadeiras em frente a uma área com microfone. Era o palco. Na outra área, dividida por uma parede perto de uma geladeira cheia de bebidas, uma estufa com diversos salgados e, mais ao lado, uma estante cheia de livros de autores que, depois descobri, estavam ali circulando entre os presentes.

Entre uma récita e outra, nos intervalos, havia pessoas circulando no ambiente, indo até as mesas, distribuindo sorrisos e muitos abraços. Voltei muito feliz para casa e com a intenção de cumprir, rapidamente, a promessa que havia feito à escritora e organizadora do Sarau Elo da Corrente, Raquel Almeida, que eu havia conhecido em um evento do Quilombhoje, de conhecer o sarau que ela organizava, em Pirituba, mesmo bairro em que eu já morava.

No dia 24 de janeiro de 2008, conheci o Sarau Elo da Corrente, na noite de lançamento do livreto de cordel do senhor João do Nascimento, morador da região e participante do Coletivo Literário Elo da Corrente, responsável pela organização do sarau e pelas publicações dos participantes. Aquela noite foi mágica em todos os sentidos, pois me reconheci dentro do espaço decorado com os livretos de cordel que estavam sendo lançados, com o sorriso acolhedor do dono do bar e organizador do sarau, Claudio Santista; me senti confortável com o abraço da Soninha, com o sorriso espontâneo, escutando as poesias, do senhor Zé Correia, com o apertar de mãos sincero do Michel Yakini e com a palavra na voz da Raquel Almeida. Senti que fui acolhida pela simplicidade das palavras que invadiam aquele ambiente e pelas pessoas que ali estavam e que, nessa roda em que chamo de vida, continuo a conhecer, como no caso do encontro posterior com o artista plástico Vado Pimenta.

O coletivo era composto por homens de diferentes gerações e Raquel era a única mulher negra que fazia parte. Além disso, o encontro com o Coletivo Literário Elo da Corrente me mostrou um modo de cuidar da palavra que envolvia o compromisso com a ação. Isso me chamou a atenção e me agradou, ao ponto de voltar outras vezes e ir percebendo, aos poucos, como eram organizados os saraus, os eventos culturais, as publicações... Eu fui me envolvendo e me aproximando dos

---

Cooperifa tornou-se um dos principais focos de divulgação da literatura periférica, reunindo artistas dos vários extremos da metrópole. Além dos encontros semanais, a Cooperifa passou a organizar as mostras culturais “Semana de Arte Moderna da Periferia”, com apresentações de teatro, dança, artes plásticas e literatura. O Sarau da Cooperifa já foi tema de vários estudos acadêmicos. Dentre eles, um dos mais relevantes é a tese de doutorado de Érica Peçanha do Nascimento “É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana”, pela USP, 2012.

organizadores, Raquel e Michel, com muita vontade de aprender e participar. Nesse período, eu já havia descoberto, através de uma amiga, a existência de um núcleo de estudos na PUC que tratava das questões raciais e passei a participar como ouvinte, já com a intenção de que, em 2008, pudesse participar do processo seletivo para o mestrado.

As coisas não iam bem com a saúde. O diagnóstico de uma doença crônica depressiva já havia sido dado por médicos que nunca quiseram nem saber da minha história. E eu, naquele momento, acreditava que a medicação seria a minha única saída. Ao mesmo tempo, havia encontrado lugares que eu entendia como seguros para me ajudar a compreender minha própria história e minhas dores. Sair do serviço público era uma loucura, mesmo sabendo que aquele ambiente me causava esse desarranjo psíquico. Só consegui olhar para frente naquele momento, e decidir dar continuidade aos estudos para tentar uma nova possibilidade de sobrevivência.

2.5 Novos horizontes

Assim, no final de 2007, comecei a participar como ouvinte do núcleo de estudos Relações Raciais: memória, identidade e imaginário. E com a aprovação no mestrado, em 2008, me tornei aluna regular do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, sob orientação da professora Teresinha Bernardo[13].

O projeto inicialmente aprovado trazia em seu recorte a dificuldade de ascensão social das pessoas negras via atividade profissional. Era um tema que me atravessava naquele momento, dada a experiência violenta dentro do ambiente de trabalho. Eu tinha o desejo de trazer a experiência que vinha tendo dentro do serviço público. O núcleo e as descobertas que iam se revelando nos encontros me deixavam à vontade para compartilhar as experiências negativas. Percebi também que tudo o que me acontecia tinha um nome, era comprovado através de pesquisas. Aquele era o lugar para debatermos e enfrentarmos o racismo presente em nossa sociedade.

Foi um momento muito importante em minha trajetória, pude ter contato com pessoas de diferentes regiões do Brasil que, em seus estudos, conceituavam e

[13] Teresinha Bernardo é professora livre-docente em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi coordenadora do grupo de pesquisa sobre Relações Raciais: memória, identidade e imaginário, fundado em 1990, que deu origem ao Observatório do Racismo.

traziam dados oficiais sobre as condições da população negra no país. Enquanto isso, ia também reconhecendo nas leituras e interações com as escritoras e escritores de quem havia me aproximado essas lutas escritas e organizadas em poemas, contos e romances. Tudo isso foi despertando ainda mais o desejo de me aprofundar no tema: era uma grande descoberta e dentro da minha área de formação.

Minha primeira aula mais marcante como aluna regular foi ministrada pela professora Teresinha e tive um profundo impacto quando fizemos a leitura do prefácio do livro Tornar-se Negro, da escritora Neuza Santos[14]. O prefácio, de Jurandir Freire[15], intitulado *Da cor ao corpo: a violência do racismo sobre o corpo e psiquê das pessoas negras*, me fez perceber o quanto havia vivenciado e sentido esses efeitos em minhas relações, em meu corpo e em minha mente.

Aquele território negro dentro do espaço universitário até então me era desconhecido. Na graduação, estudava em um anexo do outro lado da rua da universidade, apelidado de “Cingapura”. Mais tarde fui entender que o apelido tinha a ver com a origem da maioria dos estudantes que cursavam licenciaturas. Nós ficávamos esquecidos dentro da gigantesca estrutura universitária que, agora, eu acessava por outras vias.

E, para chegar nas aulas e reuniões do núcleo, passei a ocupar outros espaços e conhecer também outras alunas negras dentro da universidade. Foi a época em que conheci a Bergman de Paula, a Jaqueline Santos, a Lúcia Udemezue. Elas me conectaram a outras mulheres negras, outros ambientes e atividades e me abriram questões de maior entendimento e criticidade na postura, nas escolhas e nas possibilidades de estudos. Nessa época, também, passei a visitar terreiros de candomblés e conhecer mais de perto pai Obaluaê, inkice[16], por quem a professora

---

[14] Neusa Santos Souza (1951–2008), Mulher negra, de candomblé. Psiquiatra e psicanalista nascida na Bahia e radicada no Rio de Janeiro. Sua dissertação de mestrado “Tornar-se Negro”, depois publicada em livro, tornou-se uma das primeiras referências nos estudos de relações raciais com reflexões sobre o custo emocional da negação da própria cultura e do próprio corpo. Para mais informações, ver entrevista em Souza (2008)

[15] Graduado em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco, é professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e colaborador do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Psiquiatria, atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, subjetividade, Winnicott, corpo e mente. Recentemente, tem se dedicado a temas como autismo e narrativa em primeira pessoa, déficit patológico e diversidade identitária (Pepas, 2011).

[16] Inkices são divindades ou espíritos ancestrais que possuem poderes e influência sobre diferentes aspectos da vida humana. O culto aos Inkices é uma prática religiosa tradicional africana que tem

Teresinha nutria grande devoção e respeito. Pude participar de várias festas em quilombos, como o Quilombo de São José, em Valença, no Rio de Janeiro[17]. Este foi o primeiro que visitei e me emocionei com toda música, com as pessoas e as comidas daquela grande festa, que me traziam a lembrança de um quintal muito distante, perdido na infância, e que eu acabava de reencontrar, mesmo sendo a primeira vez que estava ali.

A literatura, o núcleo de estudos, os saraus e as novas amizades eram os territórios com que eu me identificava e onde acolhiam minhas dores, apontavam caminhos de discussões e práticas. Decidi mudar a proposta do projeto aprovado e escolhi trabalhar, a partir da literatura, todas as questões que indagava naquele momento. Foi na banca de qualificação, com a professora Vera Lúcia Benedito[18], que surgiu essa possibilidade com maior embasamento. Além de trazer várias referências e informações sobre o movimento de Literatura Preta Brasileira, a pesquisadora também afirmou que desconhecia outras pesquisas na área que fizessem o recorte racial nos movimentos dos saraus na cidade. E, naquele momento, me incentivou muito a avançar o trabalho. Inclusive, compartilhou comigo um roteiro de construção que divido até hoje com pessoas que me procuram para pedir ajuda em trabalhos de conclusão de curso.

Devidamente qualificada, e com a definição do que me movia e do que eu queria pesquisar, passei a investigar esse campo com várias questões que ainda se desenhavam em minha cabeça. Decidi me aprofundar e seguir a linha traçada na qualificação, pensando em contribuir com uma mudança que saísse do individual e fosse para o coletivo, a comunidade toda, uma luta. O Sarau Elo da Corrente também passou a ser meu lugar de fortalecimento e, a cada visita, ia descobrindo um novo mundo de possibilidades na palavra escrita e compartilhada nas apresentações dos saraus.

O sarau do Elo passou a ser minha escola semanal, assim como o núcleo de estudos. Com a proximidade da Raquel e do Michel, aos poucos, o que era somente uma observação participante se tornou uma atividade que me preenchia e dava

---

suas raízes na região do Congo e de Angola, sendo uma das principais manifestações religiosas das comunidades afro-brasileiras.

[17] Essa viagem foi organizada pela cantora e educadora musical Aline Mareá, que se tornou uma amiga muito importante nessa aproximação com a cultura popular e os terreiros.

[18] Vera Lúcia Benedito é professora de ensino superior, na área de sociologia, e no ensino público municipal de São Paulo, na área de língua inglesa. Possui mestrado e doutorado em sociologia/estudos urbanos pela Michigan State University (EUA).

prazer. Organizei, junto ao núcleo, um encontro com o Coletivo Literário Elo da Corrente, pois queria compartilhar com o grupo de estudos – que desconhecia a existência daquele trabalho – o que eu havia descoberto e entendia ser de extrema importância. Era muita coisa que estava sendo feita na periferia e acreditava que a aproximação com a universidade poderia fortalecer ainda mais as nossas vozes. Mas com o passar do tempo, e me relacionando com as diferentes pessoas que circulavam no sarau, percebi que a minha atuação e minhas escolhas, entre elas a de estar na universidade, haviam me afastado de várias realidades, principalmente no que dizia respeito ao meu discurso.

Foi no sarau que percebi a diferença entre os discursos usados nos espaços de construção de saberes negros e na academia. Eu já havia incorporado o discurso acadêmico quando, ao me referir a nós, pessoas negras, eu dizia “eles”. Por sua vez, no sarau do Elo aprendi o significado de dizer “nós, negros”. Fui me construindo nesse ambiente, observando, auxiliando e tendo a oportunidade de estar em contato com as letras vivas que ocupavam as linhas e ações. Nesse espaço, fui me refazendo, aprendendo a me posicionar, a questionar e, também, a observar e viver as relações com pessoas que me fizeram crescer e amadurecer nessa trajetória.

As disciplinas da pós-graduação foram todas cumpridas, concluí a escrita da dissertação, mesmo diante de todas as dificuldades de entendimento com a nova área, estava sendo escrito. No entanto, quando chegou na metade do curso, fui surpreendida com a cobrança de um resíduo das parcelas da bolsa de estudos que havia cursado na graduação. Tentei negociar com a universidade, era um período em que estava afastada do trabalho e não tinha condições de fazer o pagamento à vista, mas a proposta que fiz dentro das minhas condições financeiras naquele momento não foi aceita. Foram inúmeras tentativas de acordo com a universidade, que não flexibilizava o diálogo, causando, inclusive, desavenças no meu núcleo familiar, já que uma prima havia sido minha avalista para conseguir a bolsa de estudos.

Nesse meio tempo, também a situação com meu irmão, Renê, já estava desalinhada. Depois da morte da minha irmã, cada um de nós viveu o luto de uma forma diferente e meu irmão foi buscar alento nas drogas. Nesse período, ele teve sua prisão decretada, quando estava fazendo uso de substâncias com outras pessoas. Era um novo caos instaurado na família... O que me mantinha com

esperança eram os espaços do núcleo e do sarau para compartilhar as dores e me restabelecer.

Nesse momento, em que já estava quase para finalizar o mestrado, consegui escrever a dissertação em meio a toda essa confusão que a vida me trazia. Acabei atrasando a entrega e, por conta da pendência com a universidade, recebi a orientação para fazer uma nova matrícula para depositar o trabalho e fazer a defesa. Busquei ajuda entre as pessoas que estavam próximas e consegui o dinheiro para fazer a matrícula. Aliviada por ter realizado o pagamento, chego na universidade e sou informada de que minha matrícula não havia sido efetivada pois havia a pendência do pagamento residual da graduação.

Foram essas vulnerabilidades que me impediram de concluir um curso que já estava praticamente terminado. Da negativa em receberem o meu trabalho às minhas tentativas de validar uma matrícula que já havia sido paga, do silêncio dos colegas, da orientadora e de todo aquele universo acadêmico que acreditava também ser meu espaço de fortalecimento, só consegui me sentir derrotada, envergonhada e enganada. Ter dedicado todos aqueles anos aos estudos, ter descoberto um caminho de entendimento que validava minhas impressões, mas que não poderia ser explorado naquele espaço, pois havia um limite. Isso era o que me colocava para fora dali, mesmo que se reconhecesse, em teoria, toda a perversidade da história e da realidade na qual eu estava inserida.

Nessa época, já estava mais integrada ao Coletivo Literário Elo da Corrente e foi com o acolhimento dessas pessoas que passei a participar com maior frequência dos saraus, de encontros culturais em espaços independentes. E também de intervenções que questionavam essas relações permeadas por vulnerabilidades, não no sentido amplo da palavra, que não demarca o que isso significa, mas falando, através da poesia, especificamente o nome dessas coisas: racismo, violência, abandono, prisão, morte, falta de oportunidades.

Essas palavras me retratavam, me contemplavam e me despertaram para não só um olhar, mas para vontade de saber e de praticar. Foi um momento de repensar a história até ali e entender que existiam escolhas que as estruturas das instituições de nossa sociedade jamais iriam compreender. Eu era só mais um número, uma matrícula, e não uma aluna que deixou de cumprir um prazo institucional por estar passando por várias questões de saúde (comprovadas por relatórios e por qualquer pessoa que tivesse proximidade comigo).

Há quem diga que a culpa foi minha por esse processo não ter sido finalizado, mas o ganho de causa no processo de cobrança indevida e todos os transtornos não me permitiram concluir aquele projeto, já era outro tempo... Hoje, em minhas reflexões sobre todo esse processo, além do sentimento de abandono, eu me lembro das últimas conversas com minha irmã, Susana, um pouco antes dela morrer. Ao compartilhar com ela minha aprovação no vestibular, ela me disse: “Enquanto você estuda na faculdade, eu estudo na rua. A rua é minha escola!”. A universidade não validou minha continuidade. Por outro lado, eu já havia sido aprovada em um novo vestibular, na universidade do *Movimento Negro Educador.* E já tinha iniciado as aulas.

E, assim, me entreguei nessa faculdade, que é para a vida cotidiana, nas periferias e seu dia a dia. Fui ampliando minha rede de pessoas e conhecendo espaços de arte e cultura negra, me aprofundando nas relações com outras iniciativas que estavam mais próximas, visitando outros saraus, espaços culturais independentes, coletivos de mulheres, como as Capulanas Cia de Artes Negras, principalmente de mulheres negras que se tornaram grandes aliadas nessa travessia.

Mãe África

Raquel Almeida[19]

Quando meus pés cansarem
E a minha voz embargar
Chora mãe África, chora,
Já estou chegando lá

Se todos me abandonarem
Desistindo de caminhar
Coragem, mãe África, coragem,
Força você me dará

E se algum de nós
Com o inimigo se juntar
Chora, mãe África, chora,
É mais um filho que irás deserdar

Se mais uma vez
Aquele portão de ferro se fechar
Peço força, mãe África, força,
É mais um irmão que o sistema vai trancar

Quando mais uma noite fria
Um dos teus filhos passar
Confia, mãe África, confia,
No próximo inverno ele não estará mais lá

E quando a nossa nação
Der as mãos e parar de duvidar
Alegre-se, mãe África, alegre-se,
Nossa bandeira irá se levantar.

(Almeida, 2007)

[19] Raquel Almeida, mulher negra, escritora, ativista, fundadora do Coletivo Literário Elo da Corrente e do Sarau Literário Elo da Corrente, Cofundadora do Coletivo Cultural Esperança Garcia. Maiores informações, ver perfil na rede social Instragram: @Rakaalmeida. Disponível em: https://www.instagram.com/rakaalmeida/. Acesso em: 20 abr. 2024.

3 COLETIVOS E ANCESTRALIDADE

3.1 Elo da Corrente

O Coletivo Literário Elo da Corrente[20], na figura dos seus fundadores, Raquel Almeida e Michel da Silva[21], foi um dos espaços mais importantes para a minha trajetória enquanto mulher negra e arte-educadora. A chegada no sarau, em 2008, a aproximação com mulheres negras escritoras, atrizes, produtoras, pesquisadoras, despertaram e fortaleceram meu olhar para uma existência teórica, artística e cultural fora do universo acadêmico. As conversas com Michel e, principalmente, com Raquel, que já havia me conquistado com a sua presença, coragem e escritos, não me deixaram dúvidas do novo caminho que eu queria percorrer. Fui conhecendo aos poucos sua história com o rap e com a literatura. Tudo isso me chamou a atenção e despertou minha admiração. Raquel conta[22]:

> Eu sou moradora de Pirituba, quer dizer, não sou mais moradora de Pirituba, mas cresci e nasci em Pirituba, ali na região do CEU[23] Vila Atlântica, não sei se vocês conhecem ali… é uma divisa com o Jaraguá, já. E, aí, eu tinha, na minha adolescência, uma aproximação muito forte com o rap, com o hip hop, eu cantava no grupo de rap com meu primo, fazia backing vocal. Essa coisa de ter saído da igreja, de ter cantado na igreja, e fui cantar no grupo de rap. Aí, o rap me possibilitou entender várias questões, questões raciais, inclusive questões de gênero, e eu comecei a escrever muito a respeito, sobre as questões sociais, do meu bairro, de onde eu vivia (Almeida, 2021).

Minhas referências eram muito parecidas. A dificuldade em imaginar um contato com escritores ou a desvalorização dos registros que eu também guardava

---

[20] Para maiores informações ver perfil da rede social Instagram: @sarauelodacorrente2007. Disponível em: https://www.instagram.com/sarauelodacorrente2007/. Acesso em 20 abr. 2024. Ver também aba “Quem Somos” no blog do coletivo (Almeida; Yakini 2007).

[21] Michel Yakini-Iman é escritor, arte-educador e produtor cultural. Autor de Acorde um verso (poesia, 2012), Crônicas de um peladeiro (crônicas, 2014), Na medula do verbo (crônicas, 2021), Futebol não é coisa de menino (prosa, 2023) e do romance Amanhã quero ser vento (2018). Faz parte do Coletivo Literário Sarau Elo Corrente. Formado em Pedagogia, é mestre e doutorando em Educação pela UFSCar, campus de Sorocaba.

[22] As falas das convidadas que compõem essa tese foram transcritas a partir dos Encontros LiteraViva, realizados no ano de 2021, de modo remoto. Foram 10 encontros com mulheres que fazem e fizeram parte do Coletivo Cultural Esperança Garcia, e com pessoas que, de alguma forma, têm ou tiveram ligação com o nosso trabalho. Todas as gravações podem ser acessadas na íntegra no link: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em 13 mar. 2025.

[23] CEU – Centro Educacional Unificado é um equipamento educacional criado pela Prefeitura de São Paulo na gestão de Marta Suplicy (2001-2004). Para maiores informações consultar website do CEU. Disponível em: https://ceu.sme.prefeitura.sp.gov.br/sobre/. Acesso em: 22 abr. 2024

dentro de muitos cadernos esquecidos no canto do armário. E também as lembranças dos escritos perdidos desde os tempos da adolescência e que acreditava serem meras bobagens. Tudo isso foi sendo ressignificado nesse encontro com as palavras da Raquel:

> Mas escrevia assim: num papelzinho, num caderninho, sem muita pretensão, porque, pra mim, escrever, publicar um livro, me assumir enquanto poeta, escritora, pra mim, na minha adolescência, tava muito longe de mim. Eu via os escritores num patamar muito elevado: "Ah, publicar um livro é uma coisa muito importante e eu nunca vou conseguir chegar", porque eu não conhecia ninguém próximo que tinha publicado um livro, até então. Mas durante essa minha transição com o rap, eu conheci pessoas que já tinham uma caminhada com a literatura, né? (Almeida, 2021)

O sentimento que esse encontro me traz é o mesmo, imagino, que uma criança tem quando descobre algo no quintal de casa. Ela se aproxima, olha, tenta pegar, encolhe as mãos, se afasta assustada, volta, pega, tenta abrir, não entende direito os encaixes, fica confusa, coloca no lugar, observa e, quando compreende a estrutura, pega de novo e brinca! Acredito que foi assim minha trajetória até chegar aqui, em 2009 no auge dos meus 33 anos: muitas coisas me eram desconhecidas.

Escolhi aprender a fazer essa gira rodar com as pessoas que estavam presentes nessa caminhada, com a Raquel e o Michel, por ver o amor, dedicação e cuidado deles com as palavras, a militância e a forma com que se desdobravam para promover, organizar e realizar todas as ações a que se propunham. Ações que afetam muitas pessoas. Esse trabalho, além dos saraus no bar, também se materializava em outros espaços, como escolas, bibliotecas, espaços independentes, que fui conhecendo ao me integrar ao grupo.

Raquel relembra o seu percurso com a literatura, as andanças, articulações com o movimento da cidade e o início da organização do sarau Elo da Corrente:

> Por que eu coloquei isso? Movimentações na cidade de São Paulo, em 2007… isso aqui é 2007, mas já começou desde os anos 2000, do começo, já tinha algumas manifestações literárias voltadas à periferia. Eu comecei, eu passei a conhecer, em 2006.
> O blog do Sarau Elo da Corrente, a gente colocou no ar em 2007, porque a gente já tava com a intenção de fazer o sarau. Esse cara aqui é o Alessandro Buzo[24], que tinha uma loja lá no Itaim Paulista. E a gente ia lá pra Zona Leste, pra conversar com ele sobre literatura.

[24] Para maiores informações, consultar conta na rede social Instagram: @alessandrobuzzo. Disponível em: https://www.instagram.com/alessandrobuzo/. Acesso em: 23 abr. 2024.

> Esse é o Michel, ele é organizador do sarau também, ele que fundou o sarau, junto comigo. E aí, aqui, os eventos foram acontecendo, antes do sarau [segue mostrando as imagens]. Aqui, é um evento com a comunidade carcerária, foi lá em Curitiba, falando sobre as condições da população que sofre cárcere e falando das periferias de São Paulo. Aqui, foi o primeiro dia do Sarau Elo da Corrente, 14 de junho, e a gente tirou os litros daqui, das prateleiras onde colocavam as bebidas e tal, e a gente colocou tudo livro. E esses livros eram sempre de referência racial. Então, aqui, a gente tem Malcom X, a gente tem o livro do Martin Luther King, a gente tem o Allan da Rosa[25], o Buzo, os Cadernos Negros[26]… e esses aqui embaixo são os livros que o Michel tava lançando no dia do encontro.
> E aí, lançamento do livro… essas aí são duas senhoras que frequentavam o sarau. Esse aqui é o grupo de rap que eu participava, e eu aqui, bem novinha (risos). E daí em diante, começa a minha caminhada na literatura, com o Sarau Elo da Corrente (Almeida, 2021).

Raquel lembra também de sua trajetória com as letras e sua maior referência, a avó. Dona Adélia, mulher negra, pobre e uma das maiores estrategistas na luta, na sobrevivência e nos cuidados com a família que constituiu. Tive o prazer de conhecê-la e apreciar o feijão com farinha. Conheci também as irmãs, irmãos e sobrinhos e a ex-professora de Raquel. Todos foram apreciar o lançamento do novo volume dos Cadernos Negros, que trazia em seu conteúdo sua primeira publicação em livro. Raquel prossegue:

> [...] essa foto, essa lembrança, é pra dizer dos Cadernos Negros, que foi a minha primeira publicação. aqui foi o lançamento. Essa mulher aqui foi minha professora de história no ensino médio e quando ela soube que eu ia sair nos Cadernos Negros, fez questão de me acompanhar no lançamento. A professora Marisa, ela já faleceu... E aqui embaixo é minha vó, que eu fiz questão de levar no lançamento. E aqui é minha família: meu irmão, minha prima e minha tia, que foi comigo no lançamento desse livro.
> Ó minha vó aqui… Eu vou falar da minha vó, eu preparei isso pra falar da minha vó… a minha vó, ela foi uma mulher baiana, ela morreu agora, no começo desse ano, em janeiro. Com 100 anos. E a minha vó foi a maior referência feminina pra mim, não vou falar de luta, de feminismo, porque a minha vó era uma mulher muito simples, mas ela foi uma referência de inteligência, de perspicácia, de sobrevivência, e a minha vó, ela não aprendeu a ler e escrever, mas, pra mim, ela era a mulher mais inteligente, mais culta que existiu, sabe? Então, quando eu publiquei no Cadernos Negros, esse livro aqui (mostra o livro), eu quis levar ela no lançamento como forma de gratidão mesmo, por tudo que ela fez pra mim, enquanto mulher (Almeida, 2021).

[25] Para maiores informações, consultar conta na rede social Instagram: @darosallan. Disponível em: https://www.instagram.com/darosaallan/. Acesso em: 23 abr. 2024.

[26] A esse respeito, ver “Cadernos Negros 45 anos” no website Quilombhoje Literatura. Disponível em: https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/. Acesso em: 23 abr. 2024.

O blog[27] foi importante canal de comunicação para os grupos que estavam nessa cena cultural. Um importante e valioso arquivo de memórias digitais onde podem ser encontradas muitas informações sobre o trabalho do Elo: escritos dos participantes do sarau e de outros lugares, indicação de leituras, eventos de que o grupo participava, imagens e reflexões de pós-eventos. Raquel diz que seu grupo de rap também utilizava esse suporte para o registro das ações:

> Aqui é o grupo de rap que eu participava, só com os três integrantes da época, porque os outros tinham saído do grupo e tal. Eu acho que foi uma das últimas apresentações que eu fiz, isso foi em 2006. Uma coisa também que a gente usava, e foi uma proposta minha, nesse blog, foi homenagear pessoas negras. Aí, a gente tava em novembro de 2017 e eu comecei a colocar fotos de personalidades negras… aí tá a D. Raquel Trindade, Carolina Maria de Jesus… existia muitas homenagens voltadas às pessoas negras, mas, na sua maioria, eram homens (Almeida, 2021).

Neste trabalho, bebo muito dessa fonte. O blog do Elo é um dos mais completos diários de atuação que tive acesso até o momento. Bebo dessa fonte em muitas partes desta pesquisa, e também das minhas próprias memórias para reviver e escreviver as boas lembranças. Raquel fala desse suporte como fonte de pesquisa:

> Esse blog, a gente usava pra publicar alguns textos, porque em 2007 o que funcionava era blog, não tinha Facebook[28], não tinha Instagram, não tinha outra rede social, era o blog. Pode ver que aqui do lado tem um monte de blog de escritores, de coletivos literários, que a gente seguia. E é bom, porque aqui vira um documento pra mim. Hoje em dia, quando eu quero pesquisar alguma coisa, como agora, do sarau, eu vou no blog. Então, esse blog, a gente usava pra publicar nossos textos, né? Tinha muitas publicações e tal… Essa foto eu escolhi porque eu tô lendo aqui um livro, que é o "Punga", o livro da Elizandra Souza[29] com o Akins Kintê[30], que é pra ilustrar isso, né? O nosso público eram esses senhores, que vocês estão vendo aqui na foto de baixo (Almeida, 2021)

Encontrar mulheres escritoras e textos produzidos por mulheres negras foi uma das descobertas mais fortalecedoras em minha trajetória. Já lia desordenadamente muitas autoras presentes nas escolas, em livros emprestados

---

[27] Blog é uma espécie de diário digital, onde são registrados textos, imagens, espaço tecnológico que ganhou muita visibilidade nos anos 2000, principalmente dentro dos coletivos culturais.

[28] O Facebook foi criado em 2004, mas só se chega ao Brasil em 2008, quando já havia se consolidado em outros países.

[29] Sobre Elizandra Souza, ver perfil do Instagram: @elizandra_mjiba. Disponível em: https://www.instagram.com/elizandra_mjiba/. Acesso em: 23 abr. 2024.

[30] Mais informações no perfil do Instagram: @akinskinte. Disponível em: https://www.instagram.com/akinskinte/ . Acesso em: 10 abr. 2024.

por amigas. Quando entrei na graduação, simpatizei com os escritos de Clarice Lispector. Achava bonitas e corajosas suas provocações, mas me percebia tão distante... Então, quando tenho meu primeiro contato com os textos de Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves, foi como se tivesse aberto um portal das palavras escritas para mim e para as minhas, e evidenciando questões que “aprendi” que não deveriam ser escritas. Essa caminhada me mostrava que existiam muitas escritoras negras que não só escreviam, mas também recitavam e falavam sobre isso em diferentes espaços. E eu fiquei empolgada para buscar e saber mais, assim como Raquel:

> E, aí, eu lia os livros de literatura periférica, livros que tinham mulheres dentro desses livros, porque era a minha referência, eu queria falar de mulheres, já desde esse começo (Almeida, 2021).

As experiências e vivências que tive durante minha aproximação ao Coletivo do Elo foram registradas na dissertação de mestrado escrita no ano de 2008, que, em momento oportuno, será compartilhada em formato de livro.

Sigo aqui, fazendo escolhas bem difíceis para elencar ações em que participei e que foram significativas nesse processo e que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal, racial e coletivo. Escolhas que me mostraram caminhos, posturas, discursos e práticas que adotei e me trouxeram até aqui. A educação e prática afrocentrada, que aprendi fora do ambiente escolar, me estimularam a pensar, elaborar e criar estratégias e trabalhos que pensam não só no Eu enquanto mulher negra, mas em toda a coletividade da qual faço parte. E na realidade que as minhas e os meus pares vivenciam cotidianamente em um país racista e tão desigual como o Brasil.

O ano de 2008 foi o da descoberta, da chegança e do despertar de uma profunda curiosidade e da necessidade de saber mais sobre a literatura afro-brasileira. Essa trajetória, iniciada com a aproximação do Quilombhoje, foi se enraizando pela terra fértil que se abria pelos meus caminhos. Na chegada ao Sarau do Elo da Corrente, no lançamento do livreto de cordel do senhor João do Nascimento[31], tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas. Dentre elas, o anfitrião e dono do bar, Claudio Santista; a Soninha M.A.Z.O, que estava em

[31] Mais informações sobre o escritor, ver perfil Facebook: @: João Do Nascimento Santos Nascimento. Disponível em: https://www.facebook.com/joaodonascimentosantos.nascimento. Acesso em: 12 mar. 2024.

processo de organização do seu primeiro livro. Depois, fiquei sabendo que ela tinha um salão de beleza que abrigou a biblioteca comunitária do sarau durante certo tempo, até ser instalada no bar. Raquel nos conta:

> E aqui é uma biblioteca comunitária, que é essa biblioteca que tava no começo do vídeo e a Juliana perguntou, e que hoje em dia tá lá no Bar do Santista. Mas ela começou no salão da Soninha, ela começou no salão de cabeleireiro dessa mulher aqui, da Sônia. Ela tinha um espaço lá e ela falou: "Ah, vou fazer uma biblioteca então lá no meu salão." Aí, a gente levou a biblioteca (Almeida, 2021).

No sarau, conheci o senhor Zé Correia, cabelinho branco, de bigode farto e um sorriso doce, uma das pessoas mais lindas e engraçadas que tive a oportunidade de conviver; o Divino, ator e sociólogo; o Osmar, morador do bairro e participante do sarau; a Alice, de quem, pouco tempo depois, pude participar do lançamento de um livro bonito e delicado, a partir dos seus escritos e vivências enquanto mulher negra. E, conduzindo esse grande encontro, conheci também o Michel, que foi a primeira pessoa que me estendeu a mão e me chamou para a roda. E a Raquel, que em versos fortes, já naquela noite, me despertou admiração pela coragem e firmeza nos passos que dava ao circular no espaço do bar, por uma força nas palavras, embaladas feito vento forte, e precisão em suas récitas. Foi nesse primeiro encontro também que conheci o artista plástico Vado Pimenta[32], que, após um longo desencontro de 2008 até 2019, hoje se tornou meu companheiro de travessia[33].

---

[32] Sobre Vado Pimenta, ver perfil em: Instagram: @vado.pimenta. Disponível em: https://www.instagram.com/vado.pimenta/. Acesso em: 22 mar. 2024.

[33] Parte das imagens que compõem esta tese fazem parte do blog do Coletivo Literário do Elo da Corrente (Almeida; Yakini, 2007) e do Coletivo Cultural Esperança Garcia (Coletivo […], 2019a). E estão disponíveis para consulta pública e uso com referências do local de origem. Em sua maioria, as imagens não têm autoria, mas em várias postagens dos coletivos em questão os registros foram feitos pela escritora e artista audiovisual Sonia Regina Bischain.

Imagem 5 – Xilogravura



Fonte: Silva (2008).
Legenda: Xilogravura do artista plástico Vado Pimenta para a capa do livreto de cordel “Saudades do Meu Sertão”, de João do Nascimento

Imagem 6 – Fotografia do poeta no sarau



Fonte: Silva (2008).
Legenda: Soninha M.A.Z.O e Akins Kintê[34]

[34] O ativista, poeta e escritor Akins Kintê foi muito importante em minha trajetória. Foi ele que me informou sobre a existência do Sarau do Elo da Corrente e quem me apresentou para os organizadores do sarau. Mais informações sobre o artista podem ser consultadas em sua página do Instagram.

Imagem 7 – Fotografia de participantes no Sarau



Fonte: Silva (2008).
Legenda: João do Nascimento e Vado Pimenta - Sarau Elo da Corrente

A simplicidade do lugar, o acolhimento das pessoas e a poesia foram fatores determinantes para voltar, voltar mais uma vez, outra vez, mais outra e ficar. Minha presença passou a ser semanal nesse lugar que já considerava como meu espaço de nutrição e aprendizado. A cada novidade, atividade organizada, convite para apresentações, projetos que iam sendo compartilhados pelos organizadores, eu ficava cada vez mais entusiasmada e com vontade de fazer junto. Esse processo foi ocorrendo naturalmente, sem um convite explícito, mas com o movimentar do meu corpo e, mesmo palavras inseguras foram sendo acolhidas e construídas junto com o grupo.

Tudo era novo e eu não entendia muito bem o que era estar presente em um coletivo, trazer minha opinião, argumentar, propor caminhos. Eu, vinda de uma realidade de disputas de espaços, em que, para sobreviver, principalmente dentro do serviço público – havia aprendido nesse ambiente que deveria "obedecer sem questionar", mesmo não concordando com o que era dito –, fui observando que existiam outros lugares onde era possível ter voz e opiniões contrárias às que estavam sendo colocadas. Tudo isso de forma sadia e respeitosa, encontrando melhores caminhos que fossem bons para todos. Dentro do que já havia vivenciado, foi um achado que desconstruiu tudo o que eu havia trilhado até ali, dentro das minhas próprias condições e dificuldades, da luta pela sobrevivência, do luto!

Essas construções e desconstruções foram sendo refletidas e praticadas, não de maneira tranquila, mas onde eu queria estar. E à medida que fui aprendendo o que era ser e estar dentro de um coletivo, sair do campo da individualidade e

compartilhar os desejos e sonhos que diziam respeito ao coletivo, fui me tornando mais “nós” do que “eu”, processo que não acaba nunca.

O bar do Santista não era apenas um lugar social onde se vendiam bebidas, mas o centro cultural[35] possível dentro da periferia. O local que diariamente era ocupado por copos, nas noites de saraus também recebia livros, palavras e canções.

A presença de mulheres dentro desse espaço foi uma reflexão que trouxe internamente, lembrando de valores e julgamentos negativos que condenavam e estigmatizam essa presença. Após certo tempo, compartilhei com a Raquel essas referências, reflexões e observações, pensando não somente no espaço dos saraus, mas também dentro do que percebia no movimento cultural em que já estava inserida.

Esse encontro com a Raquel foi dando forças ao questionamento que não ousava verbalizar, mas que com ela compartilhei, pois fui criando confiança e percebendo seu olhar de respeito às minhas indagações. Apesar da pouca idade, Raquel demonstrava uma maturidade, e coragem mesmo, em sua postura, de dizer o que não era dito, muitas vezes sendo até mal interpretada, questão que não a abalava, e não a impedia de se posicionar. Foi assim, nessa passagem que ela compartilha de sua trajetória, e eu me lembro dela me relatando há muitos anos no sarau:

> Essa foto é de uma entrevista[36] que teve no programa do Buzo, que acontecia na TV Cultura. Esse dia, ele queria falar do sarau e falar do grupo RZO[37], de rap, lá de Pirituba, não sei se vocês conhecem. E aí, foi um dia que eu acordei cedo, igual hoje, pra falar na entrevista, e tal. E aí, eles simplesmente me deixaram de escanteio e disseram: “Não, a gente vai filmar o Michel, enquanto sarau, e o RZO”. Aí, essa mulher aqui, a Marilda, ela é esposa do Buzo, ela me falou assim, uma coisa que me chamou muito a atenção no dia, ela falou assim: “Nós temos que aprender a ficar nos bastidores das câmeras”. Aí, eu ouvi, né? E falei assim: “Como assim, ficar nos bastidores das câmeras?”, “Ah, eles ficam gravando lá e a gente fica aqui desse lado”. E aí, eu achei um absurdo, porque eu era desse sarau tanto quanto o Michel e estava ali tanto quanto ele, me dedicando ao sarau (Almeida, 2021).

---

[35] Essa definição está em minha dissertação de mestrado escrita e que não foi defendida, conforme relatado na seção 2, mas registrada na universidade no relatório de qualificação, aprovado na época.

[36] A entrevista pode ser acessada no Youtube. Disponível em: https://youtu.be/mNTw7dlmQ5s?si=Tz7AvNwLlRd7lqxZ. Acesso em: 24 abr.2024.

[37] Sobre o grupo, ver website Dicionário MPB. Disponível em: https://dicionariompb.com.br/grupo/rzo/ . Acesso em: 24 maio 2024.

A observação, não da falta de mulheres, mas da necessidade de se pontuar e valorizar os trabalhos das mulheres, da mesma forma que se fazia com os dos homens, foi uma primeira impressão que tive, mas que ela também contou que se fez presente em sua atuação, antes mesmo da minha chegada:

> Essa foto aqui também quero que vocês prestem muita atenção: cadê as mulheres escritoras nessa foto? Não estão, né? E aí, eu comecei a ficar um pouco incomodada com isso: cadê essas mulheres? E eu sabia que elas estavam ali nos saraus, porque elas se apresentavam, porque eu circulava nesses saraus. E aí, eu ficava querendo entender por que essas mulheres não tinham lugar dentro desses espaços. Essa foto, essa última que eu mostrei, foi o meu choque, eu acho, inicial. Porque eu falava assim: "Ué, é um lançamento de uma coletânea, "Pelas periferias do Brasil", se eu não me engano, organizado pelo Buzo. Tinha quatro mulheres nessa coletânea e 15 homens… acho que eram três mulheres e 15 homens. E nesse dia do lançamento, eles fizeram uma frente, assim, como eles até usavam o nome, é… "formação de guerrilha", e as mulheres, vocês conseguem ver, aqui, ó, só a cabecinha delas, assistindo o protagonismo deles, certo? Então, eu comecei a ficar incomodada com isso. Eu e a Elizandra, que no sarau a gente que metia o bedelho pra ir mesmo e dane-se. A gente gostava de estar presente nos lugares. Aqui é o lançamento do meu primeiro livro. Eu acho que foi em 2008, que eu conheci a Juliana Balduino, ela foi lá no sarau, ela foi pesquisar o sarau... (Almeida, 2021).

Não foi tão fácil a aproximação. Naquele momento, eu ainda buscava um espaço para realizar a minha pesquisa de mestrado e ouvi a crítica, totalmente fundamentada, de trabalhos de pesquisas que primeiro classificavam as pessoas como "objetos de estudo" e, além disso, apenas recolhiam informações e dados, que se transformavam em obras, mas que nunca retornavam para a comunidade. Eu, , recém-chegada na academia, fui observando, olhando em silêncio, passei a desejar mais que um simples trabalho, queria saber, aprender e fazer também. Fui me aproximando do coletivo do Elo devagar. Raquel, com sua postura ressabiada, direta e dada a poucos sorrisos, foi olhando também, abrindo aos poucos a intimidade dos seus escritos, suas andanças, suas relações, a intimidade do seu lar, do seu fazer artístico.

> E aí, eu conheci a Ju, eu tava no pré-preparatório do meu livro "Duas gerações sobrevivendo no gueto", e aí, a Ju foi no sarau a primeira vez e tal – eu não achei registro disso. Então, começamos a conversar, meio timidamente, ela querendo saber mais do sarau, querendo saber mais da minha escrita e tal. E aí, a gente foi pegando uma amizade ali e conversando sobre muitas coisas, entre elas, a ausência do protagonismo das mulheres dentro desses coletivos. **A Ju observou, na época, que eu era a única mulher à frente da organização desses saraus**. E, logo

> depois, o Sarau da Ademar[38], com a Lids, a Juma, a Sissi e, logo depois, o Sarau da Brasa[39], que é realizado aqui, na Brasilândia. Mas aí, também, a Ju, fazendo o recorte racial, perguntando das mulheres negras dentro desses coletivos. Então, a gente começou a fazer uma pesquisa, meio que caseira, pra entender onde estavam essas mulheres e entender, também, a historicidade da mulher negra dentro do Brasil, não só dentro da literatura, mas em todas as artes (Almeida, 2021, grifo nosso).

3.2 Nova vida

Em outubro de 2008, a notícia da gravidez da Raquel instaurou um espaço ainda maior de cuidado e respeito entre nós. Admirava a forma como ela foi construindo esse momento e afetando muitas pessoas à sua volta. Eu, particularmente, com referências bem delicadas no que diz respeito a relacionamentos, observei na relação de Raquel com Michel uma outra forma de constituição e organização familiar: existia um trabalho conjunto, troca de ideias, cuidado e a vibração e ansiedade pela nova vida que fez morada no ventre de Raquel. As experiências e dificuldades que trazia foram sendo desconstruídas e deram lugar ao convívio com duas pessoas jovens que demonstravam muito afeto e respeito entre si, companheirismo e esperança. E isso me enchia de alegria e novos sonhos. Ao mesmo tempo, via a Raquel se transformar em uma mulher ainda mais forte, nossa relação se tornar cada vez mais próxima, as descobertas e os questionamentos se renovarem.

> Na minha gravidez, na gravidez da Yakini, que eu comecei a me aprofundar nessas pesquisas com a Juliana, ó ela aqui, pesquisas não sobre o lugar da mulher, mas onde estavam essas mulheres, que a gente não via nos lugares. E esse dia aqui, em específico, a gente organizou um evento chamado “Abolindo a Escra-visão no Brasil” e eu e a Juliana, um pouco antes de se definir enquanto coletivo, a gente colocou algumas questões, a gente queria mulheres ali, protagonizando. E esse dia, em específico, foi um dia que tinha muita mulher no sarau, cês podem ver aqui, a gente dominou os tambores, a gente abriu e fechou o sarau, a gente falou das nossas questões… (Almeida, 2021).

Esse processo da sua gravidez foi muito importante para o meu momento também, ficamos mais próximas, pensávamos muito em qual lugar estávamos,

---

[38] Sobre o Sarau da Ademar, ver página do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/saraudaademar.ademar/. Acesso em: 22 maio 2024. ,Ver também o blog do Sarau. Disponível em: http://saraudaademar.blogspot.com/. Acesso em: 22 maio 2024.

[39] Sobre o Sarau da Brasa, ver página no Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/sarau.brasa/. Acesso em: 22 maio 2024.

dividimos sonhos, no meu caso, entendendo que as referências que tinha até ali estavam sendo atualizadas, transformadas, com nomes, letras, artes muito parecidas comigo. E isso me deixava feliz. Raquel relembra essa travessia em sua vida:

> Eu fico olhando as fotos, as coisas que a gente... esse dia, que eu tô mostrando aqui, agora, pra mim foi muito importante. Eu tava grávida... a gravidez da Yakini, pra você entender, foi muito importante pra mim, porque foi uma gravidez que eu me debrucei nos estudos, eu estudei. Foi o período que eu menos escrevia, eu estudei muito, junto com a Ju, com outras pessoas, pra poder me respaldar do que eu queria fazer (Almeida, 2021).

Nesse período, estávamos mais focadas no sonho e desejo de fazer e se fazer reconhecer. Mas, ao mesmo tempo, ouvimos muitas falas questionando nossa pauta, legítima e necessária, que já anunciavam desconfortos e tentativas de desqualificar nosso propósito:

> E a gente era muito contestada, né, Ju? Com as coisas que a gente propunha: "Ah, mas por que falar de mulher? Ah, mas vocês tão aqui, o tempo todo..." Mas não era isso, a gente estar o tempo todo, a gente queria ser vista, o tempo todo, como os homens eram vistos também. E aí, essa semana, fui olhando essas coisas e fui me respeitando mais. O importante da gente olhar uma história é nos respeitar (Almeida, 2021).

A barriga[40] crescia, os compromissos também, tudo existia ao mesmo tempo, e fazer parte desses momentos foi um novo divisor de águas em minha vida.

[40] Registro no blog, no dia 24 de março de 2009, o seguinte relato do Michel: "Daqui mais ou menos três meses a semeação mais carinhosa das nossas vidas vem nos presentear em definitivo com sua presença de esperanças, sorrisos, aprendizados e amores. Estou falando da nossa pequena, já batizada, Yakini, nome que significa "Verdade", de origem na África Ocidental), a princesinha que reinará em nosso lar nas próximas colheitas. Tudo tem sido novo, intenso e surpreendente, ainda mais por ser nossa primeira filha, nossa primeira geração, um sonho realizado, pois desde que nossa chama se entrelaçou, o desejo de dar os primeiros passos, as primeiras palavras, pular amarelinha, contar historinhas pra dormir e empurrar balança vem nos cativando há algum tempo. Nossa! E como nossa pequena é sapeca. Faz da sua morada de passagem um samba de roda. Vira, chuta, cotovela, às vezes fica encolhidinha também, principalmente quando está ouvindo nossas conversas, sente nossa presença e ouve música. A Raquel disse que ela tem um apreço especial pelo tambor da Brasa, samba e sarau. Já está se acostumando desde cedo com o Axé. Já separei os livros e textos que quero ler pra ela, assim que pudermos ficar no silêncio da noite, embalando o sono da sua crescência. Quero ler *Amanhecer Esmeralda* (Ferréz - https://www.instagram.com/ferrezoficial/), *Segredo no Céu da Boca* (antologia), *Orukomi* (Esmeralda Ribeiro - https://www.instagram.com/escritoraesmeraldaribeiro/), *Histórias da Preta* (Heloisa Pires Lima - https://www.instagram.com/pireslimaheloisa/), *Menina Princesa* (Raquel Almeida), *Menina Pretinha* (Elizandra Souza), *Zumbi - O Pequeno Guerreiro* (Kayodê), *Dia das Crianças* (Alessandro Buzo)... sem contar que ela já ganhou seu primeiro livro: *Os melhores discursos de Martin Luther King*, presente futurista e de bom gosto, do nosso amigo Douglas" (Almeida; Yakini, 2009c).

Refletindo sobre esse período da maternidade da Raquel, foi uma grande inspiração que fez com que eu também me sentisse responsável por contribuir com o ambiente que a pequena Yakini, em breve, passaria a ocupar. Lembro do dia em que Raquel mostrou o enxoval, do livro com nomes africanos onde escolheu o da pequena Yakini, do berço, das primeiras roupinhas e das nossas expectativas no decorrer dos dias que avançavam, que também faziam crescer seu ventre.

Imagem 8 – Leitura no Sarau da Brasa



Fonte: acervo da pesquisadora[41].
Legenda: Raquel Almeida, grávida, no Sarau da Brasa.

No dia 3 de junho de 2009, a chegada de Yakini trouxe para mim um êxtase e grande sentimento, me senti muito feliz e percebi que as pessoas que estavam próximas também. Estava, ali, iniciando uma nova jornada de vida e organização, queria estar perto e acompanhar com todo amor e cuidado a pequena que acabava de nascer. E mesmo ela também sendo muito celebrada e acolhida pelos familiares da Raquel e do Michel, me dispus a assumir esse papel de cuidado e dedicação. Lembro que, no dia seguinte ao nascimento da Yakini, fui visitá-las no hospital e fizemos uma ligação para o Michel, que estava na missão de realizar o sarau do Elo. Foi um momento de grande vibração e pudemos ouvir ao fundo muitas vozes desejando boas-vindas à pequena Yakini, que ali já marcava sua presença no sarau do Elo.

41 Foto da colega Raquel Almeida, compartilhada com a pesquisadora.

Imagem 9 – Bebê



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Yakini Ceríaco Almeida.

Yakini foi uma criança celebrada e desejada por toda a comunidade que estava presente e próxima de seus pais. Vibrei em cada etapa dessa gestação e me fiz presente o tanto quanto pude e me permitiram. Queria cuidar da Raquel, que talvez nem precisasse, mas me coloquei como disponível. Eu a via como uma mulher jovem em uma fase bonita da vida e que merecia toda atenção e cuidados. Internamente, fiz a promessa de que estaria presente e disposta a auxiliar em tudo que ela precisasse. Mesmo tendo o apoio de seu companheiro e familiares, me coloquei nesse lugar de estar à disposição para toda e qualquer necessidade da família da Raquel. Era uma coisa mesmo de admiração e irmandade. No fundo, me sentia responsável por ela, mesmo que ela nunca tivesse me solicitado. Eu só desejava que ela tivesse as melhores condições possíveis durante a gestação e os cuidados no pós-parto, sendo acolhida com muito amor. E foi o que eu ofereci. Esse foi um dos momentos mais bonitos que vivi e me oportunizou ter outra referência de organização familiar, maternidade e palavra viva.

> A Yakini nasceu e aí a gente continuou com a ideia do coletivo… das questões das mulheres protagonistas da nossa história, mulheres escritoras, mulheres desenhistas, mulheres artistas plásticas, mulheres atrizes, mulheres… a gente queria entender essas mulheres, saber onde estavam essas mulheres. E, nas periferias, isso foi muito fácil, porque, como eu mostrei na foto anterior, nessa daqui tá todas as linguagens de mulheres artistas, assim, que passeavam e andavam com a gente na época (Almeida, 2021).

A caminhada junto ao Elo continuava sempre com muitas novidades e reflexões. Eu fui vivenciando essas diferentes experiências, me fortalecendo na

aprendizagem e vendo praticamente a possibilidade de ser, estar e existir nesse mundo, com o cuidado de nunca me esquecer que era uma mulher negra em diáspora em um país racista que mata, adoece e oportuniza muito pouco para pessoas como eu. As estratégias de sobrevivência e desobediência a esse sistema desigual eram criadas a partir da arte da palavra, que eu ia aprendendo em cada encontro que participava, contrariando as estatísticas. Uma construção que não era silenciosa e, ao mesmo tempo, era, porque no meu caso foi observando, "assuntando" a vida.

O sarau temático "Abolindo a Escra-visão no Brasil" foi um desses eventos de preencher meu coração, e que me revelou uma outra forma de pensar, contar e ressignificar a história que me foi trazida na escola.

> E, esse dia aqui, em específico, a gente organizou um evento chamado "Abolindo a Escra-visão no Brasil". Eu e a Juliana, um pouco antes de se definir enquanto coletivo, a gente colocou algumas questões, a gente queria mulheres ali, protagonizando (Almeida, 2021).

A atividade trouxe uma programação minuciosamente pensada e organizada para compartilhar uma perspectiva nem um pouco celebrada pela "história oficial". Isso me deu a oportunidade de construir conjuntamente com os organizadores do sarau o debate "Perspectivas e reflexões acerca da abolição da escravatura no Brasil". Foi um momento de revisitar a história escravagista e desconstruir as várias narrativas pejorativas e violentas. Estas só colocam nossos ancestrais dentro de um contexto de escravidão, em que a abolição se deu a partir do ato vindo de uma mulher branca, configurada como salvadora. Revisitar como faz o poeta Carlos de Assumpção:

> Viva a princesa Isabel
> Viva a senhora redentora
> Agradecimento profundo
> à bondosa princesa que em maio
> nos deu de bandeja a Lei Áurea
> Lei Áurea verdadeiro cheque sem fundo
> (Assumpção, 2000)

Em meu período escolar, a celebração do mês de maio era um grande tormento para mim. Desde o momento em que abria o livro e via imagens desenhadas de pessoas como eu presas ao pelourinho e, em destaque, na imagem maior, o rosto de uma mulher branca sendo chamada de generosa e princesa, a

imagem da brancura e bondade. Lembro, como se fosse hoje, as risadas e tiração de sarro dos colegas quando chegava o dia 13 de maio na escola, a exaltação dessa condição escrava, a professora nos chamando, nós, alunos negros, e nos mostrando como exemplos dessa condição de suposta liberdade. Isso junto com a reafirmação, em suas narrativas, de que éramos “descendentes de escravos”. Ou nos obrigando, nas perguntas feitas em voz alta na sala, a reafirmar a boa vontade em relação à salvação que a princesa Isabel havia concedido para nós, pretos. Eu me sentia muito envergonhada com as imagens ou quando era indagada pela professora ou colocada como exemplo, junto com os desenhos. O pior acontecia também após as aulas, com os xingamentos, apelidos e risadas dados por outros alunos.

A primeira edição do “Abolindo a Escra-visão no Brasil” foi realizada no sarau do Elo, em 2009. Os encontros foram elaborados de forma a promover a discussão a partir do nosso ponto de vista, de pessoas negras, dentro do sarau. Foi um mês de palestras, apresentações artísticas e exibições de documentários e filmes que fortaleceram muito as discussões. Nesse sarau, conheci a Elis Regina[42], capoeirista-angoleira e uma importante mandingueira. De olhar doce, palavra firme e uma ginga com o corpo-palavra que me chamaram a atenção e me fizeram superar a tensão vivenciada no ambiente escolar. Elis se foi, mas continua sendo uma importante referência feminina para os movimentos dos saraus na cidade de São Paulo. Infelizmente, partiu muito cedo. Tive a oportunidade de estar com ela poucas vezes, mas ela me deixou como legado boas lembranças e uma trajetória de importantes aprendizados, carisma, coragem e um imenso vazio em nosso dia a dia. No dia 21

[42] Elis Regina Feitosa (1983-2018) foi pedagoga, professora e poeta. Mestra em educação, grande referência para o movimento dos saraus na cidade de São Paulo. Para conhecer um pouco mais da sua trajetória e pesquisa, ver: Vale; Ferreira-Santos (2019).

de maio de 2009, pude ver e ouvir a sua arte/voz[43] embalada pelo berimbau do seu companheiro Marcio Folha[44]:

...Um imaginário com idade
E nossas linhagens realeza?
Meu sobrenome de verdade?
Quero sentir minha ascendência

Ilê Axé é liberdade
E não é caneta de princesa!

Não só a dor na costa que arde
Na servidão com ligeireza
É no corpo a espiritualidade
Minha negritude com beleza
No axé da ancestralidade iê
Maculelê iê capuera

Nossas roda viva é liberdade
E não é caneta de princesa...

"Berimbalando as capoeranças"
por Elis Regina[45]
(Regina *apud* Almeida; Yakini, 2009d).

[43] O trecho a seguir foi publicado no blog do Coletivo Literário Elo da Corrente, no dia 22 de maior de 2009: “Último sarau do mês (21/05) - Noite de pegar estrelas, essa foi! O ciclo de debates que realizamos no mês de maio encerrou com banho de arruda e cheiro de dendê no ar, as expectativas firmaram mais do que esperávamos das rodas que aconteceram esse mês no bar do Santista. Com certeza mais uma aula nos foi presenteada nos cantos e encantos de Elis Regina e Marcio Folha, num balaio de ciência, crença e mandinga, a capoerança plantada pelos nossos irmãos foi um convite pra todos afagar a consciência, o aprendizado e semear amor e resistência. É de ficar na cuca de quem esteve ou ouviu a celebração do nosso terreiro. Entre tantas oferendas de sabedoria que brotaram em nossos olhos, a que mais me marcou foi o momento em que Marcio Folha afirmou: *"Depois que Palmares foi destruída, Zumbi não foi capturado. Capturaram um quilombola que foi morto e exposto em praça pública para justificar a morte de Zumbi, pois ele não entregou, seu líder, o rei de Palmares. Essa história de traição é a versão dos brancos. Zumbi não morreu na mão de Jorge Velho, Zumbi faleceu de velhice. Isso não é mentira, não tô inventando, quem me contou essa história foi um ancião."*O axé também teve cinema, pois foi exibido um trecho do documentário sobre o mestre Pastinha, mestre maior da capoeira Angola e também um trecho do filme "O Pagador de Promessas", em que um grupo de capoeiras participa do momento final do filme. E assim foi... Nós só temos que festejar e matutar sobre tudo que aconteceu nesse mês de maio, em que por várias vezes o bar do Santista parecia mais uma sala de aula, em que os professores eram nossos próprios amigos e parceiros. Em que a linguagem era a das ruas, o exercício era a oralidade e a ciência era nosso olhar sobre a noite. No versado da irmã Elis Regina e na resposta do coro, a mensagem que fica e voa pelos mocambos” (Almeida; Yakini, 2009d)

[44] Para maiores informações sobre Márcio Folha, consultar seu perfil/conta no Instagram: @aya.danca. Disponível em: https://www.instagram.com/marciofolha7/. Acesso em: 22 ago. 2024.

[45] Não consegui informações e referência sobre este poema, se foi publicado na integra em algum livro individual ou coletânea. O trecho foi retirado de uma postagem do blog do Sarau do Elo da Corrente (Almeida; Yakini, 2009d).

Imagem 10 – Apresentação no Sarau



Fonte: Almeida; Yakini (2009d).
Legenda: Marcio Folha e Elis Regina.

Imagem 11 – A roda na rua



Fonte: Almeida; Yakini (2009d).
Legenda: Sarau Elo da Corrente - Abolindo a Escra-visão, maio de 2009.

Seguindo nessa construção e trabalhos coletivos junto ao Elo, eu e Raquel também fomos percebendo interesses comuns e necessários para nossa atuação. Esse encontro, a troca de ideias, os textos e pesquisas que fazíamos de forma

individual e coletiva, acabaram influenciando ainda mais nossos fazeres. E, com isso, também delineando as bordas e discussões em nosso território.

O desejo era de que mais mulheres estivessem à frente dos saraus. E isso fez com que eu e Raquel passássemos a pensar em como promover, minimamente, relações e ações que minimizassem ou acabassem com essa falta de reconhecimento e com a desvalorização da arte elaborada por mulheres negras dentro de nosso contexto e na realidade que estávamos encontrando com nossas pesquisas.

Confidenciamos nossas angústias, descobertas e a vontade de estar mais próximas de outras mulheres negras que escreviam, atuavam e militavam reivindicando melhores espaços e oportunidades. E, também, o sonho de compartilhar todo esse universo com mulheres que estavam nas nossas quebradas e que tinham pouco ou nenhum acesso à arte e cultura que acreditávamos.

3.3 Esperança Garcia

O espaço do Elo era um local que respeitava nossas pautas, mas a vontade de ter um lugar que se dedicasse e focasse em nossas questões ganhou mais evidência. Era o terreiro que estava pisando e queria coletivamente plantar. Junto com a Raquel, fomos desenhando, inspiradas em outras mulheres negras, o sonho de ter um coletivo somente de mulheres negras que direcionasse nossas ações de maneira mais evidente e atuante. Nessa pesquisa e procura por mais referências chegamos em Esperança Garcia.

> E, aí, também, a gente começou a pesquisar mulheres que nos antecederam. Por isso, veio Esperança Garcia, porque a gente teve conhecimento da Esperança Garcia enquanto uma mulher que foi escravizada, que resistiu a fortes opressões através da escrita. Então, ela escreveu uma carta pra poder denunciar todas as mazelas que ela sofria. Então, a gente viu essa mulher como uma mulher muito importante e, como a gente trabalhava muito com a escrita, ela foi esse símbolo, símbolo de resistência pra gente. E aí, a partir disso, o Coletivo Cultural Esperança Garcia começou a pensar ações (Almeida, 2021).

É importante dizer que nesse contexto de movimento cultural, também estávamos próximas de outras mulheres não negras, e que também percebiam seus fazeres sendo menos valorizados. Eu queria fazer a diferença, comunicar, e buscar mais informações que contribuíssem com o meu desenvolvimento e autonomia e

também de outras mulheres negras. E acredito que esse era o desejo da Raquel também.

A escolha do nome do coletivo foi uma decisão conjunta de trazer uma referência que demarcasse o poder da *"Palavra e da Ação".* Era algo com que concordamos sem questionamentos, mas também queríamos celebrar e reavivar a memória de uma mulher negra que fosse como nós, parecida com o que éramos ou queríamos ser, e representasse a palavra, que era o que nos movimentava na caminhada.

Houve questionamentos em relação à escolha de uma mulher negra que não estava tão próxima da gente. Algumas pessoas lembraram que existiam referências dentro da nossa cidade, mas a trajetória de Esperança Garcia nos chamou a atenção por várias questões. A primeira delas, a coragem e também a transgressão em ter um conhecimento "letrado" em um período onde pessoas negras não eram autorizadas a aprendera ler e muito menos escrever.

Antes de decidirmos pelo nome, também fizemos uma pesquisa para saber quantos outros coletivos levavam essa história e nome e encontramos, em 2009, apenas um, sem imagens ou qualquer referência, em São Paulo. Nos outros estados não havia nenhum registro. A história de Esperança se repete e se resume muito visualmente nas redes e nas histórias que estavam próximas da gente. A descoberta da carta de Esperança Garcia, encontrada em 1979 pelo historiador Luiz Mott no Arquivo Público do Piauí, ganhou maior evidência na história de todo país. Esperança foi reverenciada como a primeira advogada negra do Brasil por essa carta, tida como a primeira petição pública escrita por uma mulher negra em nosso país.

A história de Esperança inspirava e traduzia a força e resiliência de uma mulher escravizada, que lutou por seus direitos. Sua luta representava a possibilidade de sonhar com um mundo mais justo, igual e de voz para todas. Acredito que esses eram os valores que nos conectavam e que traduziam nossa vontade de gestar e parir nosso coletivo.

O sonho de se aproximar e demonstrar a riqueza e a conexão com as histórias de lutas e resistência de outras mulheres, estimulando o empoderamento através do conhecimento estava em nosso propósito. Saber que em 1770 essa luta foi protagonizada por uma mulher negra, que nunca havia sido referenciada em minha trajetória escolar e acadêmica, só comprovava o quanto eu e outras mulheres

negras estávamos distantes da nossa própria história, e o quanto isso nos enfraquecia enquanto povo negro. Afinal de contas, se não sabemos quem são nossas heroínas, vamos sempre reverenciar as dos outros, acreditar que as nossas não existiram e não resistiram. Agora, pensar na força da escrita, que na história sempre nos foi negada, demonstra e revela sua coragem e nos inspira a ousadia de também querer registrar.

No caso de Esperança, a denúncia dos abusos sofridos por ela e por outras pessoas em situação de escravidão foi e é um marco na história do Brasil, pois assinala a primeira vez em que uma mulher negra utilizou um canal institucional oficial para exigir justiça e direitos. Sua ação também nos mostra que a luta por justiça e igualdade é uma constante na história da humanidade. Esse importante documento histórico demonstra o poder da palavra escrita para denunciar injustiças e promover mudanças sociais.

Somente em 2017, quase 250 anos depois, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) reconheceu oficialmente Esperança Garcia como a primeira advogada negra do país[46]. Decisão que é fruto de anos de pesquisa e luta de movimentos sociais que buscaram dar visibilidade à sua história e à importância dela para a luta antirracista no país. Mesmo que tardiamente, o reconhecimento de Esperança Garcia como a primeira advogada negra do Brasil é um passo importante para corrigir uma injustiça histórica e tornar visível a contribuição das mulheres negras na construção da sociedade brasileira.

Nossas ações passaram a se pautar nessa força da palavra e da ação. Os questionamentos também começaram a surgir nesse período, em relação a uma suposta divisão que nossas escolhas poderiam ocasionar, mas não era esse o objetivo de nossas discussões. E continuamos a nos aprofundar nos estudos, com leituras, produções literárias e ações que valorizassem as contribuições de Esperança e outras mulheres negras que queríamos conhecer. E, assim, a escolha de seu nome já era o primeiro grande passo para nos comunicar. Inicialmente, eu e

[46] A Comissão Estadual da Verdade da Escravidão Negra do Piauí realizou, durante dois anos, pesquisa sobre a trajetória de Esperança Garcia e a análise de sua carta, o que resultou em um dossiê detalhado sobre o contexto e condições da escrita de Esperança Garcia, que se desdobraram no reconhecimento da carta como a primeira petição pública escrita por uma mulher negra. Esse dossiê está disponível para consulta online. Disponível em: https://esperancagarcia.org/wp-content/uploads/2020/09/SOUSA-Maria-Sueli-Rodrigues-SILVA-Mairton-Celestino.-Orgs.-Dossie%CC%82-Esperanc%CC%A7a-Garcia-si%CC%81mbolo-de-resiste%CC%82ncia-na-luta-pelo-direito.-Teresina.-EDUFPI-2017.pdf. Acesso em 1 ago. 2024.

a Raquel decidimos por nomear nosso coletivo como “Coletivo de Mulheres Negras Esperança Garcia”, mas houve uma mudança nesse caminho:

> Então, tem um detalhe no nome: a gente se colocou enquanto Coletivo de Mulheres Negras Esperança Garcia, e foi o nosso primeiro nome. Depois, a gente foi abrindo esse coletivo pra outras pessoas entrarem e, obviamente, a gente sabe que a periferia é 90% negra, mas existem mulheres ali, mulheres não negras também, que moram [...]
> [...] Essa aqui é a primeira formação do Coletivo Cultural Esperança Garcia: a Juliana aqui, a Taís Lopes[47], eu e a Samanta Biotti[48]. E aí, depois, o coletivo se tornou Coletivo Cultural Esperança Garcia, mas o primeiro nome foi esse, Coletivo de Mulheres Negras Esperança Garcia (Almeida, 2021).

Imagem 12 – Primeira formação do Esperança Garcia



Fonte: Acervo da pesquisadora.
Juliana Balduino, Taís Lopes, Raquel Almeida e Samanta Biotti.

Essa mudança me incomodou, mas naquele momento minhas argumentações em relação a manter o nome e nosso coletivo “exclusivamente como de mulheres negras” não foram suficientes, dada a realidade na qual estávamos inseridas. E também pela necessidade e urgência em colocar em prática nossos sonhos e estudos. Eu particularmente acreditava que os questionamentos externos deveriam ser tratados externamente. Isto é, quando uma de nós fosse questionada em relação à presença de mulheres não negras dentro do coletivo, isso era uma questão de quem trazia o questionamento e não de nosso acordo e objetivos

[47] Sobre Taís Lopes, ver perfil em Instagram: @taislopestais. Disponível em: https://www.instagram.com/taislopestais. Acesso em: 22 ago. 2024.
[48] Sobre Samanta Biotti, ver perfil em Instagram: @samantapaloma01. Disponível em: https://www.instagram.com/samantapaloma01/. Acesso em: 22 agor. 2024.

internos. Além disso, se mulheres não negras fossem indagadas sobre suas presenças deveriam responder utilizando as mesmas argumentações que trouxeram até nós e pelas quais foram aceitas. Se já sabíamos o caminho que queríamos percorrer, era hora de seguir e fazer o trabalho da melhor forma.

Alterar o nome de "Coletivo de Mulheres Negras Esperança Garcia" para "Coletivo Cultural Esperança Garcia" levantava importantes questões sobre a construção de espaços coletivos, a interseccionalidade e a representatividade. A ideia de se criar um espaço mais abrangente, que pudesse acolher diferentes mulheres e fortalecer a luta por direitos, foi uma decisão refletida e acordada entre nós. Esse movimento, defendido principalmente pela Raquel, demonstrou que a inclusão de mulheres não negras levantava a questão da interseccionalidade. Ou seja, como diferentes formas de opressão (racismo, sexismo, classismo) se cruzam e se inter-relacionam.

Esse exercício de olhar o contexto geral, agregar e discutir como as diferentes experiências se manifestavam e como o coletivo poderia trabalhar para promover a justiça social para todas as mulheres, priorizando as mulheres negras em nossa atuação. Foi um risco assumido e praticado. Penso, às vezes, que essa questão pode ter gerado um apagamento da nossa intencionalidade, de priorizar as mulheres negras e as questões raciais que nos envolvem. E pode ter gerado a percepção de que a identidade negra do coletivo foi diluída, ocasionando o afastamento de outras mulheres negras que buscavam um espaço especificamente dedicado às suas demandas. Mas a inclusão de mulheres com diferentes realidades e experiências nos apresentou outros desafios, no sentido de definir uma agenda comum, valorizando o diálogo e a construção de um projeto político conjunto.

A decisão de incluir ou não mulheres não negras em um coletivo de mulheres negras é complexa e exige um debate contínuo. Essas questões foram sendo apreendidas no decorrer dos primeiros anos e até os dias de hoje, com as novas integrantes. O tema é sempre reavaliado, de maneira que a gente possa garantir que as mulheres negras continuem sendo o foco central das nossas ações.

Não perdemos de vista essas construções e alianças com outros grupos de mulheres, sempre buscando fortalecer a luta por direitos e por promover a justiça social. Nossas reuniões e ações passaram a ser organizadas de maneira a garantir a representatividade das mulheres negras em nossas atuações e decisões. Muitas vezes, me percebi incisiva nos objetivos, mas com uma argumentação ainda em

construção. Então, nesse processo, e dentro do ambiente em que estava, busquei contribuir com indagações e propostas que fortalecessem nossos fazeres e o nosso propósito da luta. E ajudar na busca de parcerias com outras organizações e movimentos sociais que vão na defesa dos direitos das mulheres.

Os primeiros espaços onde essas construções passaram a ser protagonizadas foram os saraus do Elo, dos quais eu e a Raquel fazíamos parte, e nos saraus da Brasa, espaço de atuação da Taís Lopes, Samanta Biotti, Sirlene Santos[49], Juliana Queiroz e Mariana Albuquerque. Além desses, fizemos parceria com espaços culturais independentes que estavam próximos, como o Cicas[50].

Raquel relembra nossa atuação nesses espaços e as intervenções com literatura, expressões corporais e instrumentos de percussão, cada uma trazia a sua linguagem. Nesses momentos, eu timidamente me colocava nos bastidores, dada a dificuldade no tocar e dançar, mas elas estavam lá, firmando presença com o Esperança:

> …é uma formação do Coletivo Cultural Esperança Garcia, que era a Ju Queiroz, que fez parte, e aqui, já é a Sirlene. Eu tocava berimbau. E aí, a gente fazia algumas intervenções artísticas também: eu tocava, com a Samanta, a gente lia poema e a Sirlene dançava esses poemas (Almeida, 2021).

Seguia nessa luta, ouvindo as rimas e conhecendo o mundo das palavras, que me colocava em desconforto e conforto ao mesmo tempo. A cabeça não parava e, dentro dela, reflexões em constante construção e desconstrução. O Elo foi o espaço que me acolheu e me mostrou esse fazer coletivo, o Esperança era a possibilidade de trabalhar com pautas muito ligadas às minhas experiências enquanto mulher negra e ampliar essa rede e esse fazer. No caminho, me sentia parte dos dois coletivos e me dedicava aos processos fortalecendo as duas frentes.

Eu gostava de estar no sarau e ter contato com as pautas que me eram desconhecidas ou conhecidas superficialmente, e que eu aprofundava nas atividades. Um exemplo disso era a alegria de conviver com o senhor João do

---

[49] Ver seu perfil em Instagram: @sir.lene.santos. Disponível em: https://www.instagram.com/sir.lene.santos/. Acesso em: 22 ago. 2024.

[50] O Centro Independente de Cultura Alternativa e Social é um ambiente colaborativo e independente, representante da cultura alternativa e periférica brasileira e mundial, em especial da cidade de São Paulo. É palco onde nossa diversa cultura se mistura, se encontra e se recria, resgatando o verdadeiro sentido do fazer "popular". Para saber mais, consulte a página online. Disponível em: https://projetocicas.wixsite.com/cicas1. Acesso em: 22 ago. 2024.

Nascimento e o seu Zé Correia, de quem já falei antes, mas quero reforçar. Essa proximidade me deu a chance de conhecer suas histórias, observações e reflexões em suas literaturas de cordel. Imaginava o sertão da Bahia e suas belezas, a comida, os bichos e o amanhecer.

[...]
Quero ver no meu sertão
A abelha manduri
Quero comer um pisado
De coco com murici
Quero ouvir de manhã cedo
O canto do juriti [...]

(Nascimento, 2008, p. 3)

O seu Zé Correia era de uma astúcia nas palavras que nunca vi igual. Quando ele levantava, a risada era certa, mas tinha que prestar atenção, uma hora a prosa era falada e outras vezes, virava canção. Gostava quando ele misturava música e palavras, como nesta poesia:

[...]
Eu gosto de uma menina
E só penso em me casar
Mas o pai dela é brabo
Só me fala em me matar
O que vai acontecer
Com ela não posso falar

Não posso falar[51]
Não posso falar
O que vai acontecer
Com ela não posso falar.

(Correia, 2010, p. 20)

No aniversário de dois anos do Sarau do Elo[52], aconteceu a homenagem a Patativa do Assaré[53]. Essa experiência foi bem importante para mim, no sentido de

[51] Neste momento do poema, Zé Correia sempre começava a cantoria e chamava todos para repetir.

[52] Para saber mais sobre esta celebração, acessar o blog Elo da Corrente (postagens de junho de 2009 (Almeida; Yakini, 2007).

[53] Patativa do Assaré ou Antônio Gonçalves da Silva, como consta em seu registro civil (05/03/1909-08/07/2002), nasceu na cidade de Assaré, no Ceará. Viveu de maneira simples, foi agricultor e realizou diversas atividades no campo para sobreviver. Era autodidata e começou a escrever muito cedo. Em seus escritos retratava as dificuldades da vida e todas as belezas do sertão. Deixou um importante legado de valorização da cultura nordestina e de defesa dos direitos da população pobre. As obras de Patativa alcançaram o cenário nacional e internacional, recebeu inúmeras homenagens, sendo considerado um dos maiores representante da cultura popular brasileira.

ouvir e aprender mais sobre a literatura de cordel, as referências mais conhecidas, inclusive dentro da universidade, mas que haviam passado despercebidas, dada a rapidez e brevidade com que esse tema foi tratado e que, naquele momento, não me fez sentido. Mas no sarau, a abordagem, as peculiaridades e o audiovisual contextualizaram essa linguagem, que se fazia presente inclusive no meu dia a dia, com pessoas próximas que escreviam em seus cadernos as belezas do sertão e da cidade, em versos simples e fáceis de entender.

O cordel é uma forma de expressão de raízes nordestinas tão singular, que se revelou como uma rica fonte de conhecimento sobre a cultura, a história e o cotidiano do povo brasileiro. Ao me conectar com essa tradição, passei a valorizar a literatura de cordel como patrimônio cultural e como forma de expressão artística, além de importante ferramenta para o ensino de língua portuguesa, literatura e história.

A festa de aniversário do sarau, então, começou no bar e terminou com muita música, batucada e celebração.

Imagem 13 – Batucada no Sarau



Fonte: Bischain (2009a).
Legenda: Bar do Santista - Sarau Elo da Corrente.

Imagem 14 – Fogueira e Batucada



Fonte: Bischain (2009a).

Em junho de 2009, decidimos dedicar um evento inteiramente à celebração do amor, em um contexto em que a expressão de sentimentos é muitas vezes reprimida. Realizamos, assim, o Sarau do Amor. Ao abordar esse tema em um contexto de luta por direitos e reconhecimento, o Sarau do Elo da Corrente desafiou a ideia de que as emoções são incompatíveis com a luta social. Colocar o amor no centro da pauta foi uma decisão acertada, que contribuiu para desconstruir estigmas associados à população negra e periférica, muitas vezes vista como incapaz de sentir ou expressar afeto.

Nesse dia, o sarau proporcionou um espaço muito mais afetivo e seguro para que as pessoas pudessem compartilhar seus sentimentos, suas histórias, músicas e expressões artísticas. E propiciou nossa interação em torno de um tema universal, o amor. Celebrar o amor foi a exigência pré-estabelecida aos convidados que queriam participar e, assim teve música, cordel, poesia, comida em um cantinho especial do bairro de Pirituba. Foi nosso primeiro Sarau do Amor[54].

[54] “O sarau de ontem foi resumidamente dedicado a uma só palavra: O amor. Mas pra quem pensava que a gente só iria ficar ouvindo dedicações melosas e convencionais, houve também momentos de surpresa. Divino foi o primeiro que trouxe os versos de uma música que diz: "Quero essa mulher assim mesmo (coro)" e a resposta era: "Desafinada", "Embriagada", "Despenteada" e por aí foi. O poeta Zé Correia fez uma dedicatória às mulheres da melhor idade, dizendo que os moços podem ficar por aí com suas musas joviais, e assim deixar o seu amor coroar as mais velhas. A Jú fez uma relação do amor da mãe com os amigos, inspirado em palavras do amigo Akins Kinte. O único a levar vaia foi o Camelo que se recusou a recitar, dizendo que não estava contagiado pelo amor. Sem chance: tomou uma baita vaia, a primeira que ouvi desde a fundação do sarau. Soninha e Alice nos contagiaram ainda mais com seus escritos cheios de paixão. Soraia fez dedicatória e juras de amor eterno ao seu Ceceu (Castro Alves). Mas o ápice do sarau foi com a dupla "Tá ruim e Tá a mema coisa" que nos presentearam com um clássico da música corneal

Imagem 15 – Sarau do Amor



Fonte: Michel (2009)
Sarau do Amor no Elo da Corrente: Zé Correia (sentado), Douglas Alves (no microfone), Diego (bandeja nas mãos).

Fico, então, divagando sobre o poder da arte, em suas diversas manifestações, como uma importante ferramenta para se refletir e adentrar em questões que promovem a transformação social. A proposta do Sarau do Amor foi um importante passo, onde a poesia, a música e outras formas de expressão artística foram utilizadas, desafiando as normas sociais e promovendo a inclusão.

Naquele momento, não via como uma coisa tão comum falar publicamente sobre amor e os sentimentos. Então, criar um evento com essa temática foi muito importante. E meus votos são para que mais espaços assim sejam criados e preservados, para que mais pessoas possam se sentir à vontade para expressar seus sentimentos e suas emoções, sem medo de julgamentos ou preconceitos, como foi nesse sarau, que celebrou do brega à declaração improvisada, tudo com muito amor.

Passados alguns meses, em diálogo com a Raquel, tivemos a ideia de fazer uma festa em homenagem ao Dia das Crianças. O sonho de estar mais próxima de outras crianças aflorou ainda mais com a presença da Yakini e com algumas ações

---

brasileira e cativou até os fãs em potencial. Toda essa história de sarau do amor começou na última quinta, quando num determinado momento, sem combinar nada, o sarau ficou num clima romântico, graças aos anseios de Reginaldo Rossi, interpretado pelo Douglas (na foto de óculos), pelo nosso "Arauto do amor" Leko (amor é coisa de buteco!) e também pela eterna louca e apaixonada Soraia. Os burburinhos pediram pra gente realizar uma noite especial só pro amor e como sexta é dia dos namorados e dos que procuram, nada mais justo em não deixar essa oportunidade pra depois e assim as flores desse amor brotaram ontem mesmo" (Yakini, 2009).

que acompanhava do Elo, principalmente nas escolas. Em minhas lembranças, as festas organizadas em Perus, que algumas vezes pude participar, eram recheadas de alegria, doces e brinquedos. E muita diversão.

Essa proposta, que ainda estava um pouco confusa em nossas cabeças, foi compartilhada com o Michel, que prontamente nos ajudou a estruturá-la. As pessoas que estavam próximas de nós somaram nessa rede e contribuíram de diferentes maneiras, desde a doação de doces, até a participação presencial, levando alimentos, algodão doce, música e suporte para atender todas as crianças do bairro.

> E olha que louco: eu tava pensando, esses dias, que uma das primeiras ações nossa, Ju, foi a Festa dos Ibejis, que acho que foi esse norte, assim, que se deu, pro Esperança Garcia chegar onde está hoje, trabalhando com crianças. E aqui foi a primeira Festa dos Ibejis [mostra imagem], o convite que a gente fez, festa dos ibejis, festa pras crianças, voltada aos erês (Almeida, 2021).

Imagem 16 – Cartaz de divulgação



Fonte: Almeida; Yakini (2009a).
Legenda: Convite da Festa[55].

[55] Esta é a única divulgação que existe do Esperança Garcia enquanto um coletivo de mulheres negras.

Imagem 17 – Foto da festa dos Ibejis



Fonte: Almeida; Yakini (2009b).
Legenda: Lúcia Udemezue[56] entregando doces para as crianças.

Imagem 18 – Crianças e adultos na Festa dos Ibejis



Fonte: Almeida; Yakini (2009b).
Legenda: Raquel Almeida, Divino Silva e Vagner[57] do Sarau da Brasa.

[56] Ver perfil em Instagram: @ije.original. Disponível em: https://www.instagram.com/ije.original/. Acesso em: 22 ago. 2024.

[57] Para informações sobre Vagner, ver perfil em Instagram: @vagner_s_souza. Disponível em: https://www.instagram.com/vagner_s_souza/. Acesso em: 22 ago. 2024.

Imagem 19 – Fotografia da festa



Fonte: Almeida; Yakini (2009b).
Legenda: Samanta Biotti (de camiseta preta e branca).

Imagem 20 – Preparando algodão doce



Fonte: Almeida; Yakini (2009b)
Legenda: Dona Verônica, voluntária que trouxe máquina de algodão doce.

Imagem 21 – Ajudando na festa



Fonte: Almeida; Yakini (2009b).
Legenda: Dona Abigail.

Imagem 22 - Cortejo



Fonte: Almeida; Yakini (2009b).
Cortejo realizado pelas ruas do entorno do Bar do Santista.

Festas coletivas como essa me fazem lembrar fortemente daquelas promovidas pela dona Ana, que morava perto da casa da minha vó, lá de Perus. Ela tinha um terreiro e, sempre no mês de setembro, organizava uma grande mesa com bolos, doces e vários quitutes para comemorar o dia de Cosme e Damião. Mesmo quem não era da religião participava e respeitava esses encontros e, apesar do nosso objetivo principal não ser a questão religiosa, ela estava presente ali, saudando nossa ancestralidade.

3.4 Dança, turbante e empoderamento

Nesse grande corpo de desejos e práticas, fomos nos estruturando, tendo como referência o que já havia sido feito pelo coletivo do Elo. Assim, foram surgindo diferentes aproximações com mulheres e artistas, dentre elas, a artista plástica Carolina Itzá[58], que criou nosso primeiro logo de identificação, para as comunicações externas que planejávamos fazer. Queríamos uma arte que se dialogasse com o nosso público e pudesse representar cada uma de nós. E ela fez!

Na figura, uma mulher negra, com traços marcantes, turbante e com um punhado de ervas nas mãos. A primeira vez que vi essa imagem não sabia ao certo se a Carol tinha desenhado a mim ou a Raquel, ficou uma junção dos meus traços com os dela. As ervas nas mãos me levavam à reflexão sobre os conhecimentos tradicionais presentes nas famílias negras e indígenas, o que remetia também à presença das outras integrantes do coletivo. Adotamos essa identidade visual e passamos a ter nossa marca nas ações que começamos a organizar individualmente. E também nas que chegávamos como parceiras. E criamos o nosso blog[59] com o objetivo de publicizar nossas pesquisas, textos, ações que organizávamos e ações que eram de parceiras e parceiros próximos de nós.

[58] Para informações, ver perfil da artista em Instagram: @carolinaitza. Disponível em: https://www.instagram.com/carolinaitza/. Acesso em: 12 ago. 2024.

[59] Blog do Coletivo Cultural Esperança Garcia: (esperanca-garcia.blogspot.com)

Imagem 23 – Logo do Coletivo



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Primeiro logo do Coletivo Cultural Esperança Garcia.

Nesse período, me aproximei da Sirlene, que circulava pelas atividades do movimento, o que foi muito importante para conhecer e reconhecer sua história:

> Eu sou a Sirlene Santos, tenho 42 anos, tenho um filho adolescente, Jamal Victor. Minha formação é em educação física, com pós em dança e consciência corporal. Fiz alguns outros cursos referentes ao corpo... eu danço desde 2007... desde 2003, na verdade. Em 2007 foi que eu ingressei no grupo de dança contemporânea, depois ingressei em outros grupos de danças brasileiras, danças afro-brasileiras, Corpo em Rito, foi o grupo de dança contemporânea que eu fiquei por três anos. Ainda sobre a minha formação, eu fiz o curso de Kemetic Yoga, que é a yoga africana. Agora, recentemente, eu iniciei o curso de naturopatia, que é usar a natureza, chás, óleos essenciais, através da alimentação mais natural, então, tratar as pessoas que me procurarem, através da natureza. É... que mais? Então, eu acho que é isso: uma pessoa que gosta muito de dançar, gosta muito de movimentar o corpo, gosto muito de estar aqui, acho que é isso (Santos, 2021).

O encontro com a Sirlene se deu através de seu filho, Victor, no Sarau da Brasa. E esse foi um dos momentos que guardo com grande carinho e cuidado.

> Como que eu cheguei? Nossa, vou ter que contar do sarau, né? [risos] Como é que a gente se conheceu... Estávamos no Sarau da Brasa, o meu filho, pequenininho, com 5 anos, ele confundiu a gente, e achou que você era a mãe dele, que nós éramos muito parecidas, seu cabelo também tava curtinho, como o meu, black, curtinho não, a gente tava com um *blackão*, na verdade, né? Mas, enfim, estávamos muito parecidas e ele se confundiu e aí, quando ele pegou na sua mão, você perguntou quem era a mãe dele, né? E aí, ele foi até mim, me trouxe [risos] e nos apresentou, e falou: “Essa é minha mãe”. E aí, você falou que ele tinha me confundido com você. Então, foi assim que a gente se conheceu e, a partir daí, a gente não se desgrudou mais, né? Movimento do universo, hein? Nossos filhos são

> portais. Então, a gente se via sempre lá no sarau. O sarau é uma reunião de pessoas, acho que a gente já conversou um pouquinho sobre sarau... E aí, em 2010? Acho que foi em 2010 que eu participei a primeira vez, fazendo uma intervenção com o Cicas, que eu vou mostrar mais pra frente. E eu acho que foi isso! Como eu cheguei, foi dessa forma, né? (Santos, 2021).

A gente foi se aproximando, se identificando... Eu olhava com grande admiração os movimentos da Sirlene na vida e na arte. O que eu sempre gostei no trabalho dela é que ela dançava, mas nunca sozinha. Em algum momento das suas intervenções, ela sempre trazia o público para a cena, eu tentava acompanhar, sua dança é coletiva e para todos os corpos. E a arte que ela praticava era um sonho que sempre tive, desde menina, mas que se perdeu por várias questões, dentre elas, uma limitação física nos meus pés. Admirava Sirlene de longe e, então, queria que ela estivesse mais perto e compartilhasse da sua arte com a gente. A aproximação se deu, inicialmente, com convites para intervenções com seu grupo performático nos saraus do Elo e da Brasa. Logo em seguida, foi feito o convite para compor com a gente. Sirlene se lembra desse momento e o que a inspirou a se aproximar do Esperança:

> Acho que foi esse portal. Acho que tudo começou lá atrás mesmo, quando o Jamal Victor me apresentou a ti e eu aceitei o convite, você me fez o convite pra participar do coletivo e eu aceitei. Bom, então, a partir do momento que eu aceitei o convite para participar do coletivo, hoje Instituto Esperança Garcia, é um desafio! Tudo é um desafio! A partir do momento que eu aceitei compor, fazer parte, foi um super desafio (Santos, 2021).

Apesar de estar presente nos saraus nos quais eu circulava, a Sirlene sempre se mostrou de maneira tímida e contida. Sua atenção estava sempre voltada para seu filho Victor, que era uma criança bem curiosa e que movimentava os espaços, correndo livremente, conversando, abraçando e sendo acolhido com muito amor por todos que estavam presentes. Victor estava em todos os locais que eu a encontrava. Eu mesma, nessa época, me tornei a “tia” mais velha do pequeno e a “irmã” da Sirlene, incentivando-a a vir para a frente da cena. Mesmo eu não sendo das artes performáticas, via nas poucas intervenções que havia presenciado uma densidade nas giras, gingas, corpo. E a queria mais próxima, porque me afetava a vontade adormecida de ser livre e dançar.

> Eu sempre era muito quietinha, né? Quase não abria a boca nas reuniões, era tímida... Então, eu só agradeço, porque eu acho que, eu acho não, a Juliana, ela vê a potência nas pessoas, então, ela dá uma chacoalhada na

> gente, pra acordar pra vida! [risos]. Eu acho que esse convite foi isso, foi essa sacudida: “Acorda pra vida, vamos, que você é potência!” Sabe? E eu aceitei o desafio e tô aqui! [risos] (Santos, 2021).

Naquele ano de 2009, em meio a tantas movimentações coletivas, recebi o convite para ir para a cidade de Franca conhecer o poeta Carlos de Assumpção[60]. A parceria entre o Elo e a Brasa permitiu que eu tivesse contato com essa importante personalidade da Frente Negra Brasileira[61]. Fomos recebidos carinhosamente por ele e sua esposa, dona Lurdes, que não só abriram sua casa, como também compartilharam uma mesa farta, com tudo que tinha de melhor. O Elo e a Brasa fizeram o convite para o escritor reeditar seus escritos e publicar uma coletânea, intitulada “Tambores da Noite”, com a previsão de lançamento na capital. Percebi a alegria em seu olhar, ouvi várias histórias sobre suas lutas e militância, me alimentei fartamente e retornei para casa com mais um espacinho preenchido com as sábias palavras do seu Carlos de Assumpção. Saí de lá muito entusiasmada com a promessa de reencontrá-lo em novembro, na capital, em seu lançamento. E foi o que aconteceu, em uma noite bonita com uma calorosa recepção.

Imagem 24 – Poeta e esposa



Fonte; Bischain (2009b)
Legenda: O poeta Carlos de Assumpção e sua esposa, dona Lourdes, no Sarau do Elo da Corrente.

[60] Sobre o autor, consultar página na web (Literafro, 2021).
[61] Para informações sobre a Frente Negra, ver página na web. Disponível em: https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/antecedentes-do-ten/frente-negra-brasileira/. Acesso em 18 out. 2024.

Imagem 25 – Lançamento do livro



Fonte; Bischain (2009b).
Lançamento do livro Tambores da Noite. Carolina Itzá com o livro junto com outros participantes.

Imagem 26 – Poeta recitando



Fonte; Bischain, (2009).
Récita do poeta Carlos de Assumpção no Sarau do Elo da Corrente.

Os laços que iam se estabelecendo, as oportunidades e vivências que iam surgindo, firmavam meu caminho e ampliavam minhas relações. Muita coisa estava mudando aqui dentro, e as dores e perdas que havia em minha trajetória foram se transformando à medida que ia agindo e me integrando aos processos que

realmente faziam sentido em minha vida. Estar nesses espaços não retirava minhas dores, mas as transformava, no sentido de poder focar em outras coisas que faziam eu me sentir bem. E, muitas vezes, também, me permitiam compartilhar as angústias, como forma de verbalizar e tirar esse peso.

3.5 Novo lar e natureza

Nesse mesmo 2009, outro sonho foi se desenhando em meu coração e, também, no de pessoas próximas, que era de encontrar um lugar e transformar em uma comunidade. Era um desejo que estava presente cotidianamente em minhas falas. Encontrar um espaço para resolver a questão delicada de pagar aluguel era um desejo compartilhado com outras pessoas próximas. Além disso, tínhamos como objetivo comum fazer, trocar e promover a arte que nos movia no mundo.

O encontro com esse espaço se deu no final do ano, após uma busca pela internet e contato com o antigo morador, que fez questão de marcar a visita para o dia seguinte. Ao chegar, fui tomada de grande emoção por estar em um lugar tão verde, escondido por aquele paredão de concreto que eu via lá embaixo, no asfalto, desde a minha infância, quando estava no ônibus indo visitar minha mãe em Perus. Meus olhos foram tomando o espaço e observando as muitas árvores, plantas, uma casa grande do lado direito, subi a primeira escada e me deparei com um fogão a lenha.

Imagem 27 – Fotografia da Comunidade



Fonte: Acervo da pesquisadora.
Legenda: Visão da Comunidade Estância Jaraguá - acesso para o espaço.

Imagem 28 – Fotografia do Quilombo



Fonte: Acervo da pesquisadora.
Legenda: Fogão a lenha – Quilombo da Parada.

Minha vó Benedicta tinha em sua casa um fogão a lenha do qual sempre fazia uso. Observei muito minha avó preparando as refeições ali. Mas na casa dela havia também um fogão a gás, que, na maioria das vezes, era usado somente para pequenos preparos e aquecimento das refeições.

Do lado desse fogão a lenha, avistei outra escada que levava para uma área mais acima. Havia um pé de cacau plantado na lateral da escada, à esquerda, e lá no final dela, a mangueira, jovem ainda, mas que estava ali, bem em frente, recebendo quem chegava, com sua copa se abrindo e as raízes se espalhando pela terra preta. Havia também um pé de pitanga e um enorme abacateiro abrigando uma balança, que logo ocupei e de onde pude ver a cidade pequena, lá no horizonte. E, nesse movimento da balança, o imponente Pico do Jaraguá.

Um lugar bonito, lá no alto, a última casa. E, no final do que seria o limite do terreno, a imensidão da Serra da Cantareira. Senti o gostinho de uma infância vivida, lida e imaginada. Desejei aquele lugar com forças que nem imaginava ter e só voltei à realidade quando nos sentamos para ver as condições para comprar. Após a conversa com o proprietário, e encarando a realidade das minhas condições financeiras, quis um milagre, mas saí de lá com a promessa de voltar com o sinal, e acordarmos o saldo restante dividido em parcelas mensais.

Recorri à única pessoa que eu sabia ter meios de me ajudar, naquele momento, minha amiga de trabalho no serviço público, a Claudia Nascimento. Ela

me atendeu na primeira ligação que fiz e ouviu atentamente meu pedido, aceitando me ajudar, mas pedindo cuidado na negociação. Com o dinheiro na conta, retomei o contato com o proprietário, assinando, juntamente com o Divino[62], que na época era meu namorado, as promissórias dentro de um valor combinado e acessível.

Passada a euforia da compra e vivenciando o cotidiano do lugar, fui compreendendo uma série de questões que não haviam sido observadas no encanto do momento. Coisas que até tinha sido alertada por minha amiga. No dia a dia, a falta de transporte público para chegar em casa foi um fator que limitou bastante as atividades e conexões com outras pessoas. Não existia água canalizada, o que já havia sido informado pelo antigo proprietário. E, mesmo com uma mina d'água dentro do terreno, muitas vezes, a falta dela acontecia durante dias seguidos. A energia elétrica não estava regularizada e era outra questão bem delicada, principalmente no uso do chuveiro e de alguns eletrodomésticos, como o microondas, que não funcionava.

Percebi também que as pessoas da comunidade me observavam com curiosidade. As roupas, o uso dos turbantes não eram uma estética que percebia no cotidiano local. Mas eu fazia questão de responder os olhares com um sorriso no rosto e o desejo de um bom-dia, uma boa-tarde, ou boa-noite. Era a única forma que eu achava possível para me aproximar.

O sonho de transformar o espaço e oferecer atividades culturais para a comunidade foi uma palavra que eu dei lá no asfalto. E foi sendo iniciado nas relações com as pessoas que eu, cuidadosamente, ia construindo no dia a dia, quando andava pela rua em meus trajetos para as atividades no Elo ou com o Esperança.

A música[63] se fez presente naquele cantinho simples, perto da natureza, com uma mata vasta, onde eu ouvia os passarinhos. Aquela mata se tornou, para mim, bonita e sagrada, com memórias, histórias e um longo caminho que estava começando a escrever.

O ir e vir ficou um pouco mais limitado. Comecei a escolher os lugares, atividades e horários em que podia permanecer no asfalto. Além disso, torcia para que, nas andanças, surgisse uma carona para subir o morro com maior tranquilidade

---

[62] José Divino da Silva é sociólogo, ator e professor da rede estadual de ensino de São Paulo.
[63] Para ouvir a canção, acessar página no Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y_YksQkHkgI&t=5s. Acesso em: 12 ago. 2024.

e conforto. Mas o trabalho do Esperança seguia nos saraus. E mesmo com a minha ausência, as ações foram acontecendo e demarcando a presença do Coletivo em nossos espaços de atuação. Sirlene conta um momento que considerou importante na atuação com o Esperança:

> [...] eram as intervenções que nós fazíamos nos saraus. Aqui é o Sarau Elo da Corrente... "Intervenção", pra gente entender um pouquinho, "intervenção poética", né? Então, as meninas recitavam algum poema, nesse caso aqui, o poema "Lugar" foi o meu, que eu falava do corpo, então, uma recitava, duas tocavam e eu dançava (Santos, 2021).

Nesse momento estávamos decididas a buscar melhores condições para realizar nossas ações e produzir um material impresso que também demarcasse os caminhos práticos e teóricos do coletivo. Então, optamos pelo zine, por ser um material de baixo custo e mais acessível na elaboração. Mesmo assim, havia um custo que não tínhamos como assumir integralmente. A Sirlene e a Juliana Queiroz decidiram organizar um brechó para cobrir os gastos básicos do Coletivo. O zine passou a ser produzido nessa época também. Além dos recursos que entravam pelo brechó, contamos com a ajuda de muitos parceiros para imprimir o material, que passamos a distribuir principalmente nos saraus do Elo e da Brasa. Sirlene relembra essa fase:

> Aqui foi o brechó... teve uma época, o Coletivo, a gente, firmou o brechó. Então, todo sarau, a gente levava o brechó, vendendo roupas, acessórios... Aqui, ainda, o brechó comunitário, então eram valores bem acessíveis, brechó, ou bazar mais popular, pra quem não sabe... a gente vendia roupas usadas e semiusadas (Santos, 2021).

Com o crescimento do Esperança e os convites que foram surgindo pelas relações individuais de cada uma de nós nesse período, em vários momentos eu não consegui alcançar e participar de tudo. Eu priorizava as ações realizadas no sarau do Elo, do qual também era integrante. Cada uma trazia consigo um desejo, sonho e um espaço em que gostaria de atuar. Esses ideais foram se juntando e sendo adequados às nossas condições. O Esperança passou a marcar presença, enquanto um coletivo de mulheres, reafirmando a atuação feminina. Um coletivo propositivo e que estimulava a participação de mais mulheres em nossas ações, que aconteciam principalmente nos saraus, espaços culturais independentes e escolas.

E também ao realizar nossos encontros internos para trocar impressões de leituras, mapear ações e a participação em outros espaços. Sirlene pontua essas andanças:

> Aqui tá eu e Raquel e o Coletivo Cultural Esperança Garcia, enquanto esse grupo de mulheres, a gente saía fazendo essas intervenções em vários espaços. Além dos saraus, que aconteciam em bares, fizemos esse trabalho aqui [...], na época, existia esse ponto de memória da Brasilândia, seria o Museu da Brasilândia, lá na escola Salette, eu fiz a intervenção lá. As fotos da Sonia Bischain[64], que é a fotógrafa, bem conhecida aqui do bairro, da Brasilândia, Vila Penteado. Essa aqui tá meio escura, mas foi no Sarau Elo da Corrente, um evento bem bonito, né, Ju? "Mulheres Negras, Resistências e Conquistas" foi uma superprovocação aqui [...]. Aí nós tínhamos algumas formações, que a gente fazia em casa, entre nós, que eram formações internas, essa daqui foi na casa da Mariana: "A Mulher na Rede Pública de Serviço". Aí tinha algumas festas que a gente participava, fazendo intervenção... Aqui, foi uma das primeiras festas, de rainha, de um outro coletivo de mulheres chamado Manifesto Crespo. Aqui, foi um trabalho que fizemos também, no CRAS Vista Alegre, com as mulheres que eram vítimas de violência doméstica. Então, antes de fazer a intervenção, foi feito todo um trabalho, foram feitos alguns encontros, muitas conversas, muitos desabafos, escutas, e fizemos um trabalho de autoestima com elas. E aqui, foi o último dia, que a gente finalizou com a intervenção artística. Então, fizemos alguns trabalhos também na Fundação Casa. Aqui é uma das Fundação Casa que a gente foi, a Vila Maria, teve outras unidades também, em que foram feitos trabalhos, eu só estive nessa, da Vila Maria, mas foi feito aqui em Taipas, Tatuapé e em outras unidades (Santos, 2021).

No "Mulheres em Movimento" que aconteceu no Cicas, também de muita importância para o Esperança, minha fala abordou a nossa trajetória e as articulações que fazíamos para estar em movimento. Sirlene fez uma intervenção nesse dia e colocou todas nós em movimento:

> Então, aqui foi o primeiro evento que eu dancei. Foi "Mulheres em Movimento", lá no Cicas, Jardim Brasil, e eu tava com muita sede de voltar a dançar, porque eu tinha saído do grupo Corpo em Rito... O Corpo em Rito tinha acabado, na verdade, e eu tava com muita sede de dança. E aí, toda oportunidade que aparecia, eu tava no meio. E a Ju me chamou, me convidou pra dançar nesse evento. E aí eu fiz essa intervenção aí, que se chamava "Heranças". Então, trazia um pouquinho da dança afro, da capoeira angola... Aqui foi a Mostra VAI, um dos VAIs que a gente ganhou... [...] Aqui, foi lá na Galeria Olido, então, tinha a Mostra VAI, que os coletivos eram convidados pra mostrar o trabalho. Aqui eu tava junto com a Juliana Queiroz e a Tata, que era do Manifesto Crespo[65]. Então, aqui, eu tô mostrando o que eu vi, né? Muita coisa se passou... Aqui foi o "Estética Negra, uma beleza enraizada", foi um dos projetos mais lindos! Aqui tá a Raquel Almeida, a Mari, a Juliana Queiroz, a Samanta Biotti… Esse foi feito

[64] Pode-se consultar o perfil da fotógrafa em Instagram: @soniareginabischain. Disponível em: https://www.instagram.com/soniareginabischain/. Acesso em: 12 ago. 2024.

[65] Perfil do Manifesto Crespo pode ser consultado no Instagram: @manifestocrespo. Disponível em: https://www.instagram.com/manifestocrespo/. Acesso em: 20 out. 2024.

> no CCJ, que é o Centro Cultural da Juventude[66]. Aqui, no Terminal Cachoeirinha, um espaço cultural bem estruturado, gostoso, vale a pena conhecer, quando tudo isso passar! Então, foi um trabalho bem massa, a gente trouxe, justamente, essa beleza enraizada, a beleza negra, a beleza da nossa etnia, falamos de cabelo, falamos de turbante, de roupas, dentre outras… (Santos, 2021).

Imagem 29 – Card de divulgação



Fonte: Acervo da pesquisadora.
Legenda: Card de divulgação do evento realizado no Cicas em 2010.

[66] Sobre o CCJ, ver página online. Disponível em: https://ccj.prefeitura.sp.gov.br/. Acesso em: 22 abr. 2024.

Imagem 30 – Foto do Evento “Mulheres Negras...”



Fonte: Acervo da pesquisadora.
Legenda: Sirlene Santos, Juliana Balduino e Samanta Biotti. Evento Mulheres Negras em Movimento, no Cicas.

No ano de 2010, atuávamos nos lugares em que éramos convidadas, sempre que podíamos, mas a presença certa era nos saraus do Elo e da Brasa. Em março desse ano, organizamos nossa segunda intervenção performática no Sarau do Elo da Corrente. Na ocasião, o Sarau também abrigou a mostra de fotos da Sonia Bischain e a apresentação de dança do grupo Corpo em Rito. O evento, em sua essência, foi direcionado para refletir e trazer à cena a arte que a mulher da periferia produz.

Imagem 31 – Apresentação do Corpo em Rito



Fonte: Bischain (2010a).
Legenda: Grupo Corpo em Rito, em apresentação no Sarau do Elo - março/2010.

Imagem 32 - Performance



Fonte: Bischain (2010a).
Legenda: Samanta Biotti e Raquel Almeida em apresentação no Sarau do Elo - março/2010[67].

Imagem 33 – Atrizes em apresentação



Fonte: Bischain (2010b).
Legenda: Grupo Corpo em Rito (Sirlene Santos de vestido preto).

Imagem 34 – Percussão no sarau



Fonte: Bischain (2010b).
Sarau do Elo da Corrente - Taís Lopes com instrumento de percussão.

[67] Para saber mais sobre essa intervenção ver Bischain (2010a).

Imagem 35 – Juliana no Sarau



Fonte: Bischain (2010b).
Sarau do Elo da Corrente - Juliana Balduino.

Nesse mesmo período, surgiu a ideia de fortalecer ainda mais a relação com as mulheres que fomos encontrando em nossos caminhos. O desejo era de juntar todas elas e fazer um grande encontro. Decidimos, entre nós, buscar formas de articular esse momento, que se tornaria um grande evento de visibilidade e fortalecimento, para as nossas e para o Coletivo. A primeira questão foi pensar um lugar onde caberíamos todas nós, depois fazer a lista de convidadas, comprar materiais, providenciar alimentação e cuidar da decoração do espaço. Tudo isso em um intervalo muito curto de tempo. Decidimos que o Centro Cultural da Juventude, o CCJ, era um lugar de referência para todas que estávamos envolvidas na produção e também era de fácil acesso para nossas parceiras. Negociamos o uso do espaço e seguimos para os outros desafios: fazer os convites, conseguir os materiais para as oficinas, pensar na decoração e fazer acontecer nosso “1º Encontro Cultural de Mulheres das Periferias - O Poder da Ação e da Palavra”. Raquel recorda esse momento e toda articulação:

> Em 2010, a gente quis revolucionar de verdade, né? Como? Promovendo o Primeiro Encontro Cultural das Mulheres das Periferias. Até então, não tinha nada voltado somente às mulheres dentro das periferias. Nenhum evento, nem nada. Então, a gente, depois de já ter mapeado essas mulheres todas, a gente decidiu fazer esse evento. A Yakini era um bebê, acho que tinha uns 6 meses, né, Ju? E aí, a gente começou a organizar esse evento aqui com as nossas parceiras, a maioria das mulheres que tavam naquela foto anterior. Então, teve aqui o “Corpo em Rito”, que era um grupo de teatro; teve uma exposição de fotos da Sonia Regina Bischain; teve uma exposição da artista plástica, a Carolzinha Teixeira[68]; customização de turbantes com

[68] Sobre Carolzinha Teixeira, ver perfil no Instagram. Disponível em: http://carolinateixeira.blogspot.com/. Acesso em: 12 maio. 2024.

> a Katiara[69]; as oficinas de bonecas[70] com a Lucia Makena[71]... E aí, teve a Companhia de Artes Negras, a Capulana, encerrando com teatro. E aqui é um pouco das fotos desse dia. Então, foi um encontrão de mulheres... Eu acho que foi onde o Coletivo Cultural Esperança Garcia meteu o pé na porta, se afirmou enquanto coletivo, se afirmou enquanto coletivo de mulheres, e começou a ser respeitado. Eu acho que foi nesse evento, Juliana e Sirlene, me corrijam se eu tiver errada, porque foi um evento que ninguém acreditou que a gente ia conseguir fazer, porque a gente não tinha dinheiro, a gente não tinha... a gente tinha a gente! E algumas parcerias, e a gente meteu as caras pra fazer. Então, foi um evento muito importante, que é um evento que eu queria revolucionar de novo, que eu acho que foi muito histórico, esse evento (Almeida, 2021).

Foi um dia bonito e de grandes emoções. Tivemos uma programação valiosa com mulheres que eram e continuam sendo, até hoje, importantes referências na educação, arte e cultura da nossa cidade. Tivemos a apresentação do Corpo em Rito, com o espetáculo "Fenda do asfalto"**,** refletindo sobre os padrões de beleza reconhecidos pela sociedade e que não correspondem aos nossos corpos e realidades; a exposição “Mulheres da minha terra”, produzida por Sonia Bischain, cujas imagens retratavam o cotidiano de mulheres que vivem nas periferias. A artista plástica Carolzinha Teixeira trouxe uma intervenção artística que chamou a atenção, pois saía do contexto tradicional daquilo que é considerado arte, trazendo outras referências e padrões de beleza. Realizamos a “Oficina de Customização de Turbantes”*,* conduzida por Katiara Oliveira, uma das primeiras pessoas a trazer para essa cena cultural, na qual estávamos inseridas, a história e a valorização dos turbantes. Ela introduziu, assim, a temática de uma estética negra que, para além do uso do acessório, também levanta questões sobre nossas ancestralidades e autoestima. A “Oficina de bonecas Makena”, ministrada por Lúcia Regina Makena, propiciou uma atividade na qual as e os participantes, além de terem contato com a boneca preta historicamente apagada, puderam participar de um encontro lúdico e pedagógico. E, assim, conheceram um pouco mais da história e de confecção em comunidades africanas e afro-brasileiras. A Cia de Arte Negra Capulanas[72] encerrou as atividades com o espetáculo "Solano Trindade e suas negras poesias", que nos

[69] Perfil de Katiara está disponível em Instagram: @katiaraouiara. Disponível em: https://www.instagram.com/katiaraouiara/. Acesso em: 12 maio 2024.
[70] Para saber mais, ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/bonecasmakena/. Acesso em: 12 maio 2024.
[71] Pode-se consultar o perfil de Lucia Makena no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/luciamakena/. Acesso em: 12 maio 2024.
[72] Perfil do grupo pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/capulanasciadeartenegra/. Acesso em: 27 abr. 2024.

provocou várias reações e emoções: curiosidade, respirações aceleradas, despertar de memórias e o olhar para o sagrado...

A poesia, baiana, água, Capulanas, meninas, bacia, tambor, música no ar, nossos elementos ancestrais ganharam a cena junto aos nossos protagonistas e participantes. Cabelo, fome, trem, ferro quente, o canto de alguém 'Tem gente com fome'…[73]

Imagem 36 – Preparação



Fonte: Bischain (2010c).
Legenda: Coletivo Cultural Esperança Garcia no CCJ, cuidando da decoração.

Imagem 37 – Cia de Artes Negras Capulanas.



Fonte: Bischain (2010c).

[73] O texto foi escrito por Juliana Balduino e publicado em sua íntegra no blog do Esperança. Os registros fotográficos foram realizados por Sonia Regina Bischain. Para saber mais sobre esse encontro ver Bischain (2010c).

Imagem 38 – Arte visual



Fonte: Bischain (2010c).
Legenda: Arte de Carolzinha.

Imagem 39 – Fotografia das homenagens



Fonte: Bischain (2010c).
Legenda: Momento das homenagens.

Imagem 40 – Fotografía da oficina



Fonte: Bischain (2010c).
Lucia Makena - oficina de bonecas Makena.

Imagem 41 – Foto do Público do evento



Fonte: Bischain (2010c).

Imagem 42 – Foto da Exposição



Fonte: Bischain (2010c).
Legenda: Exposição Mulheres da Minha Terra, de Sonia Regina Bischain.

A realização de um evento grande como esse movimentou ainda mais nosso desejo de fazer. Não tínhamos recursos financeiros, mas tínhamos parceiras que também estavam em outras quebradas e queriam se juntar e promover esse fortalecimento. Todas as mulheres que sabíamos estarem na cena cultural da cidade foram chamadas para compartilhar da sua arte com a gente. Posso dizer que não tivemos as condições ideais naquele momento – e não temos até hoje –, mas fomos forjando as oportunidades e circunstâncias para receber da melhor maneira muitas mulheres importantes, que faziam parte dessa trajetória. Raquel recorda essa mobilização:

> É importante falar desse evento, porque nesse evento estavam todas as mulheres atuantes nas periferias... Todas! A gente não deixou escapar nenhuma. Se alguma escapou, foi porque ela não pôde ir no dia. Mas a gente conseguiu fazer uma coisa muito louca que, até então, ninguém tinha feito ainda. Então, tava ali… essa pessoa aqui [...], a Katiara, ela vinha lá do ABC pra se encontrar com a gente, né? Fazia uma viagem. É uma pessoa que eu tenho certeza, qualquer momento que a gente chame, ela vem, porque tem compromisso. Aqui, mulheres, oficina de turbante, O corpo em Rito, ó, a Sirlene, aqui algumas exposições… e a Yakini sempre ali, né? (Almeida, 2021)

Essa experiência foi um grande marco em nossa trajetória e na do Coletivo Cultural Esperança Garcia. E acredito que também na de outras mulheres que seguiam individualmente em suas lutas, nem sempre tendo tempo e espaço para compartilhar e conhecer a arte umas das outras. Queríamos estar e realizar juntas com as outras. E mesmo a extensão da cidade sendo um dificultador geográfico em nossos acessos, não posso deixar de registrar o sentimento de realização ao ver tantas mulheres juntas, trazendo o que tinham de melhor. Fomos nos conectando cada vez mais a partir desse encontro, que é memorável em minha trajetória e motivo de muito orgulho para mim. Raquel também reflete sobre esse momento em nosso diálogo:

> Bom, eu queria mesmo ilustrar com essas fotos, pra vocês, esse início todo. Por isso que eu tive que falar do meu início, pra poder falar do início do Esperança Garcia. Qual era a intenção do Coletivo Esperança Garcia? Aglomerar essas mulheres artistas das periferias, principalmente as mulheres negras. A gente queria conhecer a história das mulheres negras e a gente queria fazer com que essas mulheres tivessem o mesmo reconhecimento que os homens tinham, na época. Então, por isso que eu falei que aquele evento, o Primeiro Encontro de Mulheres da Periferia, foi

> muito importante, porque foi um encontro que a gente adquiriu confiança na gente mesma e respeito com o externo (Almeida, 2021).

Ainda mais confiante e com a certeza da importância do caminho percorrido e das discussões realizadas, no mês de maio daquele mesmo ano, no evento temático “Abolindo a Escra-visão”, sugerimos a presença de mais mulheres nas atividades que estavam sendo organizadas. E a programação daquele ano foi composta majoritariamente por mulheres. Na primeira semana, é importante destacar a presença da Maria Helena[74], presidente da Velha Guarda do Rosas de Ouro e embaixatriz do samba de São Paulo. Ela pontuou o papel da mulher negra na história e na memória do samba das escolas de carnaval da cidade.

Imagem 43 – Card de divulgação - Abolindo a Escra-visão no Brasil



Fonte: Acervo da pesquisadora[75].

[74] O perfil de Maria Helena pode ser consultado em Instagram: @mariaembaixatriz. Disponível em: https://www.instagram.com/mariaembaixatriz?igsh=MXh6dml3Mzd3cjVlag%3D%3D. Acesso em: 22 jun. 2024. Mais informações sobre sua história estão disponíveis em texto online. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/de-cria-da-brasilandia-a-embaixatriz-do-samba-paulistano-conheca-a-historia-de-maria-helena,85e17fe8fec139f4c3be64de346a730927jw8uc4.html. Acesso em: 22 jun. 2024.

[75] Card de Raquel Almeida e Michel Yakini

Imagem 44 – Maria Helena no Sarau



Fonte: Almeida; Yakini (2010d).
Sarau Elo da Corrente - Maria Helena, presidente da Velha Guarda do Rosas de Ouro.

Nós indicamos a Katiara[76], que já era muito próxima e havia participado de muitas ações com a gente, para falar sobre a beleza negra, valorizando a estética negra e seus elementos, como o turbante, símbolo de luta e resistência das mulheres negras. No sarau do Elo, ela ensinou técnicas de amarração e falou sobre as possibilidades de se fazer turbantes com diferentes tecidos.

Imagem 45 - Katiara Oliveira



Fonte: Almeida; Yakini (2010d).

[76] Katiara Oliveira foi uma das convidadas do LiteraViva em 2021. Em sua participação, compartilhou a relação que tem com o Esperança Garcia. A gravação completa está disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid.

Imagem 46 – Amarração de turbante



Fonte: Almeida; Yakini (2010d).
Legenda Sarau do Elo - Katiara Oliveira ensinando técnicas de amarração de turbante.

Tivemos também naquele mês, na última semana do sarau temático, a participação da Cia de Artes Negras Capulanas, com uma vivência de dança afro, propondo que a dança e nossos corpos podem e devem ser livres e estar representados nas práticas artísticas. Infelizmente, não encontrei registros dessa atividade, mas ainda reverberam as palavras e o momento desse encontro.

Imagem 47 – Cia Capulanas



Fonte: Almeida; Yakini (2012).

Carol Rocha Ewaci[77], Debora Marçal[78], Flávia Rosa[79] e Priscila Obaci[80] – Cia de Artes Negras Capulanas.

Seguindo os caminhos em meio a São Paulo, meu corpo coletivo acompanhou várias passagens importantes pela cidade. A intervenção do Elo na estação de trem de Santo Amaro foi mais um desses momentos de apreciação e reflexão do quanto havia de resistência nesses fazeres. Os milhões de reais destinados para atividades culturais na cidade mais diversa do país não dá oportunidade aos artistas e fazedores de cultura das bordas. Mas, sabendo da importância desse trabalho, pude acompanhar o existir e o resistir organizados em ações que atendiam quem menos tinha condições de se deslocar para os bairros centrais.

Imagem 48 – Sarau no saguão da estação Santo Amaro



Fonte: Almeida; Yakini (2010d).

[77] Mais informações, ver seu perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/carol_afrodanca/. Acesso em: 12 set. 2024.

[78] Mais informações, ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/debora_marcal_/. Acesso em: 12 set.2024.

[79] Mais informações, ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/flavia_rosa_c/. Acesso em: 12 set. 2024.

[80] Ver perfil na rede social. Disponível em: https://www.instagram.com/priscilaobaci/. Acesso em: 12 set. 2024.

Imagem 49 - Michel Yakini na récita



Fonte: Almeida; Yakini (2010d).

O Coletivo também realizou diferentes ações de integração com a arte nas escolas da região onde o sarau estava presente. Isso ocorreu, principalmente, na articulação com professores que já haviam dado aula para alguns dos integrantes e que conheciam os trabalhos realizados. Percebia, nesses encontros, olhares de admiração e sorrisos tímidos. Em outras ocasiões, o público se integrava nas apresentações, arriscando tocar um instrumento e até recitar algum escrito guardado no caderno, como aconteceu no Sarau no Mova – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos. O blog do Elo da Corrente deixou um belo registro da atividade[81].

[81] "Voltamos agorinha, agorinha de um sarau muito bacana que realizamos junto com a comunidade João Veloso no Parque São Domingos. É a segunda vez que realizamos nossa roda de poemas por lá, onde acontecem as aulas do Projeto MOVA-SP (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos). As aulas são ministradas pela professora Regina, e no ano passado aconteciam dentro da paróquia local, porém, por problemas com a organização, as aulas foram suspensas. A professora Regina nos contou que deu várias aulas na calçada até que um morador, que tem um quintal em frente à igreja, cedeu um espaço em prol da iniciativa. A energia e os afagos da comunidade João Veloso são contagiantes, maior satisfação de poder aprender e trocar esse sentimento mais uma vez. Parabéns a todos pela resistência, pois ali há um grupo de pessoas que segue à risca os ideais de Paulo Freire, que idealizou o MOVA na época em que foi secretário municipal de educação durante a gestão de Luiza Erundina. Ele dizia que "a leitura de mundo precede a leitura da palavra". Valeu: Diogo, Osmar, João Nascimento, Divino, Jú Balduino, Raquel Almeida, Leko Moraes, Vagnão, Sidney, Yakini, Profª Regina e toda a comunidade por compartilhar esse momento tão valoroso que a poesia nos proporcionou" (Almeida; Yakini, 2010a).

Imagem 50 – Sarau no Mova



Fonte: Almeida; Yakini (2010a).
Raquel Almeida, participantes e João do Nascimento.

3.6 Raiz no hip hop

Nós éramos jovens que haviam tido como referência o hip hop. A própria Raquel relata sua ligação e atuação dentro desse movimento em sua adolescência. Eu, com a minha breve participação, também nos idos da adolescência, na atuação da minha irmã enquanto produtora, trazia comigo referências importantes desse movimento. E fiquei radiante ao saber da articulação do Elo para realizar, ainda em 2009, o lançamento no sarau do livro “A rima denuncia”, do GOG[82]. Eu, que até ali só conhecia o artista pelas ondas do rádio, onde ouvia suas músicas e que nunca havia assistido a um show dele ao vivo, ia poder ver de perto o GOG. A lembrança mais próxima que eu tinha, era da alegria e admiração nas palavras da minha irmã, que esteve presente com o artista em um trabalho na cidade de Brasília, que foi a primeira e única viagem dela para outro estado.

Naquele momento, isso significava trazer minha irmã um pouquinho mais para perto de mim e, também, rememorar sua emoção, sentir sua presença e felicidade. E essa noite foi assim, muita música, poesia e celebração. O bar do Santista ficou pequeno diante da grandeza e generosidade das palavras cantadas pelo GOG, que também ocupou todos os espaços possíveis, dançou e colocou a energia e vibração

[82] Nessa entrevista, GOG compartilha sua trajetória desde a infância até os dias atuais, e como foi se construindo enquanto referência do rap nacional. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2022/03/13/aos-57-anos-rapper-gog-reflete-sobre-sua-trajetoria-e-as-contribuicoes-de-sua-geracao/. Acesso em: 5 ago. 2024.

lá em cima, com várias récitas. A música “Brasil com P”[83] foi o ápice da sua apresentação. A letra, que faz uma crítica às desigualdades sociais e à corrupção no Brasil, é elaborada a partir de uma “brincadeira”, ou o que é chamado nos estudos da língua portuguesa de aliteração da letra “P”. E denuncia a realidade de nós, pobres brasileiros, explicita a violência policial e as falsas promessas que muitos políticos fazem e não cumprem, a desigualdade e a falta de condições materiais da população, além da precariedade da nossa sociedade. Momento memorável e de grande importância para a cultura hip hop. Michel Yakini deixou um registro desse encontro[84].

[83] Para ouvir o rap na íntegra, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=6v0oXz499xg.

[84] “Na última quinta (23/09), nossa roda de poemas (edição 124) realizou o lançamento do livro ‘A rima denuncia’, de GOG. Contamos com a presença do próprio GOG e também do camarada Nelson Maca (Blackitude-BA), que organizou a obra, além de vários malungos de diversas quebradas e movimentos e os poetas e poetisas que fortalecem toda quinta conosco. Foi, sem dúvida, uma celebração da nossa cultura, da nossa literatura. Tinha uma força, uma intensidade diferente no ar. Todo mundo dando o máximo pra chamar os tambores, recitar, denunciar, celebrar… Momentos como este ficam marcados na memória da quebrada. O bar do Santista ficou pequeno, mas ao mesmo tempo grande, pois a cidade inteira estava lá dando o ar da palavra, Zona Norte estava lá, Zona Leste estava lá, Zona Sul estava lá, Zona Oeste estava lá, Taboão estava lá, Jundiaí estava lá, a Bahia estava lá, Rio de Janeiro estava lá, Brasília estava lá, Pernambuco estava lá, e não há mais como voltar, pois o que se planta em terra fértil enraíza pra eternidade. As palavras-vivas da nossa poesia estão ecoando até agora no Jardim Monte Alegre. Satisfação em contribuir e participar de momentos como este... me senti privilegiado…” (Almeira; Yakini, 2010b)

Imagem 51 – GOG no Sarau



Fonte: Almeida; Yakini (2010b).
Legenda: GOG (no microfone); ao fundo, Raquel com Yakini e Michel do lado direito - Sarau Elo da Corrente.

Imagem 52 – Sarau Elo da Corrente com GOG



Fonte: Almeida; Yakini (2010b).

Imagem 53 – Lançamento do livro A rima denuncia, de GOG.



Fonte: Almeida; Yakini (2010b).

Esse sarau com o GOG fazia parte das articulações realizadas pelo ativista cultural Nelson Maca[85] no mês em que muitas pessoas ao redor do mundo celebravam o nascimento de Fela Kuti[86]. Nascido na Nigéria (1938-1997), pan-africanista, artista e grande crítico das ditaduras no continente africano. Nas décadas de 1960 e 1970, juntamente com seu baterista e diretor musical, criou e desenvolveu o estilo musical chamado afrobeat, que é o encontro do jazz com o funk norte-americano e a música iorubá. As letras fazem a crítica à ditadura e Fela usou a arte como instrumento central de denúncias sobre as desigualdades no continente. Na pesquisa realizada, encontrei sinais das primeiras movimentações de organização do *Fela Day* no ano de 2008. E, no sarau do Elo da Corrente, a primeira edição desse evento aconteceu em 2009, em parceria com Nelson Maca, do Movimento Blackitude da Bahia[87]. Os registros abaixo mostram a segunda edição do *Fela Day,* no ano de 2010[88].

[85] Pode-se acessar seu perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/nelson_maca/. Acesso em 12 set. 2024.

[86] Para saber mais sobre Fela Kuti, destacamos alguns trabalhos: audiovisual: “Meu amigo Fela”, do cineasta brasileiro Joelzito Araujo. O documentário traz uma importante parte da história do ativista e músico (trailler de divulgação em: https://www.youtube.com/watch?v=-BWVWh5b09w). Há também o documentário “Music is the Weapon” (em: https://www.youtube.com/watch?v=2XtkbruUslw). O livro “Fela Kuti: Contracultura e (con)tradição na música popular africana”, fruto da dissertação de mestrado defendida em 2015 por Rosa Aparecida do Couto, se aprofunda na vida e obra, e vai apontando como Fela foi se constituindo enquanto ativista pelo movimento negro e passou a atuar nas lutas contraculturais dos anos 1960. A dissertação que originou o livro está disponível no repositório da Unesp em: https://repositorio.unesp.br/items/2faa1e56-0847-4e89-8bee-e898c811059f.

[87] Mais informações, ver a postagem no blog. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2009/08/fela-day-em-outubro.html. Acesso em: 20 abr. 2024.

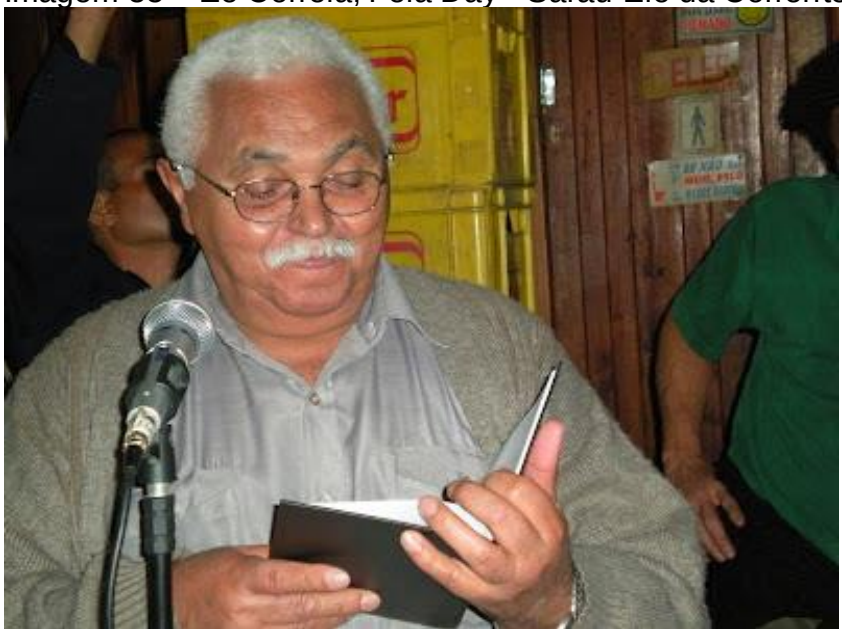
[88] Mais informações, ver postagem no blog. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2010/10/sarau-elo-da-corrente-126-fela-day-2010.html. Acesso em: 20 abr. 2024.

Imagem 54 – Fela Day no Sarau Elo da Corrente - Ba Kimbuta[89]



Fonte: Almeida; Yakini (2010c).

Imagem 55 – Zé Correia, Fela Day - Sarau Elo da Corrente



Fonte: Almeida; Yakini (2010c).

[89] Pode-se acessar seu perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/bakimbuta/. Acesso em: 22 set. 2024.

Imagem 56 – Apresentação no Fela Day



Fonte: Ameida; Yakini (2010c).

Imagem 57 - João do Nascimento - Fela Day



Fonte: Almeida; Yakini (2010c).

Imagem 58 – Poetas no Fela Day



Fonte: Almeida; Yakini (2010c).
Legenda: Raquel Almeida, Fofão, da Comunidade Cultural Quilombaque, e Zé Correia. Fela Day no Sarau do Elo da Corrente.

Estávamos ligadas aos coletivos a que pertencíamos e aos coletivos que estavam próximos e também a instituições como a Ação Educativa[90], que era a organização social que me parecia ter mais proximidade com os fazedores do movimento de cultura. O projeto “Arte na Casa”, em parceria com o poder público, contratava muitos artistas do movimento para realizar oficinas culturais com os jovens e adolescentes em situação de reclusão. O Esperança Garcia também participou desse projeto, organizando saraus literários e oficinas de literatura em vários momentos da nossa trajetória.

[90]Fundada em 1994, a Ação Educativa é uma associação civil sem fins lucrativos que atua nos campos da educação, da cultura e da juventude, na perspectiva dos direitos humanos. (ver página online em: https://acaoeducativa.org.br/).

Imagem 59 – Intervenção na Fundação Casa



Fonte: acervo da pesquisadora.
“Intervenção Poética, Artística e Literária Levante" na Fundação Casa (Unidade Vila Maria), em 11/04/2011. Mariana Laiola, Juliana Queiróz, Raquel Almeida, Sirlene Santos e Samanta Biotti.

Imagem 60 – Na Fundação Casa – Unidade Parada de Taipas



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Fundação Casa - Unidade Parada de Taipas, em 15/04/2011. Mariana Laiola, Samanta Biotti, Raquel Almeida e Juliana Queiroz.

Participamos também da Festa Di Rainhas, organizada pela Lucia Udemezue, do Coletivo Manifesto Crespo, um tributo à arte, aos corpos e à musicalidade negra.

Imagem 61 – Intervenção no Estúdio Fábrica, Lapa.



Fonte: acervo da pesquisadora.
Estúdio Fábrica Lapa, 29/04/2011 - Intervenção do Esperança Garcia.

Imagem 62 – Festa Di Rainha



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Sirlene Santos – Festa Di Rainha, 2011

As propostas e intervenções que queríamos fazer eram construídas em encontros internos de formação, momentos em que planejávamos e ensaiávamos nossas ações. No início da nossa formação, esses encontros eram realizados mais frequentemente na casa da Raquel, pensando, inclusive, em preservar sua gestação. Depois, por conta do pouco tempo de vida da Yakini, alguns encontros foram na minha e, depois, passaram a acontecer na casa das outras integrantes, em horários e dias em que, na maioria das vezes, não tive condições de participar.

Imagem 63 – Formação Interna



Fonte: acervo da pesquisadora.
Formação Interna - Casa da Mari: "A mulher na rede pública de serviço", 30/04/2011.

Nossas intervenções não eram remuneradas e para acessar qualquer tipo de apoio e recurso público, precisávamos ter um histórico comprovado de nossas ações. Para isso, contamos com as parcerias e colaboração, principalmente, dos coletivos de que participávamos. De 2009 a 2010, conseguimos comprovar que existíamos e também que já havíamos realizado uma série de ações que contribuíram com discussões relevantes dentro do campo da cultura. Então, participamos do edital VAI[91], uma das poucas formas de acesso a recursos para coletivos independentes na cidade:

[91] O VAI é um programa da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, uma política pública voltada para juventude, destinada a apoiar financeiramente projetos culturais de grupos e coletivos prioritariamente formados por jovens de baixa renda e moradores de regiões desprovidas de recursos e equipamentos culturais. O programa é dividido em duas modalidades e a seleção de projetos acontece via editais lançados anualmente. Muitos coletivos periféricos se valeram dessa política pública da cidade. Um bom exemplo é o próprio Coletivo Literário Elo da Corrente. Quando cheguei, o coletivo havia acabado de receber esse recurso e realizou uma série de publicações de

> O VAI, acho que em 2011, e aí, a gente pensou o foco, até então, até porque, a gente começou a trabalhar com a Juliana Queiroz, e ela trazia muito a questão de violência doméstica, foi fazer formação com mulheres, mulheres de periferia, que seriam as mães de vocês, no caso. E a gente queria falar com essas mulheres, e a gente começou a ir nos espaços que elas estavam, entrar e fazer formações. Então, a gente fazia formações de boneca, de turbante, falava sobre os diversos tipos de violência doméstica, fazia oficina de literatura, a gente fez, um dia, o dia da maquiagem, porque a gente queria aproximar essas mulheres da gente (Almeida, 2021).

Participei de todo processo de elaboração do projeto. Inclusive, utilizamos como base da proposta o projeto escrito por mim e pela Raquel, logo no início do coletivo, e que tinha sido submetido a concurso, mas não havia sido aprovado. No entanto, não havíamos perdido o desejo de executar e, com a chegada das novas integrantes, conseguimos fazer os ajustes, combinando as ações e decidindo quem poderia ser a proponente do projeto, já que eu estava impedida por ainda continuar na condição de segurada do INSS, e a Raquel tampouco, por integrar a ficha técnica do Elo. Ficou decidido, então, que, naquela submissão, a Mariana assumiria essa responsabilidade. O projeto “Estética negra, uma beleza enraizada**”** foi avaliado e aprovado no final de 2011, com execução prevista para o ano de 2012.

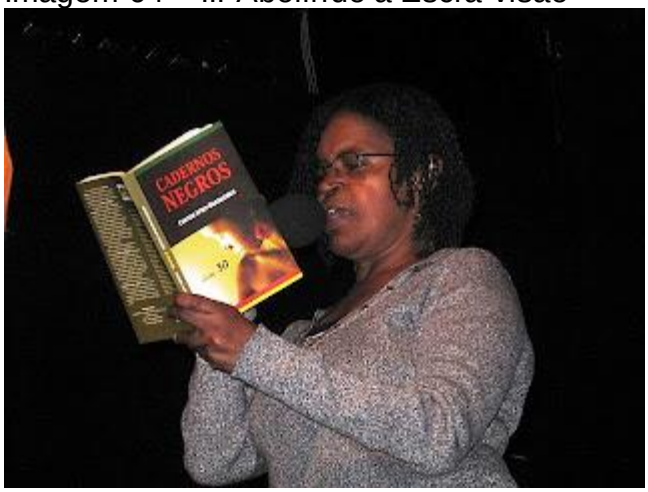
Durante esse período, mesmo sem recursos, demos continuidade às nossas ações, participando de eventos e atividades articuladas pelas integrantes do Esperança. Novamente, no evento temático “Abolindo a Escra-visão”, junto com o coletivo do Elo, propusemos a discussão sobre as lutas e resistências das mulheres negras, com o título “Mulheres Negras: resistência, lutas e conquistas”, trazendo para o centro da cena a escritora Miriam Alves[92] e a intervenção “Levante”, protagonizada por Sirlene Santos. Esse evento contou predominantemente com a presença de muitas mulheres das nossas relações.

---

escritores que se faziam presentes nos saraus. Para saber mais, acesse o site https://programavai.blogspot.com/..

92 Mais informações sobre Miriam Alves, acessar página online (Literafro, 2024c).

Imagem 64 – III Abolindo a Escra-visão



Fonte: Coletivo [...] (2011a).
Legenda: Sarau do Elo da Corrente - III Abolindo a Escra-visão, com a escritora e militante do movimento negro, Miriam Alves.

Imagem 65 – Sarau – Abolindo a Escra-visão



Fonte: Coletivo [...] (2011a).
Ju Queiroz, Raquel Almeida, Ju Balduino, Samanta Biotti e Sirlene Santos – Sarau do Elo da Corrente - III Abolindo a Escra-visão, 2011.

Imagem 66 – “Levante”



Fonte: Coletivo [...] (2011a).
Legenda: Intervenção "Levante", 2011.

Imagem 67 – Sarau da Brasa



Fonte: Coletivo [...] (2011a)[93].
Legenda: Raquel, Mariana, Samanta, Jú Balduino, Juliana Queiroz e Sirlene – Sarau da Brasa/ 2011.

3.7 Gravidez e novos horizontes

Em julho de 2011, descobri minha gravidez, um projeto que vinha construindo com muito carinho e atenção. E também esperança de que essa escolha trouxesse mais sentido para a minha vida e a possibilidade de escrever uma nova história. A falta da minha irmã era um sentimento latente que, mesmo tendo passado nove

[93] Foto de Sonia Regina Bischain.

anos, persistia em forma de tristeza e, muitas vezes, de desconsolo. Escolhi gestar, ser mãe e ofertar para o meu bendito fruto todo o amor e carinho que estava em algum lugar guardado, esperando a oportunidade de florescer.

Nessa nova condição, surgiram duas oportunidades bem marcantes: o convite para participar 13ª Mostra Sesc Cariri, na atividade intitulada “Conexões Poéticas”, que previa o encontro e intercâmbio de saberes entre os poetas cearenses e de outros estados do Brasil; e também a apresentação na Universidade Regional do Cariri. Essa articulação, feita pelos organizadores, contou com o apoio da professora Claudia Rejane[94], que nos acolheu durante toda nossa permanência no Ceará.

Nesse encontro, participei de uma roda de conversa em que falei da minha trajetória e apresentei, de maneira tímida, os dados da pesquisa que havia realizado sobre o sarau.

Imagem 68 – Apresentação da pesquisa



Fonte: Almeida; Yakini (2011).
Legenda: Apresentação da pesquisa - Mãos pretas compartilhando saberes - Arte, cultura e educação, nos saraus literários das periferias de São Paulo – URCA, 2011.

[94] Claudia Rejane Pinheiro Grangeiro possui graduação em letras e direito pela Universidade Regional do Cariri. É doutora em linguística e língua portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e professora adjunta do Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade Regional do Cariri (URCA).

Imagem 69 – Sarau na 13ª Mostra Sesc Cariri



Fonte: Almeida; Yakini (2011).
Legenda: Sarau no Crato Tênis Clube, parte da programação da 13ª Mostra Sesc Cariri - Claudia Rejane, 2011.

Imagem 70 – Sarau no Tênis Clube - Crato/CE, 2011



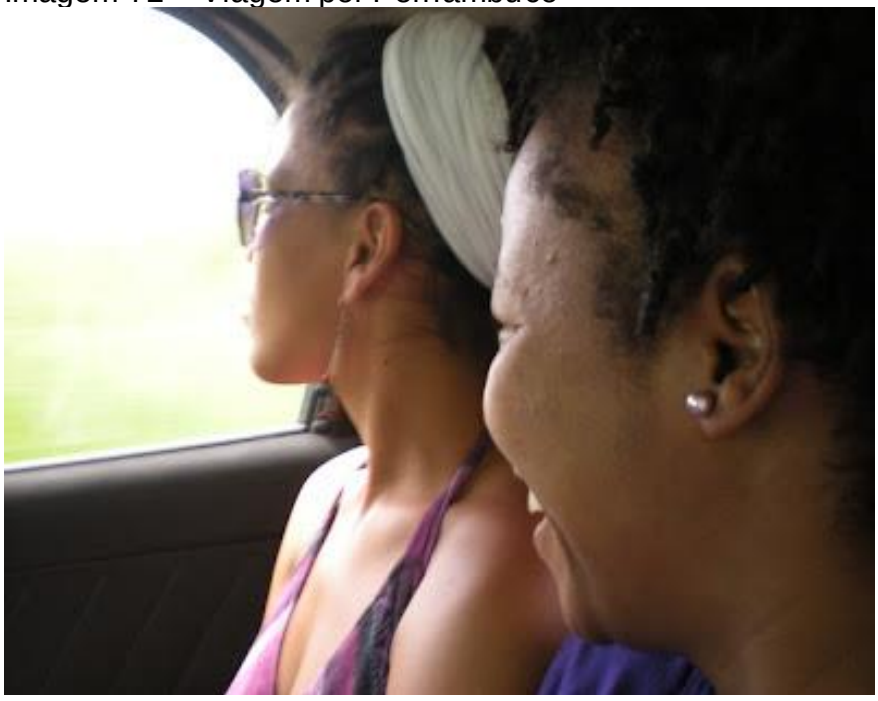
Fonte: Almeida; Yakini (2011).

Imagem 71 – Sarau em Cariri



Fonte: Almeida; Yakini (2011).
Legenda: Michel Yakini - Sarau na 13ª Mostra Sesc Cariri, 2011.

Imagem 72 – Viagem por Pernambuco



Fonte: Almeida; Yakini (2011).
Raquel e Juliana - viagem por Pernambuco, visita a Moreilândia/PE, 2011.

Imagem 73 – Em Moreilândia



Fonte: Almeida; Yakini (2011).
Legenda: Em Moreilândia, cidade do interior de Pernambuco, 2011.

Imagem 74 – Confraternização



Fonte: Almeida; Yakini (2011).
Legenda: Confraternização e despedida. Da esquerda para a direita, Alan da Rosa, Michel, Divino, Juliana Balduino, Claudia Rejane, pessoa não identificada e Raquel Almeida, 2011.

No final de janeiro de 2012, também segui viagem, a convite do Elo, para a Bahia. Era uma proposta organizada por eles de intercâmbio cultural para Chorrochó, cidade do senhor João do Nascimento. Esse encontro, que demorou

quase dois anos para ser articulado, foi apoiado financeiramente por um edital de incentivo à cultura e mobilidade do Ministério da Cultura. Partimos em um grupo de 18 pessoas: eu, Michel Yakini, Raquel Almeida, Divino Silva, Douglas Alves, Jandir Capoeira[95], Edu Godoy, Mareu Souza, João do Nascimento, Zé Correia, Clayton João[96], Vagner Souza, Sidney das Neves, Samanta Biotti, Chellmí[97], Sonia Bischain, Carolzinha Teixeira e Guma[98].

Ainda em 2012, com a aprovação do projeto “Estética negra, uma beleza enraizada", começaram os processos de produção para sua execução. Nesse período, percebi o início de um afastamento por parte de algumas integrantes do Esperança: já não era ouvida nas questões sugeridas e as decisões não eram compartilhadas. Naquele momento, não tive muito que fazer, a não ser aceitar, pois estava quase no final da gestação e não conseguia me dedicar como antes ao projeto e de outras atividades, que passaram a ser realizadas sem minha presença.

Minha filha, Ayana Luz de Paula Silva Ignácio Balduino, nasceu no dia 16 de abril de 2012, às 10h35 da manhã. Foi o dia da minha renovação de votos e compromisso com a vida. Poder segurar em meus braços, pela primeira vez, aquela menina tão pequena e cabeluda... Celebrei sua chegada com todas as forças que tinha e, num determinado momento, tive medo de não ser capaz de bancar a escolha de ser mãe. Mas fui aprendendo, no decorrer dos dias, os choros, a amamentação e o cheirinho gostoso que ela emanava em meus braços. Não foi fácil, mas nós duas fomos nos conhecendo e, nas conversas diárias, entre uma mamada e outra, estabelecendo uma relação de intimidade, cuidado e amor.

Nesse período, sentir-me silenciada doeu, mas também descobri a importância do silêncio no cotidiano. Foi ele quem me desacelerou e me conectou com a natureza. Voltei timidamente a escrever, inclusive, arriscando compor uma

---

95 Pode-se acessar mais informações em seu blog. Disponível em: https://jurandircapoeira.blogspot.com/ . Acesso em: 20 nov. 2024.

96 Seu perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/claytonjoao13/. Acesso em: 20 nov. 2024.

97 Seu perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: Ver: https://www.instagram.com/chellmijep/. Acesso em: 20 nov. 2024.

98 Ver blogs: SARAU ELO DA CORRENTE: Sarau ELO EM BRASA na cidade de Chorrochó - BA (26, 27, 28 de jan) (elo-da-corrente.blogspot.com); e https://elo-da-corrente.blogspot.com/2012/02/1-apresentacao-em-chorrocho-sarau-elo.html

canção de ninar para minha filha, Ayana Luz, que estava ali, perfeita e com uma vida toda para eu cuidar, proteger e me dedicar: “Um anjo do céu!”[99].

Mesmo com o pouco tempo de vida da Ayana, fui me esforçando para participar de algumas agendas que também havia ajudado a construir com o Esperança. Dentre elas, uma formação interna, conduzida pelo Coletivo Manifesto Crespo, uma roda de conversa no Centro Cultural da Juventude e também a única atividade do projeto aprovado, no CRAS[100] Vista Alegre. Agora, não mais como uma das protagonistas do grupo, mas como convidada.

Imagem 75 – Formação com Coletivo Manifesto Crespo



Fonte: Acervo da pesquisadora[101].
Formação Interna com o Coletivo Manifesto Crespo no espaço do Elo - 26/05/2012.

[99] Ouvi a música em https://www.youtube.com/watch?v=kCE2d33yMNA&t=4s. Para saber mais sobre a Banda Maskavo e a mensagem da canção, acessar página online. Disponível em: https://letrasmusicas.com.br/a-historia-por-tras-de-um-anjo-do-ceu-do-maskavo/. Acesso em: 24 jan. 2024.

[100] Sobre o Centro de Referência em Assistência Social, ver site: https://capital.sp.gov.br/web/assistencia_social/w/protecao_social_basica/1906.

[101] Muitas fotos do acervo da pesquisadora sobre esses e outros eventos, podem ser encontradas em Coletivo [...] (2019) e Almeida e Yakini (2007).

Imagem 76 – Oficinas



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Estética negra, uma beleza enraizada - Oficinas Junho/2012 - CRAS Vista Alegre.

Imagem 77 – CRAS Vista Alegre, 2012.



Fonte: Coletivo [...] (2012).

Imagem 78 – Juliana Balduino no CRAS



Fonte: Coletivo [...] (2012).
Legenda: Juliana Balduino - CRAS Vista Alegre, 2012.

O Esperança foi ocupando outros espaços e construiu uma importante história com as protagonistas que estavam à frente das suas ações. Acompanhava pelas redes esse processo, mas não o vivi e, por isso, com todo respeito a esse período em que não estive presente, que foi de 2012 até 2014, me dou o direito de anexar o registro de imagens no final desta tese.

Minhas energias e esperança se voltaram para o cuidado comigo, com a Ayana e com a palavra dada lá atrás, em minha mudança para a Comunidade Estância Jaraguá, que era levar o que havia aprendido de melhor nos últimos anos. Levava comigo o compromisso com a história e memória da minha irmã Susana, e o desejo de ajudar em tudo que pudesse para que nenhuma outra menina ou mulher passasse pela violência que a acometeu. Todas essas questões me incentivaram a buscar estratégias de atuar dentro da comunidade. E também a procurar o espaço escolar para construir lugares de trocas e práticas pedagógicas de uma educação que respeitasse a diversidade e valorizasse as culturas e tradições africanas e afro-brasileiras. Existia uma lei[102] e eu passei a buscar meios para auxiliar em sua implementação.

Tudo era um sonho, que foi sendo construído a partir das vivências com o Elo e o Esperança. Apesar do distanciamento, sempre buscava a oportunidade de voltar para o Esperança, o sonho para mim nunca deixou de existir. Nesse período, as

[102] Ver Lei 11.645/2008 no endereço eletrônico https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_11645_100308.pdf

duas pessoas que continuaram próximas foram a Raquel e a Sirlene. Mesmo não estando presentes em meu cotidiano, sempre que encontravam tempo me ligavam e, em algumas ocasiões, me visitavam.

Na nação Angola o, inkice Kitembo[103] é o responsável de uma forma geral pelo tempo e todas as mudanças climáticas, o sol, a chuva, o vento… é ele quem tem o domínio das estações do ano. Kitembo é representado por vários símbolos, sendo o mais conhecido nas casas da Nação Angola e Congo uma bandeira branca num mastro em sua entrada. Conta-se a história de que a bandeira branca era utilizada pelos povos bantos, que viviam mudando de lugar. A cada mudança, cultuavam a energia de Kitembo, aguardando a direção em que o vento apontava para dar início ao novo caminho. Kitembo está ligado ao tempo cronológico, o rei da nação Angola. Com a certeza dessa energia em minha vida, continuei a caminhar, observando e me conectando com a natureza, na certeza de que em tudo ela estava presente[104].

"Mesmo que a árvore caia, se a raiz estiver viva, brotará"[105]

Zara Tempo![106]

[103] Para saber mais acesse a página: https://www.nossas-raizes.com/news/inkisses/

[104] Redandá (ouvir música na página do Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=oZRtkMl3j_U&list=PLIdy9DLcLn1tX33vZVTYELurHaLnBoPTt&index=12).

[105] Dito ancestral de autoria desconhecida.

[106] Saudação ao Pai Tempo.

Precisamos recriar nossa revolução[107]

Recriar Poemas luta
Poema guerra
Poema imensidão

Procuramos nas linhas da memória
Resgatar raízes
Fortificas as bases
Fortalecer os oris
Em meio às avalanches de desigualdades que estão à nossa volta

Soltaremos um brado de liberdade
Brado de guerra
Empunhamos a magia de nossos ancestrais
Para sermos invencíveis
E invencíveis seremos ao partilhar nossas conquistas

Invencíveis seremos se estamos juntos
Juntos, não só na palavra sem olhar trocado
Juntos pra rir e pra ranger
Juntos para seguir
Pra ser mais e mais
E cada vez mais preparar nossas continuidades

Embora temos muitos avanços
A liberdade ainda não foi garantida
E se nos constituímos quilombo
Seguiremos didé
Seguiremos odara
Seguiremos ocupando todos os espaços.
(Raquel Almeida)

[107] Poema do acervo pessoal da escritora, não publicado.

4 UBUNTU

4.1 Os Quilombos

Eu não aprendi sobre o continente africano na escola. Nos idos dos anos 1980, o que soube através dos professores e dos livros é que eu era descendente de escravizados e esse discurso era reafirmado nas imagens presentes em todo o material escolar a que tive acesso. Fui descobrir bem depois da adolescência, e um pouco mais através dos livros e pessoas negras que já percorriam uma trajetória de estudos, pesquisas e arte (que nunca me haviam sido apresentadas e sequer sabia que existiam), que a África é um continente que tem oficialmente 54 países, com milhares de povos, milhares de línguas, e diversas tradições e manifestações culturais.

A busca por saber e reconhecer-me em outra versão da história é diária, parecida com uma colcha de retalhos, como as que minha vó fazia, que vem sendo costurada a partir de memórias e histórias que me chegam. A escrita e os escritos que reconstroem essa história são acessadas no terreiro, nos quilombos e com as griôs que vou encontrando nessa travessia e que desconstroem as referências oficiais apreendidas principalmente dentro das escolas. E o que pude observar é que ainda são mantidas dentro desse ambiente.

A escra-visão[108] em relação aos nossos valores, símbolos, signos, modo de vestir, cuidar, viver, amar, alimentar, a forma de se relacionar e cuidar da nossa ancestralidade, ainda nos vê com julgamento e suspeição. Por mais que a reafirmação da democracia racial seja uma prática em nosso país, diariamente as práticas demonstram o contrário. São valores impregnados no imaginário social e que só persistem em função do mito da harmonia racial e da falta de compromisso das estruturas oficiais em não se sentirem responsáveis nem desconfortáveis por assumirem isso.

Desprezar nossos valores, nossa cultura, nossas rainhas, reis e as grandes lideranças que foram sequestradas do continente africano, fazer com que a gente sinta vergonha das nossas raízes, desconheça ou não acesse nossa cultura, os

[108] Expressão utilizada pelo Coletivo Literário Elo da Corrente na promoção de saraus que refutam a única versão da Abolição da Escravatura apreendida pela sociedade, e que oportuniza uma reflexão crítica, a partir das artes, sobre a situação da população negra no Brasil.

nossos símbolos e tradições, continua sendo um crime perfeito contra nossa humanidade.

A criação de uma lei que torna obrigatório nas escolas o ensino da cultura e literatura africanas e da cultura e literatura afro-brasileiras no Brasil foi o momento em que presenciei um debate um pouco mais acirrado, mas ainda pouco efetivo. Mesmo que as pesquisas, discussões e produções de intelectuais negras e negros, de certa maneira, tenham ganhado alguma "evidência", isso ainda não é o suficiente quando notamos que tais produções não são as obras "preferenciais" nos currículos de acadêmicos e educadores.

Nossas histórias precisam ser acessadas, contadas e recontadas para nós, pessoas negras, e para as não negras também. É preciso desmitificar a narrativa e o imaginário que faz parecer que a escravização tenha sido algo tranquilo e que está no passado. A necessidade mais urgente é recuperar nossas narrativas, constituídas a partir das memórias, histórias de nossas e nossos griôs,dos nossos escritos, das nossas vivências e experiências na diáspora. Conectar e se aproximar da Terra Sagrada, saber mais das tradições, de rainhas e reis que se parecem conosco, observar a natureza e reverenciar tudo que ela oferece, saber das tecnologias desenvolvidas a partir dos nossos saberes, dos valores e das formas de conexão com a natureza. Conhecer as tradições que inspiram e são referências para nós é um sonho e um compromisso que acredito ser importante para nos fortalecer e transformar a sociedade como um todo, tanto para nós, sujeitos negros, quanto para as pessoas não negras que vivem no Brasil. Não tem como superaressa versão hegemônica sem questionar e sem transformar. É importante conhecer a "História preta das coisas"[109]. Nesta perspectiva, a partir desse momento apresento algumas reflexões sobre os quilombos no imaginário social do Brasil e em várias partes do mundo.

Os quilombos aparecem em muitas narrativas que permeiam nossa sociedade como espaços de abrigamento de pessoas negras que fugiam das fazendas e iam para as matas. Sua organização era para promover guerras e combater os colonizadores. Infelizmente a história dos quilombos no Brasil ainda é

[109] Aqui faço referência ao livro História Preta das Coisas, de Bárbara Carine Soares Pinheiro, que reúne 50 produções científicas pretas que foram fundamentais para o desenvolvimento humano, científico e tecnológico africano e dos negros em diáspora. O livro, que teve seu lançamento em 2021, contribui para ressignificar a ideia ocidental que perpassa nossa sociedade de que a civilização europeia é detentora dos saberes mais relevantes.

pouco conhecida dentro de uma perspectiva que humanize os/as sujeitos negros como protagonistas de importantes articulações para sobreviver a um sistema opressor. Pouco se sabe sobre sua organização, formas de acolhimento e modos de existir e resistir dentro de um contexto de opressão que perdura até os dias de hoje.

Na escola, o Quilombo de Palmares foi a única referência que ouvi falar, isso na década de 1980. E hoje, mais de quatro décadas depois, ainda escuto e vejo dentro do ambiente escolar uma narrativa única sobre quilombos como "*o lugar para onde os pretos fugiam, se escondiam e organizavam guerras, lugar dos escravizados, ou até mesmo de pessoas adultas, lugar de magias e coisas erradas dos pretos*", reproduzindo uma lógica de preconceito e discriminação.

Maria Beatriz do Nascimento (1942-1995) mulher negra, nascida em Sergipe, historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos dos negros e negras, deixou um importante legado sobre a história do negro no Brasil. Preencheu, assim, lacunas existentes na historiografia e desconstruiu a ótica dos colonizadores. Ela contribui de forma fundamental com sua trajetória de pesquisa, de maneira a demarcar e deixar documentos históricos que trazem outra perspectiva da população negra e dos quilombos, reivindicação a que nos propomos há bastante tempo.

No livro "Uma história feita por mãos negras" (2021), o antropólogo Alex Ratts reuniu uma série de artigos, ensaios, resenhas e escritos produzidos por Nascimento entre os anos de 1974 e 1994. A obra apresenta esses aspectos históricos, organizacionais e dialógicos das estruturas dos quilombos no passado, e que servem como referência para contextualizar a presença deles no presente. Beatriz Nascimento questiona a ideia de que as favelas sejam apenas espaços de "sobrevivência e resistência cultural", conceito usado frequentemente dentro do universo acadêmico, e por muitas de nós, militantes.

Faço uso dessa expressão para referenciar o quanto é difícil saber e organizar espaços que sejam sobre nós e para nós. Os quilombos, hoje, continuam sendo espaços que resistem às diferentes adversidades, enfrentando longas distâncias de serviços e comércios, a falta de estruturas básicas como saneamento, água canalizada, transporte, entre outras questões. Sem romantizar ou ignorar todas as ausências, aqui quero nomear e registrar as questões que pude observar, vivenciar e elaborar para esse espaço, do Quilombo da Parada, que, acompanhada de outras mulheres negras como eu, ainda está em construção. Aberto ao público

desde 2015, o nosso objetivo é resistir a “um sistema de instituições vigorosamente opressoras” e vislumbrar “situações mais de acordo com nossas potencialidades e aptidões”.

O quilombo, segundo Beatriz Nascimento, é uma reinvenção da África no Brasil, que continua conectando as sabedorias dos que vieram do continente. Era e é um espaço de trocas culturais, conhecimentos, que se propunha e se propõe a viver com liberdade e de forma equilibrada e respeitosa com a natureza. As mulheres nesse contexto foram e são importantes lideranças e articuladoras, como no caso da princesa do Congo, Aqualtune, e de Dandara que, junto com Zumbi, resistiu em Palmares aos mais variados ataques e opressões. Mulheres que, nos dias de hoje, ainda sofrem para acessar, manter e preservar as essências e práticas culturais que vão se atualizando, mas nunca perdendo a referência das suas origens e ancestralidade.

4.2 O Quilombo da Parada: lugar de existir e resistir

O Quilombo da Parada está localizado no distrito do Jaraguá, na periferia noroeste da cidade de São Paulo. É um espaço que oferece, desde 2015, atividades com foco em educação, arte e cultura preta para a comunidade Estância Jaraguá. Cheguei nessa comunidade em 2009, como está contado na segunda seção desta tese. Hoje reflito que essa chegada se deu por uma necessidade pessoal, mas com um objetivo coletivo. Desde a procura pela casa, seu achado e minha permanência buscando cumprir a palavra dada. Isto é, compartilhar meus saberes e o de outras tantas que fosse conhecendo pelo caminho de promoção e valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Não havia me dado conta de que já vinha de uma experiência coletiva e, nessa reelaboração e estudos, fui percebendo que as casas em que vivi em minha infância eram, de fato, quilombos, espaços de grandes articulações para a sobrevivência e a permanência nessa cidade tão desigual. Eram espaços mantidos por mulheres que eram as minhas avós Neide e Benedicta, de modo a educar, proteger e alimentar, trazendo seus valores e referências. Na adolescência, pude escolher fazer parte de outros quilombos, agora forjados com pessoas que se tornaram família, escolhidas por nossas afinidades e lugares de existir. Esse período da juventude foi importante, pois busquei conhecer outros quilombos que existiam e

ainda existem na cidade, sempre em bando com as primas, primos, amigas e amigos.

Nas andanças pela cidade, os espaços dos quilombos foram ficando distantes diante da necessidade eminente de me adequar a alguns padrões estabelecidos como apropriados para se viver. Quase acreditei nesses padrões, mas acabei voltando atrás e, nos *quilombos das palavras*, pude restabelecer essa ligação interrompida que, no fundo, não havia perdido de vista. Colocar-se aberta, no sentido de acessar os espaços, me aproximar das pessoas, ouvir e poder falar, a desconstrução do discurso oficial foi uma escolha para voltar e conectar com a minha comunidade.

Escrever sobre essa questão não é tarefa fácil. Desconstruir esse imaginário pejorativo muito menos. Mesmo sendo de origem pobre, ainda presencio falas que definem as comunidades, ou favelas, como lugares em que predomina a violência, habitado por pessoas perigosas, onde prevalece a miséria e a fome. Tal imaginário é reforçado diariamente por programas de TV. Esse caráter pejorativo ignora a complexidade desses espaços como sistemas alternativos que, de acordo com Nascimento, “permanecem enquanto recurso de resistência e enfrentamento da sociedade oficial que se instaura”, como exemplo das comunidades que foram sendo construídas no processo de higienização da cidade.

4.3 A comunidade Estância Jaraguá e o Quilombo da Parada

A Comunidade Estância Jaraguá foi se apresentando de maneira mais explícita a partir do momento em que deixei de ir para o asfalto e passei a observar seu tempo, olhar para as pessoas sem pressa, caminhar pelas ruas de terra enfrentando a longa distância entre a casa e o supermercado. Depois que passei a frequentar a imensa feira que acontece todas as quintas-feiras, e é a melhor de toda a região, e entender que as necessidades básicas de direito de toda a população, como água, saneamento básico, transporte, espaço de lazer não existiam. E mesmo diante de todas essas ausências, fui encontrando e construindo uma grande rede de afeto e acolhimento. Percebi e fui reconhecendo muitas mulheres como eu, em sua maioria, negras; outras com traços indígenas bem marcantes, algumas de pele mais clara, outras retintas, pintas, sardas, cabelos lisos, encaracolados, olhos claros, escuros, e das mais diversas estaturas.

Nas trocas, inicialmente com um “bom-dia”, “olá, tudo bem?”, uma parada junto à subida do morro, aos poucos, já sabia o nome de uma e de outra, e foi se dando a aproximação que me levou, também, a ser um ponto de escuta e acolhimento das intimidades dessas mulheres.

Fui descobrindo mulheres jovens, com baixa escolaridade, em ocupações de trabalho informal (prestadoras de serviços, serviços gerais, diaristas), sendo as principais responsáveis pela manutenção financeira dos lares. E com a responsabilidade de alimentar, vestir e educar um número expressivo dentro das próprias famílias, compostas por quatro, cinco ou mais crianças. Uma responsabilidade atribuída apenas a elas. Algumas delas até contam com a presença dos companheiros, mas eles também não estão no mercado formal de trabalho, vivem, muitas vezes, de pequenos “bicos” que surgem no território. Essas mulheres, além de serem as responsáveis por suprir as necessidades básicas materiais, precisavam deixar “tudo pronto” para o cotidiano das crianças, para que elas, em suas ausências, encontrassem o que comer, vestir e seguir para as escolas, aos cuidados dos irmãos mais velhos. Estes, muitas vezes, nem eram tão mais velhos assim na idade, mas em relação à maturidade emocional e intelectual que precisavam ter. A presença de adolescentes e jovens que, ao priorizar o trabalho para compor a renda familiar, abandonam a escola foi e continua sendo um fator que me chamou a atenção.

Como a maioria das periferias, a comunidade Estância Jaraguá está dentro de um contexto de extrema ausência de políticas públicas básicas para a população. Hoje a comunidade mudou um pouco o seu cenário em relação ao período da minha chegada: a energia elétrica foi regularizada, juntamente com a chegada do Rodoanel - Trecho Norte. As obras causaram uma grande devastação na comunidade, desapropriando muitas famílias que nasceram, cresceram e se constituíram ali. Com a determinação de remover suas casas, além de não terem sido indenizados de maneira adequada, com condições de adquirir outra moradia, muitos idosos acabaram por perder suas vidas diante da tristeza de terem que sair das suas casas onde guardavam tantas memórias.

Para chegar na Estrada do Alambique, rua que dá acesso ao Quilombo da Parada e que tem em seu entorno várias casas, é necessário subir o morro, prática comum e cotidiana entre os moradores, e principalmente entre as mulheres, que enfrentam as subidas mais de uma vez ao dia para levar as crianças para as

escolas, ir ao supermercado ou algum serviço de saúde. A principal avenida que abriga o centro comercial fica distante do “portal”, que é uma espécie de entrada/acesso para a comunidade. Só é possível acessá-la pela Travessa Aurélio Linhares, depois vem a primeira subida, que dá a visão do bolsão verde que é a Serra da Cantareira e traz frescor para os corpos em dias mais quentes. Depois desse cinturão verde, na Rua dos Coqueiros, o grande desafio é enfrentar a última ladeira, uma das mais íngremes, só perdendo mesmo para a rua estreita de entrada do Quilombo. Essas subidas exigem coragem. Na maioria das vezes, chegava ofegante, quase sem ar, mas que se normalizava ao respirar profundamente e olhar para a beleza da natureza presente ao meu redor. Isso me revigorava e fortalecia para desenvolver as outras tarefas domésticas e cuidar da pequena Ayana Luz.

Contemplação, leituras ao som dos pássaros e o silêncio no final das tardes anunciando o sereno no cair da noite definem os anos de 2012 a 2015 na constituição do Quilombo da Parada. Reflexões que me embalaram todos os dias para iniciar o que eu havia prometido fazer.

Dentro do cotidiano observado, abrir a minha casa como um espaço para oferecer o que eu havia vivido e trazer as pessoas que se conectaram era o sonho desejado. Foi necessário um tempo de maturação e cuidado, ouvir espontaneamente as demandas e identificar as questões que poderiam contribuir na luta. Uma das primeiras limitações que vi era a disponibilidade das mulheres para participarem das atividades. Era o público com o qual eu havia me dedicado a trabalhar, mas que estava bem distante naquele momento, consumidas pelo cotidiano e pelas responsabilidades, cuidando das roupas, organização da casa e preparo de parte dos alimentos para consumo da semana. Essas mulheres encontravam no domingo o único dia para o “descanso” em meio a todas essas demandas, o único dia disponível para oferecer o meu abrigo. Era preciso recalcular a rota e silenciar... Foi quando observei que muitas crianças ficavam brincando nas ruas, jogando bola, correndo, andando de bicicleta, conversando. Era a forma de socialização e lazer que encontravam dentro da comunidade. Isso em meio também a tantas outras situações, como relações tensas entre vizinhos ou alguns homens em situação de alcoolismo. As crianças faziam parte daquela realidade sem questionamento algum.

No ano de 2014, mais fortalecida dos diversos processos que havia vivenciado, entendi que era o momento de reafirmar meu espaço enquanto

cofundadora do Esperança Garcia e iniciar o trabalho junto à comunidade. Fiz contato com a Raquel e descobri que o coletivo passava por um momento de grande insatisfação e cansaço, para continuar a oferecer atividades. Ainda assim, insisti para ela retomar a parceria comigo, mas tive uma negativa. Em sua entrevista, relembramos essa conversa:

> Acabou o Esperança Garcia. Não tem mais Esperança Garcia, acabou, parei! Aí, a Ju, "Não, Raquel, tem que continuar [...]". Aí eu falei, Ó, Ju, eu não vou mais fazer parte do coletivo, mas o que eu puder contribuir, eu ajudo (Almeida, 2021)[110].

Na época, inconformada com essa resposta, lembro de ter questionado Raquel e falei do meu desejo em dar continuidade ao trabalho que havíamos iniciado. Disse que era um sonho e que, para quem sonhava como eu, não era peso algum continuar, independente da falta de recursos ou do trabalho que fosse preciso fazer. Diante da decisão de acabar com o Esperança, não só da parte dela, mas também das outras integrantes, reafirmei minha posição em continuar. Pedi para ela a senha do blog do Esperança, que havia perdido, e voltei a publicar e buscar formas de reformular as propostas do coletivo.

Nesse ínterim, entre 2014 e 2015 havia voltado a estudar, fazendo um curso a distância de especialização em Educação para a Promoção da Igualdade Racial na Escola[111]. O desejo de compartilhar as descobertas foram aflorados com todo conteúdo trazido na grade do curso. Nessa jornada de estudos, me encontrei com a história de Mercedes Baptista (1921-2014), primeira bailarina negra a fazer parte do corpo de balé do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Nessa época, Ayana, que contava com quase 3 anos de idade, insistentemente me pedia para fazer aulas de balé, pois se via inspirada ao ter contato com um desenho infantil em que a protagonista era uma ratinha bailarina. Lembrei, então, da Sirlene Santos e da sua história com essa linguagem artística. Apesar de ter estudado durante muito tempo balé, Sirlene havia sido obrigada a interromper sua formação pela falta de recursos financeiros. Mas eu já havia

---

[110] Nesta seção, retomo o uso das transcrições realizadas a partir da atividade online Literaviva no ano de 2021.

[111] O curso de especialização UNIAFRO: Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola – 1ª Edição – Modalidade a Distância foi oferecido pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais, departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto. Para saber mais, acesse o site: https://uniafroufop.wixsite.com/uniafroufop.

presenciado sua dança, leve e solta como o ar, que trazia em sua expressividade, agregando outros movimentos muito semelhantes aos que pude presenciar em algumas ocasiões e visitas em terreiros. Essa lembrança me veio forte e quando vi, já estava ao telefone perguntando se ela não gostaria de dar algumas aulas de balé para a Ayana. Para minha surpresa, ela prontamente aceitou. Mesmo eu lembrando a ela o desafio que era chegar até o Quilombo, isso não foi o suficiente para desanimá-la. E ela celebrou o convite dizendo que essa não era uma questão para não oferecer as aulas.

4.4 Quilombo da Parada: um quintal para a comunidade

Ao desligar o telefone, pensei no quanto toda essa dedicação envolve esforço e trabalho. Não achava justo oferecer essa oportunidade apenas para a Ayana, e me lembrei das crianças que ficavam nas ruas, sem nenhuma atividade. Retornei a ligação para a Sirlene e perguntei se, para além da Ayana, ela também poderia oferecer às crianças da comunidade as aulas de balé. Sem gaguejar, respondeu que faria com o maior prazer. Combinamos que eu faria o contato com as famílias e programamos iniciar os encontros no domingo seguinte. Sirlene relembra desse convite e o início do trabalho no Quilombo:

> Então, em 2015, ela me convida, a Ayana bem pequeninha, um cotoquinho, me convida pra vir dar aula de balé pra Ayana, mas ela já tava incomodada de ver a criançada na rua, brincando com outras coisas, mas muito tempo na rua, sem outras opções. E aí, quando eu chego aqui, não tava só a Ayana, tinha um mar de crianças. E aí, de balé, virou outra coisa, a gente começou a fazer outras atividades. Ela me convidou pra gente iniciar esse trabalho com a criançada e os adolescentes. Aí, na época, acho que só tinha criança, acho que adolescente, só tinha a Nara, né, Ju? E hoje essa criançada tá tudo grande! E aí, foi uma honra, uma satisfação, até hoje, de estar aqui, fazer parte de tudo isso. E aí, demos o pontapé, eu lembro que fizemos algumas brincadeiras, alguns jogos lúdicos... E aí, começamos! Isso em março de 2015 (Santos, 2021).

Resolvida a questão do que seria feito, uma coisa que me veio à cabeça: como receberia essas crianças no espaço para além das aulas que denominei de *balé afro*. Fiquei responsável em fazer leituras a partir do pequeno acervo literário que havia constituído em minha jornada e também dos livros que fui adquirindo para a Ayana. Mas faltava algo que acolhesse ainda mais: queria receber com afeto e comida. A comida me tocava como um meio de aproximação e, com o pouco recurso

de que dispunha na época, voltei à infância, me recordando das vivências, sempre em espaços com muitas crianças. E me perguntei como minhas avós driblavam nossa fome com tão poucas condições materiais e muitas crianças para servir. A memória do bolo de fubá, servido junto com o chá de capim santo, e a delícia de se fartar com as fatias generosas que enchiam minha barriga me deram a ideia de, mesmo sem saber fazer bolos, preparar a mesa para esse momento de aproximação.

Pensando em todas essas questões, faltava ainda falar com as crianças e seus responsáveis. Então, no mesmo dia, peguei a Ayana pelas mãos e desci a rua de terra, batendo de porta em porta, falando que na semana seguinte teríamos uma professora de *balé afro* oferecendo oficinas para as crianças e também os momentos de leitura. A primeira mulher da comunidade que me recebeu e aceitou o convite, afirmando que seus filhos iriam participar foi a Kátia. Além de autorizar as crianças, ela também passou a ajudar no Quilombo após algum tempo. Kátia se apresenta da seguinte maneira:

> Meu nome é Kátia Augusto Pinheiro, tenho 55 anos, estudei até a quarta série, precisei parar para trabalhar. Eu trabalhava de limpeza e, agora, atualmente, estou ajudando no Quilombo da Parada (Pinheiro, 2024)[112].

Outras famílias também foram aceitando o convite e uma dessas crianças foi a Auriene, que participa até hoje (2024) das nossas ações. Atualmente, como jovem produtora do espaço, ela é remunerada a partir dos projetos que vamos conseguindo fomentar. Auriene fala da sua chegada no Quilombo, o que viu e aprendeu, ainda criança:

> Meu nome é Auriene Ramos, eu tenho 18 anos, completei recentemente. Moro no Parque Taipas, na estrada do Alambique, e agora estou na faculdade, no primeiro semestre de Psicologia. Cheguei por volta de 2015, eu tinha mais ou menos uns 8 ou 9 anos. Bom, minhas amigas, que estavam comigo no coletivo, quando a gente era pequena, me convidaram para ir lá, eu nem fazia ideia que tinha um coletivo assim, perto de casa, e eu fui lá pra conhecer. Acho que a primeira atividade foi com a Sirlene, se não me engano, e eu acabei gostando porque era um lugar muito gostoso

[112] No ano de 2021, Kátia não participou como integrante do LiteraViva e esta transcrição foi feita a partir de uma entrevista complementar no ano de 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid.

> de ficar, muito tranquilo, podia brincar com meus amigos… e, com o tempo, eu fui ficando e, agora, eu tô desde hoje lá no coletivo (Ramos, 2024)[113].

Nesse período, também resolvi disponibilizar o acervo que havia adquirido, tendo como referência a biblioteca comunitária do Sarau do Elo da Corrente, organizando uma biblioteca para as crianças. Juntei todos os livros de literatura infantil e infantojuvenil e coloquei à disposição da comunidade. Decidi nomear a biblioteca com o nome da minha irmã, Susana. E também compartilhar sua história com as crianças e mulheres. Trouxe seu nome para esse espaço leitor, que nomeei como Biblioteca Comunitária Susana de Paula. Essa homenagem foi inspirada em seu sorriso e trabalho, que desejei desde o início que estivessem presentes no Quilombo. Sua foto está lá, sua história já foi compartilhada diversas vezes com as crianças e pessoas que visitam o espaço, uma jovem negra ativista do Movimento hip hop que merece ser lembrada e que inspira todos os dias meu fazer.

Imagem 79 – Álbum de Família



Fonte: Acervo da pesquisadora.
Susana de Paula – São Paulo – 1999.

[113] No ano de 2021, Auriene era participante do projeto e não integrante do Esperança. Esta transcrição foi feita a partir de uma entrevista complementar no ano de 2024, que considerei importante para a tese, no sentido de ter a voz de uma participante. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid.

Voltando à realização das atividades, combinamos com os responsáveis que haviam autorizado a participação das crianças que as atividades seriam realizadas quinzenalmente, aos domingos. E que estaria disponível o café da manhã, depois haveria uma roda de leitura e, em seguida, as oficinas de *balé afro* com a Sirlene.

Nas primeiras semanas, chegaram 15 crianças, algumas acompanhadas dos responsáveis, que às vezes subiam até a parte do caminho de acesso onde ocorriam as atividades e, mesmo sendo convidados, optavam por retornar aos seus afazeres. O tempo estipulado das ações era de duas horas, iniciando pontualmente às 10h da manhã.

Observando o interesse e a disponibilidade das crianças, eu e a Sirlene fomos entendendo que precisávamos oferecer atividades diversificadas, tornando o espaço mais atrativo para outras crianças. E para que não perdêssemos o público que já estava lá. Em determinados momentos, alguns decidiam ficar na rua brincando, expostos a diversos tipos de violência, como pessoas em situação de alcoolismo, brigas entre vizinhos, xingamentos e palavrões, e outras questões que prefiro não relatar. Nos primeiros meses de atividades, tivemos que articular os gastos com o transporte da Sirlene e o café da manhã oferecido para as crianças, com pessoas próximas do nosso círculo de relações.

Imagem 80 – Atividade com crianças



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Sirlene e as crianças em nossa primeira atividade de portas abertas - março/2015.

Imagem 81 – Crianças da comunidade.



Fonte: acervo da pesquisadora
Robertinho, Vinicius e Mateus, crianças da comunidade - março/2015.

Imagem 82 – Movimentos corporais com as crianças



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Sirlene orientando as crianças em relação aos movimentos corporais - março/2015.

Nesse primeiro ano, focadas em fazer acontecer, outras crianças foram chegando e conseguimos manter as atividades quinzenalmente, de março de 2015 até julho de 2016. E fizemos tudo isso apenas com recursos próprios, sem nenhum projeto aprovado por fomentos públicos, apesar das inúmeras tentativas em editais estaduais e municipais que haviam feito chamadas nesse período. A Kátia foi a primeira mãe que se dispôs a contribuir como voluntária no projeto, auxiliando no preparo do café da manhã e na organização do espaço para as atividades. Ela relembra esse momento da nossa história, e ainda revela o motivo que a fez permanecer no Quilombo:

> A gente começou a fazer atividades com as crianças, eu te ajudava no café… Era só nós duas, na época, quando você começou. E o que mais? E aí, eu comecei a me sentir bem porque eu não sou de tá no meio de muita turma. Eu sou mais, assim, de ficar mais reservada, sou fechada. Eu comecei me sentir melhor, se abrir, a ter mais, como que chama, assim… conversar mais com a turma, que eu não sou de muito conversar, né? Como você me conhece. E aí eu comecei a me sentir melhor (Pinheiro, 2024).

A Auriene, uma das crianças participantes das atividades, também relata o que chamou sua atenção no Quilombo e o que a conectou e fez com que permanecesse.

> Foi questão de conhecimentos, porque desde pequena eu não me aceitava muito bem. Por exemplo, eu nem gostava do meu cabelo cacheado… Com o tempo, eu fui abraçando as minhas culturas, as minhas virtudes… por causa que você, Ju, foi me ensinando isso, a conhecer mais a minha cultura, a história dos meus antepassados, dos meus ancestrais. E, com o tempo, eu conhecendo mais crianças, fui acabando me apegando a elas… Até os dias de hoje, eu sou muito apegada às crianças… E também é um lugar muito gostoso de ficar, lá perto da natureza, essas coisas e tal. Então, isso acabou fazendo eu ficar lá no Quilombo (Ramos, 2024).

Nesse percurso, além das atividades quinzenais com as crianças da comunidade, também fomos procuradas por professores da Diretoria de Ensino Pirituba/Jaraguá. Elas pediram que o Quilombo ofertasse alguma vivência para os professores da região. Essa foi uma das primeiras ações externas à comunidade que realizamos. Em nosso encontro LiteraViva, a Sirlene destacou a importância desse momento para ela, que conduziu uma das atividades corporais:

> E, aqui, é a última foto, pra mostrar um pouquinho do trabalho em que foi dado o pontapé nas formações com os professores, muita saudade! Então, esse aqui, foi um dos encontros que tivemos. Aqui, nós recebemos 40, 45 professores aqui da região de Pirituba-Jaraguá. E aí, foi uma das vivências que eu propus, que foi essa massagem em círculo, fazendo essa unidade, essa proximidade, fortalecendo os vínculos (Santos, 2021).

O aumento no número de crianças que passaram a recorrer ao nosso espaço para participar das atividades causou preocupação, principalmente em relação à oferta do café da manhã. Era uma das ações mais importantes que a gente queria oferecer. Além disso, a necessidade de materiais (canetas, lápis de cor, colchonetes, alimentos e novos livros), equipamentos (projetor, computador e impressora) davam um certo limite às nossas ações. Mas, nós fomos reinventando a partir do disponível com nossa criatividade e a das crianças. A própria Auriene ressalta essa questão:

> Eu acho que eu levei a minha criatividade. Porque sempre que tinha atividades, onde a gente ia ficar fazendo coisa prática lá, eu dava tudo de mim, desde desenhar, dançar, cantar, e eu sempre fui uma criança bastante criativa. Até hoje eu tenho uns processos criativos e eu acho que eu levei a minha criatividade pra lá. E espero incentivar outras crianças também a serem criativas (Ramos, 2024).

Muitas amigas e amigos artistas de outras periferias se conectaram comigo e com a Sirlene, demonstrando interesse em chegar. Mas a distância e a falta do transporte público tornavam esse desejo distante da realização.

Em junho de 2015, as crianças pediram para organizar uma festa julina, tendo como referência as festas da escola. Atendemos esse desejo com o apoio de algumas pessoas, principalmente a Kátia e sua família, fundamentais para que ocorresse essa celebração. As crianças também tomaram a frente dessa organização, que resultou numa festa bem bonita, com direito a figurino e muita comida boa[114].

[114] Para ver mais sobre esse dia, acessar publicação do blog. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2015/07/festa-julina-quilombo-da-parada.html. Acesso em 23 jul. 2024.

Imagem 83 – Fotografia dos alimentos



Fonte: Balduino (2015).
Legenda: Cachorro-quente e o bolo de fubá - 2015.

Imagem 84 – Crianças na festa julina



Fonte: Balduino (2015).
Legenda: Robertinho e Nicole na quadrilha da festa julina - 2015.

Nesse mesmo mês, tivemos ainda nossa primeira troca de saberes em um espaço fora do Quilombo. A convite do artista visual Jardélio Santos[115], levamos algumas crianças da comunidade para participar da “Mostra de Processos Artísticos”, organizada pela Fábrica de Cultura Vila Nova Cachoeirinha. Conseguimos a autorização dos responsáveis para sair da comunidade e seguir para outro bairro com crianças tão pequenas. Naquele momento, entendi que havíamos avançado e conquistado mais um pouco da confiança das famílias.

Imagem 85 – Aprendendo serigrafia



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Arte-educador Jardélio explicando a técnica de serigrafia para Robertinho - 2015.

[115] Jardélio Santos (ver perfil em https://www.instagram.com/jardelio/) participou como convidado do LiteraViva no ano de 2021 para falar dessa relação com o Esperança Garcia.

Imagem 86 – Crianças e Arte-educacor na Fábrica de Cultura



Fonte: acervo da pesquisadora.
Nicole (camiseta azul), Auriene (blusa preta), Ianara (camiseta branca), Jardélio e Robertinho, com a camiseta produzida na Fábrica de Cultura - 2015.

Algumas parcerias foram chegando e pensando o espaço do Quilombo como um lugar possível de realizar ações. Naquele ano, recebemos o projeto “Que Batuque é este?”, organizado pela Baby Amorim[116], do Ilú Oba de Min[117], que previa rodas de conversa para refletir e fortalecer ações de combate ao racismo.

[116] Ver perfil em Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/babyamorimamorim?igsh=MWdhbDNlcDhpdHl0Yg== . Acesso em: 12 ago. 2024

[117] Ver página no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/iluoba/. Acesso em: 12 ago. 2024.

Imagem 87 – Que Batuque é esse?



Fonte: acervo da pesquisadora[118].
Legenda: Card de divulgação da atividade Que Batuque é este? – 2015.

Imagem 88 – Famílias do Quilombo da Parada



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Crianças e famílias do Quilombo da Parada na atividade Que Batuque é este? – 2015.

Nessa ação, a presença das famílias dos participantes foi expressiva. E principalmente das mulheres, que foram avisadas com antecedência e conseguiram organizar seus afazeres e estarem no Quilombo. Para esse encontro, o tema

[118] Arte do Card produzida pelo Ilú Obá De Min.

proposto foi “A naturalização do racismo e do sexismo nos meios de comunicação”. A roda de conversa foi conduzida pela fotógrafa e educadora Mônica Cardim[119], que, além de sua fala, trouxe imagens impressas que embasaram o tema da exclusão de mulheres negras e a falta de representação desses corpos nos meios de comunicação. Após o debate, foi exibido o documentário “As matriarcas do Samba de Bumbo”, que trazia esses corpos negros dentro de um contexto de representatividade e reconhecimento, partindo das suas próprias artes. Essa foi a primeira atividade realizada com o Ilú Obá de Min em nosso Quilombo e o início de uma aproximação que perdura até os dias de hoje.

Em agosto desse mesmo ano, recebemos o projeto Cavalete Andante[120], idealizado pelo Jardélio e por Bruno Perê[121]. A iniciativa criada pela dupla era promover espaços criativos de desenvolvimento artístico, por meio da arte e da pintura, em espaços abertos, “provocando, desta forma, uma intervenção cultural, por meio de processos pictóricos em diferentes suportes, entre eles a madeira e a tela”[122]. Esse foi um dos domingos mais lindos da nossa caminhada. Depois, o projeto rendeu outras parcerias e vivências artísticas bem importantes para as crianças.

[119] Para mais informações, ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/monica_cardim/. Acesso em: 23 set. 2024.
[120] Para mais informações, ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/cavaleteandante/?locale=us&hl=am-et. Acesso em: 5 set. 2024.
[121] Para mais informações, ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/perepecias/. Acesso em: 5 set. 2024.
[122] Para mais informações, ver o blog do projeto. Disponível em: https://ocavaleteandante.blogspot.com/2012/06/o-cavalete-andante.html. Acesso em: 5 set. 2024.

Imagem 89 – Criança pintando



Fonte: Balduino (2015b).
Legenda: Ayana, 3 anos, pinta tendo como suporte o papel sobre a pedra do quintal do Quilombo - 2015.

Imagem 90 – Pintando no quintal do Quilombo



Fonte: Balduino (2015b).
Nicole, em primeiro plano, e Maria Eduarda atrás, pintam tendo como suporte o papel na árvore do quintal do Quilombo - 2015.

Imagem 91 – Saltando em liberdade



Fonte: Balduino (2015b).
Ayana em seu momento de pura liberdade - 2015.

Imagem 92 – Foto com as crianças da atividade



Fonte: Balduino (2015b).
Legenda: Foto final com todas as crianças que participaram da atividade do Cavalete Andante – Quilombo da Parada - 2015.

Jardélio Santos se tornou uma referência para as crianças dessa primeira geração que participava das atividades no Quilombo. As propostas artísticas que ele trouxe para nosso quintal fortaleceram ainda mais os vínculos com as crianças e a aproximação com as artes, mostrando que era possível estar nesse universo sem rótulos. Aprendemos com esse artista, educador e amigo que nós também éramos capazes de fazer, e de que "não existe certo ou errado para a arte, cada pessoa tem um traço, círculo, ou modo de fazer diferente do outro". Em uma das atividades no Quilombo, quando alguma criança pedia borracha para apagar e refazer seu desenho, Jardélio dizia que não era permitido apagar e que a criança deveria dar continuidade ao desenho criando formas de resolver a sua finalização.

Esses momentos com meu amigo e educador Jardélio abriram portas para que eu também me sentisse pertencente ao mundo das artes. Não naquela proposta conhecida como as "Belas Artes", mas a que nasce a partir da espontaneidade dos traços e que encontra ponto e formas em observações reais, próximas de mim. O estímulo era para que as crianças mesmas se reconhecessem enquanto referência para suas próprias produções. Ao final da atividade, depois de muita tinta no papel, nos rostos, nas pedras e nas mãos, fizemos uma exposição das obras produzidas.

O grupo Dudu Badé[123], hoje Cia Caruru, também esteve em nosso quintal naquele ano, levando brincadeiras embasadas nas culturas negras e culturas africanas. A atividade proposta para as nossas crianças foi a "Caça ao Tesouro". A partir das brincadeiras, de histórias e da exploração do quintal do Quilombo, as crianças foram estimuladas a encontrar os diferentes pontos onde havia orientações dos próximos passos para encontrar um "tesouro". Ao final, houve uma atividade de plantio coletivo e todo mundo subiu para área externa do Quilombo. E, lá pertinho da mangueira, tivemos nossa primeira atividade com a terra.

O coletivo trouxe atividades que exploraram a ancestralidade desmistificando-a de forma lúdica. Uma manhã com instrumentos musicais, tecidos, balaios e ornamentos que representam as tradições africanas.

[123] A página do grupo Dudu Badé foi atualizada para o nome de Cia Caruru no Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/cia.caruru?mibextid=ZbWKwL. Acesso em: 10 nov. 2024. Já no Instagram, é possível encontrar várias ações atuais promovidas pela Cia Caruru. Disponível em: https://www.instagram.com/cia.caruru?igsh=dmRldXN2b2pncTI2. Acesso em: 10 nov. 2024.

Imagem 93 – Plantando



Foto: acervo da pesquisadora.
Ayana ajuda a plantar no Quilombo da Parada - 2015.

Imagem 94 – Caça ao tesouro



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Grupo Dudu Badé orientando as crianças sobre a Caça ao tesouro – 2015.

Em outubro de 2015, realizamos nossa primeira festa em homenagem ao Dia das Crianças. A atividade Dreads Poéticos[124] – Edição Especial Dia das Crianças foi elaborada e organizada no Quilombo em parceria com a Yaisa. Ela é pedagoga, trançadeira e idealizadora do projeto. A ação previa a participação de várias artistas, escritoras, empreendedoras. Dentre elas, destacamos a presença da escritora Elizandra Souza[125], de Lúcia Makena[126], pedagoga e artesã, da digital influencer Ana Paula Xongani[127], de Daniela Andrade[128], empreendedora do ramo da moda afro e da DJ Camila Mina[129].

As crianças participaram de diversas atividades, como contação de histórias, aprenderam a trançar, observaram os cuidados com os dreads, tiveram contato com tecidos e roupas africanas e, além do café da manhã, experimentaram o caruru que eu e a Raquel Almeida preparamos, firmando nosso ponto e nossa tradição com a culinária afro-brasileira.

---

[124] Sobre a atividade, ver página no Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/dreadspoeticos/about. Acesso em: 9 jan. 2024. Ver também a postagem do blog do Coletivo. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2015/10/registro-da-nossa-ultima-atividade.html. Acesso em: 11 jan. 2024.

[125] Acessar perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/elizandra_mjiba?igsh=MTZua2Z4bHpzZDQx

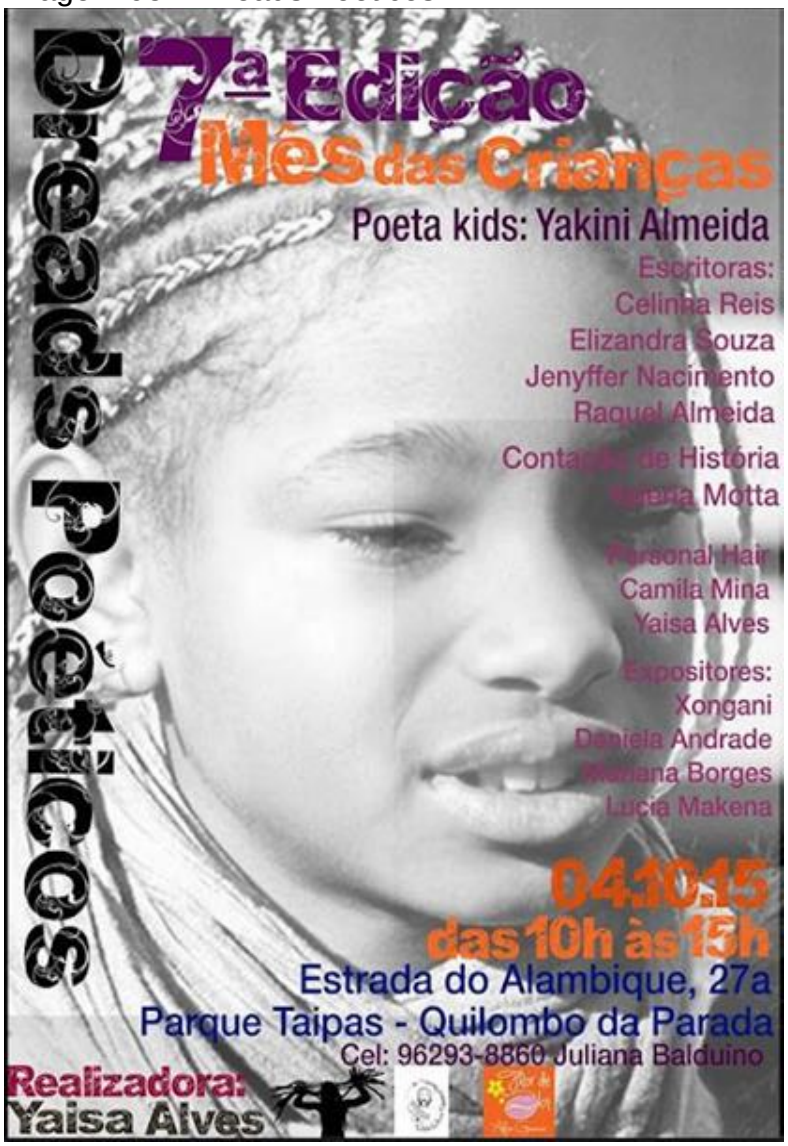
[126] Acessar perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/luciamakena?igsh=MXc3amhpejNiZWRydw==

[127] Acessar perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/anapaulaxongani?igsh=MWdsbXdqaXpuZnkzMQ==

[128] Acessar perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/afrodannyandrade?igsh=MWNvank4cDJ0Y2liYQ==

[129] Acessar perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/djkmina?igsh=dmdzeGQxbnZvcDFs

Imagem 95 – Dreads Poéticos



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Card de divulgação do evento Dreads Poéticos.

Imagem 96 – Crianças e Roupas



Fonte: acervo da pesquisadora
Legenda: Maria Eduarda e Nicole. Ao fundo, a escritora Elizandra Souza.

Imagem 97 – Oficina de tranças.



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Oficina de tranças em manequim com as crianças do Quilombo.

No mês de dezembro, recebemos a oficina de sensibilização musical, conduzida pelo músico Eduardo Brechó[130]. Tivemos também a mediação em leitura, estimulando a escrita e o desenho, sob responsabilidade da Raquel Almeida.

Imagem 98 – Oficina de sensibilização musical



Fonte: Balduino (2015c).
Legenda: O músico Eduardo Brechó e as crianças.

Imagem 99 – Crianças escrevendo e desenhando



Fonte: Balduino (2015c).
Legenda: Após a mediação, Raquel Almeida orienta as crianças a desenharem e escreverem.

Fechamos nosso terreiro com a oficina de bonecas Abayomi. Com a ajuda da historiadora Ana Paula Martins, compartilhamos a história que conhecíamos sobre a

[130] Para mais informações sobre o músico, acessar perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/eduardobrecho_/. Acesso em: 22 jan. 2024.

boneca Abayomi, que eram confeccionadas durante a travessia por mulheres negras para seus filhos. E fizemos todos juntos as bonecas a partir de tecidos doados por parceiras.

Imagem 100 – Oficina - Abayomis



Fonte: Balduino (2015d).
Legenda: Oficina de bonecas Abayomis - dezembro/2015.

Nesse primeiro ano de atividades, conseguimos articular parceiras e parceiros diversos que trouxeram para o quintal do Quilombo da Parada suas linguagens artísticas, de maneira totalmente voluntária. Os processos artísticos que experienciamos nesse período foram importantes e se tornaram o alicerce para uma construção que foi ganhando forma e despertando o interesse das crianças e a aprovação das famílias. Elas começaram a identificar o Quilombo da Parada como um espaço seguro e que transmitia valores com os quais tinham afinidade.

No ano de 2016, as atividades prosseguiram com outras parcerias, com artistas que, assim como nós, desejavam fazer a diferença. Foram muitas articulações para que essas pessoas estivessem com a gente e isso só fortaleceu o nosso Quilombo da Parada. Eu e Sirlene íamos ajustando os momentos sem parcerias e construindo uma agenda quinzenal de atividades.

No segundo semestre desse mesmo ano, interrompemos as atividades durante alguns meses, já que a demanda se tornou maior do que podíamos atender. O Quilombo estava lá, mas não estávamos dando conta da dimensão que tomou e,

com muita dor no coração, deixamos de atender de agosto a dezembro daquele ano. Foi o momento de repensar a rota e buscar uma condição melhor de realização, já que a necessidade de ações na comunidade era um fato constatado.

Em agosto, recebi a ligação da Janaina Albuquerque[131], que é uma das coordenadoras da Comunidade Cultural Quilombaque[132]. Ela me falou do edital do Programa de Fomento à Cultura de Periferia. Era uma reivindicação de diversos artistas e produtores culturais. Foram o Fórum de Cultura da Zona[133] Leste e o Movimento à Cultura da Periferia que elaboraram e reivindicaram junto ao poder público a Lei de Fomento à Cultura da Periferia, e que tinha sido aprovada em julho daquele ano[134]. O argumento era necessidade de maior apoio público aos grupos e espaços culturais de determinados territórios periféricos. Jana me disse que era a oportunidade de prosseguir ações e projetos no Quilombo de uma forma melhor estruturada.

Mesmo sem muitas expectativas, voltei aos projetos que havia escrito anteriormente, organizei dentro da estrutura que o edital exigia e submeti para avaliação. Em 1º de dezembro de 2016, quando a lista foi publicada, o nome do Esperança estava lá entre os selecionados com o projeto “Cultura no Quintal do Quilombo da Parada”. O projeto previa a realização de uma série de atividades culturais ao longo de 24 meses.

Em janeiro de 2017, iniciamos a execução do projeto. Pudemos comprar materiais para as oficinas, ampliar o acervo da biblioteca, acrescentar novos itens ao café da manhã e ampliar nossa oferta de ações na comunidade.

Em nossa primeira roda, exibi toda orgulhosa para as crianças o livro novinho que havíamos acabado de comprar, “O Mundo no Black Power de Tayó”, da escritora Kiusam Oliveira[135]. Essa escolha não foi por acaso. A partir da minha própria experiência e de muitos relatos de racismo dentro do ambiente escolar

---

131 O perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/janaalbuq?igsh=MWE0eXVjZjVodDQxNg==. Acesso em 23 jan. 2024.

132 Perfil disponível no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/quilombaque/. Acesso em 23 jan. 2024.

133 Perfil disponível no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/fczl_forumculturazl?igsh=N2lyN3hwczhsZ2po. Acesso em: 23 jan. 2024.

134 Mais informações, ver site com a referida Lei. Disponível em: https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16496-de-20-de-julho-de-2016#:~:text=Art.%201%C2%BA%20Fica%20institu%C3%ADdo%20o%20Programa%20de%20Fomento%20%C3%A0%20Cultura. Acesso em: 23 jan. 2024.

135 Perfil da escritora pode ser encontrado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/mskiusam?igsh=cWl2aW9uNHN5eGRr. Acesso em: 29 mar. 2024.

trazidos pelas crianças, optei por fortalecer a autoestima delas através da literatura. E o livro trazia uma mensagem baseada na estética positiva de nossos cabelos e no afeto. Também foram feitas várias impressões com alguns símbolos adinkras, que foram compartilhados entre as crianças. Mostramos que os símbolos eram uma entre várias outras possibilidades da escrita africana e que cada um deles trazia uma ideia expressa. Eles tinham sua origem em Gana e, no contexto histórico brasileiro, foram sendo utilizados em diferentes espaços, inclusive arquitetônicos, como portões e janelas, sem que fossem reveladas suas origens e intenção de produção.

Imagem 101 – Roda na biblioteca



Fonte: acervo da pesquisadora.
Livros da biblioteca colocados na roda para as crianças explorarem.

Imagem 102 – Projeto Cultura no Quintal



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Projeto Cultura no Quintal do Quilombo da Parada.

Nos meses seguintes, tivemos nossa primeira sessão audiovisual dentro do espaço. Era a sala da minha casa e passou a abrigar a Biblioteca Susana de Paula. O filme escolhido foi “Kiriku e os homens e as mulheres”[136], que tinha como protagonista um menino negro que “nasce falando” e quer salvar seu povoado. Trazer referências negras em audiovisuais partiu da ideia de que as crianças pudessem se ver na tela em personagens infantis com características parecidas com elas. Além disso, queríamos histórias e narrativas que valorizassem o afeto, a coragem e a empatia entre as crianças.

As vivências em língua inglesa entraram em nossa proposta de atividades, conduzidas pela arte-educadora Rafaela Araújo[137]. O objetivo era estimular as crianças ao estudo e universo dessa língua, que é referência de comunicação com o mundo.

[136] Título original: *Kirikou et les hommes et les femmes* (Michel Ocelot, 2012).
[137] O perfil da arte-educadora pode ser acessado no Instagram. Disponível em : https://www.instagram.com/rafaaraujo_santana?igsh=ejg1b3NueGhvZXpx. Acesso em: 22 jan. 2024.

Imagem 103 – Oficina de Inglês



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Oficina de inglês com a arte-educadora Rafaela Araujo - 2017.

Imagem 104 – Biblioteca Comunitária



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Auriene, Maria Eduarda, Nicole e Beatriz - sala da Biblioteca Comunitária Susana de Paula – 2016.

A maioria das nossas atividades começava com as leituras e essa ação foi ficando cada vez mais requisitada e priorizada pelas crianças, com a chegada dos novos livros. A Biblioteca Comunitária Susana de Paula se tornou o espaço principal para receber as diversas atividades e linguagens artísticas previstas no projeto. E também para receber as pessoas próximas que queriam realizar algo no Quilombo.

Imagem 105 – Crianças na porta da cozinha



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Lauane e Ayana na porta da cozinha do Quilombo da Parada - 2017.

Imagem 106 – Crianças e adolescentes do Quilombo da Parada – 2017



Fonte: acervo da pesquisadora.

Fomos convidadas a participar da oficina “Habitar em Cores”, no projeto Viela 4, no bairro do Jardim Paulistano. A iniciativa era organizada pelo Cavalete Andante e foi mais um momento de ampliar as relações e laços com esse parente perto da gente.

Imagem 107 – Oficina Habitar - Viela 4 - 2017



Fonte: Balduino (2017a).

No Quilombo, as atividades seguiram no decorrer do dia e pessoas próximas da nossa rede foram chegando. Recebemos a visita da artista plástica visual Sheyla Silva, tivemos uma roda de leitura com o conto “Gaivota”, de Ricarda Goldoni, exibimos um vídeo sobre a história da dança e, ao final, uma oficina de dança e dinâmicas corporais, com Sirlene.

Imagem 108 - Crianças do Quilombo assistindo ao documentário - 2017



Fonte: Balduino (2017b).

Imagem 109 – Atividade em roda com as crianças



Fonte – Balduino (2017b).
Legenda: Sirlene (de costas), crianças e Sheyla Silva ao fundo, com uma máquina fotográfica.

Realizamos algumas rodas de conversa com as crianças, adolescentes e alguns responsáveis para fazer combinados em relação às atividades, falar do espaço e também fazer leitura.

Imagem 110 - Café da manhã com as crianças do Quilombo - 2017



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 111 – Leitura para as crianças



Fonte: Balduino (2017d).
Fonte: Leitura do livro Amanhecer Esmeralda, do escritor Férrez - 2017.

A Sirlene conduzia fortemente as atividades corporais e as crianças e adolescentes entravam nessa roda de corpo e movimento.

Imagem 112 – Oficina de dança - 2017



Fonte: Balduino (2017c).

Em meio a tantas demandas que nos afligiam e ainda afligem no território, a questão ambiental era uma frente de trabalho que entendemos ser urgente. Não sabíamos, por exemplo, como encaminhar a questão do lixo na comunidade. Queríamos começar a cuidar dos resíduos orgânicos produzidos no Quilombo e foi

nesse período que a historiadora e educadora Carolina Vasconcelos propôs que iniciássemos o tratamento dos resíduos fazendo uma composteira no Quilombo. Era a forma mais ecológica para tratar o que era produzido e usar de forma eficiente e consciente o que as matérias orgânicas poderiam nos oferecer. Organizamos uma atividade para construir a composteira no Quilombo.

Imagem 113 – Composteira



Fonte: acervo da pesquisadora.
Organizando a composteira com as crianças - 2017.

Nesse ano também recebemos a visita da Thayame Porto e sua Kombi-Biblioteca, que realizava um trabalho de mediação em leitura e contação de histórias nas periferias a partir de um acervo organizado dentro do veículo. Foi dessa forma que o projeto “Passarinho Contou” chegou para nossas crianças em um fim de tarde/início de noite. Isso despertou a curiosidade das crianças em saber como era ter uma biblioteca dentro de um carro. Não tínhamos essa referência e foi inspirador esse momento para todas nós.

Imagem 114 – Atividade com “Passarinho Contou”



Fonte: Balduino (2017e).
Legenda: Atividade com o “Passarinho Contou” no Quintal do Quilombo da Parada - 2017.

Imagem 115 – Lendo histórias



Fonte: Balduino (2017e).
Legenda: Thayame Porto e as crianças em uma noite cheia de histórias - 2017.

Em abril, recebemos no Quilombo a visita do programa “Manos e Minas”, da TV Cultura. Eu havia feito o contato com a apresentadora do programa, que acompanhava semanalmente, assistindo a matérias que eles realizavam nas periferias. Entendi que também tínhamos algo a dizer e mostrar. Fui encaminhada para a equipe de produção, que marcou o dia de gravação e, em um domingo do

mês de abril, recebemos Rodney Suguita e toda a equipe para a primeira matéria sobre nosso trabalho exibida na TV[138].

Pensando a questão da saúde e o uso de cosméticos que agridem o meio ambiente e o nosso corpo e dialogando com a arte-educadora Carolina Vasconcelos, fizemos nossa primeira oficina de cosméticos naturais para as mulheres da comunidade. A ideia era conscientizá-las em relação ao uso e aos impactos dos produtos industrializados e de valor elevado, e trazer uma referência de cuidado e baixo custo.

Nesse período, outras questões da comunidade começaram a surgir com mais frequência e que não diziam respeito somente à ausência de lazer e atividades culturais. Eram pedidos de auxílio nas mais diversas questões, como ajudar na elaboração de currículo, orientações em relação às dificuldades das crianças nas escolas, recursos para comprar alimentos, roupas, calçados... E muitas mulheres confidenciando as violências sofridas dentro de casa. Mesmo sabendo que não conseguiria resolver todas essas questões, na medida do possível, tentava minimizar as necessidades mais imediatas. Foi um período em que não consegui mais separar a casa do projeto, era tudo uma coisa só e passei a me sentir impotente quando não conseguia atender os pedidos que chegavam diariamente. Nessas andanças, retomo o contato com a Lunna que passou a ser uma companheira significativa nessa travessia.

> Eu sou Lunna Rabetti, eu trabalho com o movimento Hip Hop. No movimento Hip Hop existem cinco elementos, que é o DJ, o MC, o Break, o Grafite... Dentre esses quatro elementos, eu sou MC, eu também canto rap, também tenho as minhas músicas no Youtube. Além disso, eu também sou envolvida com a literatura, e a literatura, a gente fala que é uma literatura marginal, que é uma literatura periférica, que é uma literatura que fala às nossas vivências, o que a gente passa no dia a dia, as nossas histórias… Essa é a literatura que eu também participo e a literatura que eu gosto. Eu sou formada em História, também faço a parte da historiografia, tô me formando em pedagogia e sou formada, também, em TI, são as três áreas que eu gosto muito (Rabetti, 2021).

Nosso primeiro contato tinha sido na primeira Festa do Dia das Crianças organizada pelo Elo da Corrente em 2009. Depois da festa, havia encontrado com ela em outra atividade que ela organizou: um encontro de orientação para as

[138] Ver Quilombo no programa no Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HGK2RHCwwjg. Acesso em: 22 mar. 2024.

mulheres convidadas a participar do livro Perifeminas, no ano de 2012, a Ayana estava em seus primeiros meses de vida.

> Eu conheço a Raquel Almeida, já há muito anos, acho que a maioria de vocês conhece ela também. A gente é amiga, acho que, há mais de 20 anos e um dia a Raquel tava fazendo uma atividade lá no espaço dela, no Elo da Corrente, e nesse espaço, a minha filha, que é DJ, a DJ Niely, ela foi tocar no evento de crianças lá. E aí, lá eu encontrei com a Juliana e a gente começou a conversar e ela falou das ideias que ela tinha, falou da irmã dela, que foi muito envolvida com o movimento hip hop também. E a gente viu que tinha muita coisa em comum, tínhamos sonhos em comum também. E a Ju, ela vinha num processo com a Raquel de organizar o Quilombo da Parada, e depois de alguns anos, mais pra frente, eu reencontrei a Juliana, quando eu fui fazer um livro que se chama Perifeminas, que eu até trouxe aqui pra mostrar pra vocês, que é esse livro aqui. E aí, o Perifeminas conta a história de mulheres periféricas que são envolvidas com a cultura hip hop. E a Ju, eu convidei ela pra participar, ela chegou a participar de alguns encontros, algumas conversas, mas no final ela não conseguiu participar desse livro, mas fez com que a gente se aproximasse mais. E nessa de se aproximar mais, ela me convidou pra ir conhecer a comunidade de vocês, a Estância Jaraguá. E quando eu fui, eu me apaixonei pelo local, eu vi que dava pra eu contribuir de algumas maneiras, e a gente começou a conversar muito sobre isso e eu comecei a levar o meu conhecimento e os meus contatos também pra ocuparem o Quilombo e pra gente começar a fazer essas trocas. Então, esse início foi bem importante. Isso faz o que, Ju? Uns oito anos? (Rabetti, 2021).

Imagem 116 – Encontro no Perifeminas



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Encontro de mulheres convidadas para o Perifeminas vol. 1 - 2012.

O texto para o livro não ocorreu, pois escrever sobre a morte da minha irmã era algo ainda muito latente em meu processo. Optei por transformar essa dor celebrando sua presença e importância dentro do hip hop, mesmo tendo sido esquecida por muitas pessoas que via constante em sua companhia. A aproximação com a Lunna e o hip hop não só ampliou a diversidade de atividades no Quilombo, mas também trouxe para o espaço a história de mulheres que fizeram e fazem parte desse importante movimento.

Depois desse encontro, Lunna chega no Quilombo nesse ano de 2017. As atividades com hip hop eram algo que sonhava em construir, mas estava bem distante do movimento desde a morte da minha irmã. Também me questionava em relação à presença das mulheres. De nome, eu conhecia apenas a Lunna, Sharylaine[139] e a Rubia RPW[140], de quem tive a oportunidade de assistir algumas apresentações.

A Giselda chegou pouco tempo depois no mesmo ano. Estávamos em uma ebulição de fazeres e saber da sua existência acendeu uma nova chama de esperança. Ela, com toda experiência e linguagem artística com que me identificava, surgiu me dando a certeza de que poderia contribuir e agregar ainda mais nas ações do Quilombo. Ela fala de sua trajetória enquanto menina, mulher negra, e o sonho de ser artista e fazer arte em seu território:

> Então, eu cheguei aqui, em Taipas, bem pequenininha. Hoje, eu tenho 40 anos, então, já faz um tempo que eu tô por aqui… É, eu cresci em Taipas. [...] mas quando eu vim morar aqui, meu bairro era, as ruas eram todas de terra… só que tinha duas coisas… tinha esse lado ruim, da rua ser de terra e aí, quando chovia, era um lamaçal, mas tinha o lado bom também, de poder brincar na terra. [...] Então, eu vim morar numa casa que tinha o quarto, o banheiro e a cozinha, então, dois cômodos e um banheiro. E aí, meus pais foram construindo aos pouquinhos. Então, eu cresci a minha vida todinha, a minha infância e também parte da minha adolescência, com minha casa no meio da areia, do cimento, do bloco… quem que vive assim? Quem tá numa casa que tá em construção? A Elizabeth tá numa casa também em construção… alguém mais? Serve reforma! Serve reforma! [risos] É um pouco difícil, né? Mas eu não via nada de dificuldade quando eu era criança! Eu achava o lugar onde eu morava incrível, porque eu tinha um quintal! Eu tenho até hoje, né? E nesse quintal, eu brincava muito! Sonhava, nossa, eu sonhava que, quando eu crescesse, eu ia ser artista, eu

[139] Ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/sharylaineoficial?igsh=MWxqOW0xcGRxdWh3dQ==. Acesso em: 28 mar. 2024.

[140] Perfil disponível no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/rubiarpw?igsh=MTlwdDB0M3EwcTJxdg==. Acesso em: 28 mar. 2024.

> ia ser cantora, eu ia ser atriz! E meus pais ficavam assim, ó: “Huumm, menina… tsc” (Perê, 2021)[141].

Giselda relata as transformações que foram ocorrendo em casa, o acesso aos estudos, sua jornada enquanto professora e as mudanças em seu entorno:

> O bairro foi sendo cada vez mais habitado e eu fui crescendo, me tornei uma adolescente [...]. A gente, no começo, não tinha nem iluminação na rua, sabe, poste de luz? Então, minha rua era muito escura também, quando eu era criança. Mas aí, conforme o tempo foi passando, foi chegando as coisas pra cá. E hoje, esse lugar que eu moro, de Taipas, chama Jardim Brasília, fica perto de uma avenida chamada Cantídio Sampaio, que é uma das avenidas principais do nosso bairro, que faz com que a gente vá pra vários outros lugares. E aí, eu fui crescendo e acabei indo estudar [...]. Quando você queria ser professora, você fazia magistério, quando você tinha 15 anos, que você ia pro ensino médio, você ia fazer magistério. E assim eu me tornei professora. Aí, fui trabalhar em muitas escolas e nunca deixei de sonhar com a arte... e eu fazia teatro, eu cantava, eu estudava música, fui fazendo uma coisa ali e outra aqui, enquanto eu trabalhava como professora (Perê, 2021).

O sonho de fazer algo no bairro onde cresceu vinha desde antes do Quilombo e, enquanto artista que circulava em outros espaços da cidade, às vezes as ações aconteciam por aqui, mas eram pontuais. Giselda conta que nossa conexão primeiro se deu através da indicação de pessoas que sabiam do meu trabalho no Quilombo. O rompimento dessa distância partiu da minha curiosidade e também da necessidade de melhorar a minha atuação nos processos de leitura das atividades. E, principalmente, por partilharmos os mesmos ideais, de fazer e ampliar em nossa quebrada o contato artístico através da literatura, para as crianças e adolescentes que aqui estavam e estão:

> Mas eu sempre sonhava em fazer alguma coisa aqui nesse bairro. Então, eu pensava assim: “Poxa, como seria bom se eu pudesse fazer as coisas que eu faço em outros bairros, em outros lugares, poder fazer aqui! Me apresentar com meu grupo de teatro, fazer contação de histórias…” Que é o que eu faço hoje em dia, poder fazer trabalhos com arte, com educação… Só que eu falava: “Gente, como eu vou realizar isso aqui, sozinha, em Taipas, né?” E aí, eu comecei a falar desse sonho, falar, falar, falar pras pessoas desse sonho. Aí, começaram a soprar no meu ouvido, conforme eu encontrava alguém, as pessoas falavam assim: “Ó, mas cê não conhece a Juliana, do Quilombo da Parada? Cê tem que conhecer a Juliana, do Quilombo da Parada!” E eu: “Juliana? Quilombo da Parada? Eu nem sabia que tinha um quilombo aqui!” “Não, não é um projeto cultural! Cê tem que conhecer a Juliana!”, “Cê tem que conhecer a Juliana!” E eu, sem conhecer a Juliana e sem conseguir ter tempo de ir atrás da Juliana, não sabia nem

[141] Giselda participou do LiteraViva em maio de 2021, quando fala da sua trajetória enquanto artista e da sua aproximação e relação com o Esperança.

> por onde começar! Eu, apesar de ser falante, eu sou um pouco tímida na abordagem… então, eu não tinha coragem de chegar nela e falar “então, me falaram de você e não sei o quê…” Mas a Juliana, ela é mais… né? [risos] Ela também ouviu falar de mim, também falaram de mim pra ela... Ó, gente, só pra vocês entenderem: aqui em casa, eu sou mãe de duas crianças, o José Akins, de 5 anos, e o Benedito, de 3, então, esse som que cês tão ouvindo ao fundo é a minha vida aqui, tá?, como mãe! [risos] E aí, a Juliana veio ao meu encontro. Eu fui dar um curso, eu tava grávida do Benedito, fui dar um curso no CCJ e aí, a Juliana foi fazer esse curso e foi quando a gente se aproximou. Aí, a Ju fez esse curso comigo e ela contou melhor, pra mim, o que era o Quilombo, né? O Quilombo da Parada. E quando ela me contou, eu falei “Nossa! Eu acho que é meio por aí o que eu pretendia, o que eu sonhava!”. E foi quando, depois de um tempo, ela me chamou pra conhecer o espaço do Quilombo e também pra fazer uma oficina, ou melhor, uma contação de histórias (Perê, 2021).

Esse encontro com a Giselda foi muito importante, pois, além de me aprofundar no universo da literatura com referências teóricas, ela nomeou o meu fazer, que eu chamava nas atividades no Quilombo de “atividade de leitura ou contação de história”. Ela me explicou que o que eu fazia era mediação em leitura e não contação. Explicou que existia uma diferença entre fazer uma mediação e contar uma história. Na mediação em leitura, a história é conduzida tendo como suporte o livro, seguindo sua proposta. Já na contação de história, a mensagem é internalizada pelo artista que escolhe a melhor forma de desenvolver seu conteúdo, adequando as palavras e trazendo outros suportes como musicalidade, performances teatrais, instrumentos de percussão, dentre outros. Esse momento foi importante para a minha compreensão e para reorganizar nossas ações, que contavam sempre antes de qualquer outra atividade com a mediação em leitura. De forma simples, Giselda explica para as crianças que participavam da atividade a possibilidade de contar histórias sem muitos recursos:

> Então, a contação de histórias é algo que pode acontecer assim, ó, basta ter duas pessoas que já acontece, não precisa de grandes recursos pra que ela aconteça (Perê, 2021).

Giselda relembra sua primeira atividade no Quilombo:

> [...] Eu levei uns livros de literatura infantojuvenil, porque é algo que eu faço, e a Ju também faz... ela já fazia com vocês. Só que as histórias que eu conto são histórias que têm origem na África [...] (Perê, 2021).

Giselda trouxe para o nosso quintal seu projeto Agbalá[142] Conta. É um núcleo de pesquisa e criação que se embasa nas metodologias e tecnologias ancestrais e promove o conhecimento de histórias das culturas africanas e afro-brasileiras, tradicionais e contemporâneas.

Imagem 117 – Acervo Agbalá



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Acervo Agbalá no Quilombo da Parada - 2017.

Imagem 118 – Contação de história



Fonte: acervo da pesquisadora.
Acervo: Contação de história com Giselda Perê no Quilombo da Parada - 2017.

[142] Perfil pode ser acessado em Instagram: @agbalaconta. Disponível em: https://www.instagram.com/agbalaconta?igsh=MTU2aTVyb2lkd3p6OQ==. Acesso em: 26 mar. 2024.

No decorrer dos meses seguintes, outras parcerias também foram surgindo, como a Trupe Liuds[143], uma roda de capoeira da Escola Mutungo[144]. A Trupe chegou através das articulações da Sirlene.

Imagem 119 – Capoeria no Quilombo





Fonte: acervo da pesquisadora.
Escola Mutungo de Capoeira no Quilombo da Parada.

Lá no início, tivemos algumas trocas com professores da rede pública quando os recebemos em nosso quintal para uma vivência, mas isso se perdeu com o tempo. Porém, um fato importante fez com que voltássemos a ser solicitadas e a retomar essa relação: as crianças que participavam das atividades do Quilombo começaram a falar em suas escolas sobre o projeto de que participavam aos finais de semana e isso chamou a atenção de professores das escolas que estavam próximas da gente. A primeira a querer conhecer nosso trabalho foi a EMEI Parada de Taipas. Eu fui procurada pela coordenadora dessa escola, que fica literalmente

[143] O perfil da trupe pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/ciatrupeliuds?igsh=MWo4eGIzOWVscDhsZA. Acesso em: 12 abr. 2024.
[144] O perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/escolamutungo?igsh=dzZnazNvejM2aGo1. Acesso em: 12 abr. 2024.

no pé do morro. Ela me pediu para realizar três encontros de formação com as professoras e os professores. A intenção da escola era atender as demandas das leis 10.639/03 e 11.645/08 e também se aproximar das ações existentes no território.

Imagem 120 – Professoras em formação



Fonte: Balduino (2017f).
Legenda: Encontro de formação com professoras da EMEI Parada de Taipas - 2017.

No mês de outubro, organizamos a segunda Festa do Dia das Crianças. Esse encontro foi muito especial, pois tivemos a presença da diretora musical, percussionista, cantora e compositora Girlei Miranda[145]. Ela “batizou” nosso Quilombo com o toque de um tambor pela primeira vez. E também nos socorreu na cozinha, pedindo auxílio por telefone a uma irmã mais velha quando nosso caruru “desandou”. Isso porque um dos convidados foi mexer na panela, causando um grande desarranjo no cozido, confirmando a máxima conhecida de que “Em fogão de yabá, homem não coloca a mão, senão desanda”. Sobrenatural? Não sei dizer, mas nós, que estávamos lá, tivemos que fazer muito para o caruru voltar ao ponto. E, a partir dali, ter mais cuidado e estabelecer limites para quem circula e fica na cozinha, lugar que tenho como muito sagrado. Nessa festa, a Girlei trouxe a história da “Mjiba”[146], deixando a criançada encantada. A história ficou gravada na memória

[145] Girlei Luíza Miranda é Percussionista, compositora, cantora popular, palhaça e pernalta e tem se dedicado há anos à pesquisa rítmica dos tambores. Em 1985 integrou o “Coral dos Homens Pretos do Paissandu" (SP), regido pelo maestro Estevão Maya Maya. Em 1987, figurou como cantora e compositora do Bloco Afro Oriashé (SP). É fundadora do grupo Mulheres de Ilú, grupo que mescla poesias ao som do tambor (Texto enviado pela artista).

[146] Infelizmente não encontrei registros desse momento, mas existe outra contação da Girlei, muito parecida com a atividade realizada no Quilombo, gravada em 2021 e disponível no Facebook.

da minha filha e de outras adolescentes que participaram na época: *"... Eu fui no mato, crioula, cortar cipó, crioula. Eu vi um bicho, crioula, de um olho só [...]"*[147].

Em 2018, a Sirlene, além das atividades com as crianças, também assumiu os encontros solicitados pelas mulheres da comunidade, que queriam emagrecer. Reorganizamos a proposta aprovada no projeto, já que a questão estética era a preocupação de todas. Mas entendemos que, para além disso, o nosso trabalho envolvia um compromisso com o autocuidado, a ampliação do conhecimento e entendimento sobre nossos corpos e mentes. A ideia foi desenvolver a atividade física com a "zumba", que sempre era antecedida por rodas de conversa sobre cuidados e saúde. Também era a oportunidade de trazer informações sobre serviços e leis que protegem as mulheres. A essa atividade, demos o nome de "Expressão Corporal e Cidadania". A Sirlene realizava a atividade física e, junto com ela, eu fazia algumas mediações sobre temas que achávamos importantes.

Imagem 121 – Oficina de Expressão Corporal



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Oficina de Expressão Corporal e Cidadania - 2018.

Disponível em: https://www.facebook.com/bibliotecaniteroi/videos/732810973979294/?mibextid=D5vuiz&rdid=ttXuhdJ0ykkCcUOE. Acesso em: 24 abr. 2024.

147 Busquei registros da autoria da música, que foi atribuída a José Gomes Junior.

Imagem 122 – Participantes da oficina de expressão corporal



Fonte: Balduino (2018a).
Legenda: Oficina de Expressão Corporal e Cidadania – Quilombo da Parada - 2018.

Uma das pessoas que chegou nesse período como participante nas atividades da Sirlene e acabou se integrando à equipe foi Maria de Lourdes Leite, que gosta de ser chamada de “dona Preta”. Aqui, ela conta como chegou no Quilombo e por que permaneceu:

> Meu nome é Maria de Lourdes Leite, mais conhecida como Preta. Sou da Bahia, tenho 60 anos. Cheguei na comunidade em 2006, mas só fui conhecer o espaço em 2017, e por acaso. Conheci o espaço por acaso, por uma das mães que tinha filho lá, que fazia parte, e fui convidada para fazer yoga? era yoga? Não é? [...] É, zumba! Fui convidada para fazer a zumba e falei para a mãe: se eu gostar, eu fico, se eu não gostar, eu não volto. E gostei, né? Porque estou até hoje! É um espaço que me faz muito bem. As pessoas também, que estão lá, como a Ju e as outras meninas. E eu cheguei e fiquei, tô aqui até hoje. É um espaço que, para mim, é muito importante, né? E é isso (Leite, 2024)[148].

[148] Em 2024, percebendo que havia uma lacuna em minha pesquisa em relação às mulheres que compõem o Esperança, fiz essa conversa, depois de muitas negociações com a Dona Preta, nossa matriarca do Quilombo.

Dona Preta explica como se sentiu ao conhecer e ser recebida no Quilombo:

> Olhe, quando eu cheguei, não… é… assim... Eu fui… e como era à noite, eu não sabia o que acontecia lá. Aí, foi que eu fui conhecer o espaço, né? Então, eu participei da zumba e aos poucos fui sabendo o que acontecia, da realidade do espaço lá em cima. Porque eu fiquei sabendo que tem um trabalho com as crianças… E foi isso, que eu fui ficando… e eu fui ficando… Então, eu já cheguei e já foi um impacto. Já foi um impacto porque eu não sabia que tinha. E na nossa comunidade não tem nada, né? Então, pra mim, foi muito importante o espaço. As pessoas… que eu… e aquele negócio, a gente chega e a gente se sente acolhida. Por mais que a gente vá a primeira vez (Leite, 2024).

Outras atividades foram acontecendo no nosso quintal, como a oficina de estamparia, conduzida pelo Jardélio. Ele ensinou técnicas de serigrafia para as crianças e estimulou os adolescentes a se apropriarem da arte, inclusive como forma de gerar renda e terem autonomia para suas necessidades individuais. A Lunna articulou nossa participação no III Festival da FNMH2, na Casa das Caldeiras[149].

Imagem 123 – Festival – Hip Hop



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: III Festival da Frente de Mulheres do Hip Hop - 2018.

[149] Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop, fundada em 2010, presente em todos os estados e no DF. Para saber mais sobre a FNMHH, ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/fnmh2/. Acesso em 12 maio 2024.

Em parceria com a Rede de Proteção e Resistência Contra o Genocídio[150], realizamos uma roda de conversa sobre a violência e a repressão policial, o encarceramento em massa do povo negro, inclusive de pessoas inocentes e o genocídio da população negra, diariamente promovido pelos agentes do Estado. Essa atividade foi articulada por Katiara Oliveira, nossa parceira e integrante da rede.

Tivemos também um encontro LiteraViva com o escritor, historiador e um dos mais importantes pesquisadores sobre o continente africano, Carlos Machado[151]. Ele trouxe para nossa roda as importantes contribuições da população africana para o desenvolvimento do nosso país, apresentou seu livro Gênios da Humanidade - Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente, lançado em 2017 e que, desde então, encontra-se esgotado. O livro foi apresentado para nossos participantes, mas não pôde ficar conosco por se tratar do único exemplar em poder do escritor. No entanto, serviu para mostrar para as crianças livros que mostram feitos de pessoas negras que são atribuídos às pessoas brancas.

Nesse ano, realizamos algumas tentativas de manter a horta comunitária, além da organização do acervo e do espaço da Biblioteca Comunitária, com o auxílio das próprias crianças do projeto.

Imagem 124 – Trabalho na horta



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Mutirão e limpeza do espaço para a horta comunitária - 2018.

[150] Mais informações, ver página no Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/RedeContraoGenocidio/?locale=pt_BR. Acesso em: 17 mar. 2024.
[151] Seu perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/gyasikweisicarlos?igsh=NDZua3VrOW5uYjlr. Acesso em 17 mar. 2024.

E estivemos pela primeira vez na EMEF Antonio Enzo Silvestrin, no Jardim Pirituba, para um encontro de formação com as professoras e os professores. Esse encontro rendeu o pedido para levarem os alunos para conhecer a história e o espaço do Quilombo da Parada.

Imagem 125 – Formação na Escola



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Formação na EMEF Enzo Silvestrin – 2018.

Retornamos à EMEI Parada de Taipas para outro encontro com as professoras e levamos a mediação em leitura para as crianças, contando a história de vida de Esperança Garcia.

Imagem 126 – Professoras da EMEI Parada de Taipas - 2018.



Fonte: Balduino (2018b).

Imagem 127 – Crianças da escola



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Sirlene com as crianças da EMEI Parada de Taipas - 2018.

Na EMEI, realizamos ainda uma sessão de cinema com o documentário “Cara a Cara com Malcolm X e Martin Luther King”. Depois fizemos uma roda de conversa com as crianças, falando da importância de King na luta contra a discriminação racial nos Estados Unidos.

Demos continuidade às oficinas de inglês, que passaram a ser conduzidas pela arte-educadora Sarah Morato[152]; fizemos rodas de capoeira; realizamos um encontro com o cineasta Renato Cândido[153], que contou sua trajetória enquanto homem negro que escolhe o cinema como linguagem artística para tratar das questões raciais.

---

152 Sarah Morato participou do LiteraViva em 2021 para falar da sua relação com o Esperança Garcia e as atividades no Quilombo da Parada.

153 O perfil do cineasta pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/renatocandidocineasta?igsh=MXFxMXVwdThyYjB3Ng==. Acesso em: 23 mar. 2024.

Imagem 128 – Encontro com o cineasta



Fonte: Santos (2018a).
Legenda: Renato Cândido no Quilombo da Parada.

Realizamos o ciclo de oficinas intitulado “Eu retrato e a quebrada”, conduzida pelo nosso parceiro Jardélio Santos. A proposta era ensinar as crianças a utilizarem a máquina fotográfica para registrar o cotidiano da comunidade, as paisagens, as pessoas, o Quilombo e eles próprios, que pouco haviam se visto em registros fotográficos. Essa oficina depois se transformou em uma exposição. Para ela, foram selecionados principalmente os registros dos rostos de moradores, que ficaram à mostra em nosso quintal durante a festa do Dia das Crianças.

Imagem 129 – Oficina – Eu, retrato e a quebrada



Fonte: Balduino (2018c).
Legenda: Participantes da oficina “Eu, retrato e a quebrada”, conduzida por Jardélio - 2018.

No mês de agosto, recebemos um e-mail da Fundação Tide Setubal[154]. Era um convite para o Esperança Garcia participar da primeira chamada de projetos *Elas Periféricas*, como uma iniciativa de fortalecimento de lideranças negras. A orientação era para que fosse preenchido um formulário com informações sobre a minha trajetória e as ações em que estava à frente no Coletivo Cultural Esperança Garcia. O processo consistia na análise das informações e, sendo aprovada para as outras etapas, receberia a visita do coordenador para uma conversa no Quilombo.

Caso as informações fossem bem avaliadas, poderia prosseguir nas etapas seguintes. Receberíamos uma mentoria especializada em conhecimentos sobre gestão, na elaboração da Teoria da Mudança e na articulação com outras iniciativas conduzidas por mulheres em outros territórios da cidade, além de um aporte financeiro.

[154] Criada em 2006 a Fundação Tide Setubal é uma organização não governamental e de origem familiar tendo como foco de trabalho as periferias urbanas, em especial o bairro de São Miguel Paulista onde iniciou sua atuação. Para saber mais, ver site da Fundação. Disponível em: https://fundacaotidesetubal.org.br/. Acesso em: 22 mar. 2024.

A aprovação nesta primeira etapa foi celebrada e, em poucos dias, recebemos no Quilombo da Parada o coordenador do Programa, Guiné Silva[155]. Ele ouviu todos os sonhos idealizados para nosso Quilombo, que iam desde a construção de uma sala de atividades, até nossa formalização como organização social sem fins lucrativos. O objetivo era ampliar nossas relações e nos organizar para ter uma melhor estrutura e continuidade nos projetos, com recursos advindos de outras fontes.

Necessitávamos sustentabilidade para que as ações não fossem interrompidas. E para que não dependêssemos de editais periódicos, que mantinham os projetos só por um determinado tempo. A cada nova submissão era necessário atualizar e enviar novas propostas que chamassem a atenção dos avaliadores, mostrando o quanto poderíamos ser criativas e inovadoras. Os editais eram importantes, mas fragilizavam a continuidade das nossas atividades.

O *Elas Periféricas* foi um grande respiro, no sentido de mostrar o quanto a proposta no Quilombo fazia sentido e poderia se potencializar com o auxílio de pessoas especializadas no terceiro setor, além de fortalecer e organizar nossa atuação. Participamos da primeira reunião de orientação na sede da Fundação Tide Setubal, iniciando os encontros de mentoria logo na sequência. Eles eram organizados pela consultoria ponteAponte[156], e conduzidos por Diana Mendes[157]. Esses encontros foram abrindo um leque de informações sobre o que é o terceiro setor e as principais frentes de atuação de outras organizações. Elaboramos[158] nossa Teoria da Mudança, identificando nossos pontos altos e outros que deveríamos reorganizar na atuação, as vias de captação de recursos, as diferenças

---

[155] Perfil disponível no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/guinesilva?igsh=MTh0dzRpamNlOGZzeA==. Acesso em: 23 abr. 2024.

[156] Pode-se consultar o perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/ponteaponte?igsh=MXQ5YW1ldXNsZGtyZw==. Acesso em: 12 abr. 2024.

[157] Seu perfil pode ser encontrado em rede social. Disponível em: https://www.linkedin.com/in/diana-mendess?utm_source=share&utm_campaign=share_via&utm_content=profile&utm_medium=android_app. Acesso em: 12 abr. 2024.

[158] Impossibilitada de estar nos encontros de mentorias, fui substituída por Giselda, Sirlene e Gabu, que chegou com o processo em andamento. Elas participaram, contribuindo para a elaboração da Teoria da Mudança.

entre investimento público e privado e suas formas de captação, e qual era o melhor caminho para formalizar o Coletivo.

Imagem 130 – Reunião dos Coletivos



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Ayana, Lucia Udemezue (Manifesto Crespo), Juliana Balduino (Esperança Garcia), Alessandra Leite (Biblioteca Comunitária Djenane Firmino) e Guiné Silva (Fundação Tide Setúbal) - Reunião dos coletivos selecionados no Elas Periféricas.

Nesse período muitas coisas estavam acontecendo ao mesmo tempo. A Dona Preta, de participante passou a nos auxiliar na organização e em toda e qualquer necessidade que surgisse no cotidiano. Essa integração contribuiu para que Dona Preta conhecesse outros projetos tão parecidos com o nosso, como o Viela 4:

> Conheci vários lugares por causa do espaço... E contribuo com a limpeza do espaço, vou ajudar no coletivo... Veja, para qualquer coisa, eu estou lá. O que precisar de mim, pode contar comigo, sabe? Então é um espaço muito especial, eu acho que pra mim e para as crianças, principalmente (Leite, 2024).

Em meio a esse processo com a Fundação Tide, descobri que também estava em busca de uma parceria que nos auxiliasse nas demandas ambientais. Considerando que vivíamos dentro de uma área de proteção ambiental e a ausência

de políticas públicas voltadas a essa questão na região, pensava como poderia minimizar a agressão ao meio ambiente, tão presente na comunidade. Enfrentávamos a falta de coleta do lixo, as queimadas em áreas verdes, a falta de água canalizada, a rede de esgoto sem tratamento e exposto em alguns pontos das ruas. O sonho era iniciar um processo de diálogo junto à comunidade sobre o quanto era importante reconhecermos a riqueza ambiental do lugar no qual estávamos, mas também as problemáticas geradas pelo abandono do Poder Público.

A ideia de criar uma consciência da preservação do meio ambiente com alternativas de baixo custo – que, muitas vezes, pareciam distantes da nossa realidade – se tornou um propósito necessário. Ansiava por iniciar uma ação de forma contínua e que impactasse nossa comunidade. Enviei uma mensagem para uma instituição chamada Organicidade[159], que encontrei pesquisando na internet. A Gabu me respondeu no dia seguinte através de uma ligação telefônica, querendo saber mais sobre nosso trabalho. Relatei as questões da comunidade, falei sobre nosso projeto e ela prontamente marcou uma visita para conhecer o Quilombo.

> Então, quem eu sou? Eu sou a Gabriela, trabalho há bastante tempo, já com educação ambiental, então eu sou educadora. Fiz geografia, não sei como é que é as aulas de geografia na escola de vocês, espero que vocês gostem, mas, às vezes, as aulas de geografia não têm nada a ver mesmo… então… mesmo assim, eu fui lá e fiz geografia e fui me apaixonando pela educação ambiental, pela natureza. E a Estância Jaraguá é uma área que tem, ainda, um tanto de natureza bem bacana, que a gente consegue se relacionar e também tem muitos desafios, né? Então, o que eu vi? Eu me vi muito provocada, né, Ju? Eu recebi um convite da Ju, que achou o Coletivo Organicidade pelo Google… pelo Facebook, né, Ju? Teve um contato comigo por e-mail e me deixou desafiada, quando eu cheguei, porque é um lugar lindo, um lugar muito bonito, no alto do morro, a gente tem uma visão maravilhosa... e tem os desafios, né? O desafio da água, o desafio dos resíduos, né, Ju? Que a Ju já me contou logo no primeiro encontro. E aí, como que eu cheguei? Eu cheguei… deixa eu pensar como que eu cheguei… Eu cheguei com muita curiosidade pra entender e com o desejo de tá junto. Junto dentro do tamanho daquilo que eu conseguiria estar junto, dentro do tamanho das minhas pernas. Então, eu cheguei com vontade de somar de algum jeito, de ajudar de algum jeito, de pensar junto de algum jeito (Ribeiro, 2021).

Com as cheganças da Lunna, Giselda, Dona Preta e Gabu, eu e a Sirlene conseguimos ir ganhando um pouco mais de fôlego no processo, que se mostrava cada vez maior em todos os sentidos, tanto de demandas como também de

[159] Para mais informações, ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/organicidade?igsh=MXB5MWZ2b25qN2puMg==. Acesso em: 24 maio 2024.

oportunidades a serem alcançadas. Passamos a cuidar conjuntamente das ações do coletivo e demandas da comunidade, sendo eu uma das referências no diálogo com as crianças e responsáveis. Isso para entender o que mais fazia sentido trazer para os nossos fazeres: quais as questões mais relevantes, as atividades culturais e ambientais vistas como mais importantes e necessárias? Como abordar isso junto à comunidade? Foram dúvidas e anseios vividos, compartilhados e sonhados que afetaram todas do Esperança. O sonho passou a ser dividido. Construímos uma agenda de ações ampliando as atividades: além das mediações em leitura, a dança e expressão corporal (atividades físicas), o hip hop, a contação de histórias e a educação ambiental.

O projeto “Mulheres Pretas Compartilhando Saberes”, que estava em execução neste ano no Quilombo, ainda rendeu diferentes experiências para nós e as crianças. Uma delas foi a saída pelo centro histórico da cidade, em que eu e a Sirlene levamos as crianças para conhecer o monumento “Mãe Preta”[160] e a igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, um espaço de sincretismo religioso e de resistência negra de rica importância cultural e histórica na cidade.

[160] O monumento Mãe Preta, em que a mulher negra aparece amamentando uma criança branca é uma imagem muito questionada pelo Movimento Negro, especialmente pelas mulheres negras, que não se sentem representadas diante da “passividade” do ato. Além de toda questão racial envolvida quando pensamos que essas nossas ancestrais, na maioria das vezes, tiveram que deixar seus filhos sem cuidados para cuidarem dos filhos da casa grande. A intenção da nossa visita era trazer para as crianças referências da arquitetura e dos valores simbólicos construídos por pessoas negras, que, mesmo após tantos anos, se fazem presente na cidade, além de explorar outros espaços referendados como de pessoas negras, como a Rua 24 de Maio e suas galerias, espaços que eu havia frequentado junto com a minha irmã na década de 1990. Para maiores informações, consultar o material/livro presente no endereço eletrônico da web a seguir. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Livro_2576729_Arte_e_monumento.pdf#page=109. Acesso em: 24 maio 2024.

Imagem 131 – Largo do Paissandu



Fonte: Santos (2018b).
Legenda: Sirlene e adolescentes do Quilombo - Largo do Paissandu - 2018.

Imagem 132 – “Mãe preta”



Fonte: Santos (2018b).
Legenda: Observação do monumento “Mãe Preta”, Largo do Paissandu - 2018.

O grupo Batekerê[161] levou seu projeto “Nos Quintais do Batekerê” até o Quilombo e promoveu um dia de vivências com percussão e brincadeiras. Fizemos um bonito cortejo na rua da comunidade, que despertou olhares curiosos e outros julgadores, por acharem que se tratava de uma manifestação religiosa. Religiosidade vista muito pejorativamente por algumas pessoas. Já outras pessoas que vieram me procurar depois manifestaram o desejo de retomarem os cuidados espirituais que tinham sido guardados das suas infâncias. Desconstruir a ideia de que estávamos colocando à frente de nossos fazeres uma imposição religiosa é algo que até hoje, em 2024, tenho que reforçar. Mesmo que a minha escolha pessoal não seja imposta a ninguém, sou vítima constante de ataques e desqualificação do trabalho no Quilombo por alguns evangélicos da comunidade por, segundo eles, cultuar o demônio.

Imagem 133 – Crianças tocando



Fonte: Santos (2018c).
Legenda: Crianças nos instrumentos de percussão do grupo Batekerê.

[161] Para saber mais sobre os trabalho e atuação do Grupo Batekerê, acessar perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/batakeredanca?igsh=MWUzMmdwYm1qbTNyZg==. Acesso em: 22 ago. 2024.

Imagem 134 – Cortejo na rua



Fonte: Santos (2018c).
Legenda: Cortejo na rua da comunidade e que dá acesso ao Quilombo.

Observando a dificuldade das crianças em se expressarem através da escrita, criei algumas estratégias para se materializar o entendimento das mensagens elaboradas em cada encontro de mediação em leitura. Uma delas era para que, ao início da leitura, todos fechassem os olhos e fossem “saboreando” as palavras e imaginando as pessoas e as situações que o texto apresentava. No final, pedia para que eles desenhassem as imagens produzidas mentalmente em um painel fixado na parede, construindo suas narrativas a partir de outros suportes que não apenas as palavras. Foi a forma que encontrei, dentro do nosso contexto, de inspirar e estimular a leitura, assim como outras formas de contar as histórias, a partir de imagens.

Imagem 135 – Leitura e escrita



Fonte: Acervo da pesquisadora.
Legenda: Mediação em leitura e escrita - 2018.

Pensando nessa questão da necessidade do entendimento e aprendizagem da língua e de sua “norma culta”, também trouxe para uma vivência em nosso quintal o grupo Gramaticando. Através da musicalidade e de brincadeiras, o grupo faz um trabalho de ensino da gramática, de forma leve e divertida.

Imagem 136 – Grupo Gramaticando



Fonte: Balduino (2018d).
Legenda: Apresentação Grupo Gramaticando - 2018.

Figura 137 – Apresentação do Gramaticando



Fonte: Balduino (2018d).
Legenda: Interação com as crianças do Quilombo - Grupo Gramaticando - 2018.

A escritora Jô Freitas[162] visitou nosso quintal[163], compartilhando com os participantes a sua experiência enquanto escritora. Na ocasião, apresentou seu livreto “Flores” e, a partir dele, propôs a atividade de construção de uma poesia coletiva.

Realizamos também um encontro com a economista Gabriela Chaves[164], da Nofront Empoderamento[165]. Ela tratou de um assunto delicado, que é pensar a questão financeira. Foi um momento de oferecer às crianças e adolescentes a oportunidade de aprenderem a se organizar financeiramente, criando estratégias de planejamento e de prosperidade econômica para a realização dos seus desejos. Isso dentro da nossa realidade, de pessoas que não herdamos nem propriedades nem recursos econômicos, e tampouco desfrutamos de oportunidades financeiras, já

[162] Ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/organicidade?igsh=MXB5MWZ2b25qN2puMg%3D%3D. Acesso em: 22 abr. 2024.
[163] Para informações adicionais, ver postagem no blog do Coletivo. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2018/12/literaviva-jo-freitas-e-oficina-de.html. Acesso em: 22 abr. 2024.
[164] Seu perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/gabrielanofront?igsh=MW94MTA3MXc2bGlkNA==. Acesso em: 26 abr. 2024.
[165] Ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/nofrontempoderamento?igsh=MXVxZW90dTc2aHpwZA==. Acesso em: 26 abr. 2024.

que vivemos uma herança sociocultural de desigualdade econômica que nos desprivilegia.

Pensando formas de se criar estratégias de geração de renda e autonomia econômica, ao olhar com mais profundidade a questão da saúde, trouxemos Bruna Santana, que realizou uma série de encontros sobre o processo de produção de desodorantes e sabonetes naturais. A Bruna compartilhou sua experiência como empreendedora de cosméticos responsáveis, cuidadosos e menos agressivos ao corpo e ao meio ambiente.

Figura 138 – Atividade sobre cosmética natural



Fonte: Santos (2018d).
Legenda: Bruna Santana mediando a atividade prática de Cosmética Natural - 2018.

Imagem 139 – Aprendendo a fazer desodorante natural



Fonte: Santos (2018d).
Legenda: Crianças e adolescentes aprendendo a fazer desodorante natural - 2018.

A frente ambiental foi ganhando corpo e ações mais contínuas com as atividades organizadas pela Gabu. Ela trouxe outros parceiros que também foram assumindo algumas ações com a gente. Nesse ano, tivemos um mutirão de plantio, que se somou a outras ações no Quilombo. Gabu fala do início dessa prática em nosso processo:

> …as primeiras atividades que a gente foi fazendo foram essas aqui (segue exibindo fotos) em que a gente plantou, a gente subiu ali, na área verde do morro, atrás do Quilombo, atrás da biblioteca e plantamos algumas árvores, algumas mudas. Fizemos algumas conversas… Olha lá, a pessoa pegando na enxada pra poder colocar plantas novas, fizemos alguns almoços… esse almoço aí, foi bem bacana, porque em vez da gente usar prato, a gente usou as folhas da bananeira, os pedaços do tronco da bananeira. E aí, aos poucos, a gente foi tentando tirar aquele capim, muito grande, que tava dominando toda a área, e por as plantinhas, né? Colocar manjericão, colocar milho… isso foi lá no final de 2018 (Ribeiro, 2021).

Imagem 140 – Roda de conversa com crianças.



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Roda de conversa com as crianças e adolescentes, mediação da Gabu e do Lol[166] - 2018.

Imagem 141 – Mutirão para plantar



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Mutirão no Quilombo da Parada para tirar o mato e plantar árvores – 2018.

[166] Perfil disponível no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/lolfabiolol?igsh=ZzZybjViNzBzYmsx. Acesso em: 24 maio 2024.

O processo de formalização do Esperança se materializou com a presença da Gabu. Ela conseguiu a parceria com um escritório de contabilidade, que nos auxiliou na escrita do nosso estatuto. Foi um processo que se concluiu no início de fevereiro de 2019, com a formalização do Instituto Esperança Garcia – Educação Arte e Cultura.

Imagem 142 – Foto com o Estatuto



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Gabu (com o Estatuto na mão), Juliana, Ayana, Giselda, Dayane e Leila - 2019.

Nesse mesmo período, instalamos a nossa primeira cisterna no Quilombo. O objetivo era captar a água da chuva e suprir as necessidades emergenciais da falta de água, principalmente em alguns meses do ano em que o nível da mina d'água do Quilombo fica muito baixo. Isso ocorria também em outras casas, abastecidas por outros pontos de mina que vêm da serra. A ideia sempre foi de inspirar a comunidade com soluções de baixo custo. Algumas pessoas até já tinham essa referência, mas não a viam como uma ideia possível de implementação, pois só olhavam as ofertas modernas de captação que não eram acessíveis às suas realidades.

Imagem 143 – Brincando na caixa d'água



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Crianças testando a caixa d'água da cisterna.

Imagem 144 – Crianças na reforma

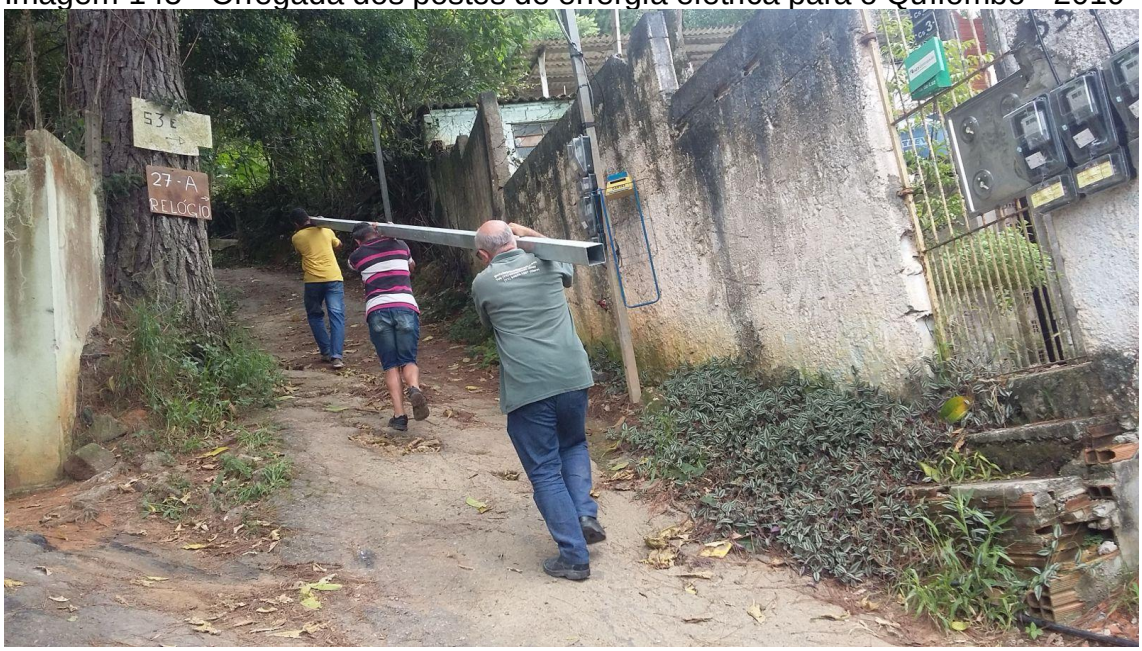


Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Instalação da cisterna - Thiago (de costas), Estela e outra pessoa não identificada.

Gabu (2021) relembra as primeiras ações que se seguiram à instalação da cisterna:

> Em 2019, a gente teve esse desafio de colocar a cisterna, pra aproveitar a água da chuva. Olha lá as calhas instaladas, a D. Preta ajudando a gente a colocar a caixa d'água, a Stela, que é uma amiga, também, que foi pra ajudar a instalar isso. As atividades vão rolando e vocês vão subindo lá pra se somar, pra tá junto, né? E isso durou bastante tempo ao longo de 2019, porque a gente fez uma primeira ação com a Stela, depois voltamos lá com o Lol, alguns meses depois, foram duas caixas d'água que a gente instalou lá. Aí, rola aquela baguncinha, aquela farra básica, que sempre tem também nas atividades! [risos] E aí, é um resumo de vários momentos que a gente foi construindo esse espaço da captação da água de chuva. Bom, aí [segue mostrando fotos] são coisas que, às vezes, vocês nem participaram, mas que a gente foi fazendo e que ajuda o Quilombo a continuar com as atividades. Então, teve problema com os postes de luz, quer dizer: sem energia elétrica não tem como a gente fazer as atividades, né? Então, também, ajudei a articular, apoiar a instalação dos novos postes, pra ter energia elétrica, pra poder ter as atividades aí no Quilombo (Ribeiro, 2021).

Imagem 145 - Chegada dos postes de energia elétrica para o Quilombo - 2019



Fonte: acervo da pesquisadora.

Nosso quintal se tornou um campo de propostas e experiências em Educação Ambiental. As atividades eram desenvolvidas junto com as crianças, principalmente no sentido delas se tornarem multiplicadoras das iniciativas em suas casas e pela comunidade. Realizamos, durante todo o ano, ações que envolveram mutirão ambiental, plantio, colheita de bananas, mandiocas e hortaliças, a construção do

alicerce da cisterna (que já havíamos instalado no ano anterior) para melhorar o posicionamento da caixa d'água e facilitar o nosso uso.

Imagem 146 - Mutirão no Quilombo da Parada - 2019



Fonte: Coletivo [...] (2019b).

Imagem 147 – Preparando alicerce



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Daniel Querino fazendo o alicerce da cisterna - 2019.

As ações do hip hop também foram acontecendo ao longo do ano. Mas destacamos a de arte poética na oficina de estêncil, conduzida pela Lunna com as crianças.

Imagem 148 – Transferência de imagem - 2019



Fonte: Coletivo [...] (2019b).

Imagem 149 – Adolescente e seu desenho



Fonte: Coletivo [...] (2019b).
Legenda: Thiago na oficina de estêncil, conduzida pela Lunna Rabetti - 2019.

Ainda em 2019, fomos convidadas para participar de um encontro das unidades educacionais de Taipas, Rincão/Shangrila: “Ciclo de Palestras Escolas e Saberes: Educar onde, para quê e a favor de quem?”.,Todas as escolas estavam em

territórios próximos do Quilombo. Nessa atividade, a Giselda apresentou às professoras e professores o seu trabalho com as narrativas negras e o que realizávamos no Quilombo. Eu fiquei à frente da organização e da apresentação do Calendário Afro-brasileiro. Era um projeto que havíamos criado a partir das oficinas oferecidas para as crianças no Quilombo. Fomos pesquisando, juntos, a história de mulheres negras, em sua maioria da literatura. Em cada mês, escolhemos uma personalidade aniversariante e colocamos seu nome e data de nascimento, montando assim o calendário. Além disso, levamos os desodorantes naturais que passamos a produzir e que se tornaram uma opção de fonte de renda e de cuidados pessoais para nós.

A EMEF Enzo Silvestrin se tornou uma grande parceira do nosso espaço. Recebemos novamente no Quilombo as professoras e professores para um encontro de formação e organizamos uma atividade em que compartilhamos um pouco mais das nossas negras referências. A Sirlene conduziu uma dinâmica de autocuidado e a Gabu organizou, junto com o Daniel Querino[167], uma roda de conversa pensando a educação ambiental. Além disso, organizamos uma pequena feirinha com produtos orgânicos que o Daniel trouxe das hortas comunitárias do seu município, Santana de Parnaíba. Nesse dia, me marcou bastante a fala de um professor ao final da atividade. Em seu agradecimento, ele disse: “Vocês fortaleceram não só os professores que estão aqui, mas também os mais de 900 alunos que somos responsáveis por ensinar na escola”. Essa fala me deu uma dimensão do alcance do nosso trabalho que eu nunca havia parado para pensar.

[167] Daniel Querino se tornou um importante parceiro no planejamento e desenvolvimento das ações ambientais no Quilombo da Parada. Para saber mais, acessar perfil no Instagram: Disponível em: https://www.instagram.com/rasteiraerva?igsh=MTlzejlmeXA4OTlleA==. Acesso em: 28 jun. 2024.

Imagem 150 – Professores na roda



Fonte: Coletivo [...] (2019c).
Legenda: Atividade corporal conduzida pela Sirlene para os professores da Emef Enzo.

Imagem 151 – Conversa com professores



Fonte: Coletivo [...] (2019c).
Legenda: Giselda falando do nosso trabalho para professores Emef Enzo Silvestrin - 2019.

Imagem 152 – Produtos orgânicos



Fonte: Coletivo [...] (2019c).
Legenda: Gabu e Daniel mostrando os produtos orgânicos – 2019.

Nesse período, a Giselda estava como vice-presidenta do Instituto e dividia seu tempo entre as ações no Quilombo, o Agbalá Conta, o mestrado em andamento, além dos cuidados com seus filhos, bem pequenos na época. Em alguma atividade do Instituto de Artes da Unesp, alunos da graduação entraram em contato, pedindo para que ela desse uma entrevista e Giselda escolheu o quintal do Quilombo para recebê-los. Durante o encontro, ela me trouxe para a conversa e destacou a importância do trabalho que eu havia iniciado. E ali, também semeou a ideia de que eu deveria voltar para a universidade e escrever sobre isso. Os alunos da graduação também reforçaram a sua fala, deixando uma sementinha plantada em minha "terra-coração", que começou a germinar depois daquele encontro.

Imagem 153 – Visita no Quilombo



Fonte: Coletivo (2019b).
Legenda: Visita das alunas da Unesp ao Quilombo da Parada – 2019.

O autocuidado, para mim, se resumia às ações desenvolvidas no Quilombo (e que eu escolhia os momentos de participar), como as propostas pela Sirlene, que envolviam movimentos corporais ou a dança, e que eu não conseguia acompanhar. Mas, na minha cabeça, estar participando na produção ou fazendo os registros, ou seja, ter entendimento de sua importância e poder auxiliar aquele momento, já era o suficiente. Foi Giselda que fez a conexão entre mim e a Madevi[168], me indicando os seus cuidados, dada a minha fragilidade na saúde com a correria no dia a dia. Fui conhecendo Madevi aos poucos, sempre cuidadosa, amorosa e dona de uma escuta sem limite. Tudo nela é grande: fisicamente, uma mulher negra alta, de formas harmoniosas e um coração cheio de amor, que se reflete não só na forma como ela olha para a gente, mas também em suas palavras afetuosas e cheias de cuidado. Ela ocupa e preenche os lugares por onde passa com o que ela tem em abundância: o amor, amor pelas pessoas, amor pelos cuidados, reverência pela ancestralidade e tudo que pertence às nossas origens. Ela me cuidou, juntamente com a sua parceira

[168] A Madevi hoje é vice-presidenta do Instituto Esperança Garcia e sua chegada no Quilombo da Parada será relatada mais adiante. Em sua participação no Tedex São Paulo, em 2024, ela compartilha sua origem e trajetória. Para conhecer, acesse vídeo no Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W2gB0ThZvzY. Acesso em: 14 jul. 2024.

de trabalho, Sil Oliveira[169], no início desse 2019, mas teve muito trabalho para me convencer a aceitar esse cuidado, que eu nem sabia existir e, quem dirá, merecer.

A referência de cuidados que eu tinha sempre foram os tratamentos com remédios alopáticos, ou estar dentro de um peso "ideal", mesmo consumindo alimentos sem seleção. Os cuidados que ela me ofereceu acabaram lhe rendendo o convite para, inicialmente, fazer um encontro interno, somente entre as organizadoras do Esperança. Madevi compartilha sua origem e trajetória no trabalho com mulheres:

> Meu nome é Madevi Murti, meu nome iniciático. O de batismo é Claudia Ferreira. Eu nasci dia 5 de fevereiro de 1970. Minha mãe é Genézia Rosária Ferreira, meu pai é Antônio Mendes, meus grandes amores. Sou terapeuta ayurveda, trabalho com autocuidado, também sou performer. Faço roda de mulheres já desde 2010. E essas rodas sempre foram orgânicas, espontâneas, sempre feitas em parques, em ocupações… Começou bem pequenininha, mas já teve dia de ter 70 mulheres, 40 mulheres… E acho que é isso, né? É… também faço trabalho de… ai meu Deus do céu, é tanta coisa, né?! Eu começo a pensar assim… É muita coisa… Eu também já fiz encontros muito bonitos numa… num quilombo também ali, em Diadema, que é a Casa Maria e Sininha, com mulheres daquela comunidade, ali de Diadema, que é uma das coisas que me traz muita satisfação. E o Quilombo da Parada [risos], que é onde eu parei, ali, né? (Murti, 2024)[170].

Ainda em diálogo sobre sua chegada no Quilombo, no ano de 2019, o primeiro encontro com a equipe do Esperança deveria acontecer no Quilombo da Parada, mas foi transferido para a casa da Gabu, pela falta de água. Depois desse encontro, ela lembrou a avaliação que fizemos sobre a necessidade de levar os encontros para as mulheres da comunidade:

> Então, eu cheguei no Quilombo… é, foi isso mesmo, através da Giselda. A Giselda chegou no meu consultório, através de outras mulheres, ela chegou no meu consultório. Nós começamos um trabalho de autocuidado dela. E aí, ela me apresentou você. E através de você, junto com a Giselda, eu conheci o trabalho que vocês faziam. E aí, eu me coloquei à disposição, porque é uma coisa que eu já fazia, que era as rodas de mulheres sobre autocuidado. E acho que nosso primeiro encontro foi entre a gente, não é? Que foi: vamos fazer uma imersão com as mulheres que cuidam! Eu lembro que, inicialmente, a gente ia fazer no próprio Quilombo, aí, nós acabamos fazendo na casa da Gabu. Como estava sem água, aí, a gente acabou fazendo lá. Foi absolutamente maravilhoso, porque foi um primeiro

[169] Perfil disponível no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/silviaoliveira01?igsh=MTh0YjZsMnV3aXduMA==. Acesso em: 14 jul. 2024.

[170] A Madevi não participou dos encontros LiteraViva. Percebendo a lacuna e a importância do seu trabalho junto ao Esperança, fiz uma entrevista em 2024 para complementar a história que vem ajudando a construir no Quilombo da Parada.

> encontro... É... uma das cenas assim que me marcou muito foi lavar os pés das mulheres, lembra? Aquilo ficou muito marcado para mim. É... exatamente... foi esse momento... E falar sobre Ayurveda para aquelas mulheres, e a gente ir pra cozinha, e fazer as experiências, as comidas... Aí, depois a gente já levou essa experiência pro Quilombo. E aí, nós começamos a fazer mais ou menos parecido lá dentro do Quilombo, com as mulheres da comunidade. Acho que foi assim que começou (Murti, 2024).

Foram dois dias de trocas de ideias, explicações sobre o que é a medicina Ayurveda e como ela poderia ser uma importante aliada em nossas práticas cotidianas e na prevenção de doenças a partir de novos hábitos, práticas corporais e leituras de histórias e mitologias sobre as deusas africanas, que evidenciam os saberes ancestrais e orientações sobre alimentação, que é o que nutre nossos corpos para as ações diárias. Nesse encontro, para que as mulheres tivessem disponibilidade, o Coletivo Lobas[171] organizou toda uma recreação com as crianças, com jogos, brincadeiras africanas e mediação em leitura.

Foi um momento de ampliação da rede de contatos, já que Madevi não anda só e levou para a roda sua mãe, a escritora e artista plástica Marli Aguiar[172] e sua parceira Sil, que é uma parte do coração da Madevi fora do corpo. Elas compartilham todos os cuidados e atendimentos tanto no consultório como nas rodas externas. E posso considerar também que foi um momento de intensa intimidade entre nós do Esperança, que paramos para respirar com calma, depois de uma longa jornada que fomos construindo em nossas vidas, individuais e coletivas, e que já ia revelando seus impactos em nossa saúde.

---

[171] Seu perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/coletivalobas?igsh=MTVkb20zbTd5dWg4eA==. Acesso em: 12 jul. 2024.

[172] Seu perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/marliaguiar29?igsh=MTNjaHB4YWtyNzBveQ==. Acesso em: 12 jul. 2024.

Imagem 154 - Autocuidado



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Roda de conversa e imersão em autocuidado – 2019.

Imagem 155 – Encontro de autocuidado



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Primeiro encontro de autocuidado. Na foto, Dona Genézia, Thaís Fernanda, Madevi, duas mulheres sem identificação, Juliana, participante sem identificação, Giselda, Marli Aguiar, Sirlene, Ana Flávia, Gabu com Janaina no colo, Ayana de costas – 2019.

A atividade de autocuidado com as mulheres da comunidade, conduzida pela Madevi, aconteceu após várias negociações e organização com antecedência, para que as mulheres pudessem estar presentes. Trazê-las para esse espaço do Quilombo com mais frequência e não apenas em ações pontuais exigia que criássemos um diálogo muito respeitoso em relação às suas demandas e sobre responsabilidades que deixariam de realizar para estar com a gente. Além disso, não eram todos os filhos que participavam do projeto, havia os irmãos menores, que necessitavam de cuidados na ausência delas. Queríamos atingir o maior número

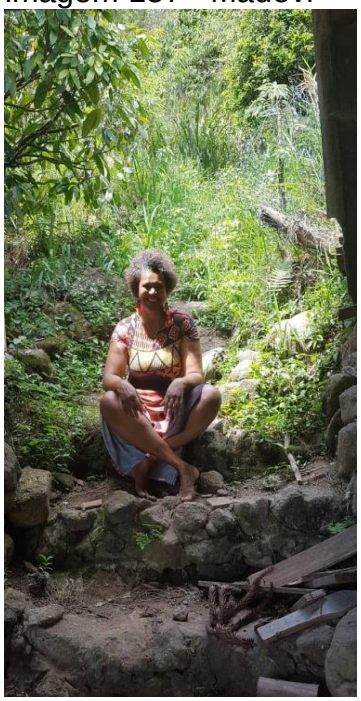
possível de mulheres. Umas das imagens que mais me marcaram nesse encontro foi a chegada da Madevi e da Sil com muitas sacolas e caixas. E elas vinham com outras crianças e pessoas vizinhas ajudando a carregar tudo para nossa cozinha. Os alimentos que elas haviam preparado com todo cuidado na noite anterior foram organizados em nossa mesa para serem compartilhados com todas as presentes. Eu, que vejo o alimento como algo sagrado e símbolo de afeto, fiquei encantada, não somente com o sabor, mas, antes de tudo, pela fartura que estava sendo compartilhada com a gente, que transbordava amor nos olhos e no coração.

Imagem 156 – Mulheres em conversa



Fonte: acervo da pesquisadora.
Pessoa sem identificação, Dona Preta, Sil e Madevi - 2019.

Imagem 157 - Madevi



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Madevi no Quilombo da Parada - 2019.

A oficina de cosmética natural foi mais uma vez realizada, estimulando os participantes a assumirem a produção dos desodorantes e sabonetes naturais para

suas vidas. Realizamos diversos encontros, inclusive chamando as/os responsáveis pelas crianças e adolescentes. Nesse período, também tive a ideia de transformar o que havia aprendido nas atividades do Quilombo, nos cursos de que fui participando em outros lugares e nas trocas e observações feitas no terreiro em uma marca. Nomeei os produtos que passei a desenvolver como “Ndandá Cosmética Natural”[173]. Era uma homenagem ao sagrado e também uma forma de pontuar que o processo de produção dessa cosmética fazia parte de uma tradição de conhecimentos diversos. Conhecimentos principalmente de pessoas negras, que compartilharam sua energia e saberes comigo, e que isso estava sendo reproduzido a partir do aprendizado e do respeito.

Imagem 158 – Adolescentes na oficina



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Oficina de Cosmética Natural - desodorantes - 2019.

Ainda em 2019, o grupo de cultura popular “Samba do Pé Vermeio”[174] trouxe para o nosso quintal uma tarde de vivências tradicionais e conhecimentos do samba de bumbo, muito preservado em Santana de Paranaíba, local de origem dos artistas. Eles ofereceram esse momento de descontração após termos participando do nosso primeiro curso de Introdução à Agroecologia, conduzido pela Gabu e pelo Daniel Querino, que já havia se tornado nosso principal parceiro nas ações ambientais.

[173] O nome da marca faz referência a Ndandalunga, divindade de Angola, do panteão bantu. É a divindade das águas doces, da fertilidade, do amor e da beleza.

[174] O perfil do grupo pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/sambapevermeio?igsh=MWEzYXZkcHVmNmJmaw==. Acesso em: 2 maio 2024.

Imagem 159 – Samba do Pé Vermeio



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Troca de ideias com o Samba do Pé Vermeio - 2019.

Imagem 160 – Apresentação do Samba do Pé Vermeio - 2019



Fonte: acervo da pesquisadora.

No Dia do Voluntário, recebemos uma ação com funcionários da empresa X (antigo Twiter). Na ocasião, o coordenador da empresa, Fernando Gallo, nos procurou pedindo para contribuir de alguma maneira com o Quilombo e a comunidade. Nesse encontro, todos colocaram a mão na massa, pintaram todo o espaço da nossa biblioteca comunitária e participaram de um mutirão de limpeza da área externa. Ao final da atividade, o coordenador, em nome de toda a equipe, disse estar bem feliz e disponível para pensar outras ações de maneira contínua para fortalecer o nosso trabalho. Essa “promessa” se cumpriu no ano seguinte, no período da pandemia, experiência que será relatada mais adiante.

Ainda em 2019, conseguimos ir um pouco mais longe do que esperávamos com algumas crianças que participavam do projeto. O convite veio através do Lol, que fez toda articulação junto à sua rede para levar as crianças para conhecer o mar: o projeto “Almar”. A relação de confiança que fomos estabelecendo ao longo dos anos com os responsáveis nos garantiu a autorização para esse passeio. Foi uma das experiências mais distantes que alcançamos, o grupo saiu do Quilombo rumo a Bertioga em uma manhã ensolarada. As crianças atravessaram a cidade, embarcaram na balsa, foram recebidas na pousada Kontiki, se alimentaram e seguiram para a praia. Foi um dia de muita alegria e descobertas.

A Gabu foi a responsável por acompanhar a garotada e fala um pouquinho mais dessa experiência e do afeto compartilhado:

> O Lol, que é esse educador aqui, ele conseguiu organizar uma parceria que levou um grupo de jovens pra conhecer a Prainha Branca, lá no Guarujá. E aí então, a gente foi de van. Quando chegou lá, tinha uma balsa pra atravessar e aí, tinha uma fila! Aqui é a gente esperando na fila pra poder pegar a balsa e atravessar até a trilha que a gente fez pra chegar na Prainha Branca. E aí, olha só! [risos] Todo mundo aproveitou o dia na praia! Fizemos uma trilha muito gostosa. Teve gente que foi pra praia pela primeira vez nesse grupo. Foi muito, muito bonito esse dia, muito gostoso! (Ribeiro, 2021).

Até o final desse ano, demos continuidade às ações previstas no projeto Cultura no Quintal do Quilombo da Parada, e também a outras parcerias que foram sendo articuladas pelo nosso grupo e rede. A Lunna trouxe para o Quilombo o projeto “Mulheres Multiplicando a Cultura Hip Hop”[175]:

> Aqui,um dos projetos que eu levei pro Quilombo, que chama Mulheres Multiplicando a Cultura Hip Hop, e aí, vocês vão ver as minhas convidadas da oficina de grafite, que é a Gabi Bruce, que é essa daqui da foto; aí, tem a oficina de DJ, que foi a DJ Niely, que tá aqui; a oficina de break, que foi a B-Girl Potira; e a oficina de MC que foi a Brisa Flow. Além delas, eu levei a Mari Maciel, que é também assistente social, que é palestrante de várias áreas, ela lida muito com a galera da Fundação Casa e a galera moradores de rua, que é o trabalho de assistente social que ela faz. Então, ela tem uma bagagem também, um conhecimento bastante amplo. E tem a Isa, que também é assistente social, que também foi levar uma palestra pra vocês. Aí, aqui [mostra os slides], eu trouxe umas fotos… Logo, logo a gente vai fazer de novo. Aqui também, mais um encontro que a gente fez; aqui a professora de grafite, alguns de vocês; aqui é a Isa, falando um pouquinho também sobre o trabalho dela; alguns de vocês também, com o microfone na mão, fazendo rima; aqui é a oficina de grafite e aí vocês foram pro muro, pra grafitar e fizeram essa arte aí de fundo; o breaking, que é a aula de

[175] Sobre o projeto, pode-se acessar página no Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=191975503052129. Acesso em: 18 set. 2024.

> dança, com a professora Potira; aí, se vocês verem, aqui no fundo, tem a oficina de estêncil que eu fiz com vocês, e tem alguns rostinho aí que dá pra vocês reconhecerem, a Ayana… aqui quem é? Acho que é a Belinha, né? A oficina de MC com a Brisa Flow; aqui já é um outro dia, que vocês brincaram com palavras; a oficina de DJ, aí vocês aprenderam tanto a mexer com controladora, que é esse equipamento aqui… todo mundo pode conhecer um pouquinho e mexer um pouquinho também nos equipamentos; aí a professora de DJ, a Niely; nossa área de cinema, que a gente vai… que é uma grande novidade também, que a gente vai mexer um pouco nesse espaço, que assim que puder voltar o presencial, aí vocês vão poder assistir, a gente vai ter sessão de cinema com pipoca, passar vídeos, passar transmissão de várias coisas aí pra vocês também. É um dos projetos que tá em andamento (Rabetti, 2021).

No decorrer desse ano de 2019 continuamos a nos articular e a escrever vários projetos com o objetivo de manter as atividades do Quilombo. Entre tantos, um projeto que enviamos para a Secretaria Municipal de Cultura foi aprovado pela segunda vez, na 5ª Edição do Fomento à Cultura de Periferia, com um cronograma de 24 meses de execução, entre os anos de 2020 e 2021.

No entanto, o mundo já dava sinais da presença de um vírus, e no dia 31 de dezembro de 2019 a Organização Mundial de Saúde fez um alerta mundial, sobre os inúmeros casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Era, na verdade, um tipo de coronavírus que nunca havia sido identificado em seres humanos e, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Nós, em estado de alerta, fomos acompanhando as notícias e também refletindo o quanto essa questão impactaria nossos fazeres junto à comunidade.

Em janeiro, nos dias 10 e 11, recebemos em nosso quintal a atividade organizada pela Frente de Mulheres do Hip Hop, articulada ainda no ano anterior, dentro do projeto Mulheres Multiplicando a Cultura Hip Hop. Houve uma palestra seguida de bate-papo após a exibição de um documentário. Essa foi a última atividade cultural que realizamos com as portas abertas do Quilombo. Mais tarde, fomos orientadas a adaptar o projeto para que as atividades fossem realizadas no formato online.

Instaurou-se uma atmosfera de medo, receio, boatos, e um destino incerto para todas as pessoas. Em março, o Governo do Estado determinou quarentena em todos os municípios do estado. O chamado *lockdown* previa o fechamento de todas as portas de estabelecimentos de ensino, comércio, bares e restaurantes. Enquanto coletivo, fomos pensando estratégias para seguir durante aquele período, realizando

ações e atividades online, mas isso ficava comprometido pela falta de equipamentos e internet na casa das crianças da comunidade. A Sirlene compartilha reflexões sobre aquele momento:

> Em todo esse contexto pandêmico, não que a gente se perdeu, mas eu acho que a gente acabou tendo que mudar o foco pra outras ações, pra um momento de reabrir os olhos pra outras questões (Santos, 2021).

Após algumas reuniões internas em que avaliamos a complexidade do cenário, decidimos reorganizar nossas ações remanejando os recursos para comprar equipamentos e providenciar a instalação de internet em pontos estratégicos da comunidade e das casas das crianças, para que pudéssemos dar continuidade ao projeto. Foram inúmeras negociações, pesquisas sobre aparelhos que coubessem no nosso pequeno orçamento e a busca por uma prestadora de serviços de internet local que oferecesse parceria para a realização do serviço.

Conseguimos comprar os tablets e instalar os pontos de internet. Mas era necessária toda uma orientação *in loco* para que as crianças e responsáveis aprendessem a usar e se adaptassem ao novo modo de contato que estávamos oferecendo: de um quintal aberto, cheio de árvores, abraços, correria e café da manhã, agora estávamos propondo entrar na intimidade do lar das crianças, que deveriam estar conectadas em todas as manhãs de domingo.

Aparentemente, estava tudo dando certo, mas começaram a chegar outras demandas diárias em relação às condições extremamente vulneráveis que algumas famílias estavam vivendo naquele momento. Muitas mulheres, que eram as principais responsáveis financeiras dos seus lares, perderam seus empregos como diaristas, prestadoras de serviços, atendentes em comércios, consultórios. A maioria não tinha contrato de emprego formalizado. Elas ficaram em suas casas, sem renda, apenas com a promessa de que assim que fosse restabelecida a abertura de seus postos de trabalho seriam “recontratadas”.

Aquela situação dizia respeito à vida das crianças e ao mínimo que deveriam ter para sobreviver, que já era o básico e que, naquele momento, não estava minimamente garantido. Vendo de perto aquele estado de extrema delicadeza, entendemos que as atividades culturais eram importantes, mas naquele período não eram mais a prioridade. Nosso papel era outro? Lunna relembra toda essa fase de negociações e articulações para manter a comunidade em segurança:

> Quando começou a pandemia, a primeira coisa que nós fizemos, enquanto equipe do Quilombo, foi nos reunir pra conversar o que nós faríamos, uma vez que o Quilombo não podia abrir pra receber a galera pra fazer curso e tudo o mais, que é uma coisa que a gente já vinha fazendo há muitos anos. Então, essa era a nossa preocupação, de como manter as atividades online. E aí, um fator muito importante que a gente teve em mente é que a gente sabe que nem todos os participantes, nem todas as casas têm internet. Então, a gente escreveu o projeto, foi em busca de apoio, foi em busca de patrocínio, pra ver se a gente conseguia colocar internet em algumas residências e essa internet pudesse ser compartilhada com vizinhos, com vizinha da frente, com vizinha de trás, enfim, pra gente conseguir ampliar a internet nas casas, não apenas pensando nas atividades do Quilombo, que ocorrem todos os domingos, mas pra que essas famílias tivessem essa internet porque tudo é internet. Então, a gente sabe que muitas crianças e adolescentes, em época de estudo, os estudos são online, então, é uma forma também dessa galera ter acesso aos estudos, ao ensino fundamental, médio, a galera que faz EJA, o pessoal da faculdade, tenha acesso, porque muitas pessoas tavam usando o celular, muitas famílias tavam compartilhando 1 celular pra quatro, cinco crianças ou adolescentes. Então, a gente tinha essa preocupação de levar a internet pra essas famílias e isso foi uma grande conquista que nós conseguimos. Pra além do uso da internet, a gente também sabia que algumas famílias não têm computador, então a gente foi também em busca de patrocínio, conseguimos os tablets, foram 14 tablets, esses 14 tablets, a gente conseguiu distribuir pra essas famílias que não têm acesso a computador. [...] Além da entrega das cestas básicas, do álcool em gel, da máscara, que a gente também fez, mas foi pensando nisso, pra que as pessoas tivessem acesso. Então, portanto, nós conseguimos tablets, celulares e instalar a internet em mais de 10 casas (Rabetti, 2021).

Eliene, que atualmente faz parte da equipe do Quilombo lembra esse contexto difícil em que chegou:

> Meu nome é Eliene Lima de Jesus, tenho 56 anos, nasci em Ipiaú, Bahia. [...] Então, eu trabalho desde os meus 12 anos. E assim… É gente… Aí, vim aqui pra São Paulo, já trabalhei em casa de família, já dei curso em igreja de artesanato, ponto cruz, faço flor em EVA… Aí, depois disso, fiz curso de pintura também, de pano de prato, faço alguns quadros. [...] Aí, depois eu entrei no banco, trabalhava no HSBC, na área de auxiliar de limpeza, depois fui promovida a copeira. Então, só nesse banco, eu trabalhei quase 15 anos, trabalhei 14 anos e pouco. E só saí de lá depois da epidemia, né? Porque, aí, como eu era copeira, tinha que ter contato com o cliente, não podia, no caso da Covid. É aí, foi quando eu conheci o projeto (Jesus, 2024)[176].

A chegada de Eliene somou forças para o delicado momento que a comunidade estava vivendo. Ela contribuiu em toda a articulação que passamos a

[176] No ano de 2021, a Eliene não fazia parte da equipe do Esperança. Por isso não participou como integrante do LiteraViva. Essa transcrição foi feita a partir de uma entrevista complementar no ano de 2024.

fazer para minimizar os impactos na comunidade, durante a pandemia. Eliene começou como voluntária e, depois, passou a fazer parte da equipe:

> Então, o Quilombo eu conheci na epidemia, numa entrega de cesta básica. [...] eu subi lá em cima, na entrega da cesta, e a Preta estava lá. Depois que acabou a entrega, eu conversando com ela, aí ela falou, comentou, que tinha o projeto lá em cima. Eu já sabia do projeto lá em cima, da aula de zumba, mas só que eu não participava da aula de zumba, porque a aula de zumba era à noite [...]. A Preta conheceu através da aula. Eu fui através da entrega da cesta. E, depois conversando com a Preta, ela falou que tinha esse projeto lá em cima. Aí, eu falei para ela que eu queria conhecer, que eu queria participar. Como ela já fazia parte, lá em cima, falou assim: “Ah, tá bom, então você sobe comigo, quando eu subir”. Aí, eu peguei e subi. E a primeira vez que eu subi aí, eu já me senti bem, gostei do lugar como eu fui… O que me chamou a atenção foi o espaço… é uma paz, viu, gente? É uma paz! Aí, eu que estou, assim, passando por algum problema... Aliás, não tem lá em cima, as mães, quem não tem um problema. E elas chegam através… cada uma tem um problema diferente do outro. E lá em cima é um lugar de acolhimento. Lá não é... assim… a gente falar assim… Ah, eu trabalho aqui. Não, a gente não trabalha lá. A gente se acalma lá, né? Lá é um lugar da gente ir… você chega lá, você se sente bem. É um lugar de acolhimento.Tem dia que a gente sobe lá, assim, angustiada com alguma coisa, né? Mas quando chega lá, a gente acaba esquecendo. Então, tem muitas que sobem (Jesus, 2024).

Eliene também relata sobre como foi conhecendo o Esperança, das relações que foi estabelecendo, as trocas em que pôde aprender e também ensinar:

> Quem me recebeu foi a Juliana, a Preta, a Gabu, alunas… certo que eu conheci uma de cada vez, né? Mas cada vez que eu conhecia elas, eu me sentia mais acolhida. Tem a Giselda, a Madevi e outras pessoas [...] E, assim, quem tá mais próximo da gente é a Ju, a Gabu e a Lunna. Então, a gente se sente bem no espaço lá em cima. Eu, praticamente, não tenho o que reclamar. Eu gosto muito de estar lá em cima, gosto muito de ajudar. Comecei ajudando como voluntária, hoje eu faço parte do projeto lá em cima. Comecei fazendo o café da manhã das crianças e hoje eu sou educadora, né? Assim… me deram esse cargo de educadora e eu tô gostando, eu gosto do que faço. Pelo menos eu distraio a cabeça, a mente. Porque todas nós que tá lá em cima precisa disso. Porque eu, depois que eu tô lá em cima (…) a gente já chega lá com aprendizado, né? Porque a gente que é mãe e avó, a gente chega com aprendizado, mas depois que chega lá em cima, a gente aprende muito mais. Eu aprendi muita coisa lá em cima, que antes eu não sabia que existia, conheci muitos lugares que eu não sabia também que eu podia estar nesse lugar, nesse espaço. Cinema, eu nunca tinha ido no cinema. Fui, porque eu fui levar as crianças num passeio, e eu conheci o cinema junto com as crianças. Teatro Municipal, quem diria que eu, nessa idade, ia conhecer o Teatro Municipal? E eu conheci! Museu? Só conhecia quando eu passava na porta, para ir pro serviço, que eu trabalhava na Paulista, passava na porta [risos] (Jesus, 2024).

O coordenador do X, Fernando Gallo, que havia organizado a ação do Dia do Voluntário no ano anterior, foi uma das primeiras pessoas que nos procurou para

saber as condições da comunidade no início da pandemia. Sabendo das necessidades urgentes, articulou junto ao Fundo Social Municipal da Prefeitura de São Paulo, a entrega de cestas básicas. Além disso, dentro da sua rede de contatos, buscou ajuda colocando a gente em diálogo com algumas empresas, como, por exemplo, uma de organização de festas e bufês. A empresa teve seus negócios comprometidos, sem previsão de retorno, e doou para a gente seus produtos.

Fizemos uma campanha nas redes sociais e tivemos o apoio na divulgação das nossas demandas em vários veículos de comunicação. Precisávamos garantir recursos para a compra de produtos de higiene e máscaras para a comunidade. Também conseguimos uma parceria com pessoas do nosso entorno para receber um cartão alimentação que dava direito ao uso nos supermercados. Foi um período longo e de muito trabalho, em que nossa rede se mostrou disposta a contribuir ainda mais e, para além das atividades no Quilombo, com a comunidade em um todo. Essas ações garantiram a alimentação e os cuidados básicos de prevenção, não só para as crianças que estavam sob os nossos cuidados, mas também para a população do nosso entorno[177].

Naquele período, fomos encaminhadas para um órgão junto à Prefeitura Municipal que garantiu, e garante ainda hoje, a entrega de cestas básicas mensalmente para as famílias que fazem parte do projeto.

[177] Algumas matérias sobre esse período no Quilombo da Parada podem ser acessadas nos seguintes links/endereços: Ajude o Quilombo da Parada, próximo à Brasilândia, em São Paulo | Quilombos sem COVID-19 (quilombosemcovid19.org); socioambiental.org/acervo/noticias/covid-19-quilombo-da-parada-realiza-campanha-de-auxilio-familias; Desempregadas e sem renda, mulheres se ajudam no Quilombo da Parada - Nós, mulheres da periferia (nosmulheresdaperiferia.com.br); Covid-19: Quilombo da Parada realiza campanha de auxílio a famílias da região. geledes.org.br)

Imagem 161 – Apoio à comunidade



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Chegada de 1 mil cestas básicas para a comunidade - 2020.

Imagem 162 – Distribuição de cestas básicas



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Amanda e Sirlene - distribuição 1 mil cestas básicas – 2020.

A ideia de realizar uma live com dicas e informações para a comunidade sobre cuidados nesse período pandêmico foi uma iniciativa da Sirlene e da Giselda:

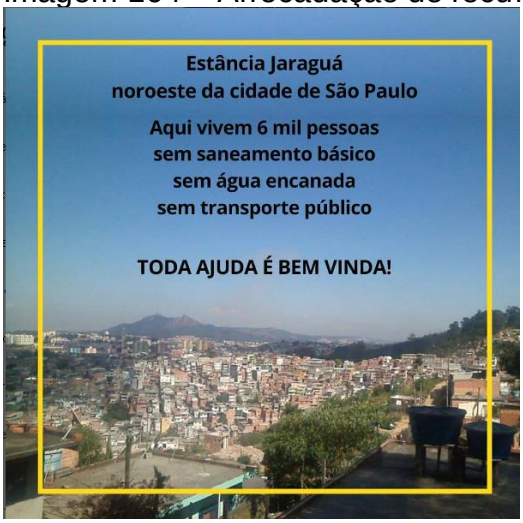
Imagem 163 – Divulgação de ações



Fonte: acervo da pesquisadora.

Iniciamos também uma campanha coletiva para levantar fundos para a compra de alimentos e produtos de higiene. Fizemos uma ação descentralizada para cadastrar os moradores e distribuir os alimentos doados pelas empresas parceiras. A Fundação Tide Setubal apoiou a divulgação de nossa campanha “Aquilombando contra a Covid-19” para arrecadar recursos para a comunidade durante o período pandêmico. Distribuímos 1 mil cestas básicas na comunidade.

Imagem 164 – Arrecadação de recursos



Fonte: acervo da pesquisadora.

Demos continuidade às ações e à divulgação da nossa campanha para comprar alimentos. A Livraria Suburbano Convicto, fundada por Alessandro Buzzo,

encabeçou uma arrecadação de fundos e livros para a Biblioteca Comunitária Susana de Paula. Entregamos os cartões para compras de alimentos, doados pela Ticket Alimentação. Além disso, produzimos sabonetes artesanais da Ndandá Cosmética Natural e entregamos para a comunidade, junto com cestas de produtos orgânicos doados pelo Daniel Querino.

Imagem 165 – Cartões de alimentação



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Cartões de alimentação e sabonetes Ndandá Cosmética – Quilombo da Parada – 2020.

Imagem 166 – Cestas de produtos orgânicos



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Dona Preta e Daniel Querino com cestas de produtos orgânicos - 2020.

Outra iniciativa durante a pandemia foi a ação conjunta que organizamos com a Unidade Básica de Saúde Vila das Taipas. Recebemos profissionais da saúde para atualizar a carteira de vacinação dar uma palestra sobre saúde bucal. Nesse dia, Daniel Querino, mais uma vez trouxe diversos produtos orgânicos, que

organizamos em pequenos recipientes, de forma variada, e que foram entregues para a comunidade.

Imagem 167 – Profissionais da saúde



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Profissionais da saúde UBS Vila das Taipas - 2020.

O ano de 2021 chegou e nossa primeira atividade foi uma formação para a equipe do Esperança. Isso já estava previsto no edital, mas tivemos que realizá-la no formato remoto. Nossa primeira formação da equipe foi feita pela Bel Santos Mayer[178], intitulada “Será que cabe um livro?”. Ela inspirou toda a equipe com o trabalho que realiza com literatura e direitos humanos no Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário, o Ibeac[179].

Em março, tivemos a primeira oficina de fanzine online. Foi necessária uma articulação interna para a entrega dos materiais que as crianças usariam durante a atividade. O encontro LiteraViva, organizado para falarmos por nós mesmas sobre a

[178] O perfil de Bel Santos pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/bel.santos.mayer?igsh=YWRodTdhZWR4OGYz. Acesso em: 22 ago. 2024.

[179] Sobre o Ibeac, pode-se consultar seu site. Disponível em: https://www.ibeac.org.br/. Acesso em: 22 ago. 2024.

nossa relação com o Esperança, começou a ser gravado nesse mesmo mês, tendo como primeira convidada a Lunna Rabetti.

Em abril, Sirlene retomou sua oficina de poesia expressiva, orientando as crianças em relação a algumas práticas corporais e desenvolveu uma atividade de ilustração das poesias que foram compartilhadas a partir de imagens e objetos (livro, tecido, caneca, espelho, folha). Ela também participou como convidada do LiteraViva[180]. Na semana seguinte, a convidada foi a Gabu. O mês se encerrou com a oficina de fanzine, mediada pela Lunna, com criação de textos, colagens e desenhos. Ao final, as crianças nos entregaram suas produções para que pudéssemos organizar o fanzine coletivo como produto da atividade.

No mês de maio, iniciei as mediações em leitura e apresentei o livro que tínhamos ganhado da escritora Odara Dele, intitulado “Lukenya e seu poder superpoderoso”. Na semana seguinte, a convidada do LiteraViva foi a Giselda, depois tivemos mais uma oficina de fanzine, mais um LiteraViva, com a nossa parceira Katiara Oliveira. Na última semana do mês, Lunna voltou com a oficina de breaking, reforçando a história da dança e ensinando os nomes de alguns passos básicos, demonstrados para as crianças através de vídeos.

Em junho, recebemos no LiteraViva Celinha Reis, para falar da sua relação com o Esperança. Tivemos oficina de fanzine com a Lunna e uma oficina de DJ do projeto Mulheres Multiplicando a Cultura Hip Hop, com a Mari Maciel. Depois, tivemos um encontro com a Brisa Flow, com uma oficina de MC. Ela compartilhou essa linguagem e trouxe referências de mulheres MCs do hip hop. No final do mês, a Sonia Bischain foi nossa convidada do LiteraViva, falando da sua trajetória e trabalhos com o Esperança.

Em julho, a Sirlene deu continuidade nas oficinas de poesia expressiva, com muita poesia, música e intervenções corporais, sempre estimulando as crianças a saírem do sofá e mexerem os corpos. Ela também trouxe uma atividade de autocuidado para adolescentes. Os encontros do LiteraViva daquele mês contaram com a participação da Sarah Morato e também do único homem que havíamos previsto no projeto, o Jardélio.

---

[180] O LiteraViva é uma atividade inspirada no programa Roda Viva, da TV Cultura. No nosso contexto, privilegia escritoras, escritores e artistas afro-brasileiros a compartilharem com o público sua trajetória e produção artística. Ao longo de 2021, foram 10 encontros, realizados com apoio da Lei de Fomento às Periferias, da Secretaria Municipal de Cultura.

Em agosto, a Giselda trouxe para a nossa roda virtual o Agbalá Conta e realizou, durante esse mês, três atividades de contação de história e de mediação em leitura. No mesmo período, eu também realizei algumas mediações.

O mês de setembro contou com as mediações em leitura realizadas por mim, além das atividades do projeto Mulheres Multiplicando a Cultura Hip Hop que realizou um intensivão de encontros sobre diversos temas. “Hip hop: conhecimentos” tratou da história do hip hop, desde seu início até a chegada no Brasil, abordando a participação feminina, que tanto contribuiu para a cultura e para as conquistas desse movimento. Houve a apresentação de slides e fotos. Tivemos ainda as palestras “Feminismo(s) e gênero: de onde vêm?”, com Iza Ramos[181]; “A história do hip hop e a participação feminina”, com a DJ Niely[182]; Mari voltou para falar sobre as vulnerabilidades presentes quando pensamos a racialidade e o gênero; e a última palestra, conduzida pela Lunna, foi “Cultura afro: nosso passado e presente”.

Organizamos uma festa virtual no último domingo do mês, apresentando os resultados das oficinas realizadas ao longo do semestre. Exibimos os fanzines feitos pelas crianças, que foram digitalizados, realizamos uma mediação em leitura, mostramos as imagens da oficina de autorretrato com a apresentação das imagens captadas na comunidade. Ainda que virtual, tivemos música e muita alegria nesse último encontro de setembro.

Nos meses de outubro e novembro, demos continuação às mediações em leitura e à contação de histórias com a Giselda. E também as oficinas com elementos do hip hop, com a Lunna.

Em dezembro, voltamos a ocupar o Quilombo da Parada, após um longo recesso, com uma atividade de autocuidado, conduzida presencialmente pela Madevi. O tema foi: “Autocuidado na Travessia: oportunidade de autorreconhecer, acolher e celebrar”.

Intensamente, vivemos os dias e organizamos as ações que promoveram, para nós e para a comunidade, momentos de reflexões, alívio e cuidados nesse período pandêmico.

---

[181] Seu perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/iza.nramos?igsh=MXA1bnl3bjVuMWw3bw==. Acesso em: 22 ago. 2024.

[182] Seu perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/djnielyoficial?igsh=MWVtaGlxbzZqNjR5eA==. Acesso em: 22 ago. 2024

E chegamos ao ano de 2022 com a proposta de retomar as ações na comunidade, mas em janeiro elas ainda foram online. Em fevereiro, visitamos as casas da comunidade para avaliar a instalação de cisternas. Em março, alternamos o modo presencial e online nas mediações em leitura. A Giselda levou a contação de histórias para o nosso quintal de forma presencial; iniciamos também as vivências em bioconstrução[183], conduzidas pelo Rafael[184] do coletivo Arti Horta[185], que resultaram na construção da estrutura de uma sala maior para as atividades.

Mais crianças foram chegando nas atividades a partir da articulação que a Eliene foi fazendo no dia a dia, divulgando o projeto no cotidiano dos moradores. Com isso, o recurso destinado à realização das atividades junto com o café da manhã foi precisamente executado, graças à sua sabedoria e conhecimento econômico. Eliene elaborou um cardápio oferecendo frutas, bolos, suco, pão de queijo e sanduíches para uma média de 50 crianças em cada uma das atividades, totalizando um público de 200 crianças no mês, tudo isso com apenas R$ 300,00 mensais.

Nesse ano, também conseguimos estabelecer uma parceria com a Fundação Abrinq[186], por uma indicação da Gabu. Quando adolescente, ela havia participado do projeto “Mudando a História” dessa fundação. O projeto oferecia formação de mediação em leitura em espaços públicos da cidade, estimulando os adolescentes a levarem essa atividade para suas comunidades e escolas e, ainda, certificando os participantes como mediadores. Em nossas rodas de mediação, as crianças e adolescentes do Quilombo sempre foram estimulados a participarem ativamente das leituras, mas ainda estávamos buscando uma melhor forma de desenvolver essas ações. A parceria com a Fundação Abrinq possibilitou que eles saíssem da comunidade, conhecessem outros espaços e outros adolescentes. Foi um processo que despertou um maior interesse e participação dos jovens, pois eram poucas vagas disponíveis para cada instituição selecionada pela Abrinq. O certificado atestando o ofício de mediador, o primeiro que receberiam em suas vidas, também chamava a atenção. As mães e os pais também se mostraram interessados em que

---

183 Organizadas com o objetivo de aprendermos técnicas de construção sustentável, utilizando materiais de baixo impacto ambiental. No caso, utilizamos o bambu como matéria prima

184 O perfil de Rafael pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/rafa.artihorta?igsh=cjlsdTBkZGRncnZ1. Acesso em: 22 ago. 2024.

185 O perfil do coletivo pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/arti.horta?igsh=MTM4bGlzN3FxcHprYw==. Acesso em: 22 ago. 2024.

186 O site da Abrinq está disponível em: https://www.fadc.org.br/. Acesso em: 22 ago. 2024.

seus filhos participassem do processo. Hoje, em 2024, estamos na terceira turma de adolescentes mediadores. Desde a primeira turma, eles se organizaram e fundaram o coletivo de mediação em leitura “Ler e Aprender”, que tem assumido essa frente de estímulo à leitura no Quilombo, assim como atividades de mediação nas escolas. A Eliene assumiu a responsabilidade de acompanhar e orientar os adolescentes nas formações oferecidas pela Abrinq. Além disso, passou a articular, junto às escolas, as atividades externas.

O ano de 2023 consolidou ainda mais nossas frentes de trabalho e atuação. As atividades de mediação em leitura, hip hop com o breaking e fanzine, educação ambiental, com a Gabu, e autocuidado com a Madevi, se fortaleceram ao longo desse processo. O vínculo com a comunidade foi se tornando mais forte, mas ainda falta muita coisa, porque o território é muito grande e não temos condições, nesse momento, de abarcar todas as crianças, adolescentes, jovens e mulheres que sonhamos atingir. Os maiores limitadores ainda são o espaço (pequeno para atender mais pessoas) e a falta de recursos para a dedicação integral ao projeto. No momento, somente eu, a Dona Preta e a Eliene fazemos esse papel mais direto com a comunidade. As demais integrantes se dedicam ao apoio na tomada de decisões, planejamento e execução das atividades previstas nos editais aprovados. Ainda assim, enfrentamos todas juntas as grandes demandas para manter nosso Quilombo da Parada com atividades semanais aos domingos.

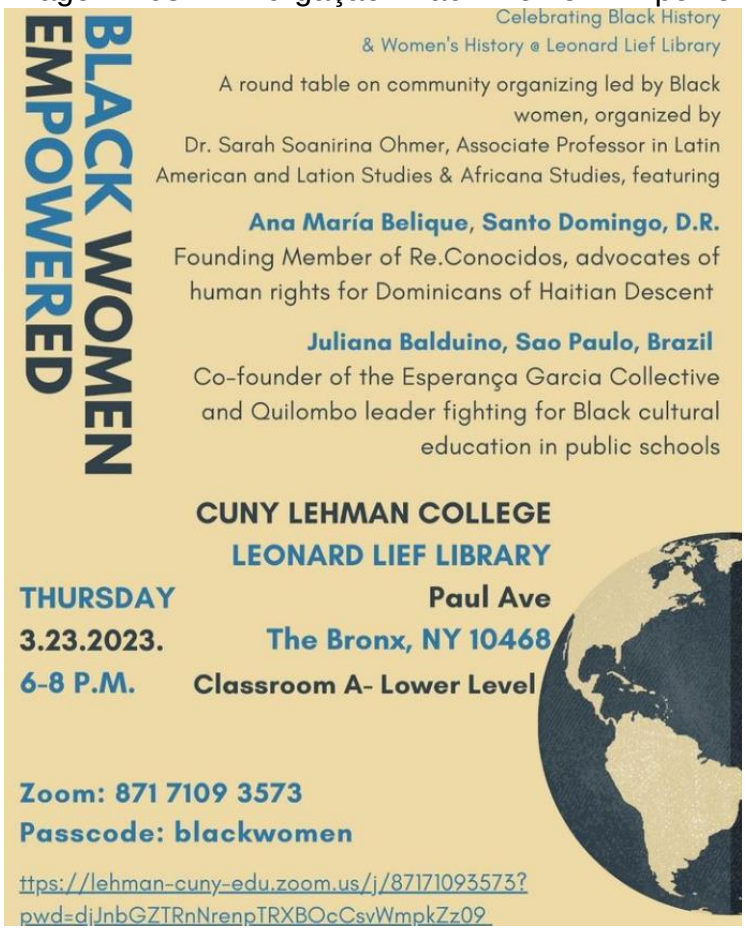
Neste ano de 2023, demos continuidade aos trabalhos e em dois momentos tive que me ausentar do projeto para realizar um intercâmbio e apresentar a minha pesquisa de doutorado nos Estados Unidos e em Angola. Essas duas oportunidades foram parte dos sonhos que desejava realizar desde a mais nova idade. Ainda assim, me preocupava o funcionamento do Quilombo e, por mais que eu estivesse levando a nossa história para o outro lado do oceano, precisava ter a certeza de que tudo continuaria sendo realizado sem a minha presença. Levando a questão para a equipe do Esperança, todas se colocaram à disposição em dedicar um tempo maior ao projeto, ajustando suas demandas individuais e dando o suporte necessário às produtoras locais, Dona Preta e Eliene, que ficariam sozinhas na linha de frente da organização do espaço e do diálogo direto com a comunidade.

4.5 Quilombo da Parada além da Parada de Taipas

Minha primeira viagem internacional, e sozinha, aconteceu ainda em 2023 para os Estados Unidos. A ideia era realizar um intercâmbio para praticar a língua inglesa e buscar espaços para apresentar a pesquisa que estava em andamento. Essa experiência durou 28 dias e tive a oportunidade de conhecer diversos lugares na cidade de Nova York. Minha primeira parada foi na casa da doutora Sarah Ohmer[187], que eu havia conhecido aqui no Brasil em uma atividade com a Raquel Almeida. Tempos depois, ao entrar em contato com a Sarah e contar que estava indo para os Estados Unidos, recebi o convite para participar de uma atividade que estava organizando naquele mês, o Black Women Empowered. Lá, eu e Ana Maria Belique, da República Dominicana, compartilhamos nossas experiências enquanto lideranças de trabalhos comunitários e na defesa dos direitos humanos e acesso à educação em nossos países. Minha anfitriã, além dessa troca, também organizou comigo um roteiro de pontos importantes na cidade, destacando a importância de eu visitá-los. Dentre esses locais, estavam o Schomburg Center, no Harlem, uma instituição cultural de referência dedicada à pesquisa, preservação e exibição de materiais focados em experiências afro-americanas, da diáspora africana e africanas. Foi nesse centro que encontrei um vídeo-documentário da mestra Girlei Miranda relatando suas primeiras experiências no Brasil com a musicalidade.

[187] Para conhecer a trajetória da doutora Sarah Ohmer, acessar site com suas informações. Disponível em: https://commons.gc.cuny.edu/members/sarahohmer/. Acesso em: 22 ago. 2024.

Imagem 168 – Divulgação: Black Women Empowered



Fonte: acervo da pesquisadora[188].

Imagem 169 – Sala do Evento



Fonte: acervo da pesquisadora.

[188] Card produzido por Sarah S. Ohmer.

Imagem 170 – School of Arts & Humanities



Fonte: Acervo da pesquisadora
Legenda: ao lado de Sarah Soanirima Ohmer – Lehmann College

Imagem 171 – Lehman College



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Kambandô e Ana María Belique.

Imagem 172 – Em evento internacional



Fonte: acervo da pesquisadora.

Vivi a cidade e desafiei, em lugares diversos, o que havia aprendido do inglês básico, praticando a língua para me alimentar, usar o transporte público e pedir informações básicas sobre ruas e lugares que havia planejado visitar. Nessa viagem, também entrei em contato com o professor doutor Luis Gonçalves, da Princeton University, que organizou uma apresentação da minha pesquisa para alunos de vários lugares do mundo. Ele também me mostrou alguns lugares da universidade e me explicou como era seu funcionamento. No final daquele dia, ainda tive o prazer de ficar hospedada em sua casa e ser recebida por sua filha e esposa. O doutor Luis Gonçalves é uma pessoa muito importante nesse meu processo de formação, pois me conhece desde a época da graduação e acompanhou todo o processo do meu primeiro mestrado. Durante todos esses anos, ele buscou formas de me colocar em contato com professores de universidades aqui do Brasil para retomar os estudos. Eu sempre o ouvia, mas não dava continuidade, mesmo ele afirmando que minha inquietação era a de uma pesquisadora e que eu precisava colocar no mundo a dissertação não defendida em 2008.

Imagem 173 – Apresentação da pesquisa em 2023.



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Apresentação da pesquisa – Princeton University março/23.

Imagem 174 – Vitrais



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 175 – Fotografia com grupo internacional



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: dr. Luis Gonçalves – Princeton, 2023.

Ainda em Nova York, contei com a hospedagem solidária de dois brasileiros, a Priscila Santanna e o Bernardo Gasparini. Além de me abrigarem e me alimentarem do jeitinho brasileiro, me indicaram lugares incríveis para visitar nos territórios negros do Bronx e do Brooklin. Tive uma rede incrível de fortalecimento para que essa viagem acontecesse. A Unesp, a Plataforma Alas, por meio do edital de Fortalecimento de Lideranças negras, e de muitas pessoas, dentre elas vale destacar o Noah Biel[189] e Tokie Esaka[190], que são membros da Unesco-Sost Transcriativa[191], sociedade civil para a qual fui convidada a ser membro *ad hoc*. As parceiras do Esperança, minha filha Ayana, meu Tata e meu companheiro Vado foram as pessoas que mais me incentivaram naquele momento para ir e vencer o medo de atravessar o continente e conhecer outro país. Essas pessoas todas e as que não consigo relacionar nominalmente agora foram essenciais no fortalecimento dessa primeira viagem internacional.

Pouco tempo depois, em julho desse mesmo ano, surgiu a segunda viagem, uma que eu jamais pensei que pudesse alcançar. Fui convidada para ir a Angola, no continente africano. O convite veio em uma das minhas inúmeras tentativas de

[189] Cofundadora da Diverses Youth Collective da SDG4 Youth and Student Network/UNESCO.
[190] Perfil disponível no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/tokieesaka?igsh=bzRnejlrYXR6NWJv. Acesso em: 9 set. 2024.
[191] O perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/transcriativa/. Acesso em: 9 set. 2024.

conhecer a Regina Pereira[192], liderança do Quilombo Cafundó[193]. Desde o ano 2020 tentava encontrá-la sem sucesso. Meu companheiro, Vado, tentando fazer essa conexão, me levou três anos seguidos a Salto de Pirapora, mas nunca deu certo. O relato de que havia feito um trabalho com a Regina e a comunidade do Cafundó há mais de 20 anos me deixou curiosa e disposta a conhecê-la. Sem perder a esperança, uma semana antes da viagem para os Estados Unidos, passamos mais uma vez pelo Quilombo e lá estava ela. Tivemos uma conexão à primeira vista. Foi uma profunda honra ouvir sobre sua trajetória. No final, aquele encontro me rendeu a proposta de realizar um intercâmbio em Angola, em julho daquele mesmo ano.

O convite gelou meu coração e, sem pensar duas vezes, dei toda a certeza de que iria. Ela me informou que a organização estava sendo feita pela Casa de Angola em São Paulo[194] e me colocou em contato com o responsável, Isidro Sanene[195]. Ele me explicou todas as condições para a viagem e disse que era necessária uma contrapartida para eu poder participar, já que os custos com alimentação e hospedagem seriam cobertos em quase 90% pela organização. Eu respondi que poderia fazer a apresentação da pesquisa em andamento e ele aceitou.

Em julho de 2023 atravessei o Atlântico e desembarquei em Luanda, cheia de emoção e gratidão aos meus ancestrais por ter sido escolhida para essa travessia, que significava a conexão com minhas raízes.

---

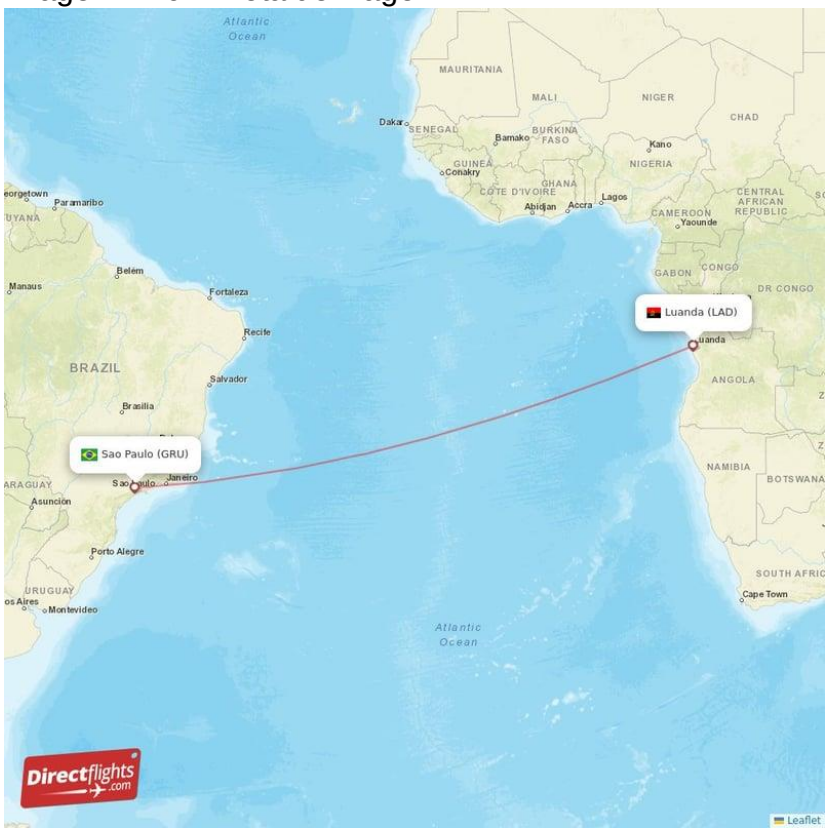
[192] Seu perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/angutuvimba?igsh=MXR0N2I3MjE3Y2kyeQ==. Acesso em: 9 set. 2024.

[193] O perfil pode ser acessado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/quilombo_cafundo/. Acesso em: 10 set. 2024.

[194] Para mais informações, ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/casadeangolasp/. Acesso em: 10 set. 2024.

[195] Seu perfil pode ser encontrado no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/isidrosanene/. Acesso em: 10 set. 2024.

Imagem 176 – Rota de viagem



Fonte: autoria própria[196].

Fui tomada de uma comoção imensa e, ao mesmo tempo, de uma energia que me preencheu e que foi sendo realimentada em cada lugar que meus olhos alcançaram naquele momento. Ver pessoas como eu, olhar os outdoors da cidade com pessoas como eu, médicos, apresentadores de TV, comunidades, música e apresentações culturais, sempre com pessoas como eu, era como estar em um sonho real, desejado há muito tempo e impossível de acontecer.

Mais emocionante ainda foram duas conexões importantes que fiz nessa viagem. A primeira foi conhecer um rei, que em meu imaginário estava distante de ser real, e poder ouvir da sua própria boca e observar com meus olhos o papel importante que ele tinha junto à sua comunidade e o reconhecimento perante ela. Não havia visto nada igual nos melhores livros que acredito ter lido. As referências de reis e rainhas que até então havia encontrado eram europeias, bem diferentes da que encontrei em Angola, na figura do rei Tchongolola Tchongonga-Ekuikui VI[197].

---

[196] Criado a partir de recursos do Google.

[197] O Rei Ekuikui VI Tchongolola Tchongonga, de nacionalidade angolana, é o 37º soberano dos Ovimbundos no reino do Mbailundo, sul de Angola. É formado em ciências econômicas e jurídicas na República da Namíbia. Foi introduzido como monarca dos ovimbundos em 15 de Julho de 2021, sucedendo a seu tio Armindo Francisco Kalupeteka, Ekuikui V. Em Angola, assim como em outros países do continente africano, os reis, mesmo não tendo o poder de chefe de Estado,

Ele é o líder do maior grupo étnico de Angola, os ovimbundos[198]. Além de nos acompanhar no café da manhã no hotel, o rei Ekuikui VI também seguiu andando conosco em direção à praça pública em que estava programado um dia de apresentações culturais, almoço e, ao anoitecer, um rito de benção aos ancestrais pela nossa presença em solo sagrado. O encontro com a autoridade tradicional não acabou ali. Fomos surpreendidos com a notícia de que, no dia seguinte, o rei acompanharia as apresentações de algumas pessoas do grupo na Universidade Katyavala Bwila (UKB), pois queria saber mais sobre nós, brasileiros.

No dia seguinte, estava programada uma série de apresentações, dentre elas, a minha foi a primeira. Nervosa, mas com o coração aquecido e sabendo do que iria falar, apresentei para ele minha pesquisa, mostrando o trabalho que realizamos no Quilombo e abordando todas as dificuldades encontradas em terras brasileiras. Muitos dos presentes se identificaram com as questões levantadas, inclusive o rei que faz um trabalho social significativo no reino de Mbailundo.

No final da minha exposição, o rei, quebrando os protocolos, me surpreende com um abraço e disse que havia ficado emocionado com a apresentação. Naquele momento, prometeu que visitaria o Brasil para conhecer o Quilombo da Parada e o Quilombo Cafundó.

---

exercem um papel de extrema importância, não só no que diz respeito à preservação, manutenção, valorização e divulgação das tradições, hábitos e costumes de povos e etnias, como também na elaboração e desenvolvimento de projetos e ações que visam à melhoria das condições de vida da população. Além disso, os reis têm a tarefa de emitir sentenças, em um sistema jurídico tradicional, sobre questões ligadas ao cotidiano dos membros das aldeias, como conflitos familiares, questões de dividas, questões de herança e julgamentos sobre acusações diversas (Namibia Cruz Neves).

198 Os Ovimbundos são povos da etnia bantu de Angola e constituem 37% da população angolana. São quase 13 milhões de pessoas, sendo o maior grupo étnico do país. Ocupam hoje o planalto central e a faixa costeira adjacente, uma região que compreende as províncias angolanas do Huambo, Bié e Benguela, tendo como língua o Umbundu. Os ovimbundos são um dos povos que ajudaram a construir os quilombos no Brasil, já que cerca de 60% dos escravizados trazidos para o Brasil vieram de Angola.

Imagem 177 – Na Universidade Katyavala Bwila



Fonte: acervo da pesquisadora[199].
Legenda: Foto de família na Universidade Katyavala Bwila - 2023.

Nas andanças por Angola, eu e Regina também conhecemos o Círculo Rastafari de Benguela (CRB), onde fomos apresentadas pelo kota[200] e artista Sanjambela[201]. Ele organizou uma roda de conversa com outros líderes e nos contou um pouco sobre a realidade do país. Uma das coisas que mais me chamou a atenção foi a forma respeitosa e acolhedora com que fomos recebidas. E também o seu pedido para que voltássemos para compartilhar nossas histórias, porque lá pouco sabiam da forma que vivíamos no Brasil. Além disso, ele disse algo que me marcou profundamente e que reafirmava muitas coisas lidas até então: éramos descendentes de reis e rainhas do continente, que foram arrancados do território por serem excelentes líderes, como uma forma de desarticular a sociedade como um todo. E que, portanto, deveríamos ser tratadas como tal. Outra passagem que me marcou bastante foi em relação às crianças: todas as meninas que encontrei, em contextos diversos, tinham tranças e adereços no cabelo, aproximavam-se de nós com curiosas e tinham um brilho no olhar de felicidade e sabença sobre quem eram. Esse brilho eu vi, vejo, em muitas crianças do nosso país, mas também percebo o quanto ele é apagado no decorrer das suas vidas, conforme elas vão sendo, infelizmente, vítimas do racismo que perpassa a nossa sociedade. Vi isso, inclusive,

[199] Fotografia de Luis Joel.
[200] No Grande Dicionário da Língua Portuguesa (GDLP) da Porto Editora, há seis entradas diferentes para a forma cota. Aqui, me refiro à seguinte definição: "- cota6 [a], substantivo masculino: Angola 'o mais velho'. No português de Angola, escreve-se como k: kota [...]". https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-de-cota/17773#. Consultado em 17/09/2024.
[201] Seu perfil pode ser encontrado no Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/p/Sanjambela-Artista-Afro-100063713783780/?_rdr. Acesso em: 20 set. 2024.

na minha própria filha. Aos 6 anos de idade, ela teve sua identidade agredida por uma professora que ordenou que sentasse no fundo da sala para que seu cabelo não atrapalhasse a visão dos outros colegas, os mesmos que, por diversas vezes, apontaram seu cabelo e, em uma ocasião, até o cortaram em sala de aula.

Em Angola, eu me conectei com tudo que havia vivido e aprendido após o reencontro com minhas raízes no Brasil, ao ser recebida no terreiro de candomblé da tia-avó paterna, dona Conceição Venâncio pelo filho dela, Tata Mona Guiamazy[202]. Em 2016, recebi a diijina Kambandô, após todos os ritos que uma pessoa iniciada no candomblé precisa passar. Este nome representa minha identidade bantu. O mais curioso foi que, ao expressar aos colegas de viagem meu desejo de ser chamada pelo meu nome africano, fui surpreendida pelo griô angolano Sanjambela. Ao me ouvir pronunciar Kambandô, ele confirmou que era um nome de origem bantu.

Kambandô é o nome com que passei a me apresentar em todas as atividades e para as pessoas com quem me conectei durante aqueles dias e me conecto hoje. Assumi o uso do meu nome africano nas apresentações públicas e cadastros realizados para cursos ou participações. Ainda é difícil para as pessoas absorverem essa mudança, mas sempre que posso, reafirmo essa identidade. Quando sou indagada sobre o seu significado, respondo que Kambandô é “aquela que veio trazer a alegria”[203].

A promessa de visitar o Quilombo da Parada, dada pelo rei Ekuikui VI em solo sagrado, foi confirmada pouco tempo depois do meu retorno de Angola. Recebi uma ligação do Isidro Sanene para contar que estava organizando a vinda do rei ao Brasil e me convidou para fazer parte da comitiva que o receberia, convite que aceitei com a maior felicidade. Uma ação histórica para nosso país, que nunca havia recebido, desde o período da escravidão, um rei africano vivo.

Era setembro quando compartilhei a notícia com a equipe do Esperança, dizendo que precisávamos preparar uma grande recepção para esse momento único em nossa comunidade. Madevi entrou em ação e buscou pessoas que pudessem

---

[202] Aqui me refiro ao Tata Mona Guiamazy, filho da minha tia-avó Conceição, ou vó Kafumucongo, que era irmã de vó Benedicta. Havia muito silêncio sobre essa matriz religiosa na família. Somente em 2016, depois de muita procura, através do meu primo, que hoje é meu irmão Kwaniama, consegui me conectar com o Tata. Tata Nksi, dentro da hierarquia do candomblé Angola, é a liderança mais importante e de referência na casa.

[203] Palavras do meu Tata durante a cerimônia de apresentação pública em 13/08/2024, quando recebi o cargo para ser uma das ekede do pai Kafungo no Templo de Cultura Bantu Redandá.

nos auxiliar nessa missão, já que não tínhamos recursos financeiros para organizar uma grande festividade. Ela conseguiu mobilizar uma rede de mulheres “poderosas”. Além do apoio financeiro, elas ainda doaram toda infraestrutura, com cadeiras, louças, alimentos e, até mesmo, o preparo de parte das refeições na cozinha industrial da Ocupação 9 de Julho, pois a estimativa de público era de aproximadamente 150 pessoas.

A Gabu, dentro da sua rede, também conseguiu a doação de um aporte financeiro que cobriu a maior parte dos gastos com a alimentação e o pagamento de pessoas que trabalharam durante os dias que antecederam o evento, assim como o transporte dos convidados. A Lunna organizou as atividades, a recepção dos convidados e preparou as crianças para receber o Ekuikui VI. Dona Preta e Eliene mobilizaram as pessoas da comunidade e participaram da organização de absolutamente tudo, desde receber as louças, cadeiras, comprar os utensílios domésticos que faltavam, até o preparo dos alimentos, junto de outras mulheres que participavam das atividades.

Eu articulei o primeiro suporte financeiro que recebemos, através da doação do Fundo Agbará[204]; avaliei todas as questões que envolviam a segurança na chegada e saída do rei na comunidade; busquei a parceria do Ilú Obá para fazer o cortejo de boas-vindas, e rezei muito para que o que havíamos preparado fizesse jus à honraria da visita. Tivemos ainda o apoio no registro das imagens de um contato da rede da Madevi. Priscila, amiga de caminhada, deu apoio na decoração do espaço, com flores, tecidos e demais detalhes, tudo preparado junto com os adolescentes.

E, então, no dia 22 de outubro de 2023, recebemos no Quilombo da Parada, nosso pedacinho de Angola no Brasil, o rei dos Ovimbundos e sua comitiva, para um dia festivo e de apresentação do nosso trabalho[205]. Foi um momento de grande emoção que jamais imaginei que pudesse acontecer.,E guardo com profundo carinho as primeiras palavras do rei: “Estou aqui para cumprir a promessa feita aos nossos ancestrais”. Tomada pela emoção, acompanhei Ekuikui VI até a entrada do Quilombo, onde foi recebido com muita alegria pela energia dos nossos ancestrais,

---

[204] Para mais informações, pode-se acessar o site do fundo. Disponível em: https://fundoagbara.org.br/. Acesso em: 20 set. 2024.

[205] Registro da chegada está em nosso Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CytFV-huVyG/. Acesso em: 20 set. 2024.

representados pela natureza, pelas crianças, pelas mulheres da comunidade e por outras convidadas. E saudado pela musicalidade do Ilú Obá De Min.

4.6 Visita do rei de Angola ao Quilombo da Parada[206]

Imagem 178 – Chegada do rei de Angola



Fonte: acervo da pesquisadora.
Chegada do rei e sua comitiva. Soba Castelo, rei Ekuikui VI, Madevi, Kambandô e soba Celestino - 2023.

[206] Os registros fotográficos são da Água Benta Foto e Vídeo e podiam ser acessados em sua integra em página da empresa. Contudo a página com os registros não está mais disponível na web. Tais fotos, referentes à visita do Rei, foram cedidas ao Instituto Esperança Garcia (ver nota 4).

Imagem 179 – Rei com moradoras locais



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Dona Preta, rei Ekuikui VI e Eliene - Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 180 – Kambandô e Raquel Almeida



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Kambandô e Raquel Almeida, que na ocasião recitou seu poema Mãe África - Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 181 – O rei com as crianças



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Crianças do Quilombo com rei Ekuikui VI - 2023.

Imagem 182 – Recepção



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Rei Ekuikui VI, Dj Niely e soba Castelo - Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 183 – Crianças na visita do rei



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Crianças do Quilombo da Parada - Recepção ao rei de Mbailundo - 2023.

Imagem 184 – Benilda Brito e Aline Odara



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Benilda Brito[207] e Aline Odara[208] - Quilombo da Parada – 2023.

[207] Griô da Múcua Consultoria. Ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/benilda_brito?igsh=bXB4ZnZ2Y2tvd3ht. Acesso em: 20 set. 2024.

[208] Diretora-executiva do Fundo Agbara, Primeiro fundo filantrópico de mulheres negras do Brasil. Consultar perfil no instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/alineodara?igsh=dTc2NHBkbmRuOXU=. Acesso em: 20 set. 2024.

Imagem 185 – Ilú Obá De Min na recepção



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Ilú Obá De Min na recepção do rei Ekuikui VI - Quilombo da Parada – 2023.

Imagem 186 – Rei de Angola, sua corte e anfitriãs



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Madevi, rei Ekuikui VI, Fredy (Angola), Kambandô, soba Castelo, Benilda Brito e soba Celestino.

Imagem 187 – Crianças e adolescentes do Quilombo



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Crianças e adolescentes do Quilombo com integrante do Ilú Obá De Min - Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 188 – Apresentando a Biblioteca Comunitária



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Auriene e Ayana apresentando ao rei Ekuikui VI e aos sobas Celestino e Castelo a Biblioteca Comunitária Susana de Paula - Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 189 – Crianças do Quilombo da Parada



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Crianças do Quilombo da Parada, durante a visita do rei Ekuikui VI - 2023.

Imagem 190 – Contando a história do Quilombo



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Lunna Rabetti e adolescentes contando a história do Quilombo da Parada – 2023.

Imagem 191 – Mulheres no Quilombo da Parada



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Namibia (sentada), Priscila, Raquel e Tatiana - Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 192 – O rei e a escritora Esmeralda Ribeiro



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Rei Ekuikui VI e a escritora Esmeralda Ribeiro - Quilombo da Parada – 2023.

Imagem 193 – Refeição com rei



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Rei Ekuikui VI sendo apresentado ao cardápio pela Madevi.

Imagem 194 – Sorriso das mulheres



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Ana Rotili, Sil Oliveira e Madevi - Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 195 – Mulheres e crianças da Comunidade Estância Jaraguá



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Mulheres da Comunidade Estância Jaraguá durante a visita do rei Ekuikui VI - Quilombo da Parada – 2023.

Imagem 196 – Rei Ekuikui VI no Quilombo da Parada



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Soba Castelo, rei Ekuikui VI e soba Celestino no Quilombo da Parada – 2023.

4.7 Um balanço necessário

De 2015 até o final de 2023, o Coletivo Cultural Esperança Garcia passou por vários processos de amadurecimento, relações, chegadas, saídas e aprendizados. Se pensarmos que sua fundação aconteceu em 2009, até 2023 foram 14 anos em movimento e posso dizer que é o meu lugar de existir. E existir através desse sonho bonito, leve e coletivo não me pesa em nada. Foram mais de 400 atividades realizadas ao longo desse período. E o impacto? Esse cálculo ainda está sendo feito, mas, segundo uma especialista que está nesse processo de trabalho, atingimos mais 15 mil pessoas, considerando as ações no Quilombo diretamente com as crianças e, indiretamente, com suas famílias. E incluindo ações com escolas, palestras em universidades, espaços culturais independentes, entre outros.

Durante esses 15 anos, sendo que nove deles com as portas abertas no Quilombo, temos alguns dados que gostaríamos de compartilhar. Eles indicam os dias que realizamos ou recebemos mais de uma atividade, um trabalho cuidadoso e dedicado, abrindo mão de nosso descanso aos finais de semana para estar com as crianças e mulheres no Quilombo da Parada.

Tabela 1 – Dias de atividade por ano

Ano	Dias de atividade
2015	18
2016	5
2017	52
2018	86
2019	39
2020	20*
2021	47
2022	50
2023	60
2024	53**

Fonte: elaborada pela autora, 2024[209].

* Incluindo as ações de arrecadação e distribuição de cestas e produtos de higiene na comunidade.
** Até 06/09/2024.

A sustentabilidade financeira é importante, mas ainda não alcançamos essa condição. Vamos nos articulando de maneira a não adoecer e fazer com prazer. É

[209] As tabelas foram elaboradas pela autora em parceria com Marcelo Perilo.

maravilhoso ver o desabrochar dessa garotada, que chegou em 2015 e hoje são jovens que fazem parte da equipe do Esperança, como a Auriene, que está na universidade e teve sua primeira experiência de trabalho no campo cultural com a gente. Ou ver as crianças que chegaram com dificuldade na leitura e hoje reivindicam seus espaços nas atividades de mediação. Inicialmente, liam com vozes trêmulas e tímidas, mas hoje estão muito mais seguras e confiantes à frente das atividades. Ver a Dona Preta e a Eliene assumirem a liderança da organização e a continuidade do Quilombo junto à comunidade, tornando-se as principais referências do espaço e do trabalho, também é algo que preenche o coração. São elas que fazem, no dia a dia, o trabalho que comecei lá atrás, sozinha, timidamente, na observação e articulação comunitária. Um trabalho que se ampliou por uma demanda que ainda não damos conta de atender. E para o qual existe uma lista de espera para participar.

A Gabu, Lunna, Madevi e a Sil compõem a gestão do Instituto e a Dona Preta e Eliene são as pessoas de referência do Quilombo da Parada para a comunidade. Acredito que é possível constituir espaços de bem viver e o Quilombo da Parada é um desses lugares em que a gente chega e se sente bem, pois em sua simplicidade acolhe todos os sagrados. O saldo desses anos foram algumas vitórias, que deram corpo e direção ao nosso trabalho. Ao longo desses anos, conseguimos acessar os seguintes recursos:

Tabela 2 – Programas governamentais com os quais o Quilombo da Parada foi agraciado (como pessoa física)

Como pessoa física, pelo Coletivo Cultural Esperança Garcia no Quilombo da Parada	
2011	Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais I da SMC (VAI I)
2014	Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais I da SMC (VAI I)
2016	1ª Edição do Fomento à Cultura da Periferia da Secretaria Municipal de Cultura
2018	PROAC Culturas Negras do Governo do Estado de São Paulo
	1ª Edição Elas Periféricas da Fundação Tide Setubal
2020	5ª Edição do Fomento à Cultura da Periferia da Secretaria Municipal de Cultura
	Distribuição de Cestas Básicas do Programa Cidade Solidária
2023	8ª Edição do Fomento à Cultura da Periferia da Secretaria Municipal de Cultura

Fonte: elaborada pela autora, 2024.

Tabela 3 – Programas governamentais com os quais o Quilombo da Parada foi agraciado (como pessoa jurídica)

Como Instituto Esperança Garcia, pessoa jurídica	
2023	PROAC Manutenção e Apoio a Espaços Culturais – Governo de São Paulo
	Prêmio Ponto de Leitura - Ministério da Cultura
2024	Apoio Institucional Direto Fundação Friedrich Ebert – Brasil

Fonte: elaborada pela autora, 2024.

Ao longo desses anos, firmamos nossos fazeres e definimos para um melhor alinhamento e planejamento dos processos as seguintes frentes de trabalho: Biblioteca Comunitária Susana de Paula e mediação em leitura, hip hop, educação ambiental e agroecologia, e autocuidado.

A noite não adormece nos olhos das mulheres

Conceição Evaristo
Em memória de Beatriz Nascimento

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede.

(Evaristo, 1996)

5 IMAGENS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES – RETRATOS DE ESPERANÇA

5.1 Olhares sobre o Brasil, São Paulo e nossos territórios negros

Nesta seção, procuramos contextualizar a situação de infraestrutura e desenvolvimento humano do território em que atuamos, comparando os dados do distrito de Jaraguá com dois outros distritos da cidade de São Paulo. Apresentamos ainda os mesmos dados na média do município como um todo e em relação ao Brasil. Para esta comparação, escolhemos o distrito de Alto de Pinheiros, o mais bem avaliado no que se refere à infraestrutura e ao índice de desenvolvimento humano (IDH[210]) e o Grajaú, distrito que contém importantes índices de violência. O Jaraguá, onde estamos, apesar de não se destacar pelos piores índices, ainda assim está distante de ser considerado uma região com boa infraestrutura e desenvolvimento humano.

Para realizar este estudo, baseamo-nos nos dados disponibilizados pelo IBGE[211], em relação ao Censo Demográfico de 2010, já que as informações do Censo 2022 ainda não estão disponíveis[212].

Ao apresentar esta análise, pretendo destacar as desigualdades profundas existentes entre os três territórios da mesma cidade, que representam, em última

---

[210] O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é um índice estatístico criado em 1990 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). O seu cálculo leva em conta a expectativa de vida, a média de anos de escolaridade e a renda per capita.

[211] O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi criado em 29 de maio de 1936 e é oficialmente responsável pela coleta, análise de dados dos territórios e também de levantamentos e estudos ambientais, socioeconômicos e cartográficos do Brasil. É o IBGE que elabora o Censo Demográfico, documento oficial que serve para ter conhecimento amplo sobre o país e a população brasileira.

[212] Ao solicitar informações atualizadas ao IBGE, recebemos a seguinte resposta por email: “Em resposta à sua solicitação de atendimento - protocolo nº 20240827026, enviada em 27/08/2024, o IBGE informa que ainda não disponibilizou estes dados para o censo demográfico de 2022, os mesmos estão em fase de apuração. O IBGE divulgará todos os dados coletados no Censo 2022 ao longo de 2024 e 2025. No link abaixo poderá ser visto o calendário de divulgações das informações do Censo demográfico de 2022. https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/calendario.html?localidade=BR.
Destacamos que outros resultados do Censo Demográfico de 2022, como recortes por bairros e/ou distritos serão divulgados entre os anos de 2024 e 2025 em diferentes mídias, múltiplos formatos e em diversos recortes espaciais, buscando atender às demandas dos variados segmentos do público. As divulgações, ainda sem datas definidas, serão informadas com antecedência em nosso portal. Colocamo-nos à disposição. Atenciosamente,Equipe de Atendimento - IBGE/CDDI/COATI/GEATE.”

instância, desigualdades no que se refere à cor da pele ou etnia/raça. Selecionamos os indicadores que se referem à situação domiciliar, aos tipos de domicilio, à taxa de alfabetização e ao valor de rendimento médio da população.

Na primeira tabela “População residente por raça”, os números referentes à população negra representam a soma das pessoas que se autodeclararam pretas e também pardas. No Brasil, a população negra corresponde a 50,7% do total. Já na cidade de São Paulo, esse número cai para 37,1%. No Alto de Pinheiros essa população corresponde a apenas 8,1%, enquanto no Grajaú sobe para 56,8%. No Jaraguá 47,3 % da população que compõe o território é negra.

Tabela 4 – População residente por cor ou raça

Tabela 1 - População residente por cor ou raça																			
Brasil, Município e Distrito	Sexo	Cor ou raça																	
		Total		Branca		Negra		Preta		Amarela		Parda		Indígena		Sem declaração			
		Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%		
Brasil	Total	190.755.799	100,0	91.051.646	47,7	96.795.294	50,7	14.517.961	7,6	2.084.288	1,1	82.277.333	43,1	817.963	0,4	6.608	0,0		
	Homens	93.406.990	49,0	43.652.488	22,9	48.388.475	25,4	7.526.611	4,0	951.404	0,5	40.861.864	21,4	409.907	0,2	4.716	0,0		
	Mulheres	97.348.809	51,0	47.399.158	24,9	48.406.819	25,4	6.991.350	3,7	1.132.884	0,6	41.415.469	21,7	408.056	0,2	1.892	0,0		
São Paulo (SP)	Total	11.253.503	100,0	6.824.668	60,6	4.169.301	37,1	736.083	6,5	246.244	2,2	3.433.218	30,5	12.977	0,1	313	0,0		
	Homens	5.328.632	47,4	3.173.451	28,2	2.033.277	18,1	364.002	3,2	115.499	1,0	1.669.275	14,8	6.202	0,1	203	0,0		
	Mulheres	5.924.871	52,7	3.651.217	32,5	2.136.024	19,0	372.081	3,3	130.745	1,2	1.763.943	15,7	6.775	0,1	110	0,0		
Alto de Pinheiros - São Paulo (SP)	Total	43.117	100,0	38.262	88,7	3.475	8,1	860	2,0	1.361	3,2	2.615	6,1	19	0,0	-	-		
	Homens	19.356	44,9	17.336	40,2	1.396	3,2	291	0,7	611	1,4	1.105	2,6	13	0,0	-	-		
	Mulheres	23.761	55,1	20.926	48,5	2.079	4,8	569	1,3	750	1,7	1.510	3,5	6	0,0	-	-		
Graiaú - São Paulo (SP)	Total	360.787	100,0	152.873	42,4	204.967	56,8	31.279	8,7	2.543	0,7	173.688	48,1	341	0,1	63	0,0		
	Homens	174.936	48,5	71.923	19,9	101.632	28,2	16.227	4,5	1.196	0,3	85.405	23,7	158	0,0	27	0,0		
	Mulheres	185.851	51,5	80.950	22,4	103.335	28,6	15.052	4,2	1.347	0,4	88.283	24,5	183	0,1	36	0,0		
Jaraguá - São Paulo (SP)	Total	184.818	100,0	95.910	51,9	87.461	47,3	15.797	8,6	864	0,5	71.664	38,8	583	0,3	-	-		
	Homens	88.928	48,1	45.528	24,6	42.706	23,1	7.841	4,2	417	0,2	34.865	18,9	277	0,2	-	-		
	Mulheres	95.890	51,9	50.382	27,3	44.755	24,2	7.956	4,3	447	0,2	36.799	19,9	306	0,2	-	-		
Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010																			

Fonte: IBGE - Censo Demográfico, 2010.

No que se refere à taxa de alfabetização de pessoas com 10 anos de idade ou mais (Tabela 2), encontramos os seguintes dados em relação às mulheres, que são o público prioritário em nossos atendimentos. No país, 91,3 % das mulheres são alfabetizadas, na cidade de São Paulo esse número sobe para 96,6% e, no Alto de Pinheiros, atinge 99,3%. Já o Grajaú (94,6%) e o Jaraguá (96,1) possuem taxas bem mais baixas. Apesar de termos índices considerados bons dentro do país, quando fazemos esse recorte de gênero, vemos que a desigualdade de oportunidades para as mulheres é maior na educação, o que provoca outras desigualdades, já que a educação é uma das principais ferramentas de ascensão profissional e de acesso a trabalhos dignos.

Tabela 5 – Taxa de alfabetização por sexo.

Taxa de alfabetização das pessoas de 10 anos ou mais de idade por sexo (%)			
Brasil, Município e Distrito	Sexo		
	Total	Homens	Mulheres
Brasil	91	90,6	91,3
São Paulo (SP)	96,9	97,2	96,6
Alto de Pinheiros - São Paulo (SP)	99,4	99,6	99,3
Grajaú - São Paulo (SP)	94,9	95,2	94,6
Jaraguá - São Paulo (SP)	96,6	97,1	96,1
Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010			

Fonte: IBGE - Censo Demográfico, 2010.

No que se refere à renda média das pessoas com idade de 10 anos ou mais (Tabela 3), encontramos uma grande diferença nas condições das mulheres negras. No país o rendimento mensal médio de uma mulher negra é de R$ 691,00, enquanto a renda média do homem branco é de R$ 1.796,00. Ou seja, um homem branco no Brasil recebe 2,6 mais que uma mulher negra.

Na cidade de São Paulo, o rendimento do homem branco sobe para R$ 2.947,00, ao passo que as mulheres pretas recebem, em média, míseros R$ 998,00 e as pardas, menos ainda, R$ 905,00. É o triplo! Mesmo as mulheres brancas, têm uma renda média mensal bem maior: R$ 1.983,00, praticamente o dobro da renda das mulheres negras (pretas e pardas).

No Alto de Pinheiros, as mulheres brancas têm um rendimento médio de R$ 4.731,00, contra R$ 892,00 das mulheres pretas do Jaraguá. Ou seja, uma mulher branca do distrito melhor atendido ganha 5,3 vezes mais que uma mulher negra do distrito com maiores dificuldades de transporte e menor acesso a políticas públicas.

É importante reforçar aqui que somos as últimas dentro da pirâmide social de desigualdades. Ainda assim, continuamos sendo as principais provedoras e chefes de famílias. Melhores salários são as ferramentas que contribuem para a autonomia e o bem viver das nossas famílias, mas ainda estamos distante de acessá-los. Diante da difícil realidade, a criatividade continua sendo o principal caminho trilhado por nós.

Tabela 6 – Rendimento médio mensal por sexo e cor ou raça

Tabela 3 - Valor do rendimento nominal médio mensal (Reais), das pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, segundo o sexo e a cor ou raça				
Brasil, Município e Distrito	Cor ou raça	Sexo		
		Total	Homens	Mulheres
Brasil	Total	1.201	1.391	983
	Branca	1.535	1.796	1.245
	Preta	832	943	691
	Amarela	1.574	1.915	1.234
	Parda	844	973	691
	Indígena	733	859	602
São Paulo (SP)	Total	2.006	2.344	1.642
	Branca	2.473	2.947	1.983
	Preta	1.145	1.276	998
	Amarela	3.281	3.878	2.658
	Parda	1.068	1.208	905
	Indígena	1.326	1.521	1.117
Alto de Pinheiros - São Paulo (SP)	Total	6.171	8.079	4.432
	Branca	6.582	8.548	4.731
	Preta	2.063	2.499	1.860
	Amarela	5.347	6.590	4.229
	Parda	2.502	3.167	2.013
	Indígena	6.978	7.757	4.250
Jaraguá - São Paulo (SP)	Total	1.088	1.242	908
	Branca	1.178	1.355	976
	Preta	1.023	1.137	892
	Amarela	1.775	2.172	1.240
	Parda	968	1.101	808
	Indígena	829	950	685
Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010				

Fonte: IBGE - Censo Demográfico, 2010.

Seria possível apresentar uma gama de outros dados para demonstrar as graves desigualdades existentes no país, na cidade e entre os bairros de “alto padrão” e as periferias. Entretanto, por não ser a estatística o campo de estudo e de habilidades desta pesquisadora, me parece suficiente apresentar, de maneira geral, essas informações dentro de um contexto mais amplo. Os números elencados ratificam a importância do trabalho do Instituto Esperança Garcia dentro do território. Uma ação busca estimular a autonomia e conquista de direitos de meninas e mulheres através da arte-educação, a fim de que elas se desenvolvam de forma crítica e propositiva, não apenas em relação aos deveres, mas também no que diz respeito aos direitos de cidadãs brasileiras.

5.2 O Instituto Esperança Garcia – Educação, arte, cultura, educação ambiental e autocuidado

A ideia inicial de levar arte e cultura para a comunidade Estância Jaraguá foi sendo reelaborada à medida que fui vivendo e me inteirando das questões cotidianas. O que queria compartilhar era importante, mas existiam demandas que eram urgentes e necessárias, como a falta de água, de energia elétrica, de coleta de lixo, de transporte público e a escassez de trabalho remunerado. Tudo isso entre tantas outras coisas que chegavam timidamente em conversas com as pessoas. Diante desses desafios, meu trabalho se tornava secundário e, de certa forma, não cabia sem levar em consideração todo esse contexto. Foram seis anos de observação e construção a partir do que ia vivendo e ouvindo.

As diversas experiências que aconteceram no Quilombo da Parada entre os anos de 2015 e 2023 foram protagonizadas por nós e pelas parceiras e parceiros da rede que trouxemos para o território. A comunidade foi se conectando, ajudando a construir um espaço de reflexão e proposição para o bem-viver. Ajudamos as pessoas a acessarem alguns espaços e serviços, pontuando nossos direitos e também os deveres, tanto às crianças e adolescentes, quanto às mulheres. Esses públicos se tornaram nossos principais aliados nessa construção.

Nossa primeira Teoria da Mudança[213] é o documento de referência que organiza e orienta nossas ações. Foi construída e sistematizada em 2019, mas é

[213] Metodologia que ilustra como e por que uma transformação social desejada deve acontecer em um contexto particular. É um mapa que pode servir de consulta para os atores sociais sempre que

uma ferramenta viva, que exige atualização e reelaboração ao longo da nossa jornada. É nela que se baseia o trabalho do Instituto no território em que estamos. No momento dessa elaboração, não tínhamos a dimensão e a amplitude do nosso trabalho, que se desenvolve para além do espaço do Quilombo da Parada, sede do Instituto e território prioritário das nossas ações. O tempo e o reconhecimento do que realizávamos fez com que nossas ações se expandissem para as escolas do entorno e para outras zonas da cidade. Portanto, a atualização e o aprimoramento da Teoria de Mudança nesse momento se tornam urgentes e necessários.

Abaixo, a imagem da versão de 2019, em que é possível visualizar nossa missão, visão, princípios, resultados e impactos. Eles serão detalhados a seguir, destacando os pontos que conseguimos atingir até o momento.

Imagem 197 – Teoria de Mudança



Fonte: acervo da pesquisadora.
[Elaboração própria em parceria com a consultoria ponteAponte, por meio do Programa Elas Periféricas da Fundação Tide Setubal]

precisarem rever suas atividades, identificar gargalos e conquistas. Estabelecida a partir de conceitos de Huey Chen, Peter Rossi e Michael Quinn Patton, posteriormente popularizados por Carol Weiss, em 1995.

- Missão:

"Promover a equidade racial, o fortalecimento de meninas, adolescentes, jovens e mulheres negras, a justiça social e o desenvolvimento sustentável no território da Parada de Taipas".

A missão do Instituto é a nossa forma de contribuição com a transformação social. Ela nasce das experiências que atravessaram e ainda atravessam nossas vivências individuais e coletivas. Por isso elaborar e efetivar um ambiente seguro de discussões e ações que garantam que as meninas, adolescentes e mulheres tenham as mesmas oportunidades, acessos e tratamentos justos e respeitosos dentro de todos os espaços da sociedade é o foco central das ações. Dessa forma, entendemos a necessidade de agir e construir uma relação de acolhimento e orientação para nosso público. E também sermos propositivas, no sentido de fazer intervenções em espaços políticos, educacionais, culturais a partir das demandas que se revelam não só em nosso território, mas em toda a sociedade. A partir da nossa missão, buscamos questionar e acompanhar a implantação de ações afirmativas, investir em vivências, treinamentos e sensibilização da comunidade, gestores, educadores e pressionarmos o poder público sobre as necessidades e urgências do território, no sentido de exigir que todos os espaços sejam de oportunidades e os ambientes valorizem e respeitem a diversidade.

- Visão

"Ser referência no protagonismo de meninas, adolescentes, jovens e mulheres negras na educação, nas artes, na cultura antirracista, em direitos humanos e na valorização dos saberes africanos, afro-brasileiros e ameríndios, como também na educação ambiental orientando a elaboração de políticas públicas qualificadas para o território de Parada de Taipas".

Temos como visão sermos referência e ampliarmos o acesso de meninas, adolescentes e mulheres a uma gama de saberes. Entendemos que o nosso objetivo é garantir um espaço de reflexão, valorização e, fortalecimento de questões que dizem respeito às nossas tradições. O nosso trabalho é estimular que essas meninas, adolescentes e mulheres reconheçam e valorizem os saberes que já trazem e apliquem em seu cotidiano. Construir pontes com os saberes africanos e ameríndios é uma forma de legitimar as diversas vozes que estão presentes na sociedade.

- Nossos Princípios são:
- Autonomia, protagonismo e acesso à educação em arte e cultura para o fortalecimento das identidades;
- Equidade, justiça, sustentabilidade e solidariedade;
- Empoderamento por meio da valorização dos saberes ancestrais.

O acesso à informação e formação qualificadas ainda é um dos fatores mais frágeis que percebemos no cotidiano. Isso diz respeito à limitação que meninas, adolescentes e mulheres negras e periféricas encontram diariamente. Elas não têm o acesso efetivo a serviços, educação, arte, cultura e se veem diante de tantas ausências do poder público, que muitas vezes nem sabem o que é determinado "órgão".

Por exemplo, se existe a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio no Brasil, mas ela não é aplicada, a partir do argumento de que "não sabem como fazer", é nesse lugar que incidimos. E, a partir das nossas experiências, vamos elaborar, discutir, provocar e fazer coletivamente com a gestão, com as crianças, adolescentes e seus familiares. Ainda encontramos profissionais que concluem suas formações sem nunca terem ouvido falar da questão racial e/ou cultural. Isso não deveria acontecer, mas esta é uma lacuna existente nas instituições de ensino do nosso país.

Em minhas experiências como arte-educadora nas escolas e em contato com diversos professores, geralmente ouço a falácia do racismo reverso, ou a narrativa de que "não sou racista", o que dá lugar à indiferença e à conduta de que essa questão não é problema deles. Observo-os muito bem vestidos e perfumados e com uma postura corporal que, ao invés de aproximar, expressa superioridade e distanciamento. Fico imaginando as crianças negras dentro das suas aulas, o quanto se sentem intimidadas e distantes de uma aproximação e do acolhimento. Eu, elas, nós, população negra, já vivemos isso e não podemos esquecer que o corpo fala.

Morar em São Paulo significa viver na principal metrópole do país e referência na tomada de decisões políticas, econômicas e culturais, mas também atrelada à

exclusão. Não são poucos os espaços culturais, educacionais e políticos que ignoram a presença das pessoas negras e de outras raças na cidade.

Não é exagero dizer que a primeira vez que entrei no Teatro Municipal da cidade contava com mais de 45 anos de idade. Mesmo tendo trabalhado durante grande parte da minha vida bem perto e passar em sua calçada duas vezes por dia, o único possível sempre foi esse contemplar do lado de fora, o mesmo com outros grandes monumentos e espaços culturais da cidade. O custo elevado dos ingressos, o público, a arte com foco apenas em produções com que não me identificava são alguns dos fatores que limitaram esse acesso.

Minhas referências de uma presença preta naquele espaço surgem ao lembrar que as escadarias do Teatro Municipal, no dia 18 de junho de 1978, foram ocupadas por pessoas negras como eu. Foi uma importante e significativa manifestação organizada pelo Movimento Negro Unificado (MNU), que reuniu mais de 2 mil pessoas para protestar contra a violência racial[214]. Violência a qual estavam, e ainda estamos, submetidos sob o silenciamento imposto pelo regime militar.

Nessa minha primeira vez no Teatro Municipal, pude levar minha filha e proporcionar que ela entrasse com dignidade e se visse representada no palco e pertencente a esse lugar que também é nosso. Fomos ver o espetáculo da Cia Protagonistas[215], em que a história era protagonizada por pessoas negras.

Partindo desse princípio de direito à cidade, não só para mim, mas para todas e todos, retornei uma segunda vez ao Teatro Municipal, a convite do professor de balé Milton Kennedy[216]. Mas voltei com as crianças do Quilombo da Parada para assistir uma apresentação, agora organizada por ele, da escola de balé que fundou para crianças e adolescentes negras, a Ayodele. Essa foi a segunda maior emoção,

---

[214] Nessa entrevista, José Adão Oliveira, Milton Barbosa e Regina Lucia Santo falam sobre esse momento e a importância do Movimento Negro Unificado para as políticas e ações da população. Para saber mais, consultar site https://www.brasildefato.com.br/2019/04/05/uma-historia-oral-do-movimento-negro-unificado-por-tres-de-seus-militantes/.

[215] Para conhecer a Cia Protagonistas, ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/ciaprotagonistas?igsh=MXNwOWttc3R0YXFqZw==. Acesso em: 24 set. 2024. Neste vídeo no Youtube, é possível conhecer a história da Cia por eles mesmos: Disponível em: https://youtu.be/1XbQFO1DYw0?si=VFSWUqtL-1sQ3gtA. Acesso em: 24 set. 2024. E neste outro vídeo, é possível saber sobre esse momento no Teatro Municipal, pelo diretor e também pelo público que esteve presente no espetáculo: Disponível em: https://www.instagram.com/tv/B7ZUpVPHvqn/?igsh=eWJ2aW9udm9mZGdp. Acesso em: 24 set. 2024.

[216] Milton Kennedy Batista. Ver perfil no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/miltonkennedybuenobaptista?igsh=MWNuOGRxYzd4eTJ2ag. Acesso em: 24 set. 2024.

estar acompanhada das crianças, adolescentes e mães do nosso Quilombo e inspirando-as a serem e estarem onde elas quisessem.

É preciso garantir o acesso às artes e culturas negras que valorizem suas origens, referências e valores ancestrais, estimulando que estas sejam práticas e valores para toda a vida. Essas experiências não só fortalecem a identidade das/dos participantes, mas indicam a necessidade de se promover espaços de inclusão e diversidade. E isso não pode ser um princípio apenas do Instituto, mas também da sociedade como um todo.

- Partimos dos seguintes pressupostos:
- Desenvolvimento urbano sustentável e erradicação do racismo ambiental que levem a uma sociedade mais justa e igualitária;
- Conhecimento dos saberes africanos, afro-brasileiros e indígenas, de forma a contribuir para a formação e reconhecimento das diversas identidades presentes nos territórios onde atuamos;
- Melhores condições de geração de renda para mulheres, contribuindo para reduzir as desigualdades, uma vez que 40% de chefes de família são mulheres e, em sua maioria, mulheres negras[217];
- Valorização da leitura e da produção literária, de forma a contribuir para uma alfabetização efetiva e uma educação cidadã.

Com base nessas premissas, procuramos criar estratégias para exigir um desenvolvimento urbano e de acesso às políticas públicas que garantam os direitos básicos. E, assim, para que o território possa ter uma população saudável e com bem-estar. Além disso, preservar os recursos naturais levando em conta a nossa geração e as futuras é um compromisso na nossa atuação junto à comunidade. Os trabalhos do Instituto buscam sensibilizar, organizar e planejar formas de se viver em equilíbrio com a natureza, preservando o meio ambiente e combatendo o racismo ambiental em nosso território.

Em nossos fazeres, buscamos contribuir para que adolescentes e mulheres do território qualifiquem seus saberes e aprendam novos conteúdos. E, assim, consigam criar estratégias para fortalecer suas identidades e autonomia financeira, inclusive orientando seus olhares para os recursos públicos disponíveis nos campos

[217] Dados estimados na época da elaboração da Teoria da Mudança 2018-2019.

da arte e da cultura. Diante de todos esses pressupostos e desafios, ainda assim, acredito que desenvolver ações que valorizam a leitura e a produção literária como ferramentas de transformação e oportunidades é um caminho promissor para acessar direitos e fortalecer as identidades negras. Uma estratégia que permite refletir e construir processos de alfabetização não apenas no sentido letrado “oficial”. É preciso ter informações que auxiliem a elaborar propostas que potencializem uma educação inclusiva de todas as diversidades.

- Resultados esperados (alcance):
- Valorização dos saberes africanos, afro-brasileiros e indígenas nas escolas públicas em torno do Quilombo da Parada;
- Maior acesso ao livro e a vivências artísticas que estimulem a leitura e a produção literária;
- Maior acesso às tecnologias socioambientais para gestão de resíduos, água, energia e biodiversidade;
- Fortalecimento do autocuidado e ampliação de oportunidades de empreendedorismo para mulheres.

A construção de uma agenda educativa e de valorização dos saberes ancestrais busca principalmente estabelecer referências e conhecimentos protagonizados por pessoas negras de nosso país e do continente africano. Isso é um desafio dentro do ambiente escolar, mas não impossível de se alcançar diante da exigência de se cumprir a Lei 10.639/03 e 11.645/08. Então, recorremos a esse documento legal de forma a justificar a necessidade de nossa presença e atuação, tanto na comunidade quanto nas escolas públicas do território. Ambas já reconhecem o trabalho do Instituto como uma ponte para se construir e executar projetos pedagógicos que abordam a questão étnico-racial dentro do ambiente escolar.

- Impactos desejados:
- Periferias com pleno acesso às políticas públicas de educação, cultura e saúde, acesso à água potável e saneamento básico de forma efetiva e justa, desenvolvimento urbano sustentável e fortalecido;
- Melhores condições de geração de renda para mulheres.

Elaborar um documento propositivo e com as subjetividades existentes dentro do território é um primeiro passo para validarmos a necessidade urgente de desmembrar o bairro Parada de Taipas da Subprefeitura Pirituba Jaraguá[218]. Essa proposição já foi solicitada inúmeras vezes ao poder público, tendo em vista que uma única subprefeitura suprir as necessidades dos distritos de Pirituba e Jaraguá não é suficiente e nem dá conta de atender com qualidade as demandas existentes nos dois distritos e sua vasta extensão.

Na comunidade Estância Jaraguá, conseguimos um avanço em relação à questão da água canalizada. Foi uma luta empenhada durante muitos anos por várias lideranças e que assumimos no ano de 2017, com muitas idas e vindas, reuniões, negociações com o poder público. Depois de muito tempo, juntamente com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, conseguimos a autorização para instalar a água encanada e rede de esgotos na comunidade, obras que iniciaram em fevereiro de 2024.

Infelizmente, o processo não vem ocorrendo da forma que gostaríamos. O programa Água Legal visa à instalação de água potável em comunidades de vulnerabilidade social. Em seu relatório descritivo, o programa sinaliza que, em sua atuação, busca fazer um planejamento das áreas vulneráveis da cidade para que as comunidades recebam orientações e acompanhem o processo, inclusive respeitando o protagonismo das mulheres do território.

Na comunidade Estância Jaraguá, o que temos observado, a partir dos relatos das mulheres atendidas pelo Instituto, é de que o programa interfere significativamente com suas realidades. Em primeiro lugar, não houve a escuta dos moradores, nem da nossa instituição. Fomos surpreendidas com a informação de que a empresa estava na comunidade e de que havia feito uma reunião dentro de um espaço ocioso, que a maioria da população não reconhece como um espaço seguro e de trocas. Além disso, o benefício que chegou ao território tem sido usado como moeda de troca para favores financeiros individuais do responsável, que diz que a chegada da água é resultado de sua atuação, invisibilizando o nosso trabalho.

A empresa de saneamento criou um grupo de WhatsApp para a comunicação com a comunidade, mas somente eles têm permissão de enviar informações. O que

[218] A Subprefeitura Pirituba Jaraguá é uma das 32 subprefeituras da cidade de São Paulo. Engloba três distritos: Pirituba, Jaraguá e São Domingos, atendendo uma população de mais de 430 mil habitantes.

acontece é que não estão cumprindo o seu papel social de troca com as pessoas, nem oferecendo orientações que beneficiem a comunidade. Temos acesso apenas a comunicados que chegam sem antecedência, solicitando que os moradores retirem os carros estacionados nos acessos onde eles vêm fazendo a canalização. Por sua vez, as formações, em sua maioria, são para que as pessoas participem de oficinas educativas para aprender a fazer “brigadeiro gourmet”, ou seja, há pouca relação com o desafio do saneamento.

Outro fator de grande interferência e preocupação é que as obras na comunidade estão sendo realizadas sem qualquer cuidado ou diálogo com a população. Ruas estão sendo fechadas, carros estão sendo impedidos de circular dentro da comunidade e muitas pessoas são obrigadas a mudar seus trajetos, acessando pontos muito mais distantes das suas casas.

Estamos em processo de acessar esse recurso hídrico, que é nosso direito, porém, é importante registrar que o poder público não disponibiliza espaços de construção justos e igualitários para a população negra nas periferias. Quando, após pressão popular, fazem algo, chegam ratificando uma postura racista e colonizadora, deixando bem claro “quem é que está no poder”.

Em sua atuação, o Instituto Esperança Garcia tem trabalhado para que os impactos apontados em nossa Teoria da Mudança sejam alcançados. E que sejam produzidos outros impactos que fomos identificando ao longo desses últimos anos:

- Educação de qualidade e antirracista;
- Acesso ao transporte público;
- Espaços de cultura e lazer no território e abertos à população de forma integral;
- Acesso à arte e à cultura no território, fomentando parcerias com grupos e coletivos que já promovem essas atividades;
- Mapeamento comunitário de pontos fragilizados e potenciais, pensando propostas coletivas para tratar as demandas existentes;
- Saúde mental e acesso a serviços de saúde, saúde bucal, saúde integral, principalmente para crianças, mulheres e adolescentes;
- Educação ambiental de forma a eliminar a degradação do bolsão verde do território;
- Aproximação com os povos indígenas e construção de uma agenda de trabalho e troca de saberes.

Todas essas questões vêm sendo observadas e elaboradas na atuação do Instituto neste território. Temos alguns caminhos que vêm sendo construídos e consolidados localmente para expandirmos nossa atuação, em um segundo momento, com melhores condições. E, assim, impulsionarmos o acesso à educação e à arte e cultura de maneira plena, promovendo o bem viver em nossa comunidade.

5.3 Saberes do Instituto Esperança Garcia no Quilombo da Parada

Nossa atuação está ligada a cada uma das etapas discorridas anteriormente. Agora, a partir dos nossos conhecimentos, compartilharemos os trabalhos desenvolvidos continuamente no Quilombo da Parada. Hoje, temos cinco frentes de atuação que foram sendo construídas com base nas demandas da comunidade. Necessidades observadas por nós e também surgidas nos diálogos diretos e indiretos que foram se consolidando durante os últimos anos.

As frentes são: 1) biblioteca comunitária; 2) mediação em leitura; 3) hip hop; 4) educação ambiental; e 5) autocuidado. Tais frentes dialogam entre si e foram construídas coletivamente.

No início deste ano de 2024, pedi para que minhas parceiras de gestão no Instituto apontassem, de maneira espontânea, as referências e elementos que definem cada uma dessas frentes que elaboramos como proposta de trabalho no Quilombo da Parada. A seguir, apresentamos o resultado dessas conversas, que foram gravadas e transcritas. Elas representam nossas referências e fundamentam nossos fazeres:

5.3.1 Fomento e acesso ao livro e leitura – Biblioteca Comunitária Susana de Paula e mediação em Leitura

As responsáveis por estas duas frentes são Kambandô e Eliene Lima.

A Biblioteca Comunitária Susana de Paula vem do sonho de ter no Quilombo da Parada um espaço dedicado à literatura africana e afro-brasileira, principalmente a produção literária de mulheres negras. A escolha por um acervo com produções literárias de pessoas negras é uma forma de contribuir com o acesso a uma literatura ainda pouco conhecida ou não reconhecida por nossa

comunidade/sociedade. Mesmo que na atualidade alguns títulos façam parte do catálogo de livros disponíveis em escolas, percebo que ainda são pouco utilizados.

O recurso da mediação em leitura no espaço do Quilombo é uma forma de estimular as/os participantes a ampliarem seus repertórios e conhecimentos. Trabalhamos com produções e temas que tragam histórias, percepções e vivências de personagens negros, para que fortaleçam suas identidades. Desde a abertura do espaço do Quilombo, em 2015, as mediações em leitura fazem parte das atividades como uma ação em si ou ligadas a outras ações, como no caso da produção dos zines, confeccionados a partir das mediações realizadas por mim ou pelos adolescentes.

O protagonismo das crianças na mediação foi um processo construído ao longo desses anos. Ele se iniciou timidamente com uma ou outra criança sendo chamada a dividir comigo esse espaço. Percebia a vergonha da criança, mas buscava estimular a leitura e, com o passar do tempo, fui vendo as crianças mais confortáveis e participantes.

A Gabu[219] chegou ao Quilombo observando esse processo e, logo no início, compartilhou sua experiência com mediação em leitura a partir do projeto “Mudando a História”, da Fundação Abrinq. Num primeiro momento guardei essa informação, pois acreditava que já fazia esse papel dentro do espaço do Quilombo. Além disso, o deslocamento para as crianças participarem em um curso fora do território exigia maior disponibilidade de tempo e de recursos financeiros, o que não tínhamos naquele momento.

Nesse período, com o aumento do número de crianças e adolescentes nas atividades, fui percebendo também uma falta de atenção durante os processos de mediação. Entendi que precisava criar novas estratégias para chamar a atenção e também estimular a participação nas mediações.

Em um primeiro momento, chamei as/os adolescentes para assumirem as mediações, pedindo que elaborassem algumas dinâmicas com as crianças menores. Com o recurso que recebia para as oficinas, passei a separar um valor para que recebessem por esse trabalho. A ideia logo se espalhou no grupo todo do Quilombo. Cheguei a me perguntar se a participação estava ligada ao fato de estarem

[219] Gabu é a responsável pela frente de educação ambiental e agroecologia. Ela também tem experiência e vivência como mediadora de leitura e tem contribuído para fortalecer essa frente de mediação e acesso ao livro.

entendendo a importância do processo ou se era mesmo só pelo recurso financeiro. Foi nesse momento que retomei a conversa com a Gabu para entender melhor o que era o projeto da Fundação Abrinq. E saber como poderíamos levar os adolescentes que já estavam fazendo as mediações no Quilombo. Por coincidência foi o período em que estavam abertas as inscrições para instituições se cadastrarem para o projeto Mudando a História. As formações aconteciam em diversos espaços públicos e privados do centro da cidade, incluindo praças e parques. A fundação também oferecia a alimentação e o transporte. As únicas exigências eram em relação à idade, com limite até os 12 anos, e que uma pessoa da instituição inscrita acompanhasse o processo. Ao final, o projeto certificava os participantes em mediação em leitura. O desafio, então, foi encontrar essa pessoa de referência. Compartilhei a oportunidade com a dona Preta e a Eliene, que logo se colocou à frente do processo.

A Fundação Abrinq é uma instituição de significativo reconhecimento dentro da área social e da educação. O projeto Mudando a História, além de fomentar a formação na linguagem da mediação, proporcionava a interação com adolescentes de outras zonas da cidade e possibilitava que os participantes ampliassem seus repertórios culturais e sociais. Hoje, estamos em nosso terceiro ano de parceria. Com a turma que está finalizando a formação, teremos 18 adolescentes da comunidade certificados. Eles fundaram o Coletivo Ler e Aprender[220], assumindo, inclusive, a frente de mediação em atividades no Quilombo da Parada e recebendo convites para realizar mediação em feiras e escolas do nosso território.

Durante todos esses anos, a Eliene assumiu essa frente de formação e acompanhamento do processo, tornando-se a educadora de referência. Ela orienta

[220] O Coletivo Ler e Aprender foi uma ideia que surgida em 2021 para estimular adolescentes do Quilombo da Parada a se organizarem e criar espaços de mediação em leitura dentro e fora da comunidade. Auriene Ramos, da primeira turma, tanto do Quilombo quanto da formação da Fundação Abrinq, é a pessoa de referência. O Coletivo Ler e Aprender hoje (2024) é responsável por conduzir uma vez no mês a atividade de mediação em leitura no Quilombo da Parada e também por levar a mediação em leitura para as escolas do território e a outros espaços. Em outubro de 2023, recebemos o convite da parceira e produtora cultural Sandra Camposs (ver perfil no Instagram: https://www.instagram.com/sandracamposs6?igsh=NW5vbHFqaGZodTRp), para que o Coletivo Ler e Aprender fizesse parte da programação do Mercado D'Ágo, um " mercado afro-brasileiro de rua. Trata-se de um espaço para encontros, troca de saberes e fazeres, ancestralidade, circularidade, oralidade, identidade (ver postagem. Disponível em: https://www.facebook.com/mercadodago/posts/pfbid0SRz1bTc2YYZ5H1iWbc1cVME2xWsw6cxLks81gExDVAXHUVchgxnFfJiidfsYSwKol. Acesso em 10 out. 2024). Este ano, o coletivo esteve na EMEI Parada de Taipas (consultar no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C8nE-psvT27/?igsh=MWtnaDV0Njh0anZiZQ==. Acesso em: 24 set. 2024).

os adolescentes, preenche os relatórios de acompanhamento enviados à Abrinq, organiza junto às famílias os bilhetes de transporte e a recarga com o valor enviado e articula as mediações com as escolas.

O reconhecimento de Eliene como a educadora de referência aconteceu após os primeiros meses. Sua atuação envolvia o acompanhar o processo de formação dos adolescentes e dela mesma, falar do trabalho do Instituto Esperança Garcia nas atividades, orientar os grupos nas dinâmicas estabelecidas, organizar os livros doados em cada edição do projeto e participar de todas as ações junto à Abrinq. Eliene também se encarregava de orientar nossos adolescentes em como segurar um talher, usar a faca, entrar em um restaurante, já que a maioria deles não havia tido essa experiência.

Ela é a mãe? Não. Ela é uma educadora que assumiu e entende a responsabilidade de organizar, acompanhar, orientar, registrar e compartilhar conosco e as famílias o desenvolvimento dos adolescentes nas formações da Abrinq e nas mediações que realizam nas escolas. As famílias têm se mostrado surpresas em relação ao comportamento das crianças. Vale destacar uma dessas experiências com uma adolescente que chegou no Quilombo muito tímida e que não se expressava em nenhum momento. Eu mesma, por diversas vezes, tive que pegar sua mão para que buscasse algo para comer. No curso em questão, a Eliene mostrou alguns vídeos dessa adolescente fazendo a mediação em pleno centro da cidade e falou com muito orgulho “Ó, “Lendo!”, deixando a mim e sua mãe em estado de alegria, ao percebermos a mudança do comportamento dela em casa, no Quilombo e na escola.

As crianças do Quilombo têm se sentido curiosas e estimuladas para participar das formações. Todo mundo quer viver essa experiência, mas, enquanto não atingem a idade, o protagonismo delas tem sido no Quilombo. Quero compartilhar a experiência da Larissa, atualmente com 10 anos. Desde muito pequena, ela participa das nossas atividades, é uma das crianças que mais reivindica esse protagonismo nas mediações que oferecemos. Eu conheço a Lali, como carinhosamente me refiro a ela, desde que nasceu. Acompanhei seu processo de alfabetização, lendo as primeiras palavras para as crianças aos poucos, algumas leituras com a voz baixinha, pausada, mas que foram ganhando força no decorrer desses anos.

Eu vejo essas crianças e me lembro do meu primeiro encontro com os livros na garagem da minha tia Lala, que foi a primeira artista educadora que me proporcionou o contato com a literatura e com a música. Através dos livros eu pude sonhar, sair da minha realidade e conhecer outros lugares, pessoas, comidas, relações. Atravessei o oceano das palavras e fui à ação.

A Biblioteca Comunitária Susana de Paula é o lugar que desejo que as crianças, adolescentes e mulheres da comunidade também possam escolher para se verem representadas. Que elas possam dançar, falar, imaginar e se sentir livres para sonhar e realizar os seus sonhos, literários ou não. Em nosso coração, cabem todas essas ações e as que mais desejarmos, porque é um coração livre e preenchido de amor.

Em 2023 as ações realizadas pela biblioteca foram reconhecidas pelo Ministério da Cultura como “Ponto de Leitura”[221] e nosso coração está sendo renovado. Com isso, estamos ampliando o seu acervo, melhorando as instalações e construindo uma agenda para o ano de 2025 de ações contínuas na nossa comunidade e nas escolas.

5.3.2 Hip Hop

A responsável por esta frente é Lunna Rabetti.

O hip hop foi o primeiro movimento cultural protagonizado pela juventude negra com que tive contato ainda na adolescência. Primeiro, com minhas primas, primos e amigos, depois, de forma mais de próxima junto com a minha irmã Susana de Paula. Naquele período, nos idos dos anos 1990, uma das questões que procurava entender era por que minhas primas e amigas não estavam nos palcos junto com os cantores e dançarinos. O máximo que conseguiam, nos bailes de que participávamos, era entrar nas rodas do salão e fazer uma breve apresentação. Não

[221] Os “Pontos de Leitura” são ações culturais, de base comunitária, voltadas para a promoção do livro e da leitura e que, ao mesmo tempo, ajudam a combater a desigualdade e a promover a diversidade. Realizadas em bibliotecas comunitárias, são iniciativas coletivas, criadas e mantidas por determinada comunidade, sem intervenção do poder público, com ações voltadas à mediação de leitura, criação literária e ampliação do acesso ao livro. O prêmio busca reconhecer a atuação em torno do livro, leitura e literatura, que contribua significativamente para fortalecer a prática leitora em contextos urbanos e rurais. Para mais informações, consultar site. Disponível em: https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/editais/inscricoes-em-andamento/edital-premio-pontos-de-leitura-2023. Acesso em 10 out. 2024.

me recordo de ter assistido qualquer show protagonizado por mulheres nesse período.

Dentro do movimento, minha irmã buscava me envolver nos trabalhos que realizava. Em alguns momentos, pude acompanhar sua atuação nas rádios, em algumas lojas e em visitas às casas de rappers que hoje são famosos. E até em alguns bailes eu estive, quando estava em condições e inspirada a virar a noite.

Praticamente todos os dias, a Susana estava nessas relações de produção e trabalho. Raramente a encontrava em casa, mas sempre que parávamos para conversar, ela compartilhava um pouco do seu trabalho. Ela recebia ligações quase as 24 horas do dia. Com sua morte, instaurou-se um silêncio e pessoas que eu havia conhecido e se apresentavam como amigas nunca se manifestaram ou disseram algo. Nesse momento, me questionei em relação às amizades, à irmandade e a tudo mais que ouvia minha irmã dizer sobre o movimento. Mesmo não tendo uma atuação direta, ouvia as músicas, assistia videoclipes e tudo que ela deixasse visível e disponível. Depois de sua morte, deixei de ouvir, acompanhar e segui a vida. Era 2002.

Em 2008, ao me aproximar da Raquel, me chamou a atenção sua trajetória dentro do hip hop. Em nossas conversas, ela falava de um cantor ou cantora e eu a escutava com respeito, mas permanecia calada e sem disposição para voltar a olhar para o movimento. Nos saraus, fui encontrando artistas que minha irmã havia me apresentado em algumas ocasiões, eu me lembrava deles...

Aos poucos, nos saraus do Elo, fui tendo contato com outros Mcs das quebradas. Gostava das apresentações sem grandes recursos, conseguia ouvir e entender as letras, e as mensagens me faziam vibrar por dentro, e aquela chamazinha foi se acendendo novamente dentro do meu coração. A Raquel também ia trocando e falando dos trabalhos das mulheres do hip hop e, num desses encontros proporcionados pelo Elo, conheci a Lunna. Ela também havia conhecido minha irmã. Agora, eu já tinha duas referências dentro do movimento. Duas pessoas que acolheram as minhas angústias e que também tinham reflexões semelhantes sobre a presença e reconhecimento dos trabalhos de mulheres.

Nas trocas e conversas com a Lunna, ela foi me revelando outra face do hip hop. Pautas que ela trouxe sobre o movimento foram se encontrando com os meus anseios e, desses encontros, criamos uma ligação de acolhimento e cuidados. Aos poucos, fui descobrindo com a Lunna que, assim como ela outras mulheres estavam

lá, mesmo não sendo citadas pelas mídias ou à frente dos shows, existiam diversos trabalhos das mulheres do hip hop. Naquele momento, o que mais me interessava era saber como elas viveram e sobreviveram dentro desse contexto predominantemente ocupado por homens.

A história da Lunna também poderia ser a da minha irmã. Abaixo, ela compartilha essa trajetória e fala sobre a criação da Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop:

> Meu nome é Luana Rabetti, sou conhecida no meio artístico cultural como Lunna. Tenho 44 anos. Eu sou do movimento hip-hop, eu estou neste movimento cultural há 30 anos. Tem alguns números que são bem importantes, né? Então, estou envolvida com hip-hop há 30 anos e há 15 anos que eu fundei a Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop, ao lado de várias outras mulheres de vários estados. Isso ocorreu em 2010, na cidade de Carapicuíba. Foi através de um fomento, que foi o Proac, que é o fomento do Estado de São Paulo. E nesse Proac que nós realizamos o primeiro Fórum Estadual de Mulheres do Hip Hop, nós passamos a reconhecer como o primeiro Fórum Nacional, porque, embora fosse estadual, estavam presentes em torno de oito ou nove estados. Então, foi nosso primeiro fórum e a partir daí nós resolvemos fazer uma carta de intenções. E essa carta de intenções, um dos itens era a necessidade de se criar uma Frente de Mulheres do Movimento Hip Hop. Então, eu venho na caminhada com essas mulheres, organizando e participando de fóruns nacionais, organizando formações, oficinas, workshops… e aí, eu vou carregando toda essa bagagem (Rabetti, 2024).

Em muito pouco tempo, a Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop conseguiu articular um movimento de trocas e fortalecimento que foi preenchendo as lacunas existentes na história. O trabalho tem alcance nacional e internacional, sendo a Lunna a pessoa de referência e mediação de propostas e ações. E o Quilombo passa a ser uma das frentes que ela traz como prioridade dentro da sua atuação:

> Hoje, a Frente Nacional é o meu braço direito. Porque ela está presente nos 26 estados do Brasil, mais o DF. Possui representantes da cultura hip-hop nesses espaços. Através dessas representações eu tenho acesso, através de trocas, de experiências e tudo mais, aos movimentos sociais que acontecem nesses estados. Então, eu faço visitação, por exemplo, aos ribeirinhos, como eu fiz lá no Pará. E diversos outros lugares… aos indígenas, povos indígenas, que eu fiz lá no Amazonas. E tudo isso é experiência. E o meu braço esquerdo, eu costumo dizer que é o Quilombo da Parada, que é onde eu fui com o intuito de ser um exemplo, passar o meu conhecimento e que, na verdade, foi um grande aprendizado. E eu adquiri mais conhecimento, eu acredito, do que eu também pude compartilhar. Então, é por isso que eu falo compartilhando saberes, porque é uma troca esse sentimento que eu tenho por essas duas organizações que eu faço parte atualmente (Rabetti, 2024).

Dentro dos movimentos sociais, quando se levanta a pauta de gênero, isso continua sendo motivo de desconforto. Não se pode generalizar, mas o protagonismo masculino ainda é o mais reverenciado e reivindicado, seja na literatura, no hip hop e em outras esferas. Existe um movimento que invisibiliza os saberes das mulheres, mesmo que eles existam e resistam em seus corpos e intelectualidades. A Lunna não desqualifica a importância do movimento, mas me surpreendo não tê-la conhecido antes, com todas as qualificações que ela tem:

> O que isso é importante na minha vida? O movimento hip hop, junto com essas mulheres, fez a gente ter uma visão de mundo, dentro da área da cultura. E também me levou pra caminhos em busca da educação, da literatura. Dentro do movimento hip hop, eu comecei como dançarina de breaking, que é um dos elementos do hip hop, aí eu passei pra MC... então, eu canto rap até hoje. Também já fui DJ, já toquei em espaços bem conhecidos, em casas noturnas, também como DJ. E tem o quarto elemento, que eu não atuo, que é o grafite. Embora eu também faça criação de fanzine, gosto de trabalhar com esse formato, enfim... faço estêncil e tudo, mas não faço o grafite em si. Então, são os quatro elementos do hip hop, e o conhecimento, que é o quinto elemento do hip hop, que são os debates, palestras, que eu também participo, também faço. Palestras com recortes de gênero, de raça e de classe. Então, quando eu conheço o Quilombo da Parada e vejo a quantidade de jovens que participam lá... e o hip hop, ele está presente em muitos lugares... E quando eu conheço a Kambandô, e a gente começa a trocar essas informações, essas ideias, e tem essa ligação, da literatura junto com o movimento hip hop... eu vejo ali uma oportunidade de compartilhar saberes (Rabetti, 2024).

Descobrir o pioneirismo de outras mulheres no Brasil foi uma das coisas mais fortalecedoras que a Lunna me proporcionou. A história tem nome e voz:

> É sempre um progresso, né? Assim, eu acho que tem... nós temos, hoje, o privilégio de termos as pioneiras vivas. Então, o movimento hip hop no Brasil existe há 40 e poucos anos. Começou ali em 83... 40 anos. 83 no Brasil, né? Porque o hip hop, ele começou, nos Estados Unidos, em 73. No Brasil, em 83. E nessa época, a gente já tinha Sheryline, já tinha Ieda Hills, MC Regina... diversas manas que estavam nessa década aí, de 80, construindo, conhecendo também o movimento hip hop junto com os manos. E participando dos elementos: foram cantar rap, foram fazer... tinha DJ, né? A DJ Ketlen(?) também nessa época... então, elas foram se envolvendo aí. De lá pra cá, o que eu vejo foi um aumento de participação de mulheres ingressando na cultura hip hop. Essas mulheres, para além dos quatro elementos culturais, para além delas atuarem como DJ, B-Girl, grafiteira ou MC, elas contribuem muito com o quinto elemento. Então, começam a surgir as produtoras culturais, ligadas ao movimento hip hop, as radialistas, as escritoras... E aí, começam a surgir os slams, começam a surgir os saraus, as jornalistas que trabalham com conteúdo de hip hop... Então, começam a surgir muitas mulheres, nesse sentido, muitas que levaram, inclusive, ao mainstream os grandes nomes que a gente conhece hoje em dia... (Rabetti, 2024).

É preciso explicitar os trabalhos das mulheres nos diferentes contextos e a urgência vem de experiências vivenciadas dentro desse contexto mais amplo. As parcerias em espaços mistos são necessárias para construir algo maior, mas as histórias também demonstram o quanto nos enfraquecemos se não construirmos nossas agendas coletivamente:

> O primeiro disco coletânea que lançou o Racionais para o mundo, inclusive, com a música Pânico na Zona Sul, esse vinil, LP, era uma coletânea, a única mulher que participou desse vinil era Sharylaine. Só que a música dela não foi para o rádio, os shows dela não foram vendidos. Racionais foi. E aí, essa mulher até hoje… sabe quando é que ela conseguiu gravar o próprio CD com as faixas dela? Há três, quatro anos atrás. Com recursos próprios. Mais de 30 anos, você entende? Então, assim era o primeiro LP, coletânea, que lançou Racionais, como que essa mulher não estava em turnê? Como que as músicas dessa mulher não eram passadas em rádio? Eu fui conhecer a Sharylaine no final da década de 90, por um evento que a própria Sharylaine organizou, que se chamava Minas da Rima, que a gente considera ser o primeiro passo antes da Frente. Porque Minas da Rima já tinha realizado alguns encontros com mulheres de alguns estados, pra fazer um grande festival de apresentações artísticas e fazer essas rodas de conversa, um fórum de discussões, né? Isso antecede a frente. Foi onde eu conheci a Sharylaine. Então, ali foi uma primeira tentativa. Em paralelo às Minas da Rima, eu fiz a criação do site Portal Mulheres no Hip Hop, em 2004 … seis anos antes da fundação da Frente. E ali, nesse portal é que eu também fui tendo esses contatos com os outros estados e quando realizei, em 2010, o Fórum, chamei esses outros estados pra virem, que já eram colunistas do portal onde eu cuidava. Por isso, também tiveram várias participações. Só que essas mulheres, que eram colunistas do portal, quando vieram para o Fórum, em São Paulo, trouxeram outras mulheres dos seus estados. A Isa Negratcha, de Sergipe, conseguiu um ônibus. Ela trouxe mulheres de Sergipe, passou ali… porque aí foi descendo de ônibus, foram, sei lá, dois dias… passou ali pelo Espírito Santo, pegou mais pessoas, foi descendo… Passou pela Bahia... Ela atravessa a Bahia, porque Sergipe está encima da Bahia. Passou na Bahia, pegou algumas mulheres, até chegar em Carapicuíba. Então, a vontade, junto com a necessidade de estar, de tentar esse empoderamento, de tentar essa força, tipo, "Ó, não quero desistir!" Elas ficaram dois dias de ônibus e depois voltaram mais dois dias, sabe? Então, ali na Frente, foi um marco importante. E a partir daí, nos anos seguintes, que foram realizados os fóruns, eu entendo que o fórum foi primordial para que as mulheres fossem se entendendo dentro da cultura hip hop (Rabetti, 2024).

Nos bastidores, com muito trabalho e dedicação, as histórias se repetem em diversos momentos. Entre um tombo e outro, a necessidade de reinventarem-se entre elas, entre nós. Lunna recorda as diferentes experiências das mulheres:

> A gente tem alguns rappers, por exemplo, o Eduardo Tadeu, que é bem conhecido. A esposa dele é a produtora dele, que fez todo corre e a carreira dele, né? A gente tem a Karina Espinosa, que fez a carreira do DJ King, inclusive, ele se tornou Internacional, DJ reconhecido internacionalmente. E depois da morte do Sabotage, ela que pegou todo o conteúdo do Sabotage, junto com a família do Sabotage, os filhos do Sabotage e tudo mais… e

> conseguiu manter vivo esse legado do Sabotage até hoje em dia, criando vários meios de comunicação, não deixando essa história morrer. Então, eu também considero ela uma mulher muito importante pra manter essa cultura. E tem as mulheres que conseguiram, através de muito trabalho, chegar também no mainstream, como a Flora Matos, que sai lá da Bahia, depois vai pra Brasília, vem pra São Paulo... menina nova... com 17, 18 anos já estava aqui, em São Paulo, tentando a vida, né? E hoje em dia ela também tem uma carreira consolidada. A própria Karol Conká, que vem de Curitiba pra São Paulo e começa uma carreira, entra no BBB, aí tem o tombo. Tudo aquilo que aconteceu, e que a gente consegue entender muitas situações que ela vivenciou lá, muitos gatilhos que ela teve, a gente consegue entender. Mas que a sociedade, em si, tem dificuldade de conseguir compreender. E depois ela consegue dar a volta por cima, compreendendo a situação e expondo a situação. Então, acho que também foi um grande exemplo. E aí, eu faço um marco de antes da Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop e depois (Rabetti, 2024).

O propósito da Frente Nacional de aproximar as mulheres que estavam em diferentes espaços, com o objetivo de fortalecer e evidenciar seus trabalhos, se assemelhava às percepções que eu e a Raquel identificamos quando decidimos fundar o Esperança. Para além da representatividade, a ideia era poder trocar e criar juntas estratégias de fortalecimento e bem viver. Lunna fala dessa troca coletiva, que também foi fundamental para trazê-la para o Esperança:

> Então, antes da Frente Nacional, essas mulheres, elas trabalhavam muito isoladas. Então, assim, era muito… somente elas, ou mais uma… no meio de tantos outros homens. Quando surge a Frente, começa um trabalho de união, de fortalecimento. Então, quando a Frente surge, muitas delas, uma se vê na outra, se vê na dificuldade da outra, se vê nas demandas da outra... E aí, começam a ser criadas estratégias para poderem se fortalecer dentro do seu próprio território. Então, por exemplo, nós temos um caso em São Paulo, em São Carlos, na cidade de São Carlos, que tinha Sara Donato. A Sara Donato, ela era a única mulher de São Carlos, naquela época, que cantava rap. E ela tentava fazer as ações lá e ela era apagada: o nome dela não saía do card… e isso acontecia muito com as mulheres, né? Saía um card, que na época era impresso e, aí, saía assim: Racionais MC's, DMN e outros. Então, o nome daquela mulher sempre estava em outros. Como você vai comprovar que você estava naquele card se o seu nome não estava lá? Então, isso é uma forma de apagamento histórico das mulheres do hip hop. Quando saíam as entrevistas, não entrevistavam as mulheres do hip hop. Quando saíam discos… (Rabetti, 2024)

A Frente Nacional, segundo Lunna, tornou-se um espaço de fortalecimento e liberdade de criação com outras mulheres. Estas foram fortalecendo suas identidades e chamando a atenção de outros espaços. Vozes de mulheres que coletivamente foram se somando e ocupando outros espaços e promovendo discussões importantes dentro e fora do movimento:

> Então, ela não era mais a backing vocal, ela podia ser a cantora na linha de frente, na frente do palco, e falar com o público o que ela quisesse falar. Ela poderia colocar nas suas letras questões da violência doméstica, de abuso. Não precisa só ficar falando sobre policiais ou periferia, ou de crime, porque o rap falava disso, sabe? Ela não precisava mais ficar usando calça larga, camiseta larga, para se sentir inserida ali no meio. Ela poderia usar, se ela quisesse, mas ela também poderia usar saia, shorts, calça, o que ela quisesse. A gente fez um evento de grafite em Recife, calor lá de 40°, e as meninas grafitando de maiô. E é sobre isso, né? E podem. Quem diz que não pode? Assim começa, então, essa liberdade de poder ser quem você é. Então, eu vejo esse diferencial, da Frente pra cá. Nesses fóruns, a gente foi discutindo… por exemplo, muitas mulheres não se identificavam como mulheres negras. Inclusive, a gente tem a própria Preta Rara, que é uma rapper bem conhecida, que vem da Baixada Santista, ela é uma mulher que dentro do Fórum começou a entender a importância da política, porque a gente começou a ter esse entendimento da importância de estar dentro desses espaços políticos, ocupando uma cadeira, seja numa Secretaria da Juventude, Secretaria da Cultura, ou seja dentro dos ministérios ou, enfim, ocupando cadeiras. E ela começa a ocupar algumas cadeiras lá na Baixada Santista, onde ela morava. E ali ela começa também a ter todo esse conhecimento, esse crescimento, e hoje em dia ela domina o mundo. Porque ela, grande parte da vida dela, ela foi empregada doméstica… e aí, ela participa do livro “Perifeminas”, que a gente consegue lançar esse “Perifeminas” em 2013 (Rabetti, 2024).

O livro Perifeminas, já em seu terceiro volume[222], é um importante registro, relato das escrevivências das mulheres do hip hop. Nele, muitas mulheres do movimento apresentaram, de forma livre e espontânea, suas trajetórias e experiências no contexto da vida e do movimento. Esse é um livro básico nas atividades de hip hop no Quilombo da Parada. O objetivo é construir referências femininas que fizeram e fazem parte da história política e cultural do nosso país:

> E aí, também é um marco fundamental, porque nesse “Perifeminas”, ele se chama “Nossa História”, e a nossa história vem com 64 mulheres contando a história do movimento hip hop pela ótica da mulher. E essa importância d’elas escreverem o que elas quiserem… Muitas escreveram poesias, textos, mas a maioria fez a sua autobiografia. Porque a maioria queria deixar registrada a sua história ali, porque nunca tiveram essa oportunidade. E a Preta Rara, nesse livro, ela escreve um texto que se chama “Doméstica”, em forma de poesia, e ela fala sobre isso. Esse texto, depois, ela lançou dentro de um canal, ela falou sobre isso. E várias mulheres começaram a enviar e-mails contando as próprias histórias, do que elas já vivenciaram, dentro desse trabalho, dessa função, de empregada doméstica. Isso tem uma repercussão tão grande, que a Preta Rara começa a dar entrevista na Rede Globo sobre isso e tal. E começam a pegar esse tema… e tinha a novela da Globo, lá, das domésticas. E aí, começa a girar tudo isso e Preta Rara abraça e fala: “Opa, esse vai ser meu local de fala”. E ela começa a fazer esses questionamentos, que são políticos, né? A gente teve, dentro do Fórum, um fórum especial sobre a identidade negra e sobre feminismos, no plural, os diversos feminismos que existem (Rabetti, 2024).

[222] O primeiro volume traz 64 mulheres do hip hop. O segundo volume (2014) apresenta 52 autoras do hip hop, 13 delas do exterior.

Moradora do Jaraguá, onde o Quilombo da Parada está localizado, era uma questão de tempo para essa conexão, pois os propósitos e a identificação com o território sempre foram semelhantes. Lunna traz o seu olhar sobre o movimento, a importância de ele ser compartilhado na comunidade e também para a academia:

> Então, eu me vejo primeiro naquele território, eu olho ao meu redor, eu me vejo nas pessoas, eu me vejo também na realidade, que em todo esse decorrer da minha história, né? Questão de moradia, do ensino público, é… enfim, todas essas situações. Eu me vejo também ali. E eu também consigo me enxergar como uma possibilidade de ser um exemplo para os jovens que estão ali começando, e falar: "Nossa, o hip hop, ele dá resultado, né? O hip hop ajudou essa mulher a ir em busca, por exemplo, das universidades, né?" Então, através do hip hop, que me incentivou, eu fui fazer História. Hoje eu sou historiadora, faço pesquisa, estou fazendo doutorado na USP. Foi um doutorado direto, que é coisa rara de acontecer. E por que foi um doutorado direto? Porque eles entenderam que o conteúdo com recorte das mulheres no hip hop é algo que é importantíssimo estar documentado numa pesquisa. Então, eu trago todo esse conteúdo (Rabetti, 2024).

A aprovação de um projeto com mulheres do hip hop pela Frente Nacional possibilitou que as primeiras atividades fossem protagonizadas por diferentes profissionais que se tornaram parceiras, referência e inspiraram as crianças, adolescentes e mulheres do Quilombo:

> Eu me lembro do primeiro VAI que a gente conquistou enquanto Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop - São Paulo, que foi o projeto Mulheres Multiplicando a Cultura do Hip Hop, que aconteceu em três espaços: numa ocupação no centro, de imigrantes; na Casa de Hip Hop, centro; e no Quilombo. Então, foi um dos locais que a gente conseguiu levar essas oficinas. E onde as protagonistas, as oficineiras, eram mulheres do hip hop. Então, nós tivemos oficinas de MC, com a Brisa Flow, que também é uma grande referência, mulher, indígena. Tivemos oficina de grafite, com a Gabi Bruce, que é pernambucana e traz todo recorte nordestino de mulher preta também. Nós tivemos a oficina de breaking, com a B-girl Potira, que é "negríndia", vinda lá da cidade de Francisco Morato. E tivemos a oficina de DJ, com a DJ Niely. E aí, nesse processo todo, a ideia foi de ocupar com o hip hop o território do Quilombo, levar esse conhecimento para as crianças e os jovens, pra eles irem conhecendo o que é o hip hop, o que são os elementos, e que existem mulheres na cultura hip hop, inclusive lecionando, ministrando as aulas pra eles. A gente conseguiu perceber vários talentos das crianças. A Auriene é um grande exemplo disso. Eu até brinco com ela, que ela vai ser a DJ dos eventos que a gente tiver, porque ela super pegou, né? Então, foram bem importantes também na questão de trabalhar a literatura, a escrita, as rimas, nas constituições de rima, de poesia, de movimentar o corpo e tudo mais. Depois desse processo… Ah, além do grafite, né? Que foram feitas as adinkras na parede, foi feita a oficina de estêncil, onde tem os rostos das crianças… E até hoje está lá, e elas gostam de se ver ali. Então, foi todo esse processo (Rabetti, 2024).

Todos os relatos apresentados mostram que os processos artísticos de mulheres, seja na literatura, no movimento hip hop e em outro contexto social, ainda são subestimados e invisibilizados. Por isso, a rede de fortalecimento e trocas entre as mulheres se torna fundamental. Para que outras meninas e mulheres também consigam se perceber possíveis protagonistas de ações e proposições dentro do contexto artístico e cultural. No Quilombo da Parada, a Lunna desenvolveu duas atividades artísticas que retomam o que fazíamos no início do Esperança: as oficinas de elaboração de zine. De forma criativa e custo baixo, os zines compartilham com a comunidade as ações e discussões desenvolvidas no projeto.

> As oficinas de fanzine, de criação de fanzine, onde sempre é trabalhado com as crianças, de todas as faixas etárias, que também é importante, sempre através dos temas que ocorrem dentro das mediações de leitura. E são trabalhados vários formatos, para elas entenderem que é possível fazer livreto, é possível fazer dobradura, é possível fazer fanzine pequenininho, médio, grande, em forma de janela, em forma de 3 partes, igual aqueles cardápios de pizza, por exemplo, né? Então, são vários formatos... É trabalhado a escrita, é trabalhado os desenhos, conforme a faixa etária, a pintura e a criação. Então, sempre é lido ou relido o tema que foi abordado e elas precisam... é... nós marcamos os pontos, as palavras-chave, que têm naqueles textos e elas elaboram algo dentro dessas palavras-chave. Antes disso, a gente faz uma discussão sobre o entendimento dessas leituras, então elas falam o que entenderam, o que esse texto tem a ver com a vida delas ou com a realidade... enfim, fica aberto para as crianças contribuírem. E sempre contribuem, né? Elas sempre participam desse momento, que é importante também. E, atualmente, a gente tem trabalhado o livro “Perifeminas”, porque, como você disse, é um trabalho feito por nós. Então, a gente já tem, isso lá, e a gente vem trabalhando algumas autoras... eu conversei com as autoras que são do território... e depois eu deixei livre pra que elas escolhessem a autora que elas quisessem ler, o texto que elas se identificaram. E a gente vem marcando essas autoras, e essas autoras vêm também trazendo um retorno, de um texto que foi escrito há 10 anos atrás, em 2013, e que tanto se faz presente na realidade de hoje. Então, essa é a participação que eu, enquanto frente de hip hop, tento levar para o Quilombo (Rabetti, 2024).

O breaking é a outra linguagem artística do hip hop. A articulação da Lunna com a b-girl Potira trouxe para o Quilombo da Parada essa linguagem de movimento do corpo. Graças à disponibilidade da artista educadora, foi possível construir uma relação de proximidade com a comunidade. Isso fez, inclusive, que as crianças e adolescentes do projeto participassem do Fórum Nacional de Mulheres no Hip Hop em 2023. E, agora, em 2024, elas se apresentaram como artistas durante o evento. Lunna fala do início dessa relação da Potira com a nossa comunidade:

> A B-girl Potira, ela criou também essa relação com a comunidade. E com os participantes das oficinas. A B-girl Potira, ela leva o breaking, está criando coreografia, ela traz todo o autoconhecimento do corpo, os movimentos que podem ser feitos. A Potira ela... antigamente, a gente tinha o hábito… é que agora eles já se acostumaram… mas na fase de adaptação, para eles subirem pro morro nos domingos de manhã, a Potira, ela era uma das que ia nas casas, entrava nas casas, tomava os cafezinhos, conversava com os pais, com os familiares e subia com as crianças pro morro. Então, ela criou também essa relação, lá atrás. Hoje em dia, as crianças já sobem sozinhas, chegam no horário, inclusive, chegam um pouco antes, e ela mantém essa relação, que é muito importante. Então, a cultura, ela está relacionada não só ao movimento de expressão, a cultura hip hop não só é um movimento de expressão, mas também o autoconhecimento e o conhecimento coletivo. Então, o breaking, ele trabalha muito o coletivo. Você tem movimentos individuais e coletivos, você tem as discussões, você tem o conhecer o seu corpo, até onde você consegue ir e os avanços que você vai tendo. Então, essas trocas são bem importantes. Ela vem realizando também esse trabalho no Quilombo (Rabetti, 2024).

O hip hop é uma das mais importantes linguagens artísticas e culturais da juventude negra do Brasil. As trocas de ideias, as músicas, o protesto em relação à ausência de políticas públicas na quebrada, a violência, a criminalização policial sobre os corpos, nossos corpos, e o amor são questões que perpassam esse universo feminista que salvou muitas de nós. Posso dizer que tudo começou lá e essa escola me salvou dos primeiros “dramas” da vida. Lunna compartilha essa percepção:

> O hip hop me salvou! É uma frase bem clichê, mas que é real mesmo. Assim, a gente adota essa frase porque a maioria das histórias das pessoas que iniciaram no hip hop, principalmente lá atrás, eram pessoas que estavam muito inclinadas a irem por outros caminhos, né? Assim, caminhos de violência, caminhos do crime, de trabalhar para o crime, sabe? Caminhos diversos. Ou, simplesmente, de montar sua casa, virar uma dona de casa e “deixa a vida me levar”, porque é isso que a sociedade quer. Então, quando a gente fala “O hip hop me salvou” é porque ele traz a possibilidade de você crescer em algo, se dedicar em algo, que você pode se expressar. E a maioria de nós, independente de ser do hip hop ou não, procura um meio de se expressar, né? Então, o hip hop entra na minha vida como esse meio de me expressar. No momento onde eu estava indo pra um caminho que não era legal. Fiz, enfim, várias amizades que eu mantenho até hoje, desse caminho não legal, mas que entenderam que o meu talento, a minha vocação… não digo nem talento, a minha vocação era me dedicar ao movimento hip hop. E eu acho que esse fortalecimento que eu recebi lá, através das pessoas que eu conheci, através das pessoas que me incentivaram, lá no início, fez com que eu continuasse. Mas também as dificuldades que eu passei, porque eu falava: “É pra eu desistir? Ele tá me dizendo isso que é para eu desistir. Não vou desistir, eu vou continuar”. [...] dentre tantas outras coisas que aconteceram nesse caminho, né? Então, eu costumo dizer que não desisti, continuo, e que a melhor coisa que eu fiz, dentro do movimento hip hop, pra me fortalecer, foi me juntar com as mulheres. Acho que é isso (Rabetti, 2024).

Ainda bem que a Lunna não desistiu dela e nem do movimento hip hop. Hoje, observo que existe uma maior movimentação e reconhecimento das mulheres. Ainda não é suficiente, mas está em permanente construção e reelaboração em nosso processo de aquilombamento, desde cedo com as crianças, principalmente as que estão no Quilombo da Parada. São com essas experiências de lutas e afetividades que a Lunna organiza e realiza as atividades no Quilombo. E, em breve, esse processo também será compartilhado por nossa parceira em sua tese de doutorado.

5.3.3 Educação ambiental e agroecologia

A responsável por esta frente é a Gabu.

O Jaraguá é um dos poucos distritos da cidade de São Paulo que ainda abriga bolsões verdes da Mata Atlântica. Nele, está localizado o Parque Estadual do Jaraguá e a Serra da Cantareira, que é onde está a comunidade Estância Jaraguá e o Quilombo da Parada.

A comunidade, que se desenvolveu dentro da Serra da Cantareira, sofre com a degradação do entorno e a ausência do poder público. Faltam políticas públicas que atendam os direitos básicos da população, no que diz respeito à infraestrutura, como asfalto, saneamento básico, coleta de lixo e que combatam a especulação imobiliária.

O Rodoanel Trecho Norte, que corta a cidade, está sendo construído para facilitar o transporte de cargas de alto valor na cidade. Em 2009, quando cheguei, já se anunciava o seu início e a especulação imobiliária. A Prefeitura também realizava visitas esporádicas à comunidade, mas somente em 2013 a obra teve início, com previsão de término em 2016. No entanto, a construção ficou abandonada de 2018 até o abril deste ano (2024), provocando ainda mais degradação para o meio ambiente e vulnerabilidade para a vida dos moradores.

É possível que em pouco tempo o ar puro do local e o silêncio que se rompe com a cantoria dos pássaros seja abafado pelo ruído dos carros e caminhões que

irão transitar por esse anel viário, que, segundo o site da nova concessionária, vem para “a melhoria do trânsito no entorno da maior cidade do país”[223].

Desde a minha chegada no bairro, e em breves passagens anteriores, sempre me perguntava o porquê de não ter limpeza das ruas. Também me chamava a atenção a quantidade de lixo espalhado pelas ruas, desde o centro comercial e, mais ainda, nos acessos que dão para a comunidade. Ficava intrigada ao ouvir que a região da Serra é uma área que abriga vários pontos de minas d’água, que abastece a comunidade até hoje, mas que desaparecem em determinados meses do ano. Depois, fui saber que isso tinha a ver com os muitos eucaliptos que foram plantados nessa área e também com as queimadas, que presenciei em diversos momentos.

Parcerias para cuidar e orientar sobre a preservação desse pequeno paraíso verde em meio a uma cidade de concreto foi a minha intenção quando busquei junto à rede de contatos. O meu desejo era construir, junto com a comunidade, um plano de ações e práticas que considerasse a riqueza do lugar, mesmo com todas as dificuldades existentes.

Em algumas ocasiões, recebemos no Quilombo pessoas interessadas em construir essa frente com a gente. Aconteceram iniciativas pontuais, que já foram suficientes para corroborar com a visão da necessidade de uma ação contínua. A Gabu chega nesse contexto de busca, e também por um trabalho que envolve educação, meio ambiente e social. No trecho abaixo, ela fala sobre esse encontro e os motivos que a fizeram ficar:

> Eu acho que essa chegada, essa aproximação, esse chamado que você fez para estar junto, teve muito essa urgência: era a questão dos resíduos, era a questão ambiental, de uma maneira geral, a água... Uma série de questões que, na verdade, escancaram que a questão ambiental não é só o meio ambiente, não é só a parte física do ambiente, ela é socioambiental. E eu acho que, quando eu chego e vejo, abraço esse chamado mesmo, me envolvo e sou acolhida, eu acho que indiretamente todos os princípios de como a gente acredita que essa educação ambiental tem que acontecer vão emergindo e se entrelaçando nas atitudes, sabe? E, às vezes, isso é mais importante, ou tão importante, quanto ficar teorizando, né? Eu acho que quando a gente, através da prática, percebe que está coerente com os princípios, com o propósito, às vezes, é muito mais importante do que fazer trezentas reuniões e não fazer nada de prático. Então, acho que nesse sentido, por mais que... é... a gente chegou a fazer algumas reuniões, né? (Ribeiro, 2024).

[223] Ver nota da concessionária sobre essa retomada. Disponível em: https://www.novonor.com/pt/noticias/oec-inicia-obra-para-concluir-trecho-norte-do-rodoanel-mario-covas . Acesso em: 13 set. 2024.

As parcerias da rede da Gabu também se aproximaram do Quilombo e juntas passamos a pensar nas questões mais urgentes da comunidade. A Gabu chega com cuidado, fazendo o exercício de observar, ouvir e construir a partir das relações que foram se estabelecendo nesse momento:

> A gente tinha o LOL, a Leila estava junto, a gente chegou a conversar, parar um pouquinho para refletir sobre isso. Mas quando vai para a prática e você percebe que está coerente com o propósito do espaço, de como o espaço é pensado para a comunidade, como o Esperança Garcia está sendo pensado em termos culturais também, eu acho que a coisa vai engrenando. A gente vai, realmente, mantendo uma ação contínua. E aí, acho que quando eu falo isso, eu já vou trazendo alguns princípios do porquê eu continuei, do porquê vocês continuaram achando que era interessante também, acolhendo. Eu acho que tem essa ideia de respeito ao conhecimento local, isso pra mim é um pressuposto. Não dá pra gente chegar com essa visão de colonizador, de que quem vem de fora sabe tudo e sabe mais, não dá para, também, chegar na inocência e não achar que vai ter algum conflito de visão de mundo. Isso sempre tem no encontro de pessoas. De qualquer pessoa, independente... dentro da família... enfim, então, nessa escala de quem vem de fora do território também aconteceria. Agora, eu acho que dentro disso também teve essa postura de acolhimento, muito respeitosa. Que também acho que é um pressuposto, né? Nem vocês me verem como a colonizadora, terem uma abertura para eu poder trabalhar junto, nem eu chegar nessa postura, que eu acho que não faz o menor sentido (Ribeiro, 2024).

O pressuposto da escuta, da observação e do respeito à cultura local é a primeira orientação que sempre faço a todos os que chegam na nossa comunidade. Durante todos esses anos, a troca com as pessoas da comunidade, principalmente com as crianças e adolescentes, foram os fios condutores das ações planejadas no Quilombo. Às vezes, certas demandas demoram em serem construídas, mas não deixam de ser levadas em consideração e registradas para um planejamento de longo prazo.

A Gabu chegou assim, escutando a história do Quilombo e do local em que estava inserido, buscando entender e ponderando o que, naquele momento, era possível ou não realizar nesse processo. Eu havia acabado de receber a notícia de que um projeto para construir cisternas no Quilombo havia sido aprovado. Em vários momentos, as nossas atividades tinham sido comprometidas pela falta de água. Sonhadora, queria fazer mil coisas com o pouco recurso, tendo como proposta prioritária a instalação das cisternas para garantir de que tivéssemos água e não precisássemos interromper as atividades. Gabu fala sobre esse momento:

> Você chegou naquela semana e falou: “Meu, ganhei 5 mil pra fazer…” [risos]. Aí, depois, foram indo outras coisas, né? Um projeto que você escreveu identificando que tinha essa demanda… Nem sabendo muito como executar, né? Pelo que eu me lembro assim. Não, foi isso! Acho que aí, a gente fez, com um recurso que não era tanto assim, mas deu pra fazer. Eu acho que… aí eu chamei a Stela, que veio junto, alguns adolescentes participaram da concepção, da construção da cisterna, teve a instalação da calha, quer dizer, uma série de iniciativas. Teve o início da horta também, o reinício da horta, que depois deu uma paradinha. Logo na sequência, a gente fez aquele minhocário… É uma amostra, bem discreta, mas que fica ali como uma estrutura que as crianças, as mães, as adolescentes, já vão conhecendo o que é possível de fazer (Ribeiro, 2024).

O espaço para realizar as atividades era outra questão urgente e necessária. Por diversas vezes, eu vislumbrei a construção de um galpão coberto para receber as crianças de forma confortável e também para protegê-las do sol e da chuva... Eu sabia da necessidade, mas, dada a complexidade do próprio quintal, que é uma área íngreme com pedras e muitas árvores, não conseguia imaginar como levantar uma estrutura de concreto no meio da natureza, era uma total falta de harmonia e comentei isso com a Gabu.

Eu já havia visto algumas construções “modernas” que utilizavam recursos naturais, mas imaginava a impossibilidade financeiramente de fazer daquela forma. Nessa troca com a Gabu, ela me falou da existência de grupos/coletivos e pessoas na cidade que realizavam essas construções através de mutirões e oficinas. Eu contei que já havia tentado esse contato, e ela disse que iria pensar uma forma de iniciarmos a ampliação do espaço, interferindo minimamente na área natural. Ela trouxe o Rafa da Art Horta para uma primeira conversa e avaliação do espaço. Ele, depois, nos apresentou um projeto com as necessidades e o custo estimado para a execução. Com essa informação, passamos a buscar fontes para realizar a obra, mas chegou a pandemia e as prioridades mudaram. Tivemos que interromper o plano e a energia e resiliência do Esperança foi para além do quintal. Gabu retoma esse momento:

> Nossa, aquela sala multiuso, né? Que parecia tão distante, um dia, da gente ter… estava tudo ficando apertado, o número de crianças crescendo, enfim… Entrou a pandemia, a gente se virou também para poder todo mundo se envolver… Botou internet na casa dos moradores, Ju! Isso aí, assim… com tablet, distribuiu alguns tablets para eles participarem online. Sim, sim. Eu acho que mostrou uma enorme resiliência nossa, né? Com um recurso que não era grande também, a gente se reestruturou, foi atrás das burocracias para poder fazer a coisa andar e, realmente, não paramos. Fizemos as atividades acontecer, a gente se adaptou… É uma resiliência mesmo, desse grupo que acabou se formando. E acho que nesse percurso também, veio chegando mais gente. Tanto as mulheres da comunidade,

> quanto o tema do autocuidado, que acho que está se consolidando e tem super a ver com a questão socioambiental. Não dá pra a gente falar de cuidar do ambiente sem que a gente esteja bem, esteja com o nosso corpo são, se alimentando, tendo dignidade, pra ter uma saúde... E a gente sabe o que é barra, né? Assim, não tem transporte público, não tem água encanada... (Ribeiro, 2024).

Pensar no cuidado e proteção do meio ambiente exige tempo, cuidado e levar em conta as diversas vulnerabilidades e complexidades dos diferentes locais. As vulnerabilidades, em contextos periféricos, têm pontos comuns e também específicos em cada região. Dentro desse olhar, a Gabu reflete sobre as ações ambientais:

> Quer dizer, como que a gente vai falar disso tudo, numa condição da comunidade, que é de extrema vulnerabilidade? Então, a gente trazer esse tema é um pouco ousado, mas é necessário. É necessário e isso não é uma coisa, “chá-lá-lá”, de sufocar a luta, né? Você continua indo na Defensoria, reivindicando a questão da água... Não é, assim, "Aí, vamos abraçar a árvore e meditar e está tudo resolvido”. Não, tem toda uma luta política por trás, que não deixou... a gente não largou... você não largou mão, né? E isso é muito importante. E também a cisterna. A cisterna não resolve o problema da água. Ela ajuda, ela tem uma contribuição... quando vier a água encanada, diminui um pouco a conta. Mas ela não resolve tudo. Não na escala que a gente consegue fazer. Então, acho que é isso. Acho que a parte ambiental do Quilombo, ela veio com muita consciência de que o ambiental não é só árvore, verdinho... ela é socioambiental (Ribeiro, 2024).

A falta de água tratada e canalizada, a ausência do serviço de coleta de lixo, a precariedade nos acessos da comunidade e as altas temperaturas são questões que integravam aquilo que, depois, soube que era nomeado como “racismo ambiental”. O fato é que as políticas públicas sabem o endereço e a população que atingem e as que não atingem. Gabu lembra que esse assunto era pouco discutido entre as pessoas de fora e de dentro da comunidade:

> Na época, não se falava isso, mas agora se fala muito. Ela é muito conectada com a ideia de racismo ambiental, de que tem luta política por trás, tem pessoas envolvidas e tem muito conhecimento local que também precisa ser incluído nisso. Então, acho que o cerne, as principais bases, que levam a parte ambiental em que a gente se baseia, na parte ambiental do Quilombo, é isso, o conhecimento das mulheres. Agora, a gente está com esse curso de horta, e as mulheres conhecem bastante e, às vezes, não têm oportunidade de contar sobre esse histórico. Até porque também o... circulando pelas escolas... às vezes, o que acontece também é que a experiência, num ambiente um pouco menos urbanizado, é de muita miséria, muita... condição de vida muito sem dignidade (Ribeiro, 2024).

A conexão e cuidado com a natureza e tudo o que ela oferece é um processo visível e invisível aos olhos humanos. A correria do cotidiano, a busca pela sobrevivência, afasta a gente de um convívio com a terra e da potencialidade desse contato. A Gabu observa essa relação entre o sagrado e o ambiental a partir dos relatos que ouviu das participantes do curso de agroecologia:

> Então, a pessoa não quer valorizar isso, não é? Não quer resgatar essas memórias. E quando a gente transporta para um outro contexto, eu acho que, talvez, a gente ajude a colocar essas memórias num outro lugar, num lugar de que “Olha, pode ter sido difícil, mas agora, aqui, você tem a contribuir com esse conhecimento que você tem". E acho que essas rodas das mulheres na horta tão oportunizando isso. Além da parte terapêutica, né? Que subir no quintal do Quilombo é uma delícia! Aquela região, naquela mata que tem ali atrás, né? Mexer com a terra também… não deixa de ser terapêutico também. Teve já mães que falaram disso, a Michelle, o quanto ela se sente bem indo lá para o espaço. E eu acho que é uma outra dimensão, também, que tá muito nas entrelinhas, mas é muito forte... É o quanto a parte ambiental também tem o sagrado, né? Acho que cada vez mais isso vem à tona. Para cada uma é nomeado de um jeito, mas é uma maneira de trabalhar o sagrado (Ribeiro, 2024).

A cidade grande, os prédios e casas luxuosas, os produtos industrializados, a TV, o comércio são referências cotidianas de um “progresso” ao que todos nós somos estimulados a atingir, a qualquer custo, para existir. E, assim, se torna uma meta de vida morar no asfalto, ter uma casa luxuosa, vestir roupa de marca, ter um carro de última geração. O que percebi nessa relação de proximidade com as mulheres da comunidade é que a maioria, em suas origens, já havia morado ou presenciado em suas regiões casas com cisternas. Algumas trabalharam na roça e seguiram para a cidade grande buscando melhores condições de vida e de trabalho, afastando-se desse conhecimento porque, dentro do contexto e das referências que tiveram, se implantou a crença de serem coisas de menor valor. Não posso romantizar uma vivência que não presenciei, mas voltar na memória e buscar dentro desse contexto desafiador da roça e trabalho com a terra a possibilidade de existir e estar livre de alimentos com veneno é um processo que vejo muita gente tentando retomar, após passar pela cidade. Gabu fala sobre esse reconhecer e valorizar dentro do urbano esse pedacinho do rural possível de plantar e cultivar o amor:

> O cuidado, o amor, né? E isso é sagrado demais, não é? A gente não está falando de religião, a gente está falando de amor, do respeito à natureza, que se perde, principalmente nos contextos urbanos. Porque a gente fica nessa selva de concreto. As crianças não veem galinha, não brincam em rua de terra… e lá, a gente ainda tem um pedacinho da cidade que tem rua

> de terra, tem um quintalzão, que as pessoas ainda têm um espaço com terra dentro de casa, que pode cuidar. E cuidam, né? Às vezes, eu vejo… eu tenho escutado as mulheres falarem: “Ah, mas a gente já sabe o que está passando e que não sei o quê...” Sabem, mas às vezes têm a dificuldade de entender o quanto tem valor nomear o processo que faz. Então, eu acho que a educação ambiental vem nisso, fala assim: “Ó, cada etapa que você está… não é aprendendo… que você está vendo, nesse processo, é uma etapa valorosa.” E tem nome. Tem o preparo, que às vezes é conhecido num outro nome… a gente pode trazer também esse conhecimento. Mas acho que valorizar… assim… igual quando a Madevi fala dos chás, da alimentação, que fazia, que comiam na infância, né? (Ribeiro, 2024).

A perda de referência do sagrado que é a natureza e o distanciamento dos saberes tradicionais estão infiltrados no nosso cotidiano. Esses saberes são apropriados por pessoas que não integram nossas comunidades e depois os transformam em mercadoria, acessível apenas para seu grupo social e racial. E acabam se tornando inacessíveis para as pessoas que têm em suas raízes essas memórias e práticas. A Gabu fala da apropriação dos diversos saberes tradicionais e das construções para esse resgate dentro do espaço do Quilombo:

> Então, é tudo muito gourmetizado e as pessoas que realmente têm ou conhecem, elas se perdem, elas vão para um outro… pro mercado. E acabam se distanciando. Então, eu acho que é um trabalho de formiguinha, mas que a gente tem avançado. É um grande passo, esse curso de agroecologia no Quilombo. A gente ouve e aí, a gente vai fazendo esse bem bolado pra contribuir com o que a gente sabe e a gente vai construindo algo novo nessas trocas, que é algo que faz sentido para o espaço do Quilombo, faz sentido para essas mulheres, essas crianças. E que tem a ver com um pouco do que a gente vai trocando, o que cada um sabe. Eu acho que a gente também trabalha muito nessa base, né? E desmistificar também esses conhecimentos que parecem ser gourmetizados. As ervas… ou, enfim… e que, na verdade, é um tanto do que se perdeu, do que não se valoriza. Acho que quando a gente fala do sagrado, o Quilombo é esse lugar que foge do cotidiano. E tudo o que foge desse ritmo do cotidiano acaba entrando nesse lugar do sagrado. Seja o brincar das crianças, seja o estar em contato com a natureza, seja parar e olhar a mata e ver os saguis que chegam, sabe? (Ribeiro, 2024).

Conectar com a natureza e seu ritmo exige tempo, compreensão, dedicação e constância. O desafio é chegar nessa conexão tendo que lutar pela sobrevivência longas horas de trabalho, subir e descer o morro, cuidar das inúmeras necessidades para existir. Aproveitando o pouco tempo dos encontros com as crianças, buscamos estimular essa percepção de conexão com a natureza que está bem pertinho de nós, no nosso cotidiano. Isso também é compartilhado com as mulheres, de forma a assumirem em suas casas e também trazerem o que sabem para o Quilombo. Gabu fala desse processo que vamos propondo nas atividades do Quilombo:

> Parar pra falar o que você pensa sobre aquele tema, porque nunca te perguntaram sobre isso. E nunca pararam pra ouvir com respeito o que você sabe. Então, acho que fica o lugar do sagrado também nesse lugar, o lugar fora desse tempo do cotidiano, que vai se criando esse tempo fora do tempo, esse outro tempo, que vai regendo um pouco das atividades lá. Por mais que tenha a hora do relógio, tem também, né… as atividades têm uma hora pra começar e pra acabar. Mas quando, dentro desse intervalo de tempo, acho que a gente busca fugir, fugir da métrica do trabalho, do horário da escola… Por mais que a gente se proponha a ser educação, cultura e tudo mais, mas a gente tenta fugir dessa métrica de contar o tempo, dessa métrica de ter meta, dessa métrica de… É assim, a gente está ali porque gosta. Quem está lá está sendo… é um chamado pra estar lá porque gosta, né? Eu acho que isso é muito forte nas falas das mulheres que têm ficado mais com a gente, praticamente entrando no coletivo, que é a Eliene, a dona Preta, a Kátia. Elas falam ali: "Quando eu não gostar mais de estar aqui, eu vou embora, mas enquanto eu estou aqui é porque eu gosto." As mulheres mesmo falam, "Nossa, eu não sabia que tinha esse lugar, então, quando eu venho é porque eu estou a fim", do curso de agroecologia (Ribeiro, 2024).

Obviamente, o trabalho merece ser remunerado, tanto o nosso, como o de todas as pessoas que contribuem com seus conhecimentos no espaço do Quilombo, mas a relação e identificação é a primeira etapa a ser avançada para que as outras também venham.

> Então, eu acho que quem está lá só pensando em tirar um dinheiro em, sei lá, se aproveitar… acaba indo embora, né? Acaba não ficando. É um pouco orgânico esse processo também. É de troca, de estar lá legitimamente, pra essas contribuições, pra essas trocas. Acho que tem esses pontos também, do que é o ambiental lá. E acho que um processo também que está rolando, o que é interessante, que é quando a gente faz um pouquinho da escuta com as crianças, a gente percebe o quanto elas já estão tomando consciência de que lá ainda tem a mata, ainda tem a floresta, e o quanto que lá, muitas vezes, tem uma qualidade de vida mais gostosa, mais dentro de uma lógica de bem viver, do que quando eles precisam ir para o centro, né? Todo esse caos da cidade, sem muita área verde. Isso tem ficado visível na fala das crianças, né? Algumas. As mais velhas… A Auriene também, que já está com a gente há bastante tempo, então… É interessante de notar isso, né? É isso, a gente construir isso, né? Construir essa noção de pertencimento, de valorizar o lugar onde estão, por mais que também tenha muita questão a ser melhorada, mas é importante e se sentir… (Ribeiro, 2024).

As ações planejadas e executadas ao longo desses anos no espaço do Quilombo e na comunidade buscam orientar e traçar estratégias de uma relação harmoniosa entre a comunidade e a natureza. O Quilombo acaba sendo o espaço experimental de ideias que podem ser adaptadas a outros espaços da comunidade, estimulando sempre o cuidado com a natureza e as pessoas.

> Acho que disso, que a gente foi trazendo, o ambiental é social, não dá pra desarticular, é socioambiental, é sagrado, não tem como não ser, sabe? Eu acho que se a gente não vê o ambiental como sagrado, a gente perde uma dimensão ética da relação com o ambiente. Se não é sagrado, é recurso, e se é recurso, a gente detona. Se é sagrado, é que nem tudo que é sagrado pra gente, tudo que é importante, tudo que a gente se predispõe a cuidar, com amor. E por mais que a gente muitas vezes seja incoerente, que a gente consuma… porque o sagrado não é só ter a sua plantinha no quintal, mas outras dimensões… A gente tem essa busca, né? Eu acho que é isso. Acho que o ambiental tem que ser bonito e poético, sabe? Não pode ser feio, não pode ser chato, tem que ser divertido. Então, as oficinas socioambientais têm que ser muito divertidas, tem que ter o corpo presente. Não é só intelectual, essa coisa meio… infelizmente, que as escolas ainda trazem… estão se revendo, mas ainda trazem… Então, as brincadeiras ambientais no Quilombo são brincadeiras, é pra ser. E o brincar também nesse lugar do sagrado é um lugar de sair do cotidiano. O fazer junto é coletivo, né? Eu acho que essa coisa do coletivo é muito forte, no Quilombo, da ancestralidade. A gente só vai resolver isso tudo se for no coletivo. Não é fácil, não é nada fácil, mas a gente está onde está porque a gente foi tentando competir o tempo todo [...] se fechar na nossa ambição, no nosso individualismo. Eu acho que tudo isso é o ancestral, né? O ancestral que vai se manifestando nessas escolhas. Porque o tal do moderno não está funcionando. O que se diz civilizado não está funcionando. Ele abafa o que se desvaloriza e atropela o ancestral. E aí, a gente está chegando onde a gente está. Então, acho que tudo isso é o ancestral… do ambiental, do Quilombo (Ribeiro, 2024).

5.3.4 Autocuidado - Quem cuida de quem cuida?

A responsável por esta frente é Madevi Murti.

Em 2009, 2010 o autocuidado era um assunto presente em algumas trocas com mulheres próximas. A primeira roda de cuidados com a Flávia Rosa, a Priscila Obaci, a Débora Marçal; o primeiro escalda-pés, a meditação, coisas tão simples, mas que exigiam um tempo que, naquele momento, não acreditava ser possível na minha rotina. No Quilombo, a Sirlene retomou esse assunto e iniciamos um processo de organizar atividades entre nós e adequando o tema para os textos de projetos que íamos submetendo e realizando atividades que abordavam essa orientação e cuidados.

Em minha percepção, acreditava que o autocuidado tomava muito tempo, era difícil, mas que em algum momento futuro poderia organizar. Somente em 2019, por uma necessidade urgente de saúde, assim como acontece com a grande maioria das pessoas, vi a possibilidade de ter outra linha de tratamento. As primeiras orientações feitas pela Madevi não surtiram efeito imediatamente. Segui os cuidados com a alimentação e com alguns compostos naturais e a promessa de retomar o processo terapêutico que mantenho até hoje.

Mudar o pensamento foi um processo que levou tempo e observação do quanto a saúde mental e física são conexões interligadas e necessárias para viver de forma equilibrada e com saúde. A Madevi, no trecho abaixo, fala sobre o quanto nossos corpos negros se tornam fragilizados dentro dessa estrutura de opressão e luta pela sobrevivência:

> Autocuidado, eu sempre falo… autocuidado é sobre revolução! Quando a gente descobre o autocuidado… Não é um conceito que a gente escreve, que a gente mostra pro outro, mas é quando você sente ele no próprio corpo! Porque a grande maioria das vezes que eu estou falando de autocuidado pra pessoa, mas… é… principalmente pra pessoa preta, é difícil. Você falar de autocuidado, mas é tanta coisa na frente, né? É a sobrevivência na frente, né? Porque você precisa sobreviver, então, você não tem o tempo para isso. Eu já falei de autocuidado dentro de ônibus lotado, com gente que já está há uma hora pra chegar no centro e mais uma hora pra chegar, do centro no extremo leste, por exemplo. E falar de autocuidado pra essa pessoa, que passa tanto tempo no coletivo pra ir trabalhar… Então, que horas essa pessoa levanta? Que horas que ela volta pra casa? Então, como que você vai falar de autocuidado pra essa pessoa? Então, é difícil… É difícil falar de autocuidado nesse lugar profundo. Porque você precisa sentir. E, geralmente, é quando a gente tá no fundo do poço, quando a gente não tem saída e aí, a gente vai… e, opa! Agora, se eu não fizer por mim, ninguém vai fazer e se eu não fizer, eu vou morrer, ou eu vou entrar num lugar de depressão, ou eu vou me entregar pro remédio alopático… Então, agora é a hora de fazer alguma coisa, não tem mais jeito. Então, a grande maioria das pessoas que eu senti que incorporaram o autocuidado, elas estavam num lugar de muita fragilidade, de fragilidade extrema. Então, eu, como terapeuta, hoje eu entendi que pra falar de autocuidado e a pessoa assimilar o autocuidado, a gente precisa fazer isso de forma recorrente, de forma amorosa, cuidadosa, mas com constância, pra que ela perceba a diferença do autocuidado… (Murti, 2024).

O amor e cuidado que testemunhei no trabalho da Madevi chamaram a minha atenção e me despertaram o desejo de compartilhar com a comunidade essa troca de afeto e conhecimento. A Madevi chega junto com a Sil Oliveira no Quilombo querendo aprender:

> Eu chego com muita humildade, sabe? Eu chego com muita humildade, eu chego pisando leve naquele chão, com o máximo respeito. [...] eu vi essa menina, a Auriene, eu vi ela pequena [...] acompanhei o desenvolvimento dela, ela foi uma das primeiras que eu vi lendo. [...] Então, eu chego querendo aprender [...] servindo e você sabe o quanto eu amo! [...] Eu sou daquelas que faz questão de cozinhar tudo, de provar e de mostrar, e de fazer bonito, e de dar o melhor… Ali é um lugar de muita riqueza. Ali já é um lugar em que a prosperidade se manifesta. Não tem a ver com dinheiro, mas tem a ver com vontade, com desejo, com realização. Então, pra mim, sempre vem o melhor, de levar o melhor, de servir. Você sabe que o autocuidado, pra mim, tem muito a ver com isso. Principalmente por ser uma mulher preta que está sempre… que sempre vi, fui testemunha do quanto a mulher preta, a mulher preta e pobre, ela não recebe, né? E como ela tem dificuldade em receber. Então, eu chego devagarinho e eu oferto, e

> eu sirvo, e eu sinto que isso vai fazer com que eu me sinta à vontade, à vontade de sentar e comer junto. Eu chego, assim, à disposição, eu estou à disposição. E você sabe que eu não meço esforços. Eu acredito muito em rede. Eu acredito muito nessa teia da vida, de prosperidade, de abundância, que não necessariamente tem a ver com dinheiro, mas com boas trocas e boas relações (Murti, 2024).

Na conexão com o Quilombo, com a terra, Madevi traz a referência de um espaço familiar e afetivo, a casa da sua vó:

> Primeiro, que ele está num lugar muito estratégico, ele está lá no alto, ele está no final, que é o começo… porque depende da perspectiva que você vê… ele é o início, mas ele também é o fim, mas ele é o meio [...] ele tem aquela terra, que você consegue plantar, que você consegue manipular, né? Eu vi um potencial, assim, muito grande nas crianças e nos adolescentes. Então, assim, aquela sede de saber, de conhecimento, e também a curiosidade das mulheres… é lógico que no início elas… Eu percebi uma certa desconfiança… "Quem é essa pessoa que está chegando? Falando assim com a gente, com uma linguagem diferente…" [...] Minha mãe contava muita história de ter vivido em comunidade. Ela falava "Ah, eu vim da favela, eu morei na favela!". E quando, pela primeira vez, que eu, com 7 anos, fui pra casa da minha avó, em Belo Horizonte, na periferia de Belo Horizonte, e nós fomos de ônibus, daqui de São Paulo pra lá, e quando chegou no bairro da minha avó, a gente foi subir o morro. Então, o ônibus desceu, deixou a gente lá embaixo e "agora, se vira! Sobe, porque eu não vou subir!" Então, foi a primeira vez, ali, que eu experimentei, literalmente, subir o morro! E eu lembro que subia, subia e não tinha fim. E aí, quando chegou lá no alto, a casa da minha avó. E aí, o cheiro! O cheiro! O Quilombo me lembrou muito! Ele tem o cheiro da casa da minha avó! Eu lembro que a cerca da casa da minha vó era toda coberta de ora-pro-nóbis [...] eu fiquei imaginando a gente plantando ora-pro-nóbis no Quilombo [...] E explicar para as pessoas a importância dessa planta e o quanto ela é saudável [...] E aí, eu senti, né? Aí, veio a tal lembrança da casa da minha vó. E aí, eu falei "Nossa, isso aqui é casa de vó também! Isso aqui é casa de potência, é casa de mulheres pretas, casa que tem muitas crianças!" (Murti, 2024).

Depois do primeiro, houve um segundo encontro, um terceiro... e o afeto só foi aumentando. No trecho abaixo, Madevi relembra o encantamento com as crianças e o Quilombo:

> [...] as crianças lendo, os pititicos tudo querendo ler, os grandinhos também… aquilo me deu, assim… que foi uma coisa que eu nunca vivi. Eu nunca vivi, assim, de criança, eu nunca vivi numa comunidade. Eu fui direto pra escola convencional. E na escola convencional, não tinha esse lugar da leitura, nesse nível, sabe, de encantamento. De você se apaixonar pela leitura! E ali, no Quilombo, eu vi as crianças se apaixonando! Cada dia que eu ia, eu percebia o quanto elas estavam mais encantadas por aquele processo de ler, de trabalhar a escuta… enquanto um está lendo, todo mundo está ali em silêncio, escutando. É encantador! Isso me fez… foi uma das coisas que me fez me apaixonar muito pelo Quilombo e, devagarinho, ir chegando… tipo: "Ah, me chama de novo! Deixa eu ficar!" [...] cozinhar pra eles! Cozinhar pras crianças e pras mães e mostrar coisas diferentes, de

> forma simples, mas, nossa [...] ver a alegria das pessoas saboreando, comendo e querendo aprender. O Quilombo é um lugar, pra mim, de encantamento, de um poder ancestral e político e futurista muito grande, né? (Murti, 2024).

A Madevi fala do Quilombo como um espaço de encantamento e ancestral. Ele pode até não ser reconhecido socialmente, mas eu também vejo como um lugar forjado por nós, mulheres, mas também de continuidade. É importante dizer que antes de chegar lá, já existia o trabalho de acolhimento e cuidados de uma mulher negra conhecida como vó Balu. Existe certo silenciamento e são poucas as informações sobre sua história. Olhando os desafios que enfrentamos hoje, posso dizer com toda certeza que isso tem a ver com a sua religiosidade de matriz africana. Madevi fala do Quilombo como lugar de passado e futuro, resistência, pesquisa e sustentabilidade:

> Eu vejo o futuro, mas eu também vejo o passado. Eu vejo as coisas acontecendo no presente. E me dá vontade de ficar. Me dá vontade, de alguma forma, contribuir, plantar junto e colher, e celebrar. Incorporar o Quilombo, a gente entender que é um lugar de resistência, que é um lugar de aprendizado, que é um lugar de pesquisa, que é um lugar de desenvolvimento. A gente vê pelas crianças [...] tem criança que eu conheci pequenininha, que hoje já está um adulto fazendo coisas lindas. [...] um lugar também de desenvolvimento, de pesquisa, de desenvolvimento do humano, do ser humano. E a importância do meio ambiente, da sustentabilidade, da gente, de repente, colocar ali, no Quilombo, as ODS, os Objetivos de Desenvolvimento e Sustentabilidade. Que a gente já tem, isso é uma coisa que a gente precisa formalizar, porque aqui acontece, aqui já estão acontecendo esses objetivos. Isso já acontece, já estamos desenvolvendo algumas ODS ali (Murti, 2024).

Do que e como alimentamos nossos corpos e mentes? Essa é uma primeira provocação que o autocuidado nos provoca a olhar em nosso cotidiano. Autocuidar-se é a escolha de não se envenenar todos os dias com as toxidades da sociedade. Isso tem a ver com as relações com o mundo e o que ele nos oferece. No trecho abaixo, Madevi fala da responsabilidade que devemos ter com os nossos corpos:

> [...] praticar o autocuidado no dia a dia vai além da teoria. Você ter o cuidado de estar com aquelas pessoas com uma constância pra que elas [...] incorporem, que as pessoas entendam na rotina diária, no dia a dia, a importância de se olhar no espelho... aquele minutinho de se olhar no espelho e se auto-observar e entender o que está acontecendo. A importância de uma automassagem [...]. Por mais simples que seja a sua alimentação, de você mastigar de verdade aquela comida, de você entender o que acontece com as misturas de certos elementos, o que aquilo vai acontecendo no teu corpo... a informação que você recebe de alimentação, mas também de informações diversas, que você vai ter que digerir tudo

> aquilo. Será que você consegue digerir tudo aquilo? E a gente sabe que aquilo que a gente não digere vai acumular e vai virar toxina, e vai virar doença. Então, autocuidado, pra mim, tem muito a ver com autoestima, com autoamor (Murti, 2024).

Olhar para si não é uma escolha que significa egoísmo, mas sim, um movimento que faz a gente se ver, se sentir, um chamado para se olhar, se acolher e se fortalecer, para oferecer para o outro e enfrentar todas as demandas que nos desafiam no cotidiano. Madevi fala sobre a necessidade de olhar o interno para voltar para o externo:

> [...] Às vezes, a gente não tem acesso a essa informação. Porque a gente tem que fazer tanta coisa, né? Esse "tem que", "tem que", que a gente não sabe, no fundo, no fundo, a gente não sabe o que é autoamor, né? O que é se autocuidar, o que é autoestima. Porque o mundo, ele tá muito pra fora, você tem que tá muito pro outro, ou pela família, pela comunidade, pelo Estado. Então, olhar pra si mesmo e se dar, às vezes, vem como uma informação de egoísmo e gera culpa... E aí, é acionado um mecanismo muito cruel pra própria pessoa: "Então, é melhor eu não olhar pra mim, continuar pro externo". Acho que é mais ou menos isso (Murti, 2024).

Estabelecer relações de confiança e afeto dentro de um contexto em que somos desacreditadas cotidianamente não é uma tarefa fácil. Construir relações e intimidade necessita tempo e persistência de quem quer fazer e construir. Nessa caminhada no Quilombo, a Madevi busca pacientemente essa relação:

> Primeira coisa? Que elas confiem em mim! Que as mulheres confiem em mim a ponto de falar: "Ah, Madevi, eu tô com um processo de candidíase recorrente, me ajuda? O que é isso? Por que acontece isso? O que eu posso fazer pra melhorar essa intimidade comigo?" Acho que a primeira coisa que eu gostaria de conquistar, sabe? D'elas, assim, saberem que elas têm acesso comigo, que elas podem perguntar qualquer coisa comigo, sabe? De falar… Nossa, acho que esse é o primeiro. É eu fazer parte da comunidade. Elas me verem como uma igual, porque é exatamente isso que eu sou. Não tem distância, nós estamos na mesma. Minha mãe, minha avó, minha bisavó, a gente, a nossa história é uma história, né? Então, acho que a primeira coisa que eu quero, o que eu desejo, é que elas me tenham e que eu as tenha. Acho que esse é o principal. Pra que a gente possa fazer essa roda girar e expandir cada vez mais. É um sonho, assim, né? (Murti, 2024).

Sonhar, acredito que seja o primeiro passo para o realizar. Escolher a natureza como referência de potencialidade para a nossa saúde, cuidado é um processo, já que o tempo todo somos atravessadas pelas ausências. A Madevi reconhece o Quilombo, as mulheres e crianças como um lugar de possibilidade de trocas com a coletividade:

> [...] aumentar o espaço pra ter mais criança, pra ter lugares, assim, de leitura, de estudo, de pesquisa… Porque ali pode… ali também é um centro de pesquisa, né? Porque tem a terra, a permacultura, agrofloresta, tudo isso já está rolando, é uma coisa que já está acontecendo, mas eu ainda sinto que tá tímido... e a minha vontade, o meu desejo é que as pessoas incorporem, que as pessoas se sintam à vontade pra participar e pra botar a mão na massa mesmo, de semear, de adubar, de cuidar, e colher e depois celebrar o fruto. Isso é o que eu tenho muita, muita vontade. E também as mulheres aprenderem a manipular as ervas, a fazer as comidas, a conhecer, principalmente, as plantas não convencionais, porque tem muita coisa que dá ali. A natureza já dá, já está ali, já pode ser comido, já pode fazer remédio. E elas irem conhecendo cada vez mais sobre essas plantas comestíveis que estão ali. Isso é uma coisa, também, que eu gostaria muito. Ah, eu acho que é isso, né? (Murti, 2024).

Se juntar, se aquilombar, olhar com cuidado e construir redes para a prosperidade e fortalecimento individual e coletivo. A Madevi fala sobre a felicidade dessa junção coletiva comigo, com elas, com todas nós. Vejo-me nesse papel de tecelã, de fazer devagarzinho, de falar, de ficar feliz com a felicidade das pessoas que estão comigo, de escolher fazer e receber o melhor, dentro do que sei, do que posso. Fortalecer as nossas raízes a partir de um ponto comum e ancestral. Madevi, aqui, fala da potência dessa teia de relações individuais e coletivas:

> [...] Eu sou muito de bastidor também. Eu sou muito tecelã. Eu sou essa que vai costurando as coisas e, de repente, não precisa aparecer, né? [...] gosto de ver as coisas acontecerem, assim, das pessoas… eu gosto do brilho das pessoas. A felicidade, a sua felicidade é a minha felicidade, a felicidade da comunidade é a minha felicidade… eu gosto de tá junto, de comer junto, celebrar junto. [...] o que eu tenho pra oferecer pro Quilombo é isso, é ir costurando junto com as mulheres, junto com vocês, essa teia, essa rede de abundância e de prosperidade. Eu acho que é uma das coisas que eu tenho porte pra oferecer. Pra mim, foi uma alegria imensa poder falar, e falei porque é importante pra mim, sabe? Ó, gente, vocês estão aqui comigo! Gente, vocês são importantes pra mim! Pra onde eu vou, eu levo o Quilombo junto de mim. Eu acho que é isso, eu acho que o que eu trago é essa vontade, esse desejo de que expanda pra comunidade (Murti, 2024).

Ter autonomia para fazer e organizar dentro do cotidiano individual e que se expanda para o coletivo; fazer a crítica e criar estratégias para o bem viver. Madevi fala sobre isso:

> [...] o mais importante é elas terem autonomia… de repente, não vão precisar da gente pra nada, porque elas mesmas vão reorganizar, organizar o que precisa ser organizado [...] essa formação de autonomia, pra essas crianças que estão crescendo, pra essas mães. E que venham mais mães, e que expanda mesmo, pra aquela comunidade toda. E que chegue água, que chegue luz, que chegue coleta de lixo, e que chegue os dentistas

> mesmos, os médicos. [...] porque é sobre bem viver, né? E o meu bem viver não é o meu bem viver, mas o da comunidade toda. É sobre bem viver. E a gente tem todas as condições e todas as possibilidades [...] (Murti, 2024).

É superviver e estabelecer relações, espaços seguros de trocas, afetos e aprendizados. E não replicar nem naturalizar a desumanização e a rejeição aos nossos corpos. Vale relembrar que nossos corpos são sentenciados a todo o momento por uma estrutura racista e excludente. Não é uma escolha sentir dor, ver a dor de pessoas, escutar relatos sobre a dor dos corpos, principalmente de nós, mulheres negras, que não escolhemos ser vítimas, nem ser estatística das inúmeras violências do nosso país. Assumir que nosso corpo é um território político, de celebração, é um ato de amor, amor próprio e rompimento com tudo que tente dizer o contrário. Então, esse trabalho da Madevi é sobre isso, a possibilidade de escolher e superviver entre nós e para nós:

> [...] nosso corpo é um corpo de celebração, nosso corpo é um corpo de amor. Chega de ser corpo de dor, né? Agora é hora de brilhar, é hora do bem viver, é hora de assumir isso, de assumir potência e brilho. Vamos brilhar! Vamos brilhar juntos! A gente não sobreviveu a uma pandemia para, simplesmente, passar pela vida de uma forma morna, né? Vamos com tudo pra vida. Vamos superviver! Chega de sobreviver, vamos Superviver! E eu quero superviver com vocês! Eu quero subir e descer o morro sempre que eu puder. E eu sempre vou voltar pra casa (Murti, 2024).

Eu vejo o nosso trabalho com o Esperança como um encontro de raízes que se conectam com outras raízes. Não temos a pretensão de salvar o mundo, mas sim de estarmos fortalecidas em qualquer tempo e espaço, porque já aprendemos e temos em nossos próprios corpos a experiência de saber. Como bem disse Madevi, “uma árvore com raízes fracas, qualquer vento tomba”.

5.4 Imagens, memórias e histórias - E é tudo sobre o amor!

Falar sobre o amor assusta, e surpreende principalmente os corpos que historicamente não tiveram e ainda não têm o direito de performá-lo. Predominam as noções do amor romântico, aquele entre duas pessoas que se encontram e constroem castelos e sonhos, ou o amor dos pais pelos seus filhos, o amor sem limites que se refere ao outro e nunca a nós mesmas.

O amor exibido nos comerciais de TV, que ilustram o Dia das Mães, Dia dos Pais, mostrando a família unida e realizada... ou os filmes em que a mocinha sonha com o amor do seu príncipe encantado, ou os romances que desenrolam imagens de uma longa e perfeita história de amor. Em todas essas referências hegemônicas de amor, dificilmente encontramos cenas protagonizadas por pessoas negras. Desde muito cedo, somos inseridas em um contexto de desumanização e desamor. Aprendemos que “devemos ser fortes”, sem referências ao amor, o que faz com que a gente se silencie e reprima nossos corpos.

Recordo-me do amor que senti por familiares, amigas, amigos, professoras e professores, que fui admirando, mas nunca tive coragem de dizer. Deveria manter silêncio em relação a esse sentimento. Em algum lugar me foi ensinado – não sei como, mas foi – que o amor não era coisa para mim. A sutileza de olhares desaprovadores, o corpo que não ofereceu o abraço, os gestos, as palavras ásperas, os olhos que condenaram, as relações perpassadas pelo racismo, pelo sexismo me fizeram desacreditar que poderia também construir laços de amor.

Nesse quase meio século de existência, diante das adversidades, tive que encontrar o amor, o amor próprio, o amor pela minha origem, o amor pelas pessoas que são iguais a mim e também por aquelas que não são, o amor por elas, eles que foram chegando nessa trajetória e me referenciando sobre o amor.

No trabalho que realizei, tive que fazer escolhas e falar do meu amor, afetar pessoas que trouxeram seu amor, pela vida, pela fé, por mim... E, aos poucos, fui acessando espaços, tempos e territórios de cuidados, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança. Algumas pessoas ficaram, outras chegaram e outras foram embora, mas não tenho dúvida sobre o amor que trouxeram e o quanto me potencializaram, me fizeram crescer, me nutriram emocionalmente, espiritualmente e me ajudaram a concretizar esse sonho e a realizar tudo que consegui expor aqui e outras coisas mais.

Descolonizar o amor exige predisposição e tempo. O cuidado, o afeto e o respeito são suportes essenciais para desenvolver o amor próprio e o amor pelo coletivo.

O amor é compromisso e proteção que aceitei receber e oferecer em meu cotidiano contra as consequências do racismo. Infelizmente, o racismo adoece nossos corpos, afasta nossa esperança, nos coloca à prova, estereotipa nosso sagrado, nossos signos e símbolos e o nosso modo de ser e resistir.

As imagens apresentadas ao longo desta tese, e que dizem respeito a parte da minha trajetória, não contemplaram nem um terço do quanto tive de encontros preciosos e que me nutriram de amor. Eu já me adianto no pedido de desculpas e assumo também que hoje compreendo que o amor não é algo que se define de forma completa e inacabada. As imagens a seguir não estão em ordem cronológica porque reverberam e se encontram a todo momento dentro de mim.

Imagem 198 – Tata Mona Guiamazy e Kambandô – Redandá - 2024.



Fonte: acervo da pesquisadora

Imagem 199 – Kambandô e mãe Kota – Redandá - 2021



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 200 – Fotografia com Tata Mona Guiamazy



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Kambandô, Tata Mona Guiamazy e Kwaniama – Redendá - 2023.

Imagem 201 – Tia Lala



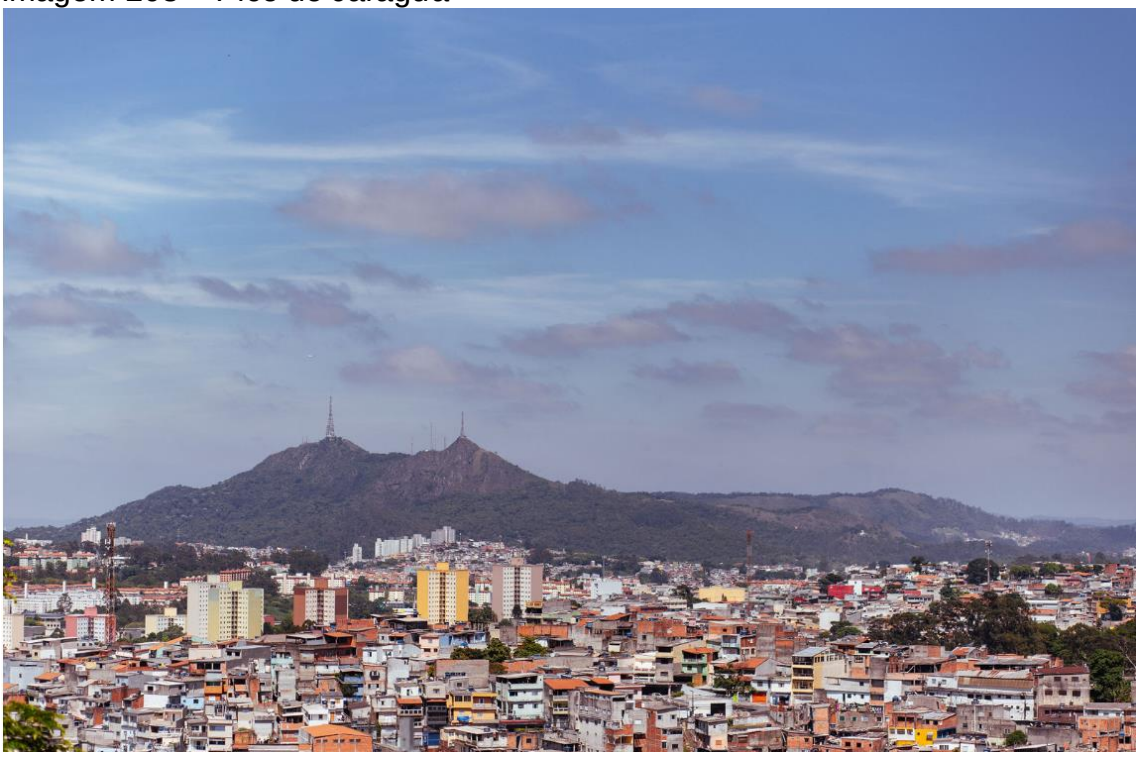
Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Clara Balduino (Tia Lala) – Formatura do magistério - sem data.

Imagem 202 – Susana de Paula em Perus



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Susana de Paula e bebê sem identificação – Perus - sem data. [anos 1990].

Imagem 203 – Pico do Jaraguá



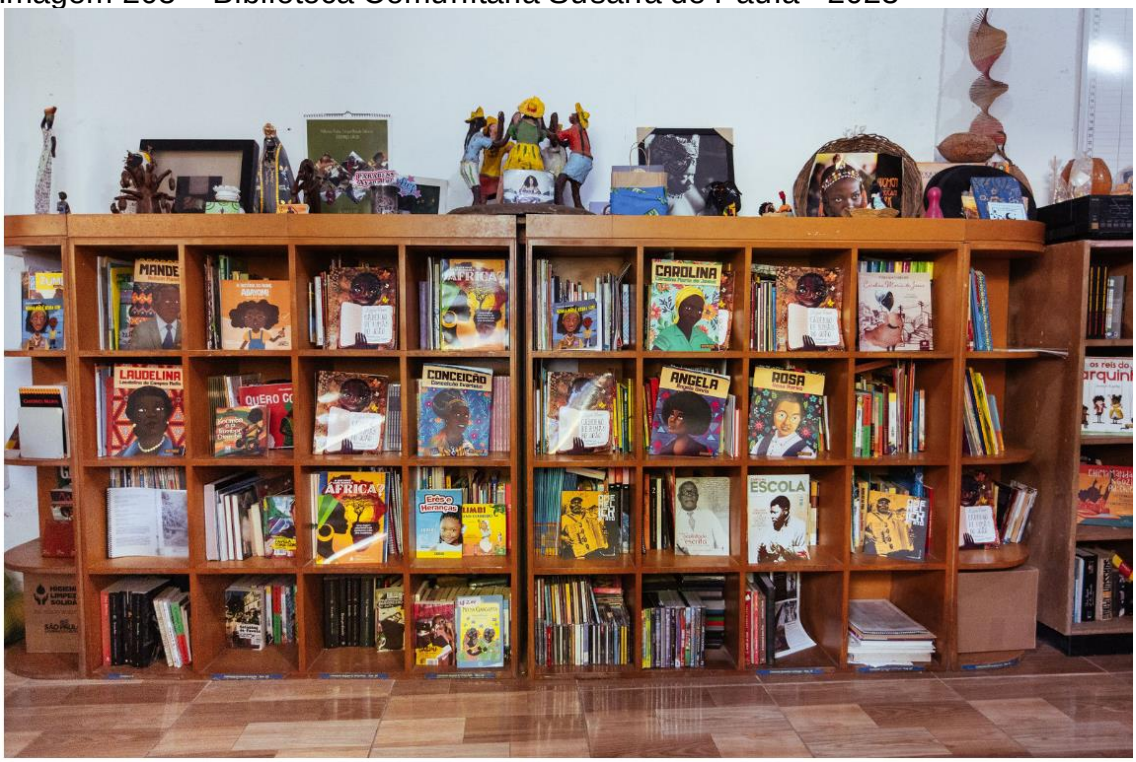
Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Vista do Quilombo da Parada para o Pico do Jaraguá - 2023.

Imagem 204 – No caminho



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Ayana Luz e Diana Mendes – Quilombo da Parada - sem data.

Imagem 205 – Biblioteca Comunitária Susana de Paula - 2023



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 206 – Dona Preta e Eliene – Quilombo da Parada - 2022



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 207 – Bibliotecária



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Rubia Aquino, bibliotecária – Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 208 – Frutas



Fonte: acervo da pesquisadora[224].
Legenda: Mesa para receber as crianças e adolescentes no Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 209 – Crianças posando para foto



Fonte: Acervo da pesquisadora.
Legenda: Quilombo da Parada - 2023.

[224] Fotos (208, 209, 210, 213, 214 e 215) tiradas por Água Benta. Ver notas 4 e 207.

Imagem 210 – Meninos e meninas no Quilombo da Parada



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 211 – Vivências em artes



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Equipe do Esperança e adolescentes – vivências em artes para aplicar nas atividades do Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 212 – Formação de mediadores



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Formação de mediadores em leitura – Fundação Abrinq - 2024.

Imagem 213 – Ilú Oba de Min



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Ilú Oba de Min – Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 214 – Grupo em pose para foto



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Pessoa sem identificação, Jardélio Santos, Etinho, Benê, Luanda Silva – Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 215 – Tocando as mãos



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Ana Rotili, Sil Oliveira e Madevi – Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 216 – Educação Ambiental



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Oficina de Educação Ambiental – Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 217 – Vivência em educação ambiental



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Vivência em educação ambiental – Gabu e Daniel Querino - 2019.

Imagem 218 – Café da manhã



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Café da manhã – Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 219 – Autocuidado no Quilombo



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Autocuidado no Quilombo da Parada - 2022.

Imagem 220 – Grupo de participantes no Autocuidado



Fonte: acervo da pesquisadora
Legenda: Autocuidado – Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 221 – Criança e alimentos



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Autocuidado – Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 222 – Oficina de breaking



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Oficina de breaking com Potira – Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 223 – Crianças na oficina



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Oficina de breaking com Potira – Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 224 – Oficina de fanzine



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Oficina de fanzine com Lunna – Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 225 – Crianças na oficina



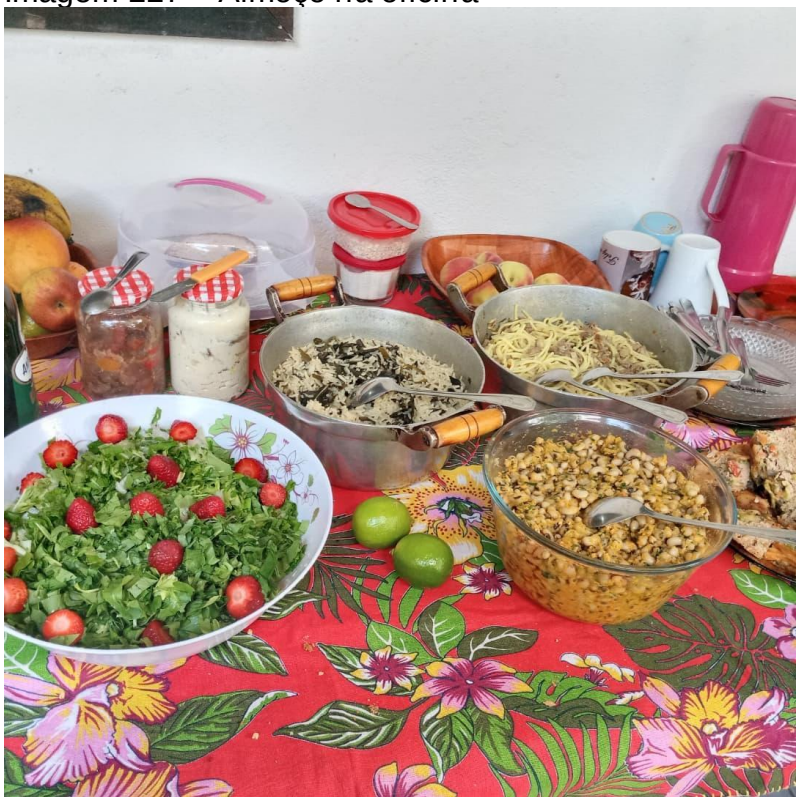
Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Oficina de fanzine com Lunna – Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 226 – Oficina de Autocuidado no Quilombo



Fonte: acervo da pesquisadora
Legenda: Autocuidado no Quilombo da Parada - 2023.

Imagem 227 – Almoço na oficina



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Almoço para participantes da Oficina de Autocuidado – Quilombo da Parada – 2022.

Imagem 228 – Curso de Agroecologia



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Curso de Agroecologia – Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 229 – Vivência com Instituo Criar



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Vivência com o Instituto Criar – Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 230 – Foto com colegas



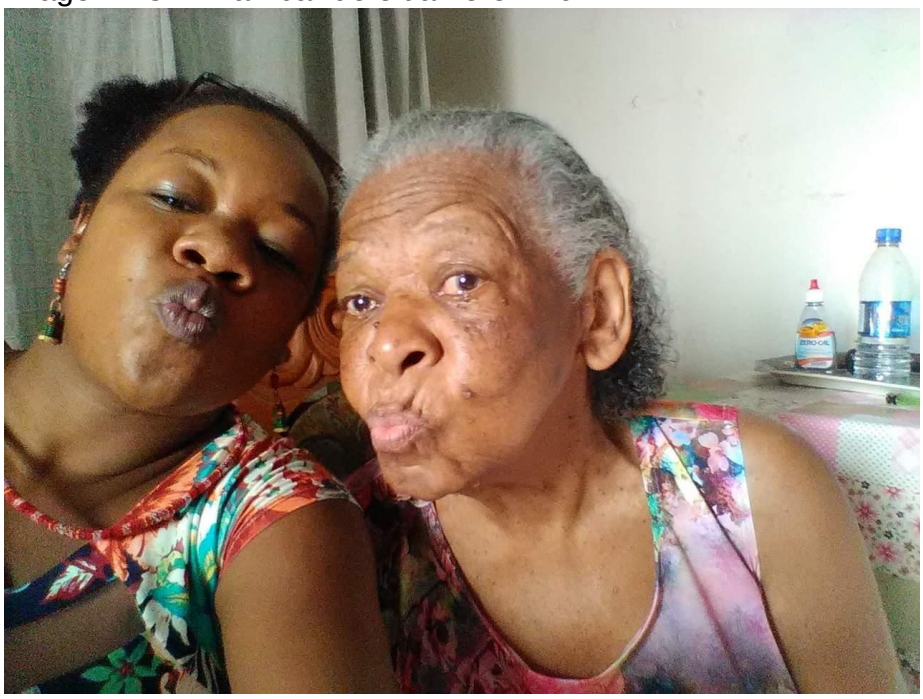
Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Jal Vieira, Kambandô, Tokie Esaka, Madevi e Rita – Quilombo da Parada - 2022.

Imagem 231 – No Centro Cultural Vergueiro



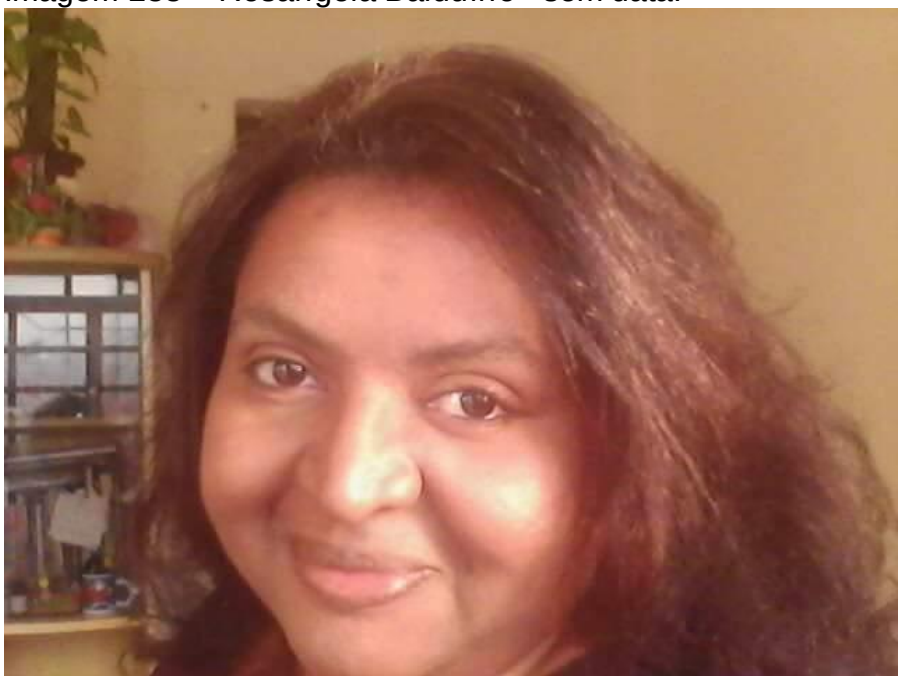
Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Lunna Rabetti e Kambandô – Lançamento do livro A Vida Marginal, de Lunna Rabetti – Centro Cultural Vergueiro - sem data.

Imagem 232 - Kambandô e tia Terê - 2017



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 233 – Rosangela Balduino - sem data.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 234 – Regina Pereira e Kambanbô



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Regina Pereira e Kambandô – Quilombo Cafundó - 2024.

Imagem 235 – Pesquisadora com colegas



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Fernanda, Kambandô, Roberta Stein e Marcia Marci - 2022.

Imagem 236 – Alessandra Lima e Ayana - 2022



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 237 – Estudantes



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Emef Dale Coutinho – Parada de Taipas - outubro/2023.

Imagem 238 – Raquel, Kambandô e adolescentes



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Ayana Luz, Raquel Almeida, Yakini Almeida e Kambandô - junho/2024.

Imagem 239 – Oficina – Racismo ambiental



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Oficina sobre racismo ambiental com Perifasustentável – Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 240 – Qualificação de doutorado



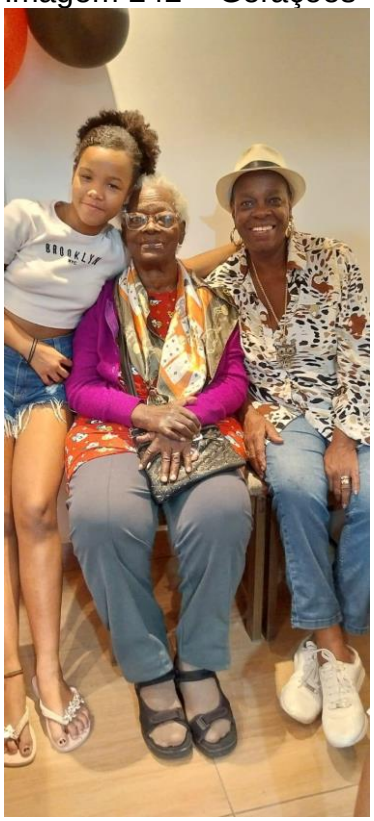
Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Exame de Qualificação do doutorado - outubro/2023.

Imagem 241 – Foto na festa



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Lucia Udemezue, Priscila, Ayana, Luciana Amaral e Fatima Abou - 2023.

Imagem 242 – Gerações



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Ayana, vó Abigail e Verônica - 2024.

Imagem 243 – Kambandô, Lia, Raquel Nega e Raquel Linhares - 2023



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 244 – Família Pimenta - 2024



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 245 – Ateliê Vila Nova Cachoeirinha



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Yakini, Kambandô, João Cândido e Luanda Silva – Ateliê Vila Nova Cachoeirinha - 2024.

Imagem 246 – 17 anos do Sarau Elo da corrente



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: 17 anos do Sarau Elo da Corrente – Yakini Almeida (esq.) e Ayana Luz (dir.) - 2024.

Imagem 247 – Fórum – Mulheres do Hip Hop



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Fórum da Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop – Museu das Favelas - 2024.

Imagem 248 – Curso de Agroecologia no Quilombo da Parada - 2024



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 249 – Gabu e dona Cida



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Curso de Agroecologia – Gabu e dona Cida no Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 250 – Daniel Querino e mulheres do Quilombo da Parada



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Curso de Agroecologia – Daniel Querino e mulheres do Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 251 – Mutirão para o plantio



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Mutirão de plantio no Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 252 – “Sorria Comunidade”



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Projeto Sorria Comunidade – Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 253 – “Projeto Sorria...”



Fonto: acervo da pesquisadora.
Legenda: Projeto Sorria Comunidade – Quilombo da Parada - 2024.

Imagem 254 – Caminhada “Mulheres Negras...”



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Caminhada “Mulheres Negras: histórias e memórias do cotidiano santista” – Santos - 2024.

Imagem 255 – Ayana e Kambandô



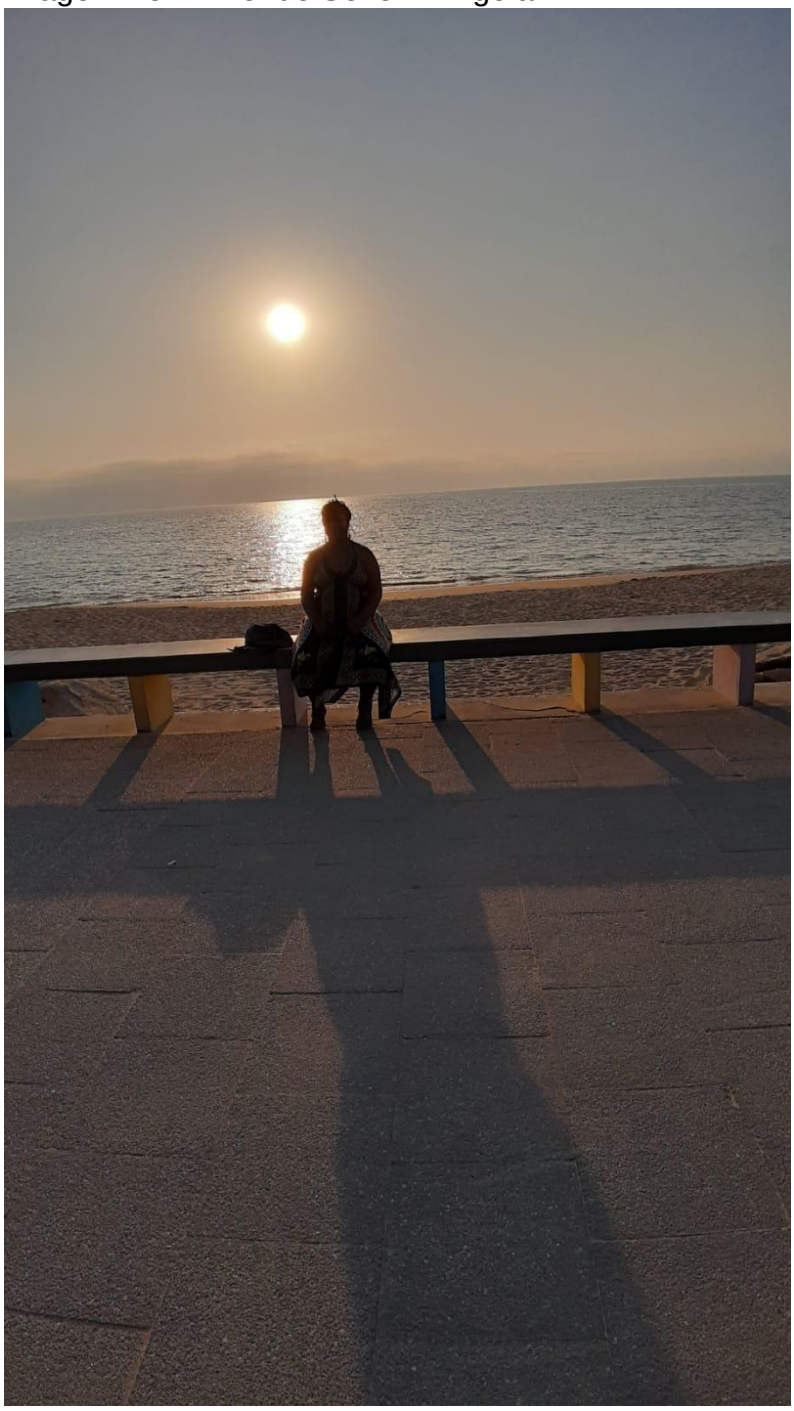
Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Ayana e Kambandô – Jaraguá - 2024.

Imagem 256 – Imersão em autocuidado



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Imersão em Autocuidado “Lembranças boas” – Serra da Bocaina/SP - 2024.

Imagem 257 – Pôr do Sol em Angola



Fonte: acervo da pesquisadora.
Legenda: Kambandô – pôr do sol na Praia Morena – Benguela – Angola - 2023.

Ao contemplar o mar que me conectou com a sagrada terra mãe, origem de meus ancestrais, fui buscar dentro de mim onde tudo começou para que chegasse até ali e me lembrei dos livros na garagem da tia Lala. Lembrei também de uma canção que me levava para um lugar muito distante do que a minha ainda em formação mentalidade infantil poderia imaginar, mas era longe e isso recordo muito bem. Minha primeira professora de artes, a tia Lala, voltou nas lembranças... E ao

finalizar essa seção, não poderia deixar de lembrar a música e o violão, o primeiro instrumento artístico com que tive contato, ainda pequena. Minha tia sempre foi e ainda é a maior incentivadora para que todos os familiares seguissem pelo caminho artístico. Caminho que ela teve que secundarizar, mas nunca abandonar, por conta do trabalho. Voltei lá, lá atrás e me recordei de uma canção que ela tentou me ensinar a cantar e tocar no violão e que, somente agora depois de tantos anos, fui buscar a tradução. A canção tem tudo a ver com o que eu vivi, escrevi e busquei deixar registrado por aqui, nessa luta por alcançar e finalizar os estudos, iluminar as escuridões às quais me sentenciaram, aprender com os momentos de incerteza e a esperança que foi se concretizando com o Esperança Garcia e com todas as pessoas que foram me fortalecendo nessa jornada. A única certeza é de que ainda estou viva e em movimento, graças ao sagrado, graças às crianças e a tantas pessoas que me cercam e compartilham do seu amor para que eu possa continuar[225].

Dessas escrevivências que perpassaram minhas, nossas vivências, no Quilombo da Parada e em tantos outros lugares de acolhimento, afeto, aprendizado, artes, vivências, o que fica de boas lembranças ou lembranças boas é que o amor nos leva até onde jamais poderíamos imaginar.

E que a arte, ah, a arte salva!

[225] Sobre a canção, ela pode ser consultada no Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Hu8hqWpuzNU&t=2s. Acesso em: 20 set. 2024.

Ressurgir das Cinzas

Sou forte, sou guerreira,
tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
mesmo que haja versos assimétricos,
mesmo que rabisquem, às vezes,
a poesia do meu ser,
mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.

Sou destemida,
herança de ancestrais,
não haja linha invisível entre nós
meus passos e espaços estão contidos
num infinito túnel,
mesmo tendo na lembrança jovens e parentes que, diante da batalha deixaram a talha
da vida se quebrar,
mesmo tendo saudade cultivada no portão.
Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.

Sou guerreira como Luiza Mahin,
Sou inteligente como Lélia González,
Sou entusiasta como Carolina de Jesus,
Sou contemporânea como Firmina dos Reis
Sou herança de tantas outras ancestrais.
E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,
mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça
mesmo assim tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.

Sou da labuta, sou de luta,
herança dos ancestrais,
trabalhar, trabalhar, trabalhar,
mesmo que nos novos tempos irmãos seduzidos
pelo sucesso vil me traiam, nos traiam como judas
sob a mesa, meu ganha-pão.
Mesmo que esses irmãos finjam que não nos veem,
estarei ali ou onde estiver, estarei de corpo ereto, inteira,
pronunciando versos e eles versando sobre o poder,
mesmo assim tenho esse mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.

Me abraço todos os dias,
me beijo,
me faço carinho, digo que me amo, enfim,
sou vaidosa espiritual,
mesmo com mágoas sedimentadas no peito,
mesmo que riam da minha cara ou tirem sarro do meu jeito,
mesmo assim tenho esse mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.

Me fortaleço com os ancestrais,
me fortaleço nos braços dos Erês.
podem pensar que me verão caída ao chão,
saibam que me levantarei

não há poeiras para quem cultua seus ancestrais,
mesmo estando num beco sem saída, levada por um mar de águas,
mesmo que minha vida vire uma maré,
vire tempestade, sei que vai passar.
Porque são meus ancestrais que se reúnem num ritual secreto
para me levantar.
Eu darei a volta por cima e estarei em pé, coluna ereta,
cheia de esperança, cheia de poesia e com muito axé
por isso, desista, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão.”

(Ribeiro, 2004)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS “DE UMA MULHER”

Eu chego até aqui atravessada pelo cansaço, mas celebrando cada palavra, cada imagem, celebrando vozes, mulheres, artes, ancestralidade e os espelhos que pude mirar e escolher nessas escrevivências de pouco mais de 300 páginas, que pretendem contribuir para o preenchimento de um vazio histórico.

Celebro por ter sido acolhida por quem me lê, me respeita, me cuida e está comigo nessas escrevivências.

Celebro, mesmo tendo passado por lembranças dolorosas e até escondidas na memória, que impactam significativamente em meu modo de ser e agir.

Celebro a herança deixada pelas minhas ancestrais, os símbolos, signos, as conexões, histórias e mulheres que se tornaram referência em minha nossa trajetória.

Celebro pelas conquistas e por ter encontrado a resiliência em uma sociedade tão desigual.

Celebro, mesmo sabendo que essa conquista pode incomodar muitas pessoas que minimizam e se incomodam com a chegada de nós, mulheres negras, em qualquer lugar que desejarmos. Somos apoiadas umas pelas outras, mesmo havendo aquelas que dizem apoiar nossa luta pela transformação social, cultural e política, mas não escrevem uma palavra sequer. Continuaremos a celebrar!

Celebro por mais uma etapa concluída. Uma etapa que não foi igual a de todo mundo, porque diz respeito a minha individualidade, que se conecta com a de outros seres individuais e iguais, mas que tem histórias próprias e independentes.

Celebro pelas que vão ler e se sentirão provocadas, mesmo que os contextos diversos de violência e de uma lógica patriarcal e racista insistam em dizer que não escrevemos bem. Continuaremos a celebrar!

Eu celebro o compromisso individual e coletivo permeados pela Palavra e pelas ações que comprovadamente foram aqui compartilhadas. E pelas ações que não puderam ser aqui descritas, mas que fazem parte de uma rede ainda maior. As pessoas dessa rede não se incomodam em não aparecer, continuam fazendo a mudança e fortalecendo trajetórias como as nossas.

Continuaremos a celebrar!

Celebro o momento em que foi necessário o silêncio, ao invés de reagir ao caos e à indiferença. O silêncio se mostrou uma ferramenta de sabedoria profunda, já que me levou a me conectar comigo mesma e com a energia sagrada que me rege. E me conectou com tantos outros corpos sagrados.

Continuaremos a celebrar!

Celebro por ter descoberto que não precisei tomar a voz de ninguém, mas pude construir um espaço onde levanto e inscrevo minha voz, respeitando as vozes de tantas outras mulheres que vieram antes e estão comigo agora nessa trajetória que não se findou.

Continuaremos a celebrar!

Celebro por ter aprendido a respeitar e valorizar minhas escolhas, e a respeitar as escolhas dos outros, afinal de contas são escolhas.

Continuaremos a celebrar!

Celebro pela conquista de ter me libertado da escravidão mental imposta a pessoas como eu e meu corpo, e entender que não sou menor que ninguém, mas sou eu e que essas verdades têm valor, mesmo que sejam colocadas à prova pelo cansaço ou por olhares que tentam nos rebaixar como pessoas e seres humanos que também podem ensinar.

Continuaremos a celebrar!

Celebro a potência que descobri nas palavras de mulheres negras de tantas artes e ofícios, e por aprender um pouquinho com cada uma delas, independente do título que carregam ou não.

Continuaremos a celebrar!

Celebro pela autoestima descoberta e a certeza de saber que a alegria, o amor, o respeito, o acolhimento, primeiro comigo e depois com as outras, é um ponto essencial para uma vida saudável e plena. Por me permitir a escolha em me levantar da mesa onde o amor deixa de ser servido ou nunca foi servido. Isso não é ingratidão, mas uma forma de respeito comigo e com os outros que dão o que têm dentro de si.

Continuaremos a celebrar!

Celebro por entender que não preciso ficar onde não sou celebrada como os outros corpos presentes.

Continuaremos a celebrar!

Celebro por esse movimento importante da escrita, que é um documento com a intenção de indagar as pessoas, pensar e inventar formas, e mostrar a minha discordância com o mundo, com as histórias somente dentro de uma perspectiva colonizadora, misógina e racista. Perspectiva esta que sustenta uma herança de desigualdade e violências transmitidas de geração em geração e que tentam determinar lugares que podemos ou não estar.

Continuaremos a celebrar!

Celebro porque “sangrei a vida”, mas estou viva e aprendi que o autocuidado não é egoísmo, mas um movimento de amor necessário para o corpo e a mente, para estarmos aptas a compartilhar o amor com outros seres vivos.

Continuaremos a celebrar!

Celebro por ter essa disposição em compartilhar uma pequena parte dessa história atravessada por tantas outras histórias de ausências, violências, sentenças... Uma história que diz respeito a tantas outras que, assim como eu, não deixaram, nem deixam, morrer o sonho de constituir espaços como o Quilombo da Parada. Um espaço de resistência e existência de uma coletividade predominantemente negra e não negra, mas que tem como proposta a intervenção rigorosa no que se refere a cultivar o amor, a felicidade, o sonho e a Esperança em cada uma das pessoas que aqui chegam.

Continuaremos a celebrar!

Celebro as pessoas que chegam e ficam em nosso espaço e se sentem acolhidas, e não silenciadas, e são respeitadas e valorizadas em suas trajetórias e conhecimentos.

Continuaremos a celebrar!

Celebro a existência do Instituto Esperança Garcia, que não diz respeito apenas ao meu corpo, mas ao nosso. E que juntas adentramos a mata dos saberes, dos quereres e do amor, estando atentas umas às outras, no caso de uma bambear a outra segurar.

Continuaremos a celebrar!

Celebro os livros, a literatura, as escrevivências que me trouxeram conhecimento e despertaram Esperança em algo muito maior do que eu via materialmente, não como uma leitora ingênua, mas me fizeram perceber que a vida era algo muito maior daquilo que eu estava lendo e que eu precisava me movimentar.

Continuaremos a celebrar!

Celebro novamente e prontamente os meus ancestrais, que abriram caminhos antes de nós e deram permissão para esse encontro e para outros que virão, e que podem se referenciar em nossas ações. Eu reconheço, respeito e aceito essa presença do sagrado em minhas ações e intenções individuais e coletivas. E sou muito grata pelo trabalho que realizamos, espalhando sementinhas de conhecimentos e valores dos nossos ancestrais, que conseguimos preservar e que podem ser retransmitidos.

Celebro ao pai Tempo, que transforma e trouxe a energia da cura e me fez refazer o caminho, estando pronta para refazer quantas vezes forem necessárias para aprender.

Celebro a arte, a cultura e a educação, que são possibilidades sagradas para um sagrado maior e fundamental de respeito a si mesmo e ao outro. Sabedoria apreendida, ensinada e compartilhada nas cozinhas, nos corpos, nos quintais, nas rezas, nas comunidades, nas matas, nas estradas, nos rios e cachoeiras, no assuntar da vida e nas trocas cotidianas de todos os caminhos, cantos e pessoas que me trouxeram até aqui.

Continuaremos a celebrar!

Celebrar é a força motriz que me auxiliará a construir novos futuros.

Celebro o amor que cura, transforma e me fortalece todos os dias.

E eu não sou uma mulher que pode celebrar?[226]

[226] Esse questionamento é inspirado no livro de bell hooks “E eu não sou uma mulher?”. A autora, por sua vez, se inspira no discurso de Sojourner Truth (1797-1883) durante a Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio em Akon, no ano de 1851. Em sua obra, hooks denuncia os estereótipos atribuídos às mulheres negras, reflete sobre o feminismo negro, o impacto do racismo, o patriarcado e o sexismo dos homens brancos e negros.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ALMEIDA, Raquel. 2º Ciclo de palestras “O mundo da mulher no Jardim Paraná”. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 31 mar. 2012. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/03/2-ciclo-de-palestras-o-mundo-da-mulher_31.html . Acesso em: 12 mar. 2024.

ALMEIDA, Raquel. **Contos de Yõnu**. São Paulo: Elo da Corrente Edições, 2019.

ALMEIDA, Raquel. Lançamento do Fanzine Esperança Garcia no Sarau Poesia na Brasa 12/03. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 15 mar. 2011. Disponível em: Coletivo Cultural Esperança Garcia: Lançamento do Fanzine Esperança Garcia no Sarau Poesia na Brasa 12/03. Acesso em: 14 maio 2024.

ALMEIDA, Raquel. **LiteraViva convida Raquel Almeida**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 28 mar. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

ALMEIDA, Raquel. Mãe África. *In:* ALMEIDA, Raquel, YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 4 set. 2007. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2007/09/me-africa-por-raquel-almeida.html. Acesso em 30 set. 2024.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. [Postagens Sem Título]. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 2009c. Acesso em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2009/03/. Acesso em: 10 maio 2024.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. [Postagens sem título]. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 7-28 maio, 2010d. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2010/05/ . Acesso em: 10 fev. 2024.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. Fotos da Festa dos Ibejis. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 13 out. 2009b. Disponível em: Acesso em: 5 nov. 2023.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. Nossa passagem pelo Cariri [...]. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 20 nov. 2011. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2011/11/nossa-passagem-pelo-cariri-juazeiro.html. Acesso em: 12 fev. 2024.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. Programação Festa dos Ibejis – 12 de outubro. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 8

out. 2009a. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2009/10/. Acesso em: 5 nov. 2023.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. Sarau Elo da Corrente - #126 – Fela Day 2010. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 10 out. 2010c. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2010/10/sarau-elo-da-corrente-126-fela-day-2010.html. Acesso em: 10 fev. 2024.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 2007. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/. Acesso em: 11 ago. 2024.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. Sarau Elo da Corrente Edição #124 (Massa!). *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 25 set. 2010b. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2010/09/sarau-elo-da-corrente-edicao-124-massa.html. Acesso em: 10 fev. 2024.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. Sarau Elo da Corrente recebe Capulanas Cia de Arte Negra. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 20 mar. 2012. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2012/03/sarau-elo-da-corrente-recebe-capulanas.html. Acesso em: 10 fev. 2024.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. Sarau no MOVA-SP [...]. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog]. São Paulo, 29 jun. 2010a. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2010/06/sarau-no-mova-sp-movimento-de.html. Acesso em: 10 fev. 2024.

ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. Último sarau do mês. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da corrente** [blog]. São Paulo, 22 maio 2009d. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2009/05/ultimo-sarau-do-mes-2105.html. Acesso em: 20 ago. 2024.

ANDANÇA. Intérprete: Beth Carvalho. Compositores: D. Caymmi, E. Souto e P. Tapajós. *In:* TOQUE de Malícia. Intérprete: Beth Carvalho. [*S. l.*]: Sony Music, 1988. 1 disco vinil, lado A, faixa 5. Disponível em: https://www.letras.mus.br/beth-carvalho/44505/. Acesso em: 5 abr. 2024.

ANDRADE, Vinícius. **Mitologia africana**: ou os contos roubados de nós. Jung Descomplicado, 4 de abril de 2024. Videoaula. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NLh64pJ36bc. Acesso em: 30 set. 2024.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Quilombo**. Franca: Edições do autor/Unesp, 2000.

AUDIENCY. **12 de novembro: o dia mundial do Hip-Hop!** [*S. l*], 12 de novembro de 2022. Disponível em: https://blog.audiency.io/12-de-novembro-o-dia-mundial-do-hip-hop/. Acesso em: 30 set. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Cavalete Andante no Cultura do Quintal do Quilombo da Parada. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 24 ago. 2015b. Disponível em:

https://esperanca-garcia.blogspot.com/2015/08/cavalete-andante-no-cultura-do-quintal.html. Acesso em 20 fev. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Cultura no Quintal do Quilombo da Parada [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 12 mar. 2017c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2017/03/boa-noite-e-hoje-o-dia-foi-assim.html. Acesso em: 12 abr. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Esperança Garcia na Escola - Formação de Professores EMEI Parada de Taipas - Personagens Negros na Literatura Infanto Juvenil 11.04.18. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 7 maio 2018b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2018/05/esperanca-garcia-na-escola-formacao-de.html. Acesso em: 22 abr. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Eu, retrato e a quebrada [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 16 jul. 2018c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2018/07/eu-retrato-e-quebrada-atividade.html. Acesso em 18 mar. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Festa Julina – Quilombo da Parada. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 8 jul. 2015a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2015/07/festa-julina-quilombo-da-parada.html. Acesso em: 15 mar. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Formação de Professores e Reunião de Pais [...] *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 16 set. 2017f. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2017/09/formacao-de-professores-e-reuniao-de.html. Acesso em: 25 mar. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Gramaticando no Quilombo da Parada [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 11 nov. 2018d. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2018/11/gramaticando-no-quilombo-da-parada.html. Acesso em: 20 mar. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Oficina de sensibilização musical [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 15 dez. 2015c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2015/12/oficina-de-sensibilizacao-musical-0612.html. Acesso em: 20 fev. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Projeto Cultura no Quintal [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 15 dez. 2015d. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2015/12/projeto-cultura-no-quintal-oficina-de.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Registro da atividade realizada em 12.03 [...] *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 14 mar. 2018a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2018/03/registro-da-atividade-realizada-em-1203.html. Acesso em: 15 mar. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Registro da nossa última atividade – 02/04/2024. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 3 abr. 2017d. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2017/04/salve-e-ontem-0204-nosso-domingo-foi.html. Acesso em: 20 mar. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Registro da nossa última atividade do Projeto Cultural no Quintal do Quilombo da Parada [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 27 mar. 2017b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2017/03/registro-da-nossa-ultima-atividade-do.html. Acesso em: 20 fev. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Registro de Atividade do dia 15/04 [...].. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 25 abr. 2017e. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2017/04/registro-da-atividade-do-dia-1504.html. Acesso em: 20 mar. 2024.

BALDUINO, Juliana A. Visita ao Projeto Cine Viela [...] *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 27 mar. 2017a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2017/03/visita-ao-projeto-viela-4-25032017.html. Acesso em: 17 mar. 2024.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil.** São Paulo, Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Caroline. **O que é escrevivência?** Literarioafeto, 21 de agosto de 2021. Disponível em: https://literarioafeto.medium.com/o-que-%C3%A9-escreviv%C3%AAncia-9580c9de9ee4. Acesso em: 30 set. 2024.

BARBOSA, Eliete Edwiges. **Negras Lideranças - mulheres ativistas da periferia de São Paulo**. São Paulo: Dandara Editora, 2021.

BARBOSA, Márcio; Ribeiro, Esmeralda (orgs.). **Bailes**: soul, samba-rock, hip-hop e identidade em São Paulo. São Paulo: Quilombhoje, 2007.

BARBOSA, Márcio; Ribeiro, Esmeralda (orgs.). **Cadernos Negrosn** São Paulo: Quilombhoje, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2008.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em Preto e Branco**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BERNARDO, Terezinha. **Memória em branco e negro – olhares sobre São Paulo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.

BISCHAIN, Sonia Regina. [Fotografias] *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog], São Paulo, 8 mar. 2010a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2010/03/1-dia-intervencoes-coletivo-cultural.html. Acesso em 10 jan. 2024.

BISCHAIN, Sonia Regina. 1º Encontro Cultural de Mulheres das Periferias: Mulher Voz e Cultura - O Poder da Ação e da Palavra [Fotografias]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 30 mar. 2010c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2010/03/1-encontro-cultural-de-mulheres-das.html. Acesso em: 10 jan. 2024.

BISCHAIN, Sonia Regina. Fotos do lançamento do livro “Tambores da noite” – Carlos Assumpção (Elo da corrente e CCJ). *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog], São Paulo, 25 nov. 2009b. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2009/11/fotos-do-lancamentos-do-livro-tambores.html. Acesso em: 20 jan. 2024.

BISCHAIN, Sonia Regina. Fotos do nosso 2º aniversario. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog], São Paulo, 26 jul. 2009a. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2009/07/fotos-do-nosso-2-aniversario-por-sonia.html. Acesso em: 20 jan. 2024.

BISCHAIN, Sonia Regina. Intervenção Esperança Garcia – Sarau Elo da Corrente. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog], São Paulo, 19 mar. 2010b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2010/03/1-dia-intervencoes-coletivo-cultural.html. Acesso em 10 jan. 2024.

BISCHAIN, Sonia. **LiteraViva convida Sonia Bischain**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 27 jun. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

BISPO DOS Santos, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, Piseagrama, 2023.

BORGES, Bárbara. **Saber de mim**: autoconhecimento em escrivências negras. São Paulo: Edições 70, 2023.

BRASIL ESCOLA. Conceição Evaristo. *In:* BRASIL ESCOLA. **Brasil Escola** [website]. [*S. l.*], c2025. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm. Acesso em: 20 abr. 2024.

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. A lógica indisciplinada das imagens em correspondências temporais. In **Atas do III Encontro Anual da AIM**, editado por Paulo Cunha e Sérgio Dias Branco, 243-248. Coimbra: AIM, 2013.

BROWN, Brené. **A coragem de ser imperfeito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

BUENO, Fábio Martins. **Congadas e Moçambiques no Vale do Paraíba Paulista e Litoral Norte**. São José dos Campos/SP: CECP, FCCR, 2023.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, Edusp, 2000.

CAPULANAS. **Trazendo o foco para a cena teatral negra**: o percurso da Cia Capulanas de Arte. [*S. l.*], [20--]. Disponível em: https://capulanasciadeartenegra.com.br/nossa-historia/. Acesso em: 30 set. 2024.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela, periferia**: a longa busca da cidadania. São Paulo: Annablume, 2006.

CASTILHO, Cláudia; CASTILHO, Kathia; XIMENES, Maria Alice (org.). **Histórias de quintal.** São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2022.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. 3º Festa d@s Ibejis. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 16 out. 2011h. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/10/3-festa-ds-ibejis_19.html. Acesso em 10 out. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. A Estética Negra [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 22 jun. 2012a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/06/estetica-negra-uma-beleza-enraizada.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. A Estética Negra uma Beleza Enraizada [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 22 jun. 2012. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/06/estetica-negra-uma-beleza-enraizada.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. A Estética Negra: uma Beleza Enraizada. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 25 jul. 2012b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/07/estetica-negra-uma-beleza-enraizada_25.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. A Estética Negra: uma Beleza Enraizada [agosto]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 25 ago. 2012c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/08/estetica-negra-uma-beleza-enraizada_25.html. Acesso em: 22 out. 2024

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Atividade no CICA [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia [blog]**. São Paulo, 30 maio 2011d. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/05/atividade-no-cica-13-de-maio-denucie-o.html. Acesso em: 5 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Bate-papo e intervenção poética com o grupo Pé na Jaca - CEU vila Atlântica. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia [blog]**. São Paulo, 29 ago. 2011f. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/08/bate-papo-e-intervencao-poetica-com-o.html. Acesso em 5 set. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 2019a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/. Acesso em 2 ago. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, [5-30] maio 2011a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/05/. Acesso em: 14 fev. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Debate CCJ. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 2 mar. 2011b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/03/debate-ccj.html. Acesso em: 14 maio 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Desconstruindo estigmas negativos sobre a estética da cultura afro-brasileira. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 31 out. 2012e. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/10/desconstruindo-estigmas-negativos-sobre.html. Acesso em: 22 out. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Encerramento do Projeto "Estética Negra - Uma Beleza Enraizada" no C.R.A.S Vista Alegre. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 1 dez. 2012g. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/12/encerramento-do-projeto-estetica-negra.html. Acesso em 22 out. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Ervas do Chá a Cura. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 24 jul. 2014c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2014/07/ervas-do-cha-cura.html. Acesso em: 22 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Esperança Garcia na Escola-Semana da Consciência Negra - E.E. Walther Weiszflog. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 20 nov. 2013b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2013/11/esperanca-garcia-na-escola-semana-da.html. Acesso em: 10 nov. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Expressão Corporal: Resistência da Cultura Afro-Brasileira. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 18 set. 2012d. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/09/expressao-corporal-resistencia-da.html. Acesso em: 22 out. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Formação Aberta 05/07. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 13 jul. 2014a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2014/07/formacao-aberta-0507.html. Acesso em: 22 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. III Abolindo a escra-visão no Brasil - Sarau Elo da Corrente – maio 2011. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 3 maio 2011c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/05/iii-abolindo-escra-visao-no-brasil.html. Acesso em 14 maio 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Lançamento do livro Pretextos de Mulheres Negras - Noite linda. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 1 nov. 2013. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2013/11/lancamento-do-livro-pretextos-de.html. Acesso em: 8 nov. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Maio/19 no Quilombo da Parada - EME Enzo Silvetrin - Professores e alunos. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 31 maio 2019c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2019/05/maio19-no-quilombo-da-parada-eme-enzo.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Mulheres Pretas Compartilhando Saberes e Experimentos Artísticos no Quilombo da Parada - julho/19. *In*: COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 31 jul. 2019b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2019/09/mulheres-pretas-compartilhando-saberes_21.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Oficina de Customização: Compartilhando antigos e novos saberes. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 5 nov. 2012f. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/11/dia-30-de-outubro-voltamos-ao-cras.html. Acesso em: 22 out. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Oficina sobre o que é saúde e saúde das mulheres negras. *In*: COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 13 jul. 2014b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2014/07/oficina-sobre-o-que-e-saude-e-saude-das.html. Acesso em: 22 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Salve [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 13 nov. 2014e. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2014/11/salve-no-dia-25-de-agosto-realizamos.html. Acesso em: 24 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Saúde das Mulheres Negras e Periféricas - Troca de ideia com o Coletivo Mulheres na Luta. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 24 set. 2014d. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2014/09/salve-no-dia-24-de-agosto-realizamos.html. Acesso em: 22 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Uma noite de muito Axé [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 25 ago. 2011e. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/08/uma-noite-de-muito-axe-lancamento-do.html. Acesso em: 22 ago. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Vivência com a Feminilidade. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 4 set. 2011g. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/09/salve-tods-um-momento-diferente-manso-e.html. Acesso em: 5 set. 2024.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORREIA, Zé. **Cachimbo e os efeitos do vício**. São Paulo: Scortecci, 2000.

CORREIA, Zé. **Saco Murcho e outras rimas matutas**. [*S. l.*], 2010.

COSTA, Aline. Prefácio. In Ribeiro, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. (org.). **Cadernos Negros, três décadas**: ensaios, poemas, contos. São Paulo: Quilombhoje; Brasília: SEPPIR, 2008.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

DANNEMANN, Angela. **Escrevivência: um movimento necessário**. Brasília: Correio Braziliense, Seção Opinião, 17 de maio de 2021. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2021/05/4924912-artigo-----escrevivencia-um-movimento-necessario.html. Acesso em: 30 set. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela Y. **Uma autobiografia**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DEALDINA, Selma dos Santos (org.). **Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas.** Coleção Sueli Carneiro. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivivências**: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Constância Lima; PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **Escrevivências**: identidade de gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

EMEF Profa. Eliane Bennute. **Taipas**: o passado e o presente. São Paulo: 10 de setembro de 2015. [blog]. Disponível em: https://taipaspassadoepresente.blogspot.com/2014/08/parada-de-taipas_12.html. Acesso em: 05 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365. Acesso em: 28 fev. 2024.

EVARISTO, Conceição. A noite não adormece nos olhos das mulheres. In: **Cadernos Negros**, São Paulo, v. 19, 1996.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**. [*S. l..: s. n*.], c2016. Edição facsimilada. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/. Acesso em: 1 out. 2024

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra [entrevista concedida a Juliana Domingos]. **Nexo Jornal**, [*s. l*.], 26 maio 2017.

EVARISTO, Conceição. **Roda Viva**, São Paulo: TV Cultura, 06 de setembro de 2021. Programa de TV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-PIk. Acesso em: 30 set. 2024.

FAUSTINO, Carmen; SOUZA, Elizandra. **Antologia Poética Pretextos de Mulheres Negras.** São Paulo: Mjiba, 2013.

FÉLIX, João Batista de Jesus. Questões de Identidade. In BARBOSA, Marcio; RIBEIRO, Esmeralda. **Bailes, soul, samba-rock, hip hop e identidade em São Paulo**. São Paulo: Quilombhoje, 2007.

FERNANDES, Antonia Terra Calazans; ALENCAR, Débora; LAVORATO, Deborah; PIRES, Rafael. **As aldeias Tekoa Pyau e Tekoa Ytu, resistência guarani na cidade de São Paulo** [Plano de curso com três aulas, Laboratório de Ensino e

Material Didático]. São Paulo: s.d., FFLCH, USP. Disponível em: https://lemad.fflch.usp.br/node/5311. Acesso em: 05 abr. 2024.

FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da circularidade**: ensinagens de terreiro. Coleção Pensamento Negro Contemporâneo. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

FONSECA, Maria N. S. Escrivivências: sentidos em construção. *In:* DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivivências**: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 14. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FU-KIAU, Kimbwandènde Kia Bunseki. **O livro africano sem título**: cosmologia dos Bantu-Kongo. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUZZO, Morgani. **Conceição Evaristo**: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. Portal Geledés, 27 jul. 2021. Disponível em: https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira/. Acesso em: 03 mar. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais.** São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?**: Mulheres negras e feminismo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell**.** Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, [*s. l*.], v. 3, n. 2, p. 464, 1995. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465. Acesso em: 30 set. 2024.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**: população residente por cor ou raça. SIDRA, 2010. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br. Acesso em: 10 nov. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu sonho é escrever… contos inéditos e outros escritos**. Organização: Raffaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

JESUS, Eliene Lima de. **Debatepapo com Eliene Lima**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 13 maio 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

JURA secreta. Intérprete: Simone. Compositores: S. Costa e A. Silva. In: FACE a face. Intérprete: Simone. [*S. l*.]: Emi-Odeon Brasil, 1977. 1 CD, faixa 7.

KAÇULA, Tadeu. **Casa Verde**: uma pequena África paulistana. São Paulo: Editora Liber Ars, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KINTÊ, Akins (org.). **Antologia Sarau no Kintal, nos kintais do mundo**. São Paulo: Kintal Sarau, 2018.

LAIOLA, Mariana. Atividade CRAS Vista Alegre 23/03. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 28 mar. 2011. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/03/atividade-cras-vista-alegre-2303.html. Acesso em: 12 abr. 2024.

LANDIM, Evelyn. **A raiz que nos fez nação**. Cachoeira Paulista/SP: A Casa, 2023.

LEÃO, Ryane. **Jamais peço desculpas por me derramar**: poemas de temporal e mansidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

LEITE, Maria de Lourdes. **Debatepapo com Dona Preta**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 26 abr. 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

LIMA, Everton. **Violência contra as mulheres no contexto da Covid-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 25 de novembro de 2021. Disponível em:

https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-mulheres-no-contexto-da-covid-19. Acesso em: 1 abr. 2024

LITERAFRO – O portal da literatura afro-brasileira. **Ademiro Alves (Sacolinha)**. Universidade Federal de Minas Gerais, 11 set. 2018 (atual.). Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/497-ademiro-alves-sacolinha. Acesso em: 9 maio 2024.

LITERAFRO – O portal da literatura afro-brasileira. **Carlos de Assumpção.** Universidade Federal de Minas Gerais, 11 nov. 2021 (atual.). Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/180-carlos-de-assumpcao. Acesso em: 9 maio 2024.

LITERAFRO – O Portal da literatura afro-abrasileira. **Conceição Evaristo**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 23 ago. 2024a (atual.). Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo . Acesso em: 1 out. 2024.

LITERAFRO – O portal da literatura afro-brasileira. **Esmeralda Ribeiro**. Universidade Federal de Minas Gerais, 31 maio 2024b (atual.). Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/244-esmeralda-ribeiro. Acesso em: 5 abr. 2024.

LITERAFRO – O Portal da literatura afro-abrasileira. **Miriam Alves.** Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 9 jul. 2024c (atual.). Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/348-miriam-alves. Acesso em: 1 out. 2024.

LOPES, Nei. **Filosofias africanas**: uma introdução. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

LOPES, Nei. **Mandinga da mulata velha na cidade nova**. Coleção ponta de lança. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

LORD, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MORATO, Sarah. **LiteraViva convida Sarah Morato**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 18 jul. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** 3. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

MURTI, Madevi. **Debatepapo Frente de Autocuidado no Quilombo da Parada**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 22 maio 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana**. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.8.2012.tde-12112012-092647. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12112012-092647/pt-br.php. Acesso em: 22 abr. 2024.

NASCIMENTO, João do. **Saudade do meu sertão**. Folheto de Cordel. [*S. l.*: *s. n.*], 2008.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Organização: Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. Organização: Alex Ratts. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NASCIMENTO, Wilson Barbosa do. **Cultura negra e dominação.** Porto Alegre: Unisinos, 2006.

OLIVEIRA, Katiara. **LiteraViva convida Katiara Oliveira**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 23 maio 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PAIXÃO, Adriana. *et al* (orgs.). **{EM}GOMA**: dos pés à cabeça, os quintais que sou. São Paulo: Capulanas, 2011.

PEPAS [Programa de Estudos e Pesquisas da Ação e do Sujeito]. **Jurandir Freire Costa**. *In:* PEPAS [website]. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://pepas.ims.uerj.br/jfcosta.html. Acesso em: 20 ago. 2024.

PERÊ, Giselda. **LiteraViva convida Giselda Perê**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 09 maio 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

PINHEIRO, Kátia Augusta. **Debatepapo com Kátia Augusto Pinheiro**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278/1417. Acesso em: 30 set. 2024.

PRANDI, Reginaldo. **Xangô, o Trovão**: outras histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003.

PRESTES, Clélia Rosane dos Santos. **Estratégias de promoção da saúde de mulheres negras**: interseccionalidade e bem viver. 2018. 208 f. Tese (Doutorado em Ciências). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-14112018-184832/publico/prestes_corrigida.pdf. Acesso em: 30 set. 2024.

RABETTI, Lunna. **LiteraViva convida Lunna Rabetti**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 14 mar. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

RABETTI, Lunna. **Debatepapo sobre Hip Hop com Lunna Rabetti**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 24 maio 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 01 out. 2024.

RAMOS, Auriene. **Quilombo da Parada convida Auriene Ramos**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 19 maio 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

RATTS. Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imesp; Instituto Kuanza, 2007.

REIS, Celinha. **LiteraViva convida Celinha Reis**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 13 jun. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Esmeralda. Ressurgir das Cinzas. In: **Cadernos Negros**, São Paulo, v. 27, p. 63, 2004.

RIBEIRO, Gabu. **LiteraViva convida Gabu Ribeiro**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 18 abr. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

RIBEIRO, Gabu. **Debatepapo sobre Educação Ambiental com Gabu**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 27 maio 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

ROSE, Tricia. **Barulho de Preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneo**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. **Conceição Evaristo:** “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. Itaú Social, 9 de novembro de 2020. Disponível em: https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/. Acesso em: 30 set. 2024.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, Jardélio. **LiteraViva convida Jardélio Santos**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 25 jul. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

SANTOS, Regina; ADÃO, José; BARBOSA, Milton. **Uma história oral do Movimento Negro Unificado por três de seus militantes**. [Entrevista cedida a] Bruna Caetano. Brasil de Fato. São Paulo, 05 abr. 2019. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2019/04/05/uma-historia-oral-do-movimento-negro-unificado-por-tres-de-seus-fundadores. Acesso em: 30 set. 2024.

SANTOS, Sirlene. Afrikanidades – Quilombo da parada recebe Nos Quintais do Batekerê [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 27 out. 2018c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2018/10/quilombo-da-parada-recebe-nos-quintais.html. Acesso em: 23 fev. 2024.

SANTOS, Sirlene. Afrikanidades – Roteiros Negros em São Paulo [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 14 out. 2018b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2018/10/afrikanidades-roteiros-negros-em-sao.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

SANTOS, Sirlene. Afrikanidades encontro com o cineasta Renato Cândido [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 25 set. 2018a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2018/09/registro-da-atividade-realizada-em.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

SANTOS, Sirlene. Lançamento do livro "Quem Roubou quem" no ECLA. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 8 ago. 2011. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/08/salve-tods-no-dia-05-de-agosto-noite-de.html . Acesso em: 12 fev. 2024.

SANTOS, Sirlene. **LiteraViva convida Sirlene Santos**. [Entrevista cedida a] Juliana Balduino. Esperança Garcia. São Paulo, 11 abr. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/culturanoquintaldoquilombodaparada/grid. Acesso em: 30 set. 2024.

SANTOS, Sirlene. Oficina de Cosmética Natural - Atividade realizada em 03.11.18. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 3 nov. 2018d. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2018/11/oficina-de-cosmetica-natural-atividade.html. Acesso em: 24 fev. 2024.

SARAU ELO DA CORRENTE. [Conta do Instagram]. [*S. l.*] [20--]. Instagram: @sarauelodacorrente. Disponível em: https://www.instagram.com/sarauelodacorrente2007/.Acesso em: 20 abr. 2024.

SAUNDERS. Tanya L. Pósfacio - Rumo à práxis de um Hip-Hop brasileiro feminista: uma introdução. In: FREIRE, R. S. **Hip-hop feminista?** Convenções de gênero e feminismos no movimento Hip-hop soteropolitano [online]. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2018. Bahianas collection, n. 20, pp. 199-209. ISBN: 978-85-232-1862-1. https://doi.org/10.7476/9788523218621.0009.

SBT NEWS. **Casos de feminicídio batem record no Brasil; uma mulher é assassinada a cada 6 horas.** SBT, 8 de março de 2024. Programa de TV. Disponível em: https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/policia/casos-de-feminicidio-batem-recorde-no-brasil-em-2023-uma-mulher-e-assassinada-a-cada-6-horas. Acesso em: 30 set. 2024.

SILVA, Luanda da. **João 90: mestre da arte negra brasileira.** São Paulo: Avangi Cultural; Elo da Corrente Edições, 2024.

SILVA, Michel da. Lançamento do cordel “Saudade do meu Sertão” de João do Nascimento – 24/01 – Sarau Elo da Corrente. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI; Michel. **Sarau Elo da corrente** [blog], 26 jan. 2008. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2008/01/lanamanto-do-cordel-saudade-do-meu.html . Acesso em 12 nov. 2024.

SOMAQUESENJE, Isaac Francisco Lucas. **A hegemonia dos ovimbundu no reino do Mbalundu**: na perspectiva do Rei Ekuikui VI Tchongolola Tchongonga da ética linguística ovimbundo em Angola. São Paulo: Alupolo Editora, 2023.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de *et al*. **Dossiê Esperança Garcia**: símbolo de resistência na luta pelo direito. Teresina: EDUFPI, 2017.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Laura Oliveira Carneiro de. **Quilombos**: identidade e história. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. Trilogia da Mente. [Entrevista concedida a] L. Ramos e S. Almada. **Programa Espelho.** Rio de Janeiro: Canal Brasil. Programa de TV. Agosto

de 2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eugWGvhG48o. Acesso em: 20 maio 2024.

TONI C. (org.). **Hip hop a lápis**: o livro. São Paulo: CEMJ, 2005.

TRUTH, Sojourner. **A história de Sojourner Truth, a escrava do Norte**. Jandira/SP: Principis, 2020.

VALE, Elis Regina Feitosa do; FERREIRA-SANTOS, Marcos. **Capoeiranças de Elis**: poética matrial da ancestralidade em capoeira Angola. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, São Paulo, 2019. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/316 . Acesso em 28 ago. 2025

VIEIRA, Sonia. **Como escrever uma tese.** 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

VIEIRA, Daniela; Santos, Jaqueline Vieira dos (orgs.). **Racionais MC'S entre gatilhos e a tempestade**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

YAKINI, Michel. Sarau do amor. *In:* ALMEIDA, Raquel; YAKINI, Michel. **Sarau Elo da Corrente** [blog], São Paulo, 10 jun. 2009. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2009/06/sarau-do-amor.html. Acesso em: 10 ago. 2024.

ANEXO A – HISTÓRICO DE IMAGENS

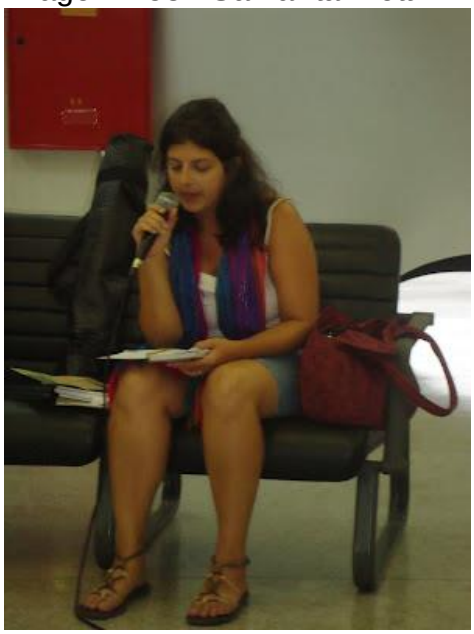
HISTÓRICO DE IMAGENS DE ATIVIDADES BLOG CCEG – 2010-2014

As imagens e fragmentos de textos contendo os registros das atividades foram retirados do Blog do coletivo Esperança Garcia (Coletivo, 2019a), em suas diferentes publicações.

1 Histórico de imagens de atividades blog cceg – 2011

quarta-feira, 2 de março de 2011
Debate CCJ
O encontro no CCJ nos proporcionou uma reflexão intensa da questão da mulher e do homem e suas relações.
Convidados da mesa do debate - Rafael Leona artista plástico e cenotécnico, Suely Rolnik, psicanalista crítica de arte e professora da PUC- SP e Samanta Biotti da Brasa. Não há uma regra para tratar do tema, pelo contrário se definirmos uma lógica para tratar do assunto caímos no princípio de uma discussão carregada de preconceitos e afirmações padrões de comportamento. Então vamos questionar e nos ouvir mais.
Como desnaturalizar essas essências que carregamos ao longo de nossas vidas estruturadas pela lógica do sistema?
Talvez um dos primeiros passos é compreender a desigualdade, mesmo porque as relações de gênero possuem uma dinâmica própria que se articula com outras formas de dominação (raça, etnia e classe), então talvez o caminho seja perceber as diferenças sem querer classificá-las e sim naturalizar essa diversidade como forma de expressão do crescimento humano. Temos muito a discutir para início de um novo olhar sobre nossas relações (Coletivo, 2011b).

Imagem 258 - Samanta Biotti



Fonte: Coletivo [...] (2011b).

Imagem 259 – Roda de debate



Fonte: Coletivo [...] (2011b).

terça-feira, 15 de março de 2011

Lançamento do Fanzine Esperança Garcia no Sarau Poesia na Brasa 12/03

Imagem 260 – Lançamento do Fanzine



Fonte: Almeida (2011).

segunda-feira, 28 de março de 2011

Atividade CRAS Vista Alegre 23/03

A convite da assistente social Ana Carolina, o Coletivo Cultural Esperança Garcia esteve no último dia 23/03 no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) Vista Alegre para continuar a conversa com as mulheres da comunidade. Iniciamos com o fotoclip poético "Mulheres da minha terra" produzido por Sonia Regina Bischain, o vídeo busca mostrar a liberdade poética nas vozes femininas e nos retratar por fotos em diversos espaços cotidianos.

O objetivo desse segundo encontro foi abordar como outras formas de violências e de preconceitos são praticadas contra as mulheres dentro e fora do ambiente doméstico. O desemprego, as diferenças salariais, a educação, a responsabilidade com a casa e com a família e a religião foram discutidas usando dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)* sobre a situação da mulher brasileira e desse contexto que nos oprime historicamente.

Fizemos intervenções artísticas com trechos do livro "Quarto de Despejo" da Carolina Maria de Jesus e finalizamos com a apresentação de dança de Sirlene Jesus Santos junto com a leitura do poema "Eu me levanto" de Maya Angelou que emocionou todas as presentes.
Agradecemos a todas as mulheres e crianças que compareceram ao encontro, ao CRAS pelo espaço cedido.

por: Mariana Laiola (2011)
(Laiola (2011).

Imagem 261 – CRAS Vista Alegre



Fonte: Laiola (2011).

Imagem 262 – Mulheres tocando



Fonte: Laiola (2011)[227].

[227] Foto de Sonia Regina Brischain.

terça-feira, 3 de maio de 2011

III ABOLINDO A ESCRA-VISÃO NO BRASIL - SARAU ELO DA CORRENTE – MAIO 2011

Dia 05/05 (Quinta-Feira)

Mulheres Negras: resistências, lutas e conquistas

Facilitadora: Juliana Queiroz dos Santos (Educadora social, produtora cultural e ativista negra-feminista)

Intervenção: Sirlene de Jesus ("Levante"- dança) e Coletivo Esperança Garcia (Coletivo [...], 2011c).

Imagem 263 – Juliana Queiroz e crianças



Fonte: Coletivo [...] (2011c)[228].

Dia 12/05 (Quinta-Feira)

Instrumentos que falam: Gingas e acordes da história
Facilitador: Mestre Pedro Miguel (capoeirista e arte-educador)

[228] Foto de Sonia Regina Brischain.

Imagem 264 – Sirlene de Jesus



Fonte: Coletivo [...] (2011c)[229].

Dia 19/05 (Quinta-Feira)

segunda-feira, 30 de maio de 2011

Atividade no CICA - 13 de maio Denuncie o Racismo

Salve a Tod@s

Numa manhã fria do dia 28/05 participamos da Atividade no Centro de Convivência Infantil, Familiar e Comunitário "Clara de Assis" na Bela Vista região central da cidade de São Paulo, cuja característica de moradia é Albergues, Abrigos e Cortiços, realidade destas famílias. Foi uma manhã de ressignificações com a Temática: "13 de maio - Denuncie o Racismo", realizamos um bate-papo com intervenção poética... além da Exposição "Mulheres de Minha Terra" de Sonia Bischain... depois alimentamos a alma com entrega de livros e alimentamos o corpo com uma maravilhosa feijoada… (Coletivo [...] (2011d).

[229] Foto de Sonia Regina Brischain.

Imagem 265 – Roda de Conversa no CICA



Fonte: Coletivo [...] (2011d).

Imagem 266 – Centro de Convivência Infantil



Fonte: Coletivo [...] (2011d).

segunda-feira, 8 de agosto de 2011

Lançamento do livro "Quem Roubou quem" no ECLA

Salve a Tod@s,

No dia 05 de agosto, noite de sexta de muitas energias positivas no lançamento do livro:"Quem Roubou Quem? Ana Paula dos Santos Risos.
Fortificamos todas essas energias com a intervenção poética e artística "Levante"
"Agradeço a todos que chegaram para somar e prestigiar mais uma intervenção do Coletivo Esperança Garcia… ontem no ECLA....foi super gratificante e emocionante… Valeu mesmo!!! Ana Paula Santana Correia, Marciano Ventura,

Raquel Almeida, Lucia Makena, Akins, Giovani Di Ganzá, Dena Hill, Samanta Biotti, Juliana Queiroz Dos Santos, Sidnei das Neves, Sonia Bischain e a tod@s que compartilharam desse momento único!!! Axé para Nós!!!" Sirlene Santos (Santos, 2011)

Imagem 267 - Ana Paula dos Santos Risos



Fonte: Santos (2011).

Imagem 268 - Coletivo Cultural Esperança Garcia



Fonte: Santos (2011).

quinta-feira, 25 de agosto de 2011

Uma noite de muito Axé, lançamento do livro:"Quem Roubou Quem? Ana Paula dos Santos Risos.

Fortalecemos energias positivas com a intervenção poética/artística "Dança de Oxum" Agradecemos a tod@s que chegaram para somar mais uma intervenção do Coletivo Cultural Esperança Garcia na Ação Educativa satisfação muito grande em poder contar com o músico Giovani Di Ganzá Valeu mesmo!!!
Axé para Nós!!! (Coletivo [...], 2011e).

Imagem 269 - Sirlene Santos, Giovani Di Ganzá e Juliana Queiroz



Fonte: Coletivo [...] (2011e).

segunda-feira, 29 de agosto de 2011

Bate-papo e intervenção poética com o grupo Pé na Jaca - CEU vila Atlântica
Sábado dia 27/08 nós Esperança Garcia fomos até o CEU Vila Atlântica a convite do grupo de Teatro Pé na Jaca. Foi uma tarde agradável com um bate-papo franco sobre as mulheres escritoras da região de Pirituba/Brasilândia.

Fizemos intervenções com nossas poesias, contamos sobre a história do Coletivo Esperança Garcia, o porquê do surgimento de um coletivo de mulheres dentro desse circuito artístico que atuamos. Outro ponto importante que houve durante as falas, foi sobre a violência contra a mulher, pois o Pé na Jaca está construindo uma peça que retrata essa questão, trocamos informações, experiências, e referências de como e porquê trabalhar essa questão dentro do bairro que moramos.

Queremos agradecer ao grupo Pé na Jaca pelo convite, pela troca e pela receptividade!! (Coletivo [...] 2011f).

Imagem 270 – Conversa e Intervenção



Fonte: Coletivo [...] (2011f).

Imagem 271 – Roda de bate-papo



Fonte: Coletivo [...] (2011f).

domingo, 4 de setembro de 2011

Vivência com a Feminilidade

Salve a tod@s,

Um momento diferente, manso e inquieto. Mansidão no sentido de cuidado, sentir e escutar o próprio corpo. Inquieto por trazer reflexões de nossas dores, angústias e rancores. Compartilhar vivências e fortalecer o que está sendo construído, um laço entre Capulanas Arte Negra e Coletivo Cultural Esperança Garcia.

Agradecemos pela sensibilidade de trazer questões pertinentes, fortes e delicadas de maneira grandiosa. Fortalecendo o coletivo e o individual de todas nós mulheres negras e periféricas...

Axé pra Nós… (Coletivo [...], 2011g)

Imagem 272 – Capulanas Arte Negra



Fonte: Coletivo [...] (2011g).

Imagem 273 – Mulheres sentadas



Fonte: Coletivo [...] (2011g).

domingo, 16 de outubro de 2011

Fotos: 3º Festa d@sIbejis

Brincadeiras, doces, sorrisos, alegrias…

Agradecemos a energia de tod@s na terceira festa d@sibejis...

que venha os próximos anos....

Axé pra Nós… (Coletivo [...], 2011h)

Imagem 274 – Tocando na rua



Fonte: Coletivo [...] (2011h)[230].

[230] Foto de Sonia Regina Bischain.

Imagem 275 – Crianças na festa



Fonte: Coletivo [...] (2011h)[231].

[231] Foto de Sonia Regina Bischain.

2 Histórico de imagens de atividades blog CCEG – 2012

sábado, 31 de março de 2012

2º Ciclo de palestras “O mundo da mulher no Jardim Paraná”

Dia 21 e 22 de março, estivemos no Ceu Paz a convite de Diego Arias (professor do CEU) para desenvolver um ciclo de debates que tinha diversos temas como, o espaço ocupado pela mulher na família e na sociedade - Ana Carolina(representando o CRAS), trajetória dos cuidados com a saúde da mulher - Ivania Rodrigues da Silva (Enfermeira e Gerente da Unidade Básica de Saúde – UBS – Jardim Vista Alegre), Vulnerabilidade social feminina e a proteção social específica para a mulher - Juliana Queiroz (Bacharel em Filosofia pela PUC-SP, integrante do Coletivo Cultural Esperança Garcia), A mulher e o conhecimento - Professora Marisa, O universo feminino no mundo das artes - Raquel Almeida (Poeta, escritora, arte-educadora, integrante do Coletivo Sarau Elo da Corrente, integrante do Coletivo de Mulheres Esperança Garcia) e Quais as expectativas de uma adolescente para seu futuro como mulher - Aluna 8ª série.

Foram dois dias intensos de ideias trocadas com os alunos, professores e pais, percebemos interesse mútuo nas questões abordadas, anseio de informação, ficou nítido no segundo dia que foi aberto a perguntas, as alunas e alunos nos surpreenderam com várias questões, sobre a violência, sexualidade, saúde, racismo, etc...

Estava montada também a exposição da fotógrafa Sonia Bischain chamada "Mulheres da minha terra", Sonia realizou dias antes uma oficina de fotografia com alguns alunos, assim como Sirlene Santos realizou também oficina de dança.
O que me deixou contente, é que as alunas e alunos já estavam preparados, ou seja, nós fomos dar continuidade a um trabalho que já vem sido desenvolvido pelo professor Diego, estive na mesa com uma aluna da 8ª série e muito me impressionou o desempenho dela ao falar ao se expressar, a preparação, o cuidado ao escrever um texto e a coragem de se expressar para quase 100 alunos.

Seria maravilhoso se esse tipo de trabalho fosse realizado em todas as escolas públicas, pode ser um sonho, mas vi isso sendo realidade no CEU Paz, esperamos que esse ensino básico que é o que nos oferecem venha com mais preparo, que os professores e alunos possam trocar ideia de igual pra igual, não impor normas, nem culpar pais ou semelhantes pela falta de informação, pois independente disso sabemos que ela precisa chegar nas nossas comunidades, e seria ótimo que fosse também pela escola. (Almeida, 2011).

Imagem 276 – Público do evento



Fonte: Almeida (2011)[232].

Imagem 277 – Mesa do evento



Fonte: Almeira (2011)[233].

[232] Foto de Sonia Bischain.
[233] Foto de Sonia Bischain.

sexta-feira, 22 de junho de 2012
"A Estética Negra uma Beleza Enraizada " - Oficinas Junho/12 - CRAS Vista Alegre

Na última quarta-feira 12 de junho de 2012 demos início ao ciclo de encontros do projeto “A Estética Negra uma Beleza Enraizada” no CRAS – Jardim Vista Alegre na zona norte de São Paulo. (Coletivo [...] 2012a)

Imagem 278 – Apresentação no encontro



Fonte: Coletivo [...] (2012a).

Imagem 279 – A Estética Negra



Fonte: Coletivo [...] (2012a).

quarta-feira, 25 de julho de 2012

"Estética Negra: Uma Beleza Enraizada"

No dia 21/07 (sábado), pelo projeto Ocupa CCJ... (re)nascemos nossos corpos cheios de ancestralidades na "OFICINA DE EXPRESSÃO CORPORAL A linguagem do corpo feminino e sua resistência serão apresentadas por meio de diversas expressões artísticas da cultura afro-brasileira." e Assanhamos nosso cabelos crespos na "OFICINA CABELO-AFRO: Estética, beleza, expressão e reconhecimento. A oficina busca refletir o cabelo como um elemento histórico que se relaciona com a ancestralidade e postura política na sociedade. Com: Manifesto Crespo." (Coletivo [...], 2012b)

Imagem 280 – Roda na “Estética Negra”



Fonte: Coletivo [...] (2012b)[234].

[234] Foto de Sonia Bischain.

Imagem 281 – Cabelo afro



Fonte: Coletivo [...] (2012b)[235].

sábado, 25 de agosto de 2012

Estética Negra uma Beleza Enraizada

Segunda etapa do projeto "Estética Negra uma Beleza Enraizada"
Dia 22/08 - Expressão Corporal: As manifestações dos movimentos: Linguagem do corpo.
C.R.A.S Vista Alegre- Brasilândia – SP (Coletivo [...], 2012c)

[235] Foto de Sonia Bischain.

Imagem 282 – Etapa de “Expressão Corporal”



Fonte: Coletivo [...] (2012c).

Imagem 283 – Mesa com alimentos



Fonte: Coletivo [...] (2012c).

terça-feira, 18 de setembro de 2012

Expressão Corporal: Resistência da Cultura Afro-Brasileira

Salve a To@s,

No dia 29 de agosto, realizamos a oficina Expressão Corporal: Resistência da Cultura Afro-Brasileira, em comungada com o Grupo Sambaqui no C.R.A.S Vista Alegre-Brasilândia.

Tarde em que os raios do Sol aquecia o corpo ancestral, (re) vivendo cada membro histórico do corpo feminino. "Revestido de pele, ossos, energia, músculos, órgãos, unhas e cabelos, vitalidade no sorriso, na cor, no abraço, nas paixões que rodeiam nossas mentes e coração. Dos amores, das memórias plantadas uma a uma no movimento de ancestralidade que nos guia nos caminhos da vida. Corpo que expressa sua língua nos prazeres, vontades, sonhos, tristezas, alegrias e gozo extasiado a cada poesia que amanhece no céu da manhã ou na escuridão da lua." texto extraído do Zine Edição VI Julho/2012.

O Grupo Sambaqui, nos proporcionou o conhecimento e a grande riqueza de nossas resistências afro-brasileira, através dos cantos e danças do jongo, maculelê, coco… danças coletivas a que reconhecemos que na memória ancestral do nosso corpo se encontra à ginga. (Coletivo [...], 2012d).

Imagem 284 – Roda de conversa na Oficina



Fonte: Coletivo [...] (2012d).

Imagem 285 – Cantos e dança com o Grupo



Fonte: Coletivo [...] (2012d).

quarta-feira, 31 de outubro de 2012

Desconstruindo estigmas negativos sobre a estética da cultura afro-brasileira
Na tarde ensolarada de 24 de outubro, nos olhamos.
Permitimos ser mulheres, nos olhamos no espelho, para dentro de nós...
No corre do dia a dia somos milhares de mulheres. E muitas vezes não temos tempo de se olhar no espelho, arrumar os cabelos, penteá-los, passar um creme hidratante e fazer um carinho em si própria... pensar e fazer as diversas possibilidades de cuidar um pouco de nós mesmas.
Sentir Bonita.
Trocamos muitas experiências, comungamos muitos saberes entrelaçados e assanhados dos Cabelos, no balançar do Corpo, no movimento da Alma, na vivência de nossas raízes Ancestral herdadas em nós. Estamos nos conhecendo e fortalecendo juntas, derrubando medos e qualquer barreira diante de nós, nos permitindo a enfrentar nossas historias triste e alegre...
Oficina de Customização: Desconstruindo estigmas negativos sobre a estética da cultura afro-brasileira;
Axé pra Nós (Coletivo [...], 2012e).

Imagem 286 – Oficina de Customização



Fonte: Coletivo [...] (2012e).

Imagem 287 – Customizando



Fonte: Coletivo [...] (2012e).

segunda-feira, 5 de novembro de 2012
Oficina de Customização: Compartilhando antigos e novos saberes

Dia 31 de outubro voltamos ao CRAS Vista Alegre para continuar a prosa.

Relembramos que muitas vezes não nos sentimos femininas, ocupamos o papel da mãe, da esposa, da guerreira, mas e a nossa feminilidade, onde está enraizada?

Vivemos em uma sociedade que traz padrões estéticos estabelecidos, onde temos que ser magras, altas, com cabelos compridos e lisos, valorizamos a juventude e o que acreditamos que ela nos traz.

Nesse trabalho buscamos desconstruir esses padrões estéticos, e reconstruir o nosso estético, o que nos faz sermos individualmente lindas e procuramos a nossa beleza, essa que muitas vezes fica esquecida. Cada traço, cada marca no rosto,

cada característica física traz consigo uma história, uma conquista. (Coletivo [...], 2012f)

Imagem 288 – Compartilhando saberes



Fonte: Coletivo [...] (2012f).

Imagem 289 – Estéticas e saberes



Fonte: Coletivo [...] (2012f).

sábado, 1 de dezembro de 2012

Encerramento do Projeto "Estética Negra - Uma Beleza Enraizada" no C.R.A.S Vista Alegre

Dia 28/11/12 encerramos as atividades do ano no C.R.A.S Vista Alegre, o projeto "Estética Negra - Uma Beleza Enrizada" foi aprovado no VAI (valorização de iniciativas culturais) este ano 2012.

A proposta do projeto foi trabalhar cabelo crespo, corpo da mulher negra e customização.

Foi um trabalho enriquecedor para todas nós integrantes do Esperança Garcia, a troca com as mulheres frequentadoras do C.R.A.S Vista Alegre foi intensa e verdadeira e ficou um gostinho de quero mais.
Fica aqui o nosso agradecimento a todas as mulheres e as crianças que puderam participar das oficinas ao todo 8 encontros ao longo do ano, agradecer a organização do C.R.A.S vista Alegre e ao VAI (Coletivo [...], 2012d).

Obs.: Os arquivos de imagem desse evento no blog Esperança Garcia estão danificados.

3 Histórico de imagens de atividades blog CCEG – 2013

sexta-feira, 1 de novembro de 2013

Lançamento do livro Pretextos de Mulheres Negras - Noite linda (Coletivo [...], 2013a).

Imagem 290 – Lançamento do livro



Fonte: Coletivo [...] (2013a)[236].

quarta-feira, 20 de novembro de 2013

Esperança Garcia na Escola- SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA - E.E. WALTHER WEISZFLOG

[236] Foto de Wilton Sadiki.

SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA - E.E. WALTHER WEISZFLOG

No dia 20 de novembro de 2013 realizamos um dia de atividades na escola Walther em Caieiras. Nós professores aproveitamos que no município não era feriado e juntamente com os alunos propusemos um dia para refletirmos sobre o que é a Consciência Negra pra nós. (Coletivo [...], 2013b)

Imagem 291 – Apresentação na escola



Fonte: Coletivo [...] (2013b).
Legenda: Apresentação sobre Processos Químicos: o uso do formol e suas consequências. Organizado pela professora Bianca e alunos ensino médio.

Imagem 292 – Professores e alunos



Fonte: Coletivo [...] (2013b).
Professores: Euzébio, Juliana, Risoleta e os alunos quebrando as correntes do preconceito.

4 Histórico de imagens de atividades blog CCEG – 2014

domingo, 13 de julho de 2014

Formação Aberta 05/07
No último sábado fizemos nossa formação aberta no Bar do Carlita que gentilmente nos cedeu o espaço onde também acontece uma vez por mês o Sarau da Brasa.

Nossa intenção com o projeto LIBERTANDO A VOZ E O CORPO - SAÚDE DA MULHER NEGRA: CUIDADO, EQUILIBRIO E TRANFORMAÇÃO NO REPENSAR DE SI é discutir a saúde, o cuidado e o repensar de si numa perspectiva de bem-estar, valorizando nos encontros de formação aberta e nas oficinas que damos no Caps AD III a sabedoria popular, troca de saberes, produção cultural e artística afro-brasileira, estimulando os sentidos e a expressividade de cada participante.

No bate-papo com a Clélia refletimos sobre a Saúde psíquica das mulheres negras norteados pela superação e resistência dessas guerreiras. Clélia nos possibilitou um grande emaranhado de dúvidas, questionamentos, curiosidade e o repensar de si na relação com o outro, na configuração interpessoal dos homens negros, relações conjugais, racismo, sexismo, resiliência, resistência, no racismo institucional, discriminação, preconceito, nas configurações individuais: baixa autoestima, inadaptação, desenraizamento, e psicopatologias. O encontro foi muito rico, o tempo foi pequeno e ficou um gosto de quero mais nos lábios de todos que participaram e compartilharam suas angústias e dúvidas.
Agradecemos a todos e todas pela presença e em especial a psicóloga Clélia Prestes que partilhou conosco suas vivências e trabalho de pesquisa. (Coletivo [...] 2014a).

Imagem 293 – Saúde da mulher negra



Fonte: Coletivo [...] (2014a).

Imagem 294 – Formação aberta no Bar do Carlita



Fonte: Coletivo [...] (2014a).

Oficina sobre o que é saúde e saúde das mulheres negras...

No último dia 07 nos reunimos com os usuários do CAPS AD III - Brasilândia para iniciar o projeto com a primeira oficina - Saúde e Saúde da Mulher Negra.

Uma fonte rica de articulação de ideias, sentimentos e possibilidades para novos ares de saberes e conhecimento.

O mais interessante foi que maioria dos participantes eram homens, e são esses que pouco temos a oportunidade de compartilhar e saber o que pensam sobre a relação com o outro, violência contra mulher, os papéis sociais, o que traz bem-estar para si e as angústias que envolvem suas cabeças e corpos no cotidiano.

Trabalhamos o conceito de saúde, a memória e o conhecimento de si, estimulando os sentidos e a expressividade de cada participante com cores, cheiros e o autorretrato.

O retorno foi imediato e foi possível degustar cada palavra e sentimento demonstrado e o que estava quieto, de cabeça baixa como um sopro de primavera numa rosa foi aberto e partilhado.

Agradecemos as técnicas Vera e Simone que nos ajudaram dando toda a assistência necessária para o dia e os homens e mulheres que participaram do encontro. (Coletivo [...], 2014b)

Imagem 295 – Roda sobre Saúde da Mulher Negra



Fonte: Coletivo [...] (2014b).

Imagem 296 – Atividade na oficina – CAPS – Brasilândia



Fonte: Coletivo [...] (2014b).

quinta-feira, 24 de julho de 2014
Ervas do Chá a Cura

Salve

No último dia 19 de julho, tivemos aqui na Brasa uma conversa com dona Vera, moradora aqui do bairro e conhecedora de plantas e ervas e seus usos para os cuidados com a saúde.

Dona Vera nos proporcionou uma manhã de sábado rica em sabedoria. Falou sobre a sua relação com as ervas, compartilhou um pouco de suas memórias e principalmente deu inúmeras dicas de como usar plantas para o nosso cuidado cotidiano.

Quem veio tirou dúvidas, compartilhou saberes e principalmente exaltou a cultura popular como uma das diversas fontes de conhecimento.

Obrigada a dona Vera, suas receitas estão sendo muito valiosas nesse cotidiano desgastante das grandes cidades e muito obrigada a quem compareceu. (Coletivo [...], 2014c).

Até a próxima… (Coletivo [...] 2014c).

Imagem 297 – Dona Vera



Fonte: Coletivo [...] (2014c).

Imagem 298 – Conversa “Ervas do Chá”



Fonte: Coletivo [...] (2014c).

quarta-feira, 24 de setembro de 2014

Saúde das Mulheres Negras e Periféricas - Troca de ideia com o Coletivo Mulheres na Luta

Salve

No dia 24 de agosto realizamos uma troca de ideias com o Coletivo Mulheres na Luta, do Grajaú.

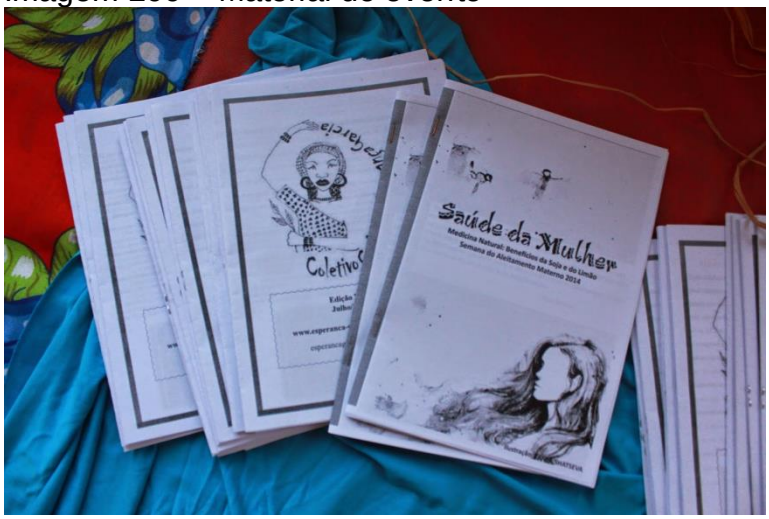
Refletimos sobre a saúde das mulheres negras e periféricas, algumas questões auxiliaram a nossa discussão:

O que é saúde para nós?
O que é qualidade de vida?
Será que vivenciamos com plenitude essa ideia de saúde?
De que forma a sociedade racista e machista prejudica o desenvolvimento digno da saúde das mulheres negras e periféricas?

A nossa conversa contou com troca de experiências vividas pelos presentes.

Parabéns ao grupo pela iniciativa, muito obrigada Mulheres na Luta pelo convite e um salve a tod@s que somaram no dia. (Coletivo [...], (2014d)

Imagem 299 – Material do evento



Fonte: Coletivo […] (2014d).

Imagem 300 – Troca com o coletivo Mulheres na Luta



Fonte: Coletivo [...] (2014d).

No dia 25 de agosto realizamos mais uma oficina no CAPS AD tratando do tema saúde da mulher negra.

Nessa formação o enfoque foi o bem-estar, cuidado e equilíbrio. Buscamos construir um momento de reflexão sobre as nossas ações cotidianas que nem sempre permitem que possamos pensar em cuidados prévios com o nosso corpo.

Ressaltamos as dificuldades de sermos todos e todas moradores da periferia de São Paulo, homens e mulheres, negros ou não e como tal realidade histórico/social afeta e dificulta os cuidados com a saúde. Exaltamos que se os preconceitos são uma das formas de dominação social, histórica e cultural, dificultando que a vítima dessa violência encontre caminhos saudáveis para encarar a realidade cotidiana, como é possível vivenciar o bem estar, ideia tão difundida nos dias atuais.

Foi uma troca de ideias que nos permitiu conhecer um pouco da realidade dos participantes que se sentiram a vontade de trazer a tona as suas histórias de vida. Uma simples questão permeou o nosso encontro O que nos faz sentir bem? Compreendemos que nem sempre o que nos faz sentir bem pode nos fazer bem.

Foi uma manhã de aprendizagem, onde por algumas horas demos prioridade ao nosso corpo e o cuidado dele. Aqui estão algumas fotos dessa atividade. Muito obrigada a tod@s que chegaram no dia e força pra nós nessa luta cotidiana. (Coletivo [...], 2014e).

Imagem 301 – Atividade com pintura



Fonte: Coletivo [...] (2014e).

Imagem 302 – Produções da atividade



Fonte: Coletivo [...] (2014e).

REFERÊNCIAS – Anexo A

ALMEIDA, Raquel. Lançamento do Fanzine Esperança Garcia no Sarau Poesia na Brasa 12/03. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 15 mar. 2011. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/03/lancamento-do-fanzine-esperanca-garcia.html. Acesso em: 14 maio 2024.

ALMEIDA, Raquel. 2º Ciclo de palestras “O mundo da mulher no Jardim Paraná”. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 31 mar. 2012. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/03/2-ciclo-de-palestras-o-mundo-da-mulher_31.html . Acesso em: 12 mar. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 2019a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/. Acesso em 2 ago. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Debate CCJ. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 2 mar. 2011b. Disponível em: Coletivo Cultural Esperança Garcia: Debate CCJ. Acesso em: 14 maio 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. III Abolindo a escra-visão no Brasil - Sarau Elo da Corrente – maio 2011a. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 3 maio 2011c. Disponível em: Coletivo Cultural Esperança Garcia: III ABOLINDO A ESCRA-VISÃO NO BRASIL - SARAU ELO DA CORRENTE – MAIO 2011. Acesso em 14 maio 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Atividade no CICA [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 30 maio 2011d. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/05/atividade-no-cica-13-de-maio-denucie-o.html. Acesso em: 5 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Uma noite de muito Axé [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 25 ago. 2011e. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/08/uma-noite-de-muito-axe-lancamento-do.html. Acesso em: 22 ago. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Bate-papo e intervenção poética com o grupo Pé na Jaca - CEU vila Atlântica. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 29 ago. 2011f. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/08/bate-papo-e-intervencao-poetica-com-o.html. Acesso em 5 set. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Vivência com a Feminilidade. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança**

Garcia [blog]. São Paulo, 4 set. 2011g. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/09/salve-tods-um-momento-diferente-manso-e.html. Acesso em: 5 set. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. 3º Festa d@s Ibejis. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 16 out. 2011h. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/10/3-festa-ds-ibejis_19.html. Acesso em: 10 out. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. A Estética Negra [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 22 jun. 2012a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/06/estetica-negra-uma-beleza-enraizada.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. A Estética Negra: uma Beleza Enraizada. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 25 jul. 2012b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/07/estetica-negra-uma-beleza-enraizada_25.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. A Estética Negra: uma Beleza Enraizada [agosto]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 25 ago. 2012c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/08/estetica-negra-uma-beleza-enraizada_25.html. Acesso em: 22 out. 2024

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Expressão Corporal: Resistência da Cultura Afro-Brasileira. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 18 set. 2012d. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/09/expressao-corporal-resistencia-da.html. Acesso em: 22 out. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Desconstruindo estigmas negativos sobre a estética da cultura afro-brasileira. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 31 out. 2012e. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/10/desconstruindo-estigmas-negativos-sobre.html. Acesso em: 22 out. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Oficina de Customização: Compartilhando antigos e novos saberes. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 5 nov. 2012f. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/11/dia-30-de-outubro-voltamos-ao-cras.html. Acesso em: 22 out. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Encerramento do Projeto "Estética Negra - Uma Beleza Enraizada" no C.R.A.S Vista Alegre. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 1 dez. 2012g. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/12/encerramento-do-projeto-estetica-negra.html. Acesso em 22 out. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Lançamento do livro Pretextos de Mulheres Negras - Noite linda. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 1 nov. 2013a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2013/11/lancamento-do-livro-pretextos-de.html. Acesso em: 8 nov. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Esperança Garcia na Escola-Semana da Consciência Negra - E.E. Walther Weiszflog. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 20 nov. 2013b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2013/11/esperanca-garcia-na-escola-semana-da.html. Acesso em: 10 nov. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Formação Aberta 05/07. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 13 jul. 2014a. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2014/07/formacao-aberta-0507.html. Acesso em: 22 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Oficina sobre o que é saúde e saúde das mulheres negras. *In*: COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 13 jul. 2014b. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2014/07/oficina-sobre-o-que-e-saude-e-saude-das.html. Acesso em: 22 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Ervas do Chá a Cura. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 24 jul. 2014c. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2014/07/ervas-do-cha-cura.html. Acesso em: 22 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Saúde das Mulheres Negras e Periféricas - Troca de ideia com o Coletivo Mulheres na Luta. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 24 set. 2014d. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2014/09/salve-no-dia-24-de-agosto-realizamos.html. Acesso em: 22 jun. 2024.

COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. Salve [...]. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 13 nov. 2014e. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2014/11/salve-no-dia-25-de-agosto-realizamos.html. Acesso em: 24 jun. 2024.

LAIOLA, Mariana. Atividade CRAS Vista Alegre 23/03. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança Garcia** [blog]. São Paulo, 28 mar. 2011. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/03/atividade-cras-vista-alegre-2303.html. Acesso em: 12 abr. 2024.

SANTOS, Sirlene. Lançamento do livro "Quem Roubou quem" no ECLA. *In:* COLETIVO CULTURAL ESPERANÇA GARCIA. **Coletivo Cultural Esperança**

Garcia [blog]. São Paulo, 8 ago. 2011. Disponível em: https://esperanca-garcia.blogspot.com/2011/08/salve-tods-no-dia-05-de-agosto-noite-de.html . Acesso em: 12 fev. 2024.

ANEXO B – AUTORIZAÇÕES PARA USO DE IMAGENS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Raquel dos Santos Almeida, RG: 34.047.426-9 , autorizo a utilização de minhas imagens em fotografias na tese de doutorado vinculada à Unesp-SP, intitulada “Eu, Elas, Nós e a Ancestralidade: Escrevivências em arte-educação do Instituto Esperança Garcia no Quilombo da Parada”, de Juliana Ignácio Balduino.

São Paulo, 03 deMarço de 2025.



(assinatura)

autentique

Autenticação eletrônica 2/2
Data e horários em GMT -3:00 Sao Paulo
Última atualização em 03 mar 2025 às 10:43
Identificador: 3b2a391661d5957de8ceb37ff632323ea4b34b3579cd4632c

Página de assinaturas



Raquel Almeida
381.086.478-19
Signatário

HISTÓRICO

03 mar 2025 10:43:23 — **Raquel dos Santos Almeida** criou este documento. (Email: rakayakini@gmail.com, CPF: 381.086.478-19)

03 mar 2025 10:43:23 — **Raquel dos Santos Almeida** *(Email: rakayakini@gmail.com, CPF: 381.086.478-19)* visualizou este documento por meio do IP 152.233.241.56 localizado em Salvador - Bahia - Brazil

03 mar 2025 10:43:27 — **Raquel dos Santos Almeida** *(Email: rakayakini@gmail.com, CPF: 381.086.478-19)* assinou este documento por meio do IP 152.233.241.56 localizado em Salvador - Bahia - Brazil

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM - RESPONSÁVEL

Eu, Raquel dos Santos Almeida, RG: 34.047.426-9 responsável pelo(a) Yakini Ceriaco Almeida, autorizo a utilização e publicação de fotos com imagens de meu filho(a) na tese de doutorado vinculada à Unesp-SP, intitulada "Eu, Elas, Nós e a Ancestralidade: Escrevivências em arte-educação do Instituto Esperança Garcia no Quilombo da Parada", de Juliana Ignácio Balduino.

São Paulo, 03 de Março de 2025.

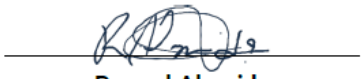


(assinatura)

autentique

Autenticação eletrônica 2/2
Data e horários em GMT -3:00 Sao Paulo
Última atualização em 03 mar 2025 às 10:44
Identificador: 1d9b121394a29f49b82afb8ebfffca4f8667de2db2650a2d3

Página de assinaturas



Raquel Almeida
381.086.478-19
Signatário

HISTÓRICO

03 mar 2025 10:44:32 — **Raquel dos Santos Almeida** criou este documento. (Email: rakayakini@gmail.com, CPF: 381.086.478-19)

03 mar 2025 10:44:33 — **Raquel dos Santos Almeida** *(Email: rakayakini@gmail.com, CPF: 381.086.478-19)* visualizou este documento por meio do IP 152.233.241.56 localizado em Salvador - Bahia - Brazil

03 mar 2025 10:44:36 — **Raquel dos Santos Almeida** *(Email: rakayakini@gmail.com, CPF: 381.086.478-19)* assinou este documento por meio do IP 152.233.241.56 localizado em Salvador - Bahia - Brazil

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM - RESPONSÁVEL

Eu, Juliana Ignácio Balduino, RG: 24.678.278-X responsável por Ayana Luz de Paula Silva Ignácio Balduino , autorizo a utilização e publicação de fotos com imagens de meu filho(a) na tese de doutorado vinculada à Unesp-SP, intitulada "Eu, Elas, Nós e a Ancestralidade: Escrevivências em arte-educação do Instituto Esperança Garcia no Quilombo da Parada", de Juliana Ignácio Balduino.

São Paulo, 03 de março de 2025.



Juliana Ignácio Balduino